GABRIEL DELANNE

A ALMA E IMORTAL

PRIMEIRA PARTE
A OBSERVAÇÃO

CAPITULO I
GOLPE DE VISTA HISTÓRICO

Sumário: Necessidade de um envoltório da alma. - As crenças antigas. - A índia. - O Egito. - A China. - A Pérsia. - A Grécia. - Os primeiros cristãos. - A escola neoplatônica. - Os poetas. - Carlos Bonnet.

CAPITULO II
ESTUDO DA ALMA PELO MAGNETISMO

SUMARIO: A vidente de Prévorst. - A correspondência entre Billot e Deleuze. - Os Espíritos têm um corpo afirmações dos sonâmbulos. - Trazimentos. - As narrações de Chardel. - Outros testemunhos - As experiências de Cahagnet. - Uma evocação. - Primeiras demonstrações positivas.

CAPITULO III
TESTEMUNHOS DOS MÉDIUNS E DOS ESPIRITOS A FAVOR DA EXISTÊNCIA DO PERISPIRITO

SUMARIO: Desprendimento da alma. - Vista espiritual. - O Espiritismo dá certeza absoluta da existência dos Espíritos, pela visão e pela tiptologia simultâneas. - Experiências do Senhor Rossi Pagnoni e do Doutor Moroni. - Uma visão confirmada pelo deslocamento de um objeto material. - O retrato de Vergílio. - O avarento. - A criança que vê sua mãe. - Tiptologia e vidência. - Considerações sobre as formas dos Espíritos.

CAPÍTULO IV
O DESDOBRAMENTO DO SER HUMANO

SUMARIO: A Sociedade de Pesquisas Psíquicas. - Aparição espontânea. - Goethe e seu amigo. - Aparições múltiplas do mesmo paciente. - Desdobramento involuntário, mas consciente. - Aparição tangível de um estudante. - Aparição tangível em momento de perigo. - Duplo materializado. - Aparição falante. - Algumas observações. - O Adivinho de Filadélfia. - Santo Afonso de Liguori

CAPITULO V

O CORPO FLUIDICO DEPOIS DA MORTE

SUMARIO: O perispirito descrito em 1804. - Impressões produzidas pelas aparições sobre os animais. - Aparição depois da morte. - Aparição do Espírito de um Índio. - Aparição a uma criança e a uma sua tia. - Aparição coletiva de três Espíritos. - Aparição coletiva de um morto. - Algumas reflexões.

SEGUNDA PARTE
A EXPERIÊNCIA

CAPITULO I
ESTUDOS EXPERIMENTAIS SOBRE O DESPRENDIMENTO DA ALMA HUMANA

SUMARIO: O Espiritismo é uma ciência. - Aparição voluntária. - Vista a distância e aparição. - Fotografias dos duplos. - Efeitos produzidos por Espíritos de vivos. - Evocação do Espírito de pessoas vivas. - Espíritos de vivos manifestando-se pela mediunidade dita de incorporação. - Como pode o fenômeno produzir-se.

CAP II
AS PESQUISAS DO Sr. DE ROCHAS E DO Dr. LUYS

SUMÁRIO: Pesquisas experimentais sobre as propriedades do perispírito. - Os eflúvios. - A exteriorizarão da sensibilidade. -

Hipótese. - Fotografia de uma exteriorização. - Repercussão, sobre o corpo, da ação exercida sobre o perispírito. - Ação dos medicamentos a distancia. - Conseqüências que dai decorrem.

CAPITULO III
FOTOGRAFIAS E MOLDAGENS DE FORMAS DE ESPIRITOS DESENCARNADOS

SUMARIO: A fotografia dos Espíritos. - Fotografias de Espíritos desconhecidos dos assistentes e identificados mais tarde como sendo de pessoas que viveram na Terra. - Espíritos vistos por médiuns e ao mesmo tempo fotografados. - Impressões e moldagens de formas materializadas. - História de Katie King. - As experiências de Crookes. - O caso da Sra. Livermore. - Resumo. - Conclusão. - As conseqüências.

TERCEIRA PARTE
O ESPIRITISMO E A CIÊNCIA

CAPITULO I
ESTUDO DO PERISPIRITO

SUMARIO: De que é formado o perispírito? - Obrigação que tem a ciência de se pronunciar a respeito. - Princípios gerais. - O ensino dos Espíritos. - O que é preciso se estude.

CAPITULO II
O TEMPO, O ESPAÇO, A MATÉRIA PRIMORDIAL.

SUMARIO: Definição do espaço, dada pelos Espíritos. - Justificação dessa teoria. - O tempo. - Justificações astrológicas e geológicas. - A matéria. - O estado molecular. - A isomeria. - As pesquisas de Lockyer.

CAPITULO III
O MUNDO ESPIRITUAL E OS FLUIDOS

SUMARIO: As forças. - Teoria mecânica do calor. - Conservação da energia. - O mundo espiritual. - A energia e os fluidos. - Estudo detalhado sobre os fluidos: estados sólido liquido, gasoso, radiante, ultra-radiante e fluídico. - Lei de continuidade dos estados físicos. - Quadro das relações da matéria e da energia. - Estudo sobre a ponderabilidade.

CAPITULO IV
DISCUSSÃO EM TORNO DOS FENÔMENOS DE MATERIALIZAÇÃO

SUMARIO: Não se pode recorrer à fraude, como meio geral de explicação. - Fotografia simultânea do médium e das

materializações. - Hipótese da alucinarão coletiva. - Sua impossibilidade. - Fotografia e modelagens. - As aparições não são desdobramentos do médium ou do seu duplo. - Não são imagens conservadas no espaço. - Não são idéias objetivadas inconscientemente pelo médium. - Discussão sobre as formas diversas que o Espírito pode tomar. - A reprodução do tipo terrestre é uma prova de identidade. - Certezas da imortalidade.

QUARTA PARTE
ENSAIO SOBRE AS CRIAÇOES FUIDICAS DA VONTADE

CAPITULO ÚNICO
ENSAIO SOBRE AS CRIAÇOES FLUIDICAS PELA VONTADE

SUMARIO: À vontade. - Ação da vontade sobre o corpo. - Ação da vontade a distancia. - Ação da vontade sobre os fluidos. - Conclusão.

Moises

DEMONSTRAÇÃO EXPERIMENTAL DA IMORTALIDADE

INTRODUÇÃO

O Espiritismo projeta luz nova sobre o problema da natureza da alma. Fazendo que a experimentação interviesse na filosofia, isto é, numa ciência que, como instrumento de pesquisa, apenas empregava o senso íntimo, ele facultou que o Espírito seja visto de maneira efetiva e que todos se certifiquem de que até então o mesmo Espírito estivera muito mal conhecido.

O estudo do eu, isto é, do funcionamento da sensibilidade, da inteligência e da vontade, faz se perceba a atividade da alma, no momento em que essa atividade se exerce, porém nada nos diz sobre o lugar onde se passam tais fenômenos, que não parecem guardar entre si outra relação, afora a da continuidade. Entretanto, os recentes progressos da psicologia fisiológica firmaram que íntima

dependência existe entre a vida psíquica e as condições orgânicas de suas manifestações. A todo estado da alma corresponde uma modificação molecular da substância cerebral e reciprocamente. Mas, param aí as observações e a ciência se revela incapaz de explicar porque a matéria que substitui a que é destruída pela usura vital conserva as impressões anteriores do espírito.

A ciência espírita se apresenta, justo, para preencher essa lacuna, provando que a alma não é uma entidade ideal, uma substância imaterial sem extensão e sim que é provida de um corpo sutil, onde se registram os fenômenos da vida mental e a que foi dado o nome de perispírito. Assim como, no homem vivo, importa distinguir do espírito a matéria que o incorpora, também não se deve confundir o perispírito com a alma. O eu pensante é inteiramente distinto do seu envoltório e não se poderia identificar com este, do mesmo modo que a veste não se identifica com o corpo físico. Todavia, entre o espírito e o perispírito existem as mais estreitas conexões, porquanto são inseparáveis um do outro, como mais tarde o veremos.

Quererá isto dizer que encontramos a verdadeira natureza da alma? , visto que esta se mantém inacessível, tanto quanto, aliás, a essência da matéria. vemos, no entanto, descoberto uma condição, uma maneira de ser do espírito, que explica grande cópia de fenômenos, até então insolúveis.

Evolveram, com o correr das idades, as concepções sobre a natureza da alma, desde a mais grosseira materialidade, até a espiritualidade absoluta. Os trabalhos dos filósofos, tanto quanto os ensinos religiosos, nos habituaram a considerar a alma como pura essência, como uma chama imaterial. Tão diferentes formas de ver prendem-se à maneira por que se encara a alma. Se estudada objetivamente, fora do organismo humano, durante as aparições, ela às vezes se afigura tão material, quanto o corpo físico. Se observada em si mesma, parece que o pensamento é a sua característica única. Todas as observações da primeira categoria foram atiradas ao rol das superstições populares e prevaleceu a idéia de uma alma sem corpo. Nessas condições, impossível se tornava compreender por que

processo podia essa entidade atuar sobre a matéria do corpo ou dele receber as impressões. Como se havia de imaginar que uma substância sem extensão e, conseguintemente, fora da extensão, pudesse atuar sobre a extensão, isto é, sobre corpos materiais?

Ao mesmo tempo em que nos ensinam a espiritualidade da alma, ensinam-nos a sua imortalidade. Como explicar, porém, que essa alma conserve suas lembranças? Neste mundo, temos um corpo definido pela sua forma de envoltório físico, um cérebro que se afigura o arquivo da nossa vida mental; mas, quando esse corpo morre, quando esse substrato físico é destruído, que sucede às lembranças da nossa existência atual? Onde se localizarão as aquisições da nossa atividade física, sem as quais não há possibilidade de vida intelectual? Estará a alma destinada a fundir-se na erraticidade, a se apagar no Grande Todo, perdendo a sua personalidade?

São rigorosas estas conseqüências, porquanto a alma não poderia subsistir sem uma forma que a individualizasse. No oceano, uma gota dágua não se pode distinguir das que a cercam, não se diferencia das outras partes do líquido, a não ser que se ache contida nalguma coisa que a delimite, ou que, isolada, tome a forma esférica, sem o que ela se perde na massa e já não tem existência distinta.

O Espiritismo nos leva a comprovar que a alma é sempre inseparável de uma certa substancialidade material, porém com uma modalidade especial, infinitamente rarificada, cujo estado físico procuraremos definir. Essa matéria possui formas variáveis, segundo o grau de evolução do espírito e conforme ele esteja na Terra ou no espaço. O caso mais geral é o da alma conservar temporariamente, após a morte, o tipo que tinha o corpo físico aqui na Terra. Esse ser invisível e imponderável pode, às vezes, em circunstâncias determinadas, assumir um caráter de objetividade, bastante para afetar os sentidos e impressionar a chapa fotográfica, deixando assim traços duráveis da sua ação, o que põe fora de causa toda tentativa de explicação desse fenômeno, mediante a ilusão ou a alucinação.

O nosso objetivo, neste volume, é apresentar algumas das provas que já se possuem da existência de tal envoltório, a que foi dado o nome de Perispírito (de peri, em torno, e spiritus, espírito).

Para essa demonstração, recorreremos não só aos espíritas propriamente ditos, mas também aos magnetizadores espiritualistas e aos sábios independentes que hão começado a explorar este domínio novo. Ao mesmo tempo, facultado nos será comprovar que a corporeidade da alma não é uma idéia nova, que teve numerosos partidários, desde que a humanidade entrou a preocupar-se com a natureza do princípio pensante.

Veremos, primeiro, que a Antigüidade, quase toda ela, mais ou menos admitiu essa doutrina; eram, porém, vagos e incompletos os conhecimentos de então sobre o corpo etéreo. Depois, à medida que se foi cavando o fosso entre a alma e o corpo, que as duas substâncias mais e mais se diferençavam, uma imensidade de teorias procuraram explicar a ação recíproca que elas entre si exercem. Surgiram as almas mortais de Platão, as almas animais e vegetativas de Aristóteles, o ochema e o eidolon dos gregos, o nephesh dos hebreus, o baí dos egípcios, o corpo espiritual de São Paulo, os espíritos animais de Descartes, o mediador plástico de Cudworth, o organismo sutil de Leibnitz, ou a sua harmonia preestabelecida; o influxo físico de Euler, o arqueu de Van Helmont, o corpo aromal de Fourier, as idéias-força de Fouillée, etc. Todas essas hipóteses, que por alguns de seus lados roçam a realidade, carecem do cunho de certeza que o Espiritismo apresenta, porque não imagina, demonstra.

O espírito humano, pelo só esforço de suas especulações, jamais pode estar certo de haver chegado até aí. É-lhe necessário o auxílio da ciência, isto é, da observação e da experiência, para estabelecer as bases da sua certeza. Não é, pois, guiados por idéias preconcebidas que os espíritas proclamam a existência do perispírito: é, pura e simplesmente, porque essa existência resulta, para eles, da observação.

Os magnetizadores já haviam chegado, por outros métodos, ao mesmo resultado. Pela correspondência que permutaram Billot e Deleuze, bem como pelas pesquisas de Cahagnet, veremos que a

alma, após a morte, conserva uma forma corporal que a identifica. Os médiuns, isto é, as pessoas que gozam - no estado normal - da faculdade de ver os Espíritos, confirmam, em absoluto, o testemunho dos sonâmbulos.

Essas narrativas, entretanto, constituem uma série de documentos de grande valor, mas ainda não nos dão uma prova material. Mostraremos, por isso, que os espíritas fizeram todos os esforços por oferecer a prova inatacável e que o conseguiram. As fotografias de Espíritos desencarnados, as impressões por estes deixadas em substâncias moles ou friáveis, as moldagens de formas perispirituais são outras tantas provas autênticas, absolutas, irrecusáveis da existência da alma unida ao perispírito e tão grande é hoje o número dessas provas, que impossível se tornou à dúvida.

Mas, se verdadeiramente a alma possui um envoltório, há de ser possível comprovar-se-lhe a realidade durante a vida terrena.

E com efeito, o que se dá. Abriram-nos o caminho os fenômenos de desdobramento do ser humano, denominados por vezes de bicorporeidade. Sabe-se em que eles consistem. Estando, por exemplo, em Paris um indivíduo, pode a sua imagem, o seu duplo mostrar-se noutra cidade, de maneira a ser ele reconhecido. Há, no atual momento, mais de dois mil fatos, bem verificados, de aparições de vivos. Veremos, no correr do nosso estudo, que não são alucinatórias essas visões e por que caracteres especiais podemos certificar-nos da objetividade de algumas de tão curiosas manifestações psíquicas.

Os pesquisadores não se limitaram, porém, à observação pura e simples de tais fenômenos, senão que também chegaram a reproduzi-los experimentalmente. Verificaremos, com o Sr. De Rochas, que a exteriorização da motricidade constitui, de certa forma, o esboço do que se produz completamente durante o desdobramento do ser humano. Chegaremos, afinal, à demonstração física da distinção existente entre a alma e o corpo: fotografando a alma de um vivo, fora dos limites do seu organismo material.

Para todo pesquisador imparcial, esse formidável conjunto de documentos estabelece solidamente a existência do perispírito. A

isso, contudo, não deve limitar-se a nossa aspiração. Temos que perquirir de que matéria é formado esse corpo. Quanto a isso, todavia, estamos reduzidos a hipóteses; veremos, porém, estudando as circunstâncias que acompanham as aparições dos vivos e dos mortos, ser possível encontrarem-se, nas últimas descobertas científicas sobre a matéria radiante e os raios , preciosas analogias que nos permitirão compreender o estado dessa substância imponderável e invisível. Esperamos mostrar que nada se opõe, cientificamente, à concepção de semelhante invólucro da alma. Desde então, esse estudo entra no quadro das ciências ordinárias e não pode merecer a censura de se achar eivado de sobrenatural ou de maravilhoso.

Apoiar-nos-emos longamente na identidade dos fenômenos produzidos peia alma de um vivo, saída momentaneamente do seu corpo, e os que se observam operados pelos Espíritos. Veremos que eles se assemelham de tal sorte, que impossível se torna diferença-los, a não ser por seus caracteres psíquicos. Logo, e é esse um dos pontos mais importantes, há continuidade real, absoluta, nas manifestações do Espírito, encarnado ou não, em um corpo terrestre. Inútil, portanto, atribuir os fatos espíritas a seres fictícios, a demônios, a elementais, cascas astrais, egrégoros, etc. Forçoso será reconhecer que os produzem as cimas que viveram na Terra.

Estudando os altos fenômenos do Espiritismo, fácil se nos tornará demonstrar que o organismo fluídico contém todas as leis organogënicas segundo as quais o corpo se forma. Aqui, o Espiritismo faz surgir uma idéia nova, explicando como a forma típica do indivíduo pode manter-se durante a vida toda, sem embargo da renovação incessante de todas as partes do corpo. Simultaneamente, do ponto de vista psíquico, fácil se torna compreender onde e como se conservam as nossas aquisições intelectuais. Firmamos alhures (1) como concebemos o papel que o perispírito desempenha durante a encarnação; bastar-nos-á dizer agora que, graças à descoberta desse corpo fluídico, podemos explicar, cientificamente, de que maneira a alma conserva a sua identidade na imortalidade.

Possam estes primeiros esboços de uma fisiologia psicológica transcendental incitar os sábios a perscrutar tão maravilhoso domínio/ Se os nossos trabalhos derem em resultado trazer para as nossas fileiras alguns espíritos independentes, não teremos perdido o nosso tempo; mas, qualquer que seja o resultado dos nossos esforços, estamos seguro de que vem próxima a época em que a ciência oficial, levada aos seus últimos redutos, se verá obrigada a ocupar-se com o assunto que faz objeto das nossas pesquisas. Nesse dia, o Espiritismo aparecerá qual realmente é: a Ciência do Futuro.

PRIMEIRA PARTE
A OBSERVAÇÃO

CAPITULO I
GOLPE DE VISTA HISTÓRICO

Sumário: Necessidade de um envoltório da alma. - As crenças antigas. - A índia. - O Egito. - A China. - A Pérsia. - A Grécia. - Os primeiros cristãos. - A escola neoplatônica. - Os poetas. - Carlos Bonnet.

As crenças antigas

E nos desconhecida a natureza íntima da alma. Dizendo-se que ela é imaterial, esta palavra deve ser entendida em sentido relativo e não absoluto, porquanto a imaterialidade completa seria o nada. Ora,

a alma ou o espírito (2) é alguma coisa que pensa, sente e quer; tem-se, pois, que entender, quando a qualificamos de imaterial, que a sua essência difere tanto do que conhecemos fisicamente, que nenhuma analogia guarda com a matéria.

Não se pode conceber a alma, senão acompanhada de uma matéria qualquer que a individualize, visto que, sem isso, impossível lhe fora se pôr em relação com o mundo exterior. Na Terra, o corpo humano é o médium que nos põe em contacto com a Natureza; mas, após a morte, destruído que se acha o organismo vivo, mister se faz que a alma tenha outro envoltório para entrar em relações com o novo meio onde vai habitar. Desde todos os tempos, essa indução lógica foi fortemente sentida e tanto mais quanto as aparições de pessoas mortas, que se mostravam com a forma que tiveram na Terra, fundamentavam semelhante crença.

Quase sempre, o corpo espiritual reproduz o tipo que o Espírito tinha na sua última encarnação e, provavelmente, a essa semelhança da alma se devem as primeiras noções acerca da imortalidade.

Se também ponderarmos que, em sonho, muitas pessoas vêem parentes ou amigos que já morreram há longo tempo, que esses parentes e amigos conversam com elas, parecendo vivos como outrora, não nos será talvez difícil encontrar em tais fatos as causas da crença, generalizada entre os nossos ancestrais, numa outra vida.

Verifica-se, com efeito, que os homens da época pré-histórica, a que se deu o nome de megalítica, sepultavam os mortos, colocando-lhes nos túmulos armas e adornos, pois, de supor-se que essas populações primitivas tinham a intuição de uma existência segunda, sucessiva à existência terrena. Ora, se há uma concepção oposta ao testemunho dos sentidos, é precisamente a de uma vida futura. Quando se vê o corpo físico tornado insensível, inerte, malgrado a todos os estímulos que se empreguem; quando se observa que ele esfria, depois se decompõe, torna-se difícil imaginar que alguma coisa sobreviva a essa desagregação total. Se, apesar, porém, dessa destruição, se observa o reaparecimento completo do mesmo ser, se ele demonstra, por atos e palavras, que continua a viver, então, mesmo aos seres mais frustros se impõe, com grande autoridade, a

conclusão de que o homem não morreu de todo. Só, provavelmente, após múltiplas observações desse gênero, foi que se estabeleceram o culto prestado aos despojos mortais e a crença numa outra vida em continuação da vida terrestre.

A Índia

Ainda nos dias atuais, as tribos mais selvagens crêem numa certa imortalidade do ser pensante (3) e as narrativas dos viajantes são concordes no atestar que, em todas as partes do globo, a sobrevivência é unanimemente afirmada. Remontando aos mais antigos testemunhos que possuímos, isto é, aos hinos do Rigveda, vemos que os homens que viviam nas faldas do Himalaia, no Sapta Sindhu (país dos sete rios), tinham Intuições claras sobre o além da morte.

Baseando-se provavelmente nas aparições naturais e nas visões em sonho, foi que os sacerdotes, ao cabo de muitos séculos, lograram codificar a vida futura. Como será essa vida? Um poeta ária esboça assim, vigorosamente, o céu védico:

Morada definitiva dos deuses imortais, sede da luz eterna, origem e base de tudo o que é, mansão de constante alegria, de prazeres infindos, onde os desejos se realizam mal surjam, onde o ária fiel viverá de eterna vida.

Desde que o céu védico foi concebido qual morada divina habitável pelo ser humano, posta se achou a questão de saber-se como poderia o homem elevar-se tão alto e como, dotado de faculdades restritas, seria capaz de viver uma vida celeste sem fim. Fora possível que o corpo humano, tão fortemente ligado a terra, levantando vôo, tornado leve como uma nuvem, atravessasse o espaço, para ir ter, por si mesmo, à maravilhosa cidade dos deuses? Necessário seria que um milagre se produzisse. Ora, esse milagre jamais visivelmente se produziu. Dar-se-ia, então, que a morada divina ainda estivesse sem habitantes? A não ser mediante um

prodígio, que corpo físico pode perder o seu próprio peso? Desse mistério, desse pensamento vago, nasceu, de certo modo, a preocupação positiva dos destinos da matéria após a morte, da sobrevivência de uma parte do ser. Essa a mais antiga explicação que se conhece daquele misterioso além.

Abatido pela morte, o corpo humano se desfaz por inteiro nos elementos que participaram da sua formação. Os raios do olhar, matéria luminosa, o Sol os reabsorve; a respiração, tomada aos ares, a estes volve; o sangue, seiva universal, vai vivificar as plantas; os músculos e os ossos, reduzidos a pó, tornam-se húmus. O olho volta para o Sol; o respiro volta para Vayú; o céu e a terra recebem o que lhes é devido; as águas e as plantas retomam as partes do corpo humano que lhes pertencem:' O cadáver do homem se dispersa. As matérias que compunham o corpo vivo, privadas do calor vital, restituídas ao Grande Todo, servirão à formação de outros corpos. Nada se perdeu, nada o céu tomou para si.

Entretanto, o ária que morreu santamente receberá sua recompensa: elevar-se-á às alturas inacessíveis; gozará da sua glorificação. Como será isso? Assim: a pele nada mais é do que o invólucro do corpo e, quando Agni, o deus quente (4), abandona o moribundo, respeita o invólucro corpóreo, pele e músculos. As carnes, debaixo da pele, são apenas matérias espessas, grosseiras, que constituem segundo envoltório destinado ao trabalho, sujeito a funções determinadas. Sob esse duplo envoltório, da pele e do corpo, há o homem verdadeiro, o homem puro, o homem propriamente dito, emanação divina, suscetível de voltar para os deuses, como o raio de luz volta para o Sol, a respiração para o ar, a carne para a terra. Depois da morte, essa alma, revestida de um novo corpo, luminosa névoa resplandecente, de forma brilhante, cujo próprio brilho a furta à fraca visão dos vivos, é transportada à morada divina. (5)

Se o deus ficou satisfeito com as oferendas do ária morto, vem, ele próprio, dar-lhe o invólucro luminoso com que a alma será transportada. Um hino exprime sumariamente a mesma idéia, sob a forma de uma prece:

Desdobra, ó Deus, os teus esplendores e dá assim ao morto o novo corpo em que a alma será transportada, segundo a tua vontade. (6)

Se refletirmos que esses hinos estavam escritos, há cerca de 3.500 anos, na língua mais rica e mais harmoniosa que já existiu, ficamos sem poder calcular a que épocas recuadas remontam essas noções, tão precisas e quase justas, sobre a alma e o seu envoltório. Só mesmo toda a ignorância da nossa época grosseiramente materialista seria capaz de contestar uma verdade velha como o pensamento humano e que se nos depara em todos os povos. As nossas modernas experiências sobre os Espíritos, que se deixam fotografar ou se materializam momentaneamente, como veremos mais adiante, mostram que o perispírito é uma realidade física, tão inegável como o próprio corpo material. Já era essa a crença dos antigos habitantes da margem do Nilo e constitui fato digno de nota que, no alvorecer de todas as civilizações, topamos com crenças fundamentalmente semelhantes, quando quase nenhum meio de comunicação havia entre povos tão distanciados uns dos outros.

O Egito

Tão longe quanto possamos chegar interrogando os egípcios, ouvi-los-emos afirmar a sua fé numa segunda vida do homem, num lugar donde ninguém pode volver, onde habitam os antepassados. Imutável, essa idéia atravessa intacta todas as civilizações egípcias; nada consegue destruí-la. Ao contrário, apenas o que não resiste às influências diversas, vindas de todas as partes, é o como dessa imortalidade. Qual, no homem, a parte durável, que resiste à morte, ou que, revivificada, continua outra existência?

A mais antiga crença, a dos começos (5.000 anos a.C.), considerava a morte uma simples suspensão da vida. Depois de estar imóvel durante certo tempo, o corpo retomava o sopro e ia habitar muito longe, a oeste deste mundo. Em seguida, mas sempre muito remotamente, antes mesmo, talvez, das primeiras dinastias históricas, surgiu a idéia de que somente uma parte do homem Ia

viver segunda vida. Não era uma alma, era um corpo, diferente do primeiro, porém, proveniente deste, mais leve, menos material. Esse corpo, quase invisível, saído do primeiro corpo mumificado, estava sujeito a todos os reclamos da existência: era preciso alojá-lo, nutri-lo, vesti-lo. Sua forma, no outro mundo, reproduzia, pela semelhança, o primeiro corpo. E o ka, o duplo, ao qual, no antigo Império, se prestava o culto dos mortos. (5004-3064 a.C.)

Uma primeira modificação fez do duplo - do ka - um corpo menos grosseiro do que o era na concepção primitiva. Não passava o segundo corpo de uma substância - bi - de uma essência - baí - e, afinal, de um claror, de uma parcela de chama, de luz. Essa fórmula se generalizou nos templos e nas escolas. O povo, esse, se atinha à crença simples, original, do homem composto de duas partes: o corpo e a inteligência - khou - separáveis. Houve, pois, um instante, sobretudo nas proximidades da 18.a dinastia, em que coexistiam crenças diversas. Cria-se, ao mesmo tempo: no corpo duplo, ou ka; na substância luminosa, ou baí, ba; na inteligência, ou khou. Eram três almas.

Assim foi, sem nenhum mal, até ao momento em que, formado o corpo sacerdotal, este, sentindo a necessidade de uma doutrina, impondo-se-lhe uma escolha, teve que tomar uma decisão. Então, pelos fins da 18.a dinastia (3064-1703 a.C.), os sacerdotes muito habilmente, para não ferir nenhuma crença, para chamar a si todas as opiniões, conceberam um sistema em que coubessem todas as hipóteses.

A pessoa humana foi tida como composta de quatro partes: o corpo, o duplo (ka), a substância inteligente (khou) e a essência luminosa (ba ou baí). Mas, essas quatro partes se reduziam realmente a duas, no sentido de que o duplo, ou ka, era parte integrante do corpo durante a vida, como a essência luminosa, ou ba, se achava contida na substância inteligente, ou khou. Foi assim que, nos últimos tempos da 18.a dinastia, pela primeira vez, o Egito, embora sem lhe compreender a verdadeira teoria, teve, na realidade, a noção do ser humano composto de uma única alma e de um só corpo. A nova teoria se simplificou ainda mais, com o passarem o

corpo e o seu duplo a ser tidos como permanecendo para sempre no túmulo, enquanto que a alma-inteligência, servindo de corpo à essência luminosa, ia viver com os deuses a segunda vida. A imortalidade da alma substituía desse modo à imortalidade do corpo, que fora a primeira concepção egípcia. (7)

A China

Porventura, em nenhum povo o sentimento da sobrevivência foi tão vivo quanto entre os chineses. O culto dos Espíritos se lhes impôs desde a mais remota Antigüidade. Cria-se no Thian ou Chang-si, nomes dados indiferentemente ao céu; mas, sobretudo, prestavam-se honras aos Espíritos e às almas dos antepassados. Confúcio respeitou essas crenças antigas e certo dia, entre os que o cercavam, admirou umas máximas escritas, havia mais de mil e quinhentos anos, sobre uma estátua de ouro, no Templo da Luz, sendo uma delas a seguinte:

Falando ou agindo, não penses, embora te aches só, que não és visto, nem ouvido: os Espíritos são testemunhas de tudo. (8)

Vê-se que, no Celeste Império, os céus são povoados, como a Terra, não somente pelos gênios, mas também pelas almas dos homens que neste mundo viveram. A par do culto dos Espíritos, estava o dos antepassados.

Tinha por objeto, além de conservar a preciosa lembrança dos avós e de os honrar, atrair a atenção deles para os seus descendentes, que lhes pediam conselhos em todas as circunstâncias importantes da vida e sobre os quais supunha-se que eles exerciam influencia decisiva, aprovando-lhes ou lhes censurando o proceder. (9)

Nessas condições, é evidente que a natureza da alma tinha que ser bem conhecida dos chineses. Confúcio não concebia a existência de puros Espíritos; atribuía-lhes um envoltório semimaterial, um corpo aeriforme, como o prova esta citação do grande filósofo:

Como são vastas e profundas as faculdades dos Koúci-Chie (Espíritos diversos) ! A gente procura percebê-los e não os vê; procura ouvi-los e não os ouve. Identificados com a substância dos

seres, não podem ser dela separados. Estão por toda parte, acima de nós, à nossa esquerda, à nossa direita; cercam-nos de todos os lados. Entretanto, por mais sutis e imperceptíveis que sejam, eles se manifestam pelas formas corpóreas dos seres; sendo real, verdadeira, a essência deles não pode deixar de manifestar-se sob uma forma qualquer. (10)

O budismo penetrou na China e lhe assimilou as antigas crenças. Continuou as relações estabelecidas com os mortos. Aqui está um exemplo dessas evocações e da aparência que toma a alma para se tornar visível a olhos mortais.

O Sr. Estanislau Julien, que traduziu do chinês a história de Hiuen-Thsang, que viveu pelo ano 650 da nossa era, narra assim a aparição do Buda, devida a uma prece daquela santa personagem.

Tendo penetrado na caverna onde, animado de fé profunda, vivera o grande iniciador, Hiuen-Thsang se acusou de seus pecados, com o coração transbordante de sinceridade. Recitou devotamente suas preces, prosternando-se a cada estrofe. Depois de fazer uma centena dessas reverências, viu surgir uma claridade na parede oriental da caverna.

Tomado de alegria e de dor, recomeçou ele as suas saudações reverentes e viu brilhar e apagar-se qual relâmpago uma luz do tamanho de uma salva. Então, num transporte de júbilo e amor, jurou que não deixaria aquele sítio sem ter visto a sombra augusta do Buda. Continuou a prestar-lhe suas homenagens e, ao cabo de duzentas saudações, teve de súbito inundada de luz toda a gruta e o Buda, em deslumbrante brancura, apareceu, desenhando-se-lhe majestosamente a figura sobre a muralha. Ofuscante fulgor iluminava os contornos da sua face divina. Hiuen-Thsang contemplou em êxtase, durante largo tempo, o objeto sublime e incomparável de sua admiração. Prosternou-se respeitosamente, celebrou os louvores do Buda e espalhou flores e perfumes, depois do que a luz 99 extinguiu. O brâmane que o acompanhara ficou tão encantado quanto maravilhado daquele espetáculo. Mestre, disse ele, sem a sinceridade da tua fé e o fervor dos teus votos, não terias presenciado tal prodígio.

Essa aparição lembra a transfiguração de Jesus, quando se prostraram Moisés e Elias. Os Espíritos superiores têm um corpo de esplendor incomparável, por isso que a sua substância fluídica é mais luminosa do que as mais rápidas vibrações do éter, como poderemos verificar pelo que se segue.

A Pérsia

No antigo Irã, depara-se com uma concepção toda especial acerca da alma. Zoroastro pode reivindicar a paternidade da invenção do que hoje é chamado o eu superior, a consciência subliminal e, doutro ponto de vista, a paternidade da teoria dos anjos guardiões.

É conhecida a doutrina do grande legislador: abaixo do Ser Incriado, eterno, existem duas emanações opostas, tendo cada uma sua missão determinada: Ormuzd tem o encargo de criar e conservar o mundo; Arimã o de combater Ormuzd e destruir o mundo, se puder. Há, igualmente, dois gênios celestes, emanados do Eterno, para ajudar a Ormuzd no trabalho da criação; mas, há também uma série de Espíritos, de gênios, de jerúers, pelos quais pode o homem crer que tem em si algo de divino. O ferúer, inevitável para cada ser, dotado de inteligência, era, ao mesmo tempo, um inspirador e um vigia: inspirador, por insuflar o pensamento de Ormuzd no cérebro do homem; vigia, por ser guardião da criatura amada do deus. Parece que os ferúers imateriais existiam, por vontade divina, antes da criação do homem e que cada um deles sabia, de antemão, qual o corpo humano que lhe era destinado. (11)

A missão desse ferúer consistia em combater os maus gênios produzidos por Arimã, em conservar a humanidade.

Após a morte, o ferúer se conserva unido à alma e à inteligência, para sofrer um julgamento, receber a sua recompensa ou o seu castigo. Todo homem, todo Ized (gênio celeste) e o próprio Ormuzd

tinham o seu ferúer, o seu frawaski, que por eles velava, que se devotava à sua conservação. (12)

De certas passagens do Avestá se há podido deduzir que, depois da morte do homem, o ferúer voltava ao céu, para desfrutar ai de um poder independente, mais ou menos extenso, conforme fora mais ou menos pura e virtuosa a criatura que lhe estivera confiada. De todo independente do corpo humano e da alma humana, o ferúer é um gênio imaterial, responsável e imortal. Todo ser teve ou terá o seu ferúer. Em tudo o que existe, há um ferúer certo, isto é, alguma coisa de divino. O Avestá invoca o ferúer dos santos, do fogo, da assembléia dos sacerdotes, de Ormuzd, dos amschaspands (anjos celestes), dos izeds, da palavra excelente, dos seres puros, da água, da terra, das árvores, dos rebanhos, do tourogérmen, de Zoroastro, em quem, primeiro, Ormuzd pensou, a quem instruiu pelo ouvido e ao qual formou com grandeza, em meio das províncias do Irã. (13)

Na Judéia, os hebreus, ao tempo de Moisés, desconheciam inteiramente qualquer idéia de alma (14). Foi preciso o cativeiro de Babilônia, para que esse povo bebesse, entre os seus vencedores, a idéia da imortalidade, ao mesmo tempo em que a da verdadeira composição do homem. Os cabalista, intérpretes do esoterismo judeu, chamam Nephesh ao corpo fluídico do Princípio pensante.

A Grécia

Os gregos, desde a mais alta Antigüidade, estiveram na posse da verdade sobre o mundo espiritual. Em Homero, é freqüente os moribundos profetizarem e a alma de Pátroclo vem visitar Aquiles na sua tenda.

Segundo a doutrina da maioria dos filósofos gregos, cada homem tem por guia um demônio particular (eles davam o nome de dainwn aos Espíritos), que lhe personifica a individualidade moral. (15)

A generalidade dos humanos era guiada por Espíritos vulgares; os doutos mereciam visitados por Espíritos superiores (Id.) . Thales, que viveu seis séculos e meio antes da nossa era, ensinava, tal qual na China, que o Universo era povoado de demônios e de gênios, testemunhas secretas das nossas ações, mesmo dos nossos pensamentos, sendo também nossos guias espirituais (16). Até, desse artigo, fazia um dos pontos capitais da sua moral, confessando que nada havia mais próprio a inspirar a cada homem a necessidade de exercer sobre si mesmo essa espécie de vigilância a que Pitágoras mais tarde chamou o sal da vida. (17)

Epimênides, contemporâneo de Sólon, era guiado pelos Espíritos e freqüentemente recebia inspirações divinas. Sustentava fortemente o dogma da metempsicose e, para convencer o povo, dizia que ressuscitara muitas vezes e que, particularmente, fora naco. (18)

Sócrates (19) e, sobretudo, Platão, como achassem excessivamente grande à distância entre Deus e o homem, enchiam-na de Espíritos, considerando-os gênios tutelares dos povos e dos indivíduos e os inspiradores dos oráculos. A alma preexistia ao corpo e chegava ao mundo dotada do conhecimento das idéias eternas. Semelhante à criança, que no dia seguinte há esquecido as coisas da véspera, esse conhecimento ficava nela amodorrado, pela sua união com o corpo, para despertar pouco a pouco, com o tempo, o trabalho, o uso da razão e dos sentidos. Aprender era lembrar-se; morrer era voltar a ponto de partida e tornar ao primitivo estado: de felicidade, para os bons; de sofrimento, para os maus.

Cada alma possui um demônio, um Espírito familiar, que a inspira, com ela se comunica, lhe fala à consciência e a adverte do que tem que fazer ou que evitar. Firmemente convencido de que, por intermédio desses Espíritos, uma comunicação podia estabelecer-se entre o mundo dos vivos e os a quem chamamos mortos, Sócrates tinha um demônio, um Espírito familiar, que constantemente lhe falava e o guiava em todas as circunstâncias. (20)

Sim, diz Lamartine, ele é inspirado, segundo o afirma e repete. Porque nos negaríamos a crer na palavra do homem que dava a vida

por amor da verdade? Haverá muitos testemunhos que tenham o valor da palavra de Sócrates prestes a morrer? Sim, ele era inspirado... A verdade e a sabedoria não emanam de nós; descem do céu aos corações escolhidos, que Deus suscita, de acordo com as necessidades do tempo. (21)

O claro gênio dos gregos percebeu a necessidade de um intermediário entre a alma e o corpo. Para explicar a união da alma imaterial com o corpo terrestre, os filósofos da Hélade reconheceram a existência de uma substância mista, designada pelo nome de Ochema, que lhe servia de envoltório e que os oráculos denominavam o veículo leve, o corpo luminoso, o carro sutil. Falando daquilo que move a matéria, diz Hipócrates que o movimento é devido a uma força imortal, ignis, a que dá o nome de enormon, ou corpo fluídico.

Os primeiros cristãos

Foi à obrigação lógica de explicar a ação da alma sobre o invólucro físico que cederam os primeiros cristãos, acreditando na existência de uma substância mediadora. Aliás, não se compreende que o espírito seja puramente imaterial, porquanto, então, nenhum ponto de contacto o teria com a matéria física e não poderia existir, desde que deixasse de estar individualizado num corpo terrestre.

No conjunto das coisas, o indivíduo é sempre determinado pelas suas relações com outros seres; no espaço, pela forma corpórea; no tempo, pela memória.

O grande apóstolo S. Paulo fala várias vezes de um corpo espiritual (22), imponderável, incorruptível, e Orígenes, em seus Comentários sobre o Novo Testamento, afirma que esse corpo, dotado de uma virtude plástica, acompanha a alma em todas as suas existências e em todas as suas peregrinações, para penetrar e os corpos mais ou menos grosseiros e materiais que ela reveste e que lhe são necessários no exercício de suas diversas vidas.

Eis aqui, segundo Pezzani, as opiniões de alguns Pais da Igreja sobre esta questão. (23)

Orígenes e os Pais alexandrinos, que sustentavam um a certeza, os outros a possibilidade de novas provas após a provação terrena, propunham a si mesmos a questão de saber qual o corpo que ressuscitaria no juízo final. Resolveram-na, atribuindo a ressurreição apenas ao corpo espiritual, como o fizeram S. Paulo e, mais tarde, o próprio Santo Agostinho, figurando como incorruptíveis, finos, tênues e soberanamente ágeis os corpos dos eleitos. (24)

Então, uma vez que esse corpo espiritual, companheiro inseparável da alma, representava, pela sua substância quintessencíada, todos os outros envoltórios grosseiros, que a alma pudera ter revestido temporariamente e que entregara ao apodrecimento e aos vermes nos mundos por onde passara; uma vez que esse corpo havia impregnado de sua energia todas as matérias para um uso limitado e transitório, o dogma da ressurreição da carne substancial recebia, dessa concepção sublime, brilhante confirmação. Concebido desse modo, o corpo espiritual representava todos os outros que somente mereciam o nome de corpo pela sua adjunção ao princípio vivificante da carne real, isto é, ao que os espíritas denominaram perispírito. (25)

Diz Tertullano (26) que os anjos têm um corpo que lhes é próprio e que, como lhes é possível transfigurá-lo em carne humana, eles podem, por um certo tempo, fazer-se visíveis aos homens e comunicar-se com estes visivelmente. Da mesma maneira fala S. Basílio. Se bem haja ele dito algures que os anjos carecem de corpo, no tratado que escreveu sobre o Espírito Santo, avança que os anjos se tornam visíveis pela espécie de corpo que possuem, aparecendo aos que de tal coisa são dignos.

Nada há na criação, ensina Santo Hilário, que não seja corporal, quer se trate de coisas visíveis, quer de coisas invisíveis. As próprias almas, estejam ou não ligadas a um corpo, têm uma substância corpórea inerente à natureza delas, pela razão de que é necessário que toda coisa esteja nalguma coisa. Só Deus sendo incorpóreo, segundo S. Cirino de Alexandria, só ele não pode estar circunscrito,

enquanto que todas as criaturas o podem, ainda que seus corpos não se assemelhem aos nossos. Mesmo que os demônios sejam chamados animais aéreos, como lhes chama Apuleio, sê-lo-ão no sentido em que falava o grande bispo de Hipona, porque eles têm natureza corpórea, sendo uns e outros da mesma essência. (27)

S. Gregório, por seu lado, chama ao anjo um animal racional (28) e S. Bernardo nos dirige estas palavras: Unicamente a Deus atribuamos a imortalidade, bem como a imaterialidade, porquanto só a sua natureza não precisa, nem para si mesma, nem para outrem, do auxilio de um instrumento corpóreo (29). Essa era também, de certo modo, a opinião do grande Ambrósio de Milão, que a expunha nestes termos:

Não imaginemos haja algum ser isento de matéria na sua composição, exceto, única e exclusivamente, a substância da adorável Trindade. (30)

O mestre das sentenças, Pedro Lombardo, deixava em aberto a questão; esposava, contudo, esta opinião de Santo Agostinho:

Os anjos devem ter um corpo, ao qual, entretanto, não se acharas sujeitos, corpo que eles, ao contrário, governam, por lhes estar submetido, transformando-o e imprimindo-lhe as formas que lhe queiram dar, para torná-lo apropriado aos atos deles.

A escola neoplatônica

A escola neoplatônica de Alexandria foi notável de mais de um ponto de vista. Tentou a fusão dos filósofos do Oriente com a dos gregos e, dos trabalhos de Proclo, Plotino, Porfirio,Jamblico, idéias novas surgiram sobre grande número de questões. Sem dúvida, a esses pesquisadores se pode reprochar uma tendência por demais excessiva para a misticidade; entretanto, mais do que quaisquer outros eles se aproximaram da verdade que hoje experimentalmente conhecemos.

As vidas sucessivas e o perispírito faziam parte do ensino deles. Em Plotino, como em Platão, à separação da alma e do corpo se achava ligada à idéia da metempsicose, ou metensomatose (pluralidade das vidas corpóreas).

Perguntamos: qual é, nos animais, o princípio que os anima? Se é verdade, como dizem, que os corpos dos animais encerram almas humanas que pecaram, à parte dessas almas suscetível de separar-se não pertence intrinsecamente a tais corpos; assistindo-as, essa parte, a bem dizer, não lhes está presente. Neles, a sensação é comum à imagem da alma e ao corpo, mas, ao corpo, enquanto organizado e modelado pela imagem da alma. Quanto aos animais em cujos corpos não se haja introduzido uma alma humana, esses são engendrados por uma iluminação da alma universal. (31)

A passagem da alma humana pelos corpos dos seres Inferiores é aqui apresentada sob forma dubitativa. Sabemos agora que nenhum recuo é possível na senda eterna do tornar-se, porquanto nenhum progresso seria real, se pudéssemos perder o que tenhamos adquirido pelo nosso esforço pessoal. A alma que chegou a vencer um vício, dele se libertou para sempre; é isso o que assegura a perfectibilidade do espírito e garante a felicidade futura para o ser que soube libertar-se das más paixões inerentes ao seu estado inferior. Plotino afirma claramente a reencarnação, isto é, a passagem da alma de um corpo humano para outros corpos.

E crença universalmente admitida que a alma comete faltas, que as expia, que sofre punição nos infernos e passa em seguida por novos corpos.

Quando nos achamos na multiplicidade que o Universo encerra, somos punidos pelo nosso próprio desvio e pela seqüência de uma sorte menos feliz.

Os deuses dão a cada um a sorte que lhe convém, de harmonia com seus antecedentes, em suas sucessivas existências. (32)

Profundamente justo e verdadeiro é isto, porquanto, em nossas múltiplas vidas, defrontamos com dificuldades que temos de transpor, para chegarmos ao nosso melhoramento moral ou intelectual. Falso, porém, seria esse princípio, se o aplicássemos às

condições sociais, porque, então, o rico teria, merecido sê-lo e o pobre se acharia aqui em punição, o que é contrário ao que se observa cotidianamente, pois podemos comprovar que a virtude não constitui apanágio especial de nenhuma classe da sociedade.

Há, para a alma, duas maneiras de ser em um corpo: verifica-se uma delas quando a alma, já se encontrando num corpo celeste, sofre uma metamorfose, isto é, quando passa de um corpo aéreo ou ígneo a um corpo terrestre, migração a que de ordinário se chama metensomatose, porque não se vê donde vem a alma; a outra maneira se verifica quando a alma passa do estado incorpóreo a um corpo, seja qual for, e entra assim, pela primeira vez, em comunhão com o corpo. As almas descem do mundo inteligível ao primeiro céu; aí, tomam um corpo (espiritual) e, em virtude mesmo desse corpo, passam para corpos terrestres, segundo se distanciam mais ou menos do mundo inteligível.

Esta doutrina Porfirio a desenvolveu longamente em sua Teoria dos Inteligíveis , onde assim se exprime:

Quando a alma sai do corpo sólido, não se separa do espírito que recebeu das esferas celestes.

A mesma idéia se nos. depara nos escritos de Proclo, que chama a esse espírito o veículo da alma.

De um estudo atento dessas doutrinas resulta que os neoplatônicos sentiram a necessidade de um invólucro sutil para a alma, em o qual se registram, se incorporam os estados do espírito. É, com efeito, indispensável que o espírito, através de suas vidas sucessivas, conserve os progressos que realizou, sem o que, a cada encarnação, ele se acharia como na primeira e recomeçaria perpetuamente a mesma vida.

Os poetas

A Idade Média herdou essas concepções, como se pode verificar pela seguinte passagem de A Divina Comédia:

Logo que um sitio há sido assinado à alma (após a morte), sua faculdade positiva se lhe irradia em torno, do mesmo modo e tanto

quanto o fazia, estando ela em seus membros vivos. Assim como a atmosfera, quando se acha bastante carregada de chuva e os raios vêm nela refletir-se, ornada se mostra de cores diversas, assim também o ar que a cerca toma a forma que a alma lhe imprime virtualmente, desde que nele se detém. Semelhante à chama que por toda parte acompanha o fogo, aonde quer que ele vá, essa forma nova acompanha a alma a todos os lugares. Porque dai tira ela a sua aparência, chamam-lhe sombra e ela, em seguida, organiza todos os sentidos, até o da vista. (33)

Unir o espírito à matéria constitui tanto uma obrigação para a inteligência, que os maiores poetas jamais a isso se furtaram; sempre revestiram de formas corpóreas os seres celestiais, cuja pura essência os órgãos dos sentidos não podem perceber. Milton, na Guerra dos Anjos, não hesitou em atribuir um corpo, ainda que sutis e aéreos, segundos entenderam de descrevê-lo, a esses seres extra-humanos que ele concebia como puramente espirituais por sua própria natureza. Eis como se exprime, em seu poema Paraíso Perdido, acerca dos anjos:

Eles vivem inteiramente pelo coração, pela cabeça, pelo olho, pelo ouvido, pela inteligência, pelos sentidos; dão a si mesmos e a seu bel-prazer membros, e tomam a cor, a forma e a espessura, densa ou delgada, que prefiram.

Também Ossian revestiu de formas sensíveis os espíritos aéreos, que ele cria ver nos vaporem da noite e nos bramidos da tempestade.

Klopstock, em sua Messíada, representou o corpo do Serafim Elohé como formado por um raio da manhã e o do anjo da morte como por uma vaga de chama numa nuvem tenebrosa. Precisou mais essa idéia na dissertação com que encabeçou o sexto livro da sua epopéia. Sustenta: ser muito verossímil que os Espíritos finitos, cuja ocupação habitual consiste em meditar sobre os corpos de que se compõe o mundo físico, são, também eles, revestidos de corpo e que, em particular, se deve crer que os anjos, de que Deus tão amiúde se serve para conduzir à felicidade os mortais, terão recebido qualquer espécie de corpo que corresponda aos dos eleitos, que o mesmo Deus chama a essa suprema felicidade.

O penetrante gênio de Leibnitz não se enganou a esse respeito:

Creio, diz ele, com a maioria dos antigos, que todos os gênios, todas as almas, todas as substâncias simples criadas estão sempre juntas a um corpo e que não há almas destituídas jamais de um corpo... Acrescento que nenhum desarranjo dos órgãos visíveis será capaz de levar as coisas a uma inteira confusão no animal, ou a destruir todos os órgãos e privar a alma de todo o seu corpo orgânico e dos restos impagáveis de todos os traços precedentes. Mas, a facilidade que houve em deixarem-se os corpos sutis com os anjos (que confundiam com a corporalidade dos próprios anjos) e a introdução de pseudo-inteligências separadas nas criaturas (para o que muito contribuíram as que fazem rolar os céus de Aristóteles) e, finalmente, a opinião mal-entendida, segundo a qual não se podiam conservar as almas dos animais, sem cair na metempsicose, fizeram, a meu ver, que se desprezasse o modo natural de explicar a conservação da alma. (34)

Mister se faz chegar até Carlos Bonnet (35) para se ter uma teoria que, conquanto não assente nos fatos, se aproxima singularmente da que o Espiritismo nos permitiu construir, baseada na experiência. Vamos citar livremente as passagens mais importantes de suas obras, relativas ao assunto. E de admirar-se a lógica potente desse pensador profundo que, há mais de cento e cinqüenta anos, encontrou as verdadeiras condições da imortalidade.

Estudando com algum cuidado, diz ele, as faculdades do homem, observando-lhes as mútuas dependências ou a subordinação que as submete umas às outras e a seus objetos, logramos facilmente descobrir por que meios naturais elas se desenvolvem e aperfeiçoam neste mundo. Podemos, pois, conceber meios análogos mais eficazes, que levem essas faculdades a mais alto grau de perfeição.

O grau de perfeição que o homem neste mundo pode atingir está em relação com os meios que lhe são facultados para conhecer e agir. Também esses meios estão em relação direta com o mundo que ele atualmente habita.

Assim, uma vez que o homem era chamado a habitar sucessivamente dois mundos diferentes, sua constituição originária

tinha que conter coisas relativas a esses dois mundos. O corpo animal tinha que estar em relação direta com o primeiro mundo, o corpo espiritual com o segundo.

Por dois meios principais poderão aperfeiçoar-se no mundo vindouro todas as faculdades do homem: mediante sentidos mais apurados e sentidos novos. Os sentidos são a fonte primária de todos os conhecimentos. As nossas idéias mais refletivas, mais abstratas derivam sempre das nossas idéias sensíveis.

O espírito nada cria, mas opera incessantemente sobre a multidão quase infinita de percepções diversas que ele adquire pelo ministério dos sentidos.

Dessas operações do espírito, que são sempre comparações, combinações, abstrações, nascem, por geração natural, todas as ciências e todas as artes.

Destinados a transmitir ao espírito as impressões dos objetos, os sentidos se acham em relação com estes. O olho está em relação com a luz, o ouvido com o som, etc. (36)

Quanto mais perfeitas, numerosas, diversas são as relações que os sentidos mantêm com os objetos, tanto mais qualidades destes elas manifestam ao espírito e, ainda, tanto mais claras, vivas e completas são as percepções dessas qualidades.

Quanto mais viva e completa é a idéia sensível que o espírito adquire de um objeto, tanto mais distinta é a idéia refletida que deste ele forma.

Concebemos, sem dificuldade, que os nossos sentidos atuais são suscetíveis de alcançar um grau de perfeição muito superior ao que lhes reconhecemos neste mundo e que nos espanta em certos indivíduos. Podemos mesmo formar idéia nítida desse acréscimo de perfeição, pelos prodigiosos efeitos dos Instrumentos de óptica e de acústica.

Imagine-se Aristóteles a observar o microscópio, ou a contemplar Júpiter e suas luas com um telescópio. Quais não teriam sido a sua surpresa e o seu enlevo! Quais não serão também os nossos, quando, revestidos do nosso corpo espiritual, houver

ganhado os nossos sentidos toda a perfeição que podem receber do benfazejo autor do nosso ser!

Poderemos, se quisermos, imaginar que então os nossos olhos reunirão as vantagens do microscópio às do telescópio e que se proporcionarão exatamente a todas as distâncias. Quão superiores serão as lentes dessas novas lunetas às de que a arte se gloria! Aos outros sentidos aplica-se o que acaba de ser dito do da vista. Quais não seriam os rápidos progressos das nossas ciências físico-matemáticas, se dado nos fosse descobrir os princípios primários dos corpos, quer fluidos, quer sólidos! Veríamos, então, por intuição, o que tentamos adivinhar com o auxílio de raciocínios e cálculos, tanto mais incertos, quanto mais imperfeito é o nosso conhecimento direto. Que infinidade de relações nos escapa, precisamente porque não podemos perceber a figura, as proporções, a disposição desses corpúsculos jnfinitamente pequenos sobre os quais, entretanto, repousa o grande edifício da natureza!

Muito difícil igualmente nos é conceber que o gérmen do corpo espiritual pode conter, desde já, os elementos orgânicos de novos sentidos, que somente na ressurreição se hão de desenvolver. (37)

Esses novos sentidos nos manifestarão nos corpos propriedades que neste mundo nos serão sempre desconhecidas. Que de qualidades sensíveis ainda ignoramos e que não descobriremos sem espanto! Não chegamos a conhecer as diferentes forças disseminadas na natureza, a não ser em relação aos diferentes sentidos sobre os quais elas exercem sua ação. Quantas forças, de que não suspeitamos sequer a existência, porque nenhuma relação existe entre as idéias que adquirimos com os nossos cinco sentidos e as que somente com outros sentidos poderemos adquirir! (38)

Ergamos o olhar para a abóbada estrelada; contemplemos essa coleção imensa de sóis e de mundos pulverizados no espaço e admiremos que este vermezinho a que se dá o nome de homem tenha uma razão capaz de penetrar na existência desses mundos e de lançar-se assim até aos extremos da criação!

Insistindo logicamente no que para ele era uma hipótese, mas que para nós é uma certeza experimental, acrescenta aquele autor:

Se o nosso conhecimento refletido deriva essencialmente do nosso conhecimento intuitivo; se as nossas riquezas intelectuais aumentam pelas comparações que estabelecemos entre as nossas idéias sensíveis de todo gênero; se quanto mais comparamos, tanto mais conhecemos; se, finalmente, a nossa inteligência se desenvolve e aperfeiçoa a medida que as nossas comparações se estendem, diversificam, multiplicam, quais não serão o acréscimo e o apuro dos nossos conhecimentos naturais, quando já não estivermos limitados a comparar indivíduos com indivíduos, espécies com espécies, reinos com reinos e nos for dado comparar os mundos com os mundos!.

Se a Inteligência suprema variou neste mundo todas as suas obras; se não criou coisas idênticas; se harmônica progressão reina entre todos os seres terrenos; se uma mesma cadeia os prende a todos, como não há de ser provável que essa mesma cadeia maravilhosa se prolongue por todos os mundos planetários, que os una todos e que eles não sejam mais do que partes consecutivas e infinitesimais da mesma série. (39).

De que sentimento não se verá inundada nossa alma, quando, após haver estudado a fundo a economia de um mundo, voarmos para outro e compararmos entre si essas duas economias! Qual não será então a perfeição da nossa cosmologia! Quais não será a generalização e a fecundidade dos nossos princípios, o encadeamento, a multidão e a justeza das nossas conseqüências. Que luz não se irradiará de tantos objetos diversos sobre os outros ramos dos nossos conhecimentos, sobre a nossa astronomia, sobre as nossas ciências racionais e, principalmente, sobre essa ciência divina, que se ocupa com o Ser dos seres!

Estas induções, tão bem estabelecidas pelo raciocínio, se acham plenamente justificadas em nossa época. Já no organismo humano existe o corpo destinado a uma vida superior; desempenha aí um papel de primeira ordem e é graças a ele que podemos conservar o tesouro das nossas aquisições intelectuais. Mais adiante comprovaremos que o perispírito é uma realidade física tão certa quanto a do organismo material: ele é visto, tocado, fotografado.

Numa palavra: o que não passava de teoria filosófica, grandiosa e consoladora, mas sempre negável, é exato, tornou-se uns fatos científicos, que oferece àqueles remédios do espírito a consagração inatacável da experiência.

CAPITULO II

ESTUDO DA ALMA PELO MAGNETISMO

SUMARIO: A vidente de Prévorst. - A correspondência entre Billot e Deleuze. - Os Espíritos têm um corpo afirmações dos sonâmbulos. - Trazimentos. - As narrações de Chardel. - Outros testemunhos - As experiências de Cahagnet. - Uma evocação. - Primeiras demonstrações positivas.

Acabamos de ver, no capitulo precedente, que a idéia de uma certa corporeidade, Inseparável da alma, constituiu crença quase geral da Antigüidade e a de uma multidão de pensadores até à nossa época (40) E evidente que essa concepção resulta da dificuldade que experimentamos em imaginar uma entidade puramente espiritual. Os nossos sentidos só nos dão a conhecer a matéria e mister se torna nos utilizemos a vista interior, para sentirmos que há em nós algo mais do que esse princípio. O Pensamento, por si só, nos faz admitir, dada a sua carência de caracteres físicos, a existência de alguma coisa que difere do que cai sob a apreciação dos sentidos.

Mas, a idéia de um corpo fluídico também resulta das aparições. E manifesto que, quando se vê a alma de uma pessoa morta, forçoso é se lhe reconheça uma certa objetividade, sem o que ela se conservaria invisível. Ora, esse fenômeno se há produzido em todos

os tempos e nas histórias religiosas e profanas formigam exemplos dessas manifestações do além.

Não ignoramos que a crítica contemporânea fez tábua rasa desses fatos, atribuindo-os em bloco a ilusões, a alucinações, ou à credulidade supersticiosa dos nossos avós. Strauss, Taíne, Littré, Renan, etc., sistematicamente passam em silêncio todos os casos que poderíamos reivindicar. Semelhante processo não se justifica, porquanto, nos dias atuais, dados nos é comprovar as mesmas aparições e por métodos que permitem submetê-las a uma fiscalização severa. Assim sendo, assiste-nos o direito de concordar em que esses sábios se enganaram e que merecem atenção as narrativas de antanho.

Aliás, é fato positivo que não são novos os fenômenos do Espiritismo. Produziu-se em todos os tempos. Sempre houve casas mal-assombradas e aparições (41). Concebe-se, pois, que a idéia de que a alma não é puramente imaterial, haja podido manter-se, a despeito do ensino em contrário das filosofias e das religiões. (42)

Era, porém, muito vaga, muito indeterminada a noção de um envoltório da alma. Esse corpo fluídico formar-se-ia subitamente, no instante da morte terrena? Seria para sempre, ou por tempo determinado, que a alma se revestia dessa substância sutil? Ou, então, essa aparência vaporosa seria devida apenas a uma ação momentânea, transitória, da alma sobre a atmosfera, ação destinada a cessar com a causa que a produzira? Eram questões essas que permaneceriam insolúveis, enquanto não se pudessem observar à vontade as aparições.

A vidente de Prévorst

O magnetismo foi o primeiro a fornecer meio de penetrar-se no domínio inacessível do amanhã da morte. O sonambulismo, descoberto por de Puységur, constituiu o instrumento de Investigação do mundo novo que se apresentava. Submetidos a esse estado nervoso, puderam os sonâmbulos pôr-se em comunicação com as almas desencarnadas e descrevê-las minuciosamente, de

modo a deixar convencidos, os assistentes, de que, na realidade, conversavam com os Espíritos.

O Dr. Kerner, tão reputado pelo seu saber, quanto pela sua perfeita honestidade, escreveu a biografia da Sr.a Hauffe, mais conhecida sob a designação de: A vidente de Prévorst (43). Não precisava ela adormecer, para ver os Espíritos. Sua natureza delicada e refinada pela enfermidade lhe facultava perceber formas que se conservavam invisíveis às outras pessoas presentes. Teve a sua primeira visão na cozinha do castelo de Lowenstein. Era um fantasma de mulher, que ela tornou a ver alguns anos depois.

Dizia, porém só quando a interrogavam com insistência, nunca espontaneamente, ter sempre junto de si, como o tiveram Sócrates, Platão e outros, um anjo ou daimon, que a advertia dos perigos a serem evitados não só por ela, como também por outras pessoas. Era o Espírito de sua avó, a Sr.a Schmidt Gall. Apresentava-se revestida, como, aliás, todos os Espíritos femininos que lhe apareciam, de uma túnica branca com cinto e um grande véu igualmente branco.

Declarava que, após a morte, a alma conserva um espírito fluídico, que é a sua forma. Era esse envoltório que ela possuía a faculdade de ver, sem estar adormecida e muito melhor à claridade do Sol ou da Lua, do que na obscuridade.

As almas, dizia, não produzem sombra. Têm forma acinzentada. Suas vestes são as que usavam na Terra, mas também acinzentadas, quais elas próprias. As melhores trazem apenas grandes túnicas brancas e parecem voejar, enquanto que as más caminham penosamente. São brilhantes os seus olhos. Elas podem, além de falar, produzir sons, tais como suspiros, ruge-ruge de seda ou papel, pancadas nas paredes e nos móveis, ruídos de areia, de seixos, ou de sapatos a roçar o solo. São também capazes de mover os mais pesados objetos e de abrir e fechar as portas.

Eram objetivas essas visões? Quer dizer: verificavam-se algures, que não no cérebro da Sr.a Hauffe? O Dr. Kerner procedeu a muitas investigações para se certificar da realidade desses Espíritos, que só a vidente percebia.

Em Oberstenfald, uma dessas almas, a do conde Weiler, que assassinara seu irmão, apresentou-se à Sr Hauffe, até sete vezes. Somente ela a viu; mas, vários parentes seus ouviram uma explosão, viram ladrilhos, móveis e candelabros se deslocarem, sem que pessoa alguma os tocasse, sempre que o fantasma vinha.

Outra alma de assassino, vestindo um hábito de frade, perseguiu a vidente, durante todo um ano, a lhe pedir, tal qual o fizera o conde Weiler, preces e lições de catecismo. Essa alma abria e fechava violentamente as portas, removia de um lugar para outro a louça, derribava pilhas de lenha, dava fortes pancadas nas paredes e parecia brincar de mudar, a todo o momento, de lugar. Vinte pessoas respeitáveis a ouviram, ora dentro de casa, ora na rua, e atestariam o fato, se fosse preciso.

Um fantasma de mulher, trazendo nos braços uma criança, se mostrou muitas vezes à Sr Hauffe. Como isso se desse com mais freqüência na cozinha, fez que levantassem uma laje e à grande profundidade foi achado o cadáver de uma criança.

Em Weinsperg, a alma de um guarda-livros, que cometera algumas infidelidades durante a vida, lhe apareceu, de sobrecasaca preta surrada, pedindo dissesse à sua viúva que não ocultasse mais os livros em que se encontravam suas escriturações falsas e indicou os lugares onde eles estavam, para que os entregasse à justiça. Ela atendeu ao pedido e com o auxilio daqueles livros foram reparadas algumas fraudes do morto.

Em Lenach, foi a alma de um burgomestre chamado Bellon, morto em 1740 com a idade de 79 anos, quem se lhe apresentou a pedir conselhos para escapar à perseguição de dois órfãos. Ela lhe deu os conselhos solicitados e, ao cabo de seis meses, a alma não mais voltou.

Essa morte está mencionada nos registros da paróquia de Lenach, com uma nota assinalando que o burgomestre causara dano a muitas crianças das quais era tutor.

Acrescenta o Doutor Kerner que poderia citar uma vintena de aparições, cuja autenticidade foi depois verificada. Estando perfeitamente reconhecida a honradez desse doutor e achando-se

quase sempre de cama a Sr.a Hauffe, sem poder locomover-se e cercada de membros de sua família, nenhum embuste fora possível é, pois, reais os fatos e, se bem hajam ocorrido muito antes que se falasse de Espiritismo, guardam as maiores analogias com os que presentemente se observam.

A correspondência entre Billot e Deleuze

Ouçamos agora uma segunda testemunha abonada, médica e homem honestíssimo, o venerável Billot, afirmando, na correspondência que manteve com Deleuze (44), sua crença nos Espíritos

Um fenômeno que provasse positivamente a existência dos Espíritos, desses seres imateriais que, segundo os espíritos fortes, não podem de maneira alguma cair ao alcance dos sentidos do homem, seria sem dúvida próprio para excitar a curiosidade pública e, sobretudo, prender a atenção dos sábios de todos os países, quaisquer que fossem as suas opiniões a respeito... Pois bem, tal fenômeno existe. Esta asserção que, à primeira vista, tem visos de paradoxo, para não dizer de extravagância, nem por isso deixa de encerrar uma grande verdade.(45)

Refere o nosso autor que fez parte, durante longo tempo, de uma associação de magnetizadores e pacientes, onde observou fenômenos de comunicação com os Espíritos, o que determinou a sua crença num mundo invisível, povoada pelas almas das pessoas Mortas.

As sessões começavam pela parte mística, isto é, pela atanatofania, ou aparição dos Espíritos, e terminavam pela parte médica, isto é, pelo rafaelismo, ou medicina Angélica. Quando digo aparição não quero significar que os Espíritos se tornassem visíveis aos associados, pois que só o eram para os sonâmbulos. Entretanto, a presença deles era indicada por algum sinal positivo, fato que posso atestar, pela circunstância de ser eu o encarregado de escrever tudo o que se passava naquelas sessões.

As mais das vezes as inteligências que dirigem os sonâmbulos tomam formas de anjos. Vestem túnicas brancas, cintos de prata e

freqüentemente asas. Acontece também reconhecerem, os lúcidos, pessoas do lugar, mortas há mais ou menos tempo. Mesmo no estado normal, os pacientes percebem não raro a voz dos guias invisíveis.

Sinto, a principio, diz um deles, ligeiro sopro, como o da passagem de um zéfiro suave, que logo me refresca e esfria o ouvido. A partir dai, perco a audição e entro a perceber um zumbido fraco no ouvido, como o de um mosquito. Prestando então a mais acurada atenção, ouço uma voz que me diz o que em seguida repito.

Alucinação auditiva, dirá o doutor moderno que ler esta narrativa, alucinação provocada, provavelmente, por auto-sugestão, ou por uma sugestão inconsciente do Dr. Billot. Mas, semelhante explicação se tornará inadmissível, desde que se prove que o ser invisível exerce uma ação física sobre o sonâmbulo, sem que este haja pensado no que vai acontecer e que o fato, da primeira vez, ocorra na ausência do doutor.

Com efeito, esses guias espirituais podem atuar sobre o corpo dos pacientes, pois o doutor foi testemunha de uma sangria que por si mesma cessara, logo que o sangue saíra em quantidade suficiente, sem que, em seguida, houvesse necessidade de fazer-se qualquer ligadura. (46)

Nota-se a cada instante, nas cartas desse sábio, que ele, durante muitos anos, assistiu a visões de Espíritos, cuidadosamente descritos pelos sonâmbulos. Com um senso crítico notável, Billot submeteu seus pacientes a numerosas experiências e só se pronunciou categoricamente, depois de haver estudado por longo tempo. Não se trata de um crente que aceita às cegas todas as doutrinas. Ele raciocina friamente e só à evidência se rende. Não lhe falta bom senso para não atribuir a causas sobrenaturais a ação do Espírito sobre a matéria, no que apenas vê o efeito de leis ainda ignoradas, mas que um dia serão descobertas:

Quanto às operações dos Espíritos sobre o corpo, se algumas há que se podem qualificar de prodigiosas, nem por isso são contrárias a Natureza. Ora, havendo ainda muitas coisas ocultas na Natureza, pão é de espantar sejam tidos por sobrenaturais certos fenômenos que, todavia, se incluem na ordem das coisas criadas. E, se algumas

leis da Natureza ainda se nos conservam ocultas, é porque o homem ainda não foi estudado como o deve ser, isto é, em todas as suas relações com a Criação.(47)

Nessa correspondência, é digno de observar-se o caráter particular de cada um dos contendores: Deleuze, frio e desconfiado, com dificuldade se rende às prementes objurgações do solitário, conforme Billot se intitula. Entretanto, ele concorda, afinal, em que pôde observar pacientes que se achavam em comunicação com as almas dos mortos.

O magnetismo, diz, demonstra a espiritualidade da alma e a sua imortalidade; ele prova a possibilidade da comunicação das Inteligências separadas da matéria com as que lhe estão ainda ligadas;

E nunca, porém, me apresentou fenômenos que me convencessem de que essa possibilidade se efetiva com freqüência. (48)

Um pouco adiante, torna-se mais afirmativo e escreve ao Dr. Billot:

O único fenômeno que parece estabelecer a comunicação com as Inteligências imateriais são as aparições, das quais há muitos exemplos. Como estou convencido da imortalidade da alma, não vejo razão para negar a possibilidade da aparição das pessoas que, tendo deixado esta vida, se preocupem com os que lhe foram caros e venha apresentar-se-lhes para lhes darem salutares conselhos. Acabo de colher um exemplo. Ei-lo.

Uma moça sonâmbula, que perdera o pai, por duas vezes o viu muito distintamente. Viera dar-lhe conselhos importantes. Depois de lhe elogiar o proceder, anunciou-lhe que um partido se lhe ia apresentar; que esse partido pareceria convir e que o rapaz não lhe desagradaria; mas, que ela não seria feliz desposando-o, que, portanto, o recusasse. Acrescentou que, se ela não aceitasse esse partido, outro logo depois apareceria, devendo achar-se tudo concluído antes do fim do ano. Estava-se no mês de outubro.

O primeiro rapaz foi proposto à mãe da moça; esta, porém, impressionada com o que o pai lhe dissera, o recusou.

Um segundo jovem, que acabava de chegar da província, foi apresentado por amigos; pediu a donzela em casamento, realizando-se este a 30 de dezembro.

Não pretendo dar este fato como prova sem réplica da realidade das aparições; mas, quando nada, ele a torna tanto mais verossímil, quanto se sabe que há outros fatos do mesmo gênero.

A fim de levar seu amigo a uma crença completa, decide-se Billot a lhe narrar os fenômenos de trazimentos de que fora testemunha. Aqui, não se pode duvidar de que uma inteligência estranha aos assistentes esteja em comunicação com a sonâmbula, pois que fica sempre uma prova tangível dessa ação supraterrestre.

Eis como nosso doutor relata o fenômeno:

Tomo a Deus por testemunha da verdade contida nas observações que seguem... a causa ressaltará tão-só das demonstrações materiais e cairá sob a percepção dos sentidos, por virtude da observação e da experiência.

1 - Observação

Uma senhora, atacada, havia algum tempo, de cegueira incompleta, solicitava dos nossos sonâmbulos um auxilio que detivesse os progressos da amaurose que, em breve, não lhe permitiria distinguir das trevas a claridade. Certo dia (a 17 de outubro de 1820), dia de sessão, disse a sonâmbula consultada: Uma donzela me apresenta uma planta... toda coberta de flores... não a conheço absolutamente... não me dizem o nome... Entretanto, ela é necessária à Sr J..

P. - Onde encontrá-la? perguntei, uma vez que nos campos nenhuma planta temos em floração, achando-nos, como nos achamos, na estação fria (49). Será preciso procurá-la longe daqui?

R. - Não se preocupe, responde a sonâmbula, ela nos será trazida, se for preciso.

Como insistíssemos para saber em que lugar a donzela nos quereria indicar a referida planta, a senhora cega, que se achava presente, defronte da sonâmbula, exclamou: Meu Deus! Palpo uma

toda florida no meu avental; acabam de depor aí... Veja, Virgínia (era o nome da sonâmbula) ... veja: será a que lhe ela apresentava há pouco? - Sim, senhora, é essa mesma, respondeu Virgínia. Louvemos a Deus, agradecendo-lhe esse favor.

-Examinei então a planta. Era um arbúsculo, quase como um tomilho de tamanho médio. As flores, labiadas e em espigas, exalavam delicioso perfume. Pareceu-me o tomilho de Creta. Donde vinha ela? Do seu pais natal, ou de alguma estufa? Não o soube. O que sei muito bem é que possuo dessa planta uma haste que a donzela me concedeu, depois de muitas instâncias.

A quem, lendo-lhe o livro, se haja convencido da boa-fé e da lealdade do Dr. Billot, não será possível pôr em dúvida a sinceridade dessa narrativa. Diremos, pois, com ele: Não prova, esta primeira observação, de maneira irrecusável, o espiritualismo? Haverá mister comentários? Não põe ela por terra qualquer teoria diferente da que expomos (intervenção dos Espíritos) ? Incorremos em erro dizendo que só esta teoria pode explicar tão extraordinário fenômeno?

Faremos notar que não havia ali possibilidade de fraude, pois que a planta era desconhecida naquela região e, ao demais, com flores, quando a estação absolutamente não se prestava a isso. Não esqueçamos tampouco o delicioso perfume que se espalhou de súbito pelo aposento, quando a planta apareceu. Este pormenor, por si só, bastaria para demonstrar a autenticidade do fenômeno. Citamos este fato, não somente para afirmar a realidade da visão, mas, também, para mostrar o poder que possuem os Espíritos de atuar sobre a matéria, por processos que ainda completamente desconhecemos.

Deleuze não põe em dúvida o fenômeno, porque outros semelhantes lhe foram com freqüência descritos.

Tive esta manhã, escreveu ele ao Dr. Billot, a visita de um médico muito distinto, homem de espírito, que já apresentou várias memórias à Academia das Ciências. Vinha para me falar do magnetismo. Narrei-lhe alguns fatos de que você me deu conhecimento, sem, entretanto, declinar o seu nome. Respondeu-me que disso não se admirava e me citou grande número de fatos

análogos, que muitos sonâmbulos lhe apresentaram. Você bem poderá imaginar que fiquei muito surpreendido e que a nossa conversação se revestiu do maior interesse. Entre outros fenômenos, referiu-me ele o de objetos materiais que o sonâmbulo fazia vir d sua presença, fenômeno esse da mesma ordem que o do aparecimento do ramo de tomilho de Creta...

Por esse testemunho se vê que os fenômenos de trazimento já não eram ignorados nos começos do século dezenove, o que mais uma vez demonstra a continuidade das manifestações espíritas que constantemente se hão dado, mas que o público rejeitava como diabólicas, ou considerava apócrifas, se não produzidas por charlatães.

Se nos não faltasse espaço, divulgaríamos como Billot entrava em comunicação com os Espíritos, por intermédio do dedo de seu paciente, então perfeitamente vígil, mediante uma espécie de tiptologia especial. Limitar-nos-emos a recomendar ao leitor essa interessante correspondência, a fim de podermos dar a palavra a outras testemunhas.

As narrações de Chardel

Vamos agora apresentar alguns extratos das narrativas de Chardel, os quais instruem ao mesmo tempo sobre as relações dos sonâmbulos com o mundo dos desencarnados e sobre o estado do sonâmbulo durante o sonambulismo. (50)

Certa vez, estando a ditar algumas prescrições terapêuticas ao seu magnetizador, disse-lhe em tom singular a sonâmbula Lefrey:

- Veja bem que ele me ordens.

- Quem é, pergunta o doutor, que lhe ordena isso?

- Ora! ele; o senhor não o ouve?

- Não, a ninguém ouço, nem vejo.

- Ah! tem razão, replica ela, o senhor dorme, ao passo que eu estou desperta...

- Como você, minha cara, está a sonhar, pretende que eu durmo, se bem me ache com os olhos perfeitamente abertos e a tenha sob a

minha influência magnética, dependendo tão-só da minha vontade fazê-la voltar ao estado em que se encontrava ainda há pouco. Você se julga desperta porque me fala e dispõe, até certo ponto, do seu livre-arbítrio, embora não possa levantar as pálpebras.

- O senhor está adormecido, repito-o. Eu, ao contrário, estou quase tão completamente acordada, quanto o estaremos um dia. Explico-me: tudo o que o senhor pode ver, atualmente, é grosseiro, material; de tudo o senhor distingue a forma aparente; as belezas, reais, porém, lhe escapam, enquanto que eu, que estou com as minhas sensações corporais temporariamente suspensas, que tenho a ,ima quase inteiramente liberto de seus entraves habituais, vejo o que lhe é invisível, ouço o que seus ouvidos não podem escutar, compreendo o que lhe é incompreensível.

Por exemplo, o senhor não vê o que sai do seu corpo e vem para mim, quando me magnetiza; eu, entretanto, vejo isso muito bem. A cada passe que o senhor me dá, vejo sair-lhe das extremidades dos dedos como que pequenas colunas de uma poeira ígnea, que se vem incorporar em mim e, quando o senhor me isola, fico por assim dizer envolta numa atmosfera ardente, formada dessa mesma poeira ígnea (51). Ouço, quando o quero, o ruído que se faz ao longe, os sons que partem e se espalham a cem léguas daqui. Numa palavra: não preciso que as coisas venham a mim; posso ir ter com elas, onde quer que estejam, e apreciá-las com muito maior exatidão, do que o poderia qualquer outra pessoa que não se encontre em estado análogo ao meu.

Refere também o autor da Fisiologia do Magnetismo que uma sonâmbula costumava ter, à noite, uma espécie de êxtase, que explicava assim:

Entro, então, num estado semelhante ao em que o magnetizador me põe e, dilatando-se o meu corpo pouco a pouco, vejo-o muito distintamente longe de mim, imóvel e frio, como se estivesse morto. Quanto a mim, assemelho-me a um vapor luminoso e sinto-me a pensar separada do meu corpo. Nesse estado, compreendo e vejo muito mais coisas do que no sonambulismo, quando a faculdade de pensar se exerce sem que eu esteja separada dos meus órgãos. Mas,

escoados alguns minutos, um quarto de hora, no máximo, o vapor luminoso de minha alma se aproxima cada vez mais do meu corpo, perco os sentidos, cessa o êxtase.

Acrescenta o autor que, chegando a esse grau de expansão do sistema nervoso, o homem espiritualizado, ou, se o preferirem, fluidificado em todo o seu ser, goza de todas as faculdades dos a quem se chama Espíritos e que somente nesse estado é que se acha, por assim dizer, quebrada e completamente difundida a centralização da sensibilidade nervosa.

Havemos de ver que a narrativa dessa sonâmbula, referente ao estado de vapor luminoso que ela assume desde que sai do seu corpo, tem a confirmá-la experimentalmente os trabalhos de Rochas sobre a exteriorização da sensibilidade. Prossigamos.

Outra sonâmbula que, como essa, tinha, durante a noite, visões que em nada se assemelhavam aos sonhos ordinários e que a deixavam em extrema fadiga, disse um dia ao mesmo doutor:

Parecia que me achava suspensa nos ares, sem forma material, tornada por inteiro vapor e luz, e que lhe mostrava, deitado na cama, qual verdadeiro cadáver, o meu corpo. Veja, dizia-lhe eu, está morto e assim estará dentro de trinta dias. Depois, insensivelmente, aquela luz, que eu sentia ser eu mesma, se aproximou do cadáver, meteu-se nele e recuperei os sentidos, exausta como após longo e penoso sono magnético.

Outros testemunhos

Para os que crêem na imortalidade da alma, indubitável se torna que, sendo possível a comunicação com os Espíritos, quem haja de realizá-la tem que se colocar numa posição tão próxima quanto possível da em que se achará depois da morte.

Ora, com certos pacientes, o sonambulismo parece eminentemente apropriado a dar esse resultado. Momentaneamente desprendido, ao menos em parte, do laço fisiológico, o Espírito se encontra num estado quase idêntico ao em que um dia se achará permanentemente. Ao demais, se admitirmos que as almas

desencarnadas se comunicam entre si, o que parece evidente, claro se faz que elas poderão manifestar-se aos sonâmbulos, quando estes se acharem mergulhados no sono magnético.

Isso os magnetizadores, em sua maioria, se viram obrigados a reconhecer. Malgrado ao seu cepticismo, diz o Dr. Bertrand (52), falando de um sonâmbulo muito lúcido:

Essa mulher se exprimia sempre como se um ser distinto, separado dela e cuja voz se fazia ouvir na região do estômago, lhe houvesse transmitido todas as noções extraordinárias que ela manifestava em sonambulismo. Verifiquei o mesmo fenômeno na maior parte dos sonâmbulos que tenho observado. O caso mais vulgar é o em que ao sonâmbulo parece que os acontecimentos que ele anuncia lhe são revelados por uma voz.

O barão du Potet, por longo tempo incrédulo, foi, a seu turno, constrangido a confessar a verdade. Informa ele como encontrou de novo, no magnetismo, a espiritologia antiga e quais os exemplos que o levaram a crer no mundo dos Espíritos, mundo que, diz (53), o sábio rejeita como um dos maiores erros dos tempos idos, mas em o qual o homem profundo é induzido a acreditar por efeito de exame sério dos fatos.

Noutro lugar (54), afirma que se pode entrar em relações com os Espíritos desprendidos da matéria, a ponto de obter-se deles aquilo de que se tenha necessidade.

Poderíamos multiplicar as citações tomadas à rica biblioteca do magnetismo espiritualista e mostrar que Charpignon, Ricard, o padre Loubet, Teste, Aubin, Gauthier, Delage, etc., creram nas comunicações entre vivos e desencarnados. Não devemos, porém, esquecer que o nosso objetivo especial é o estudo do perispírito e, por isso, passamos imediatamente a um pesquisador consciencioso, homem de boa-fé, Cahagnet, que foi quem melhor estudou esses fenômenos.

As experiências de Cahagnet

Até aqui ouvimos muitos magnetizadores afirmando a realidade das relações do nosso com um mundo supranormal. As mais das vezes, os pacientes vêem seus guias ou anjos guardiões, que eles quase sempre descrevem como sendo um belo jovem, vestido de branco. As visões, muito freqüentemente, são místicas: é a Virgem que aparece; recitam preces para afastar os maus Espíritos. Raramente a personagem descrita é um defunto.

Será que sempre os pacientes vêem personagens reais? Não o cremos; a maior parte do tempo, são sugestionados pelo experimentador e também pela própria imaginação. Devemos, pois, preservar-nos cuidadosamente de dar qualquer crédito às suas afirmações, desde que estas não assentem em provas absolutas, do gênero das que reproduzimos, apresentadas pelo Dr. Billot.

Carece de valor positivo a visão de um Espírito, se não há certeza absoluta de que não se trata de uma auto-sugestão do sonâmbulo, ou de uma transmissão de pensamento do operador.

O seguinte fato, que o Dr. Bertrand citou numa de suas conferências e que o general Noizet reproduziu, é prova convincente do que dizemos. (55)

Um magnetizador muito imbuído de idéias místicas tinha um sonâmbulo que durante o sono só via anjos e Espíritos de toda espécie, visões essas que serviam para confirmar cada vez mais a crença religiosa do primeiro. Como ele costumasse mencionar, em apoio do seu sistema, os sonhos desse sonâmbulo, outro magnetizador tomou a si desiludi-lo, mostrando-lhe que o referido sonâmbulo só tinha as visões que ele relatava, porque no seu próprio cérebro existia o tipo de tais visões. Para provar o que avançava, propôs-se a fazer que o mesmo sonâmbulo visse todos os anjos do paraíso reunidos em torno de uma mesa a comer um peru. Adormeceu então o sonâmbulo e, ao cabo de algum tempo, lhe perguntou se não via algo de extraordinário. Respondeu o interrogado que estava vendo uma grande reunião de anjos. - Que fazem eles? Inquire o magnetizador. - Estão ao redor de uma mesa e comem. Não pôde, entretanto, precisar qual o alimento de que se serviam.

Cumpre, portanto, se observe extrema circunspeção em aceitar narrativas de sonâmbulos, pois toda gente sabe que eles às vezes são muito sugestionáveis, mesmo mentalmente. Desconfiemos de descrições do paraíso e do inferno, quais as têm feito pacientes e místicos de todos os países e de todas as épocas.

Com Cahagnet (56) tudo é completamente diverso. Já não são seres angélicos que se mostram, mas Espíritos que viveram entre nós e que se tornam reconhecíveis por se apresentarem com o mesmo aspecto que tiveram neste mundo, com vestuários semelhantes aos que aqui usavam. São nítidas e precisas as suas recordações e dão provas de discernimento e de vontade, como se ainda estivessem na Terra. Não são simples reprodução de imagens dos seres desaparecidos: são individualidades que conversam, se movem, vivem e afirmam categoricamente que a morte não as atingiu. Já há nisso alguma coisa de verdadeiro Espiritismo; daí, aquele tolhe geral, quando apareceram Os Arcanos da vida futura desvendados. Tudo o que a ignorância, o fanatismo, a tolice reeditaram posteriormente contra a nossa doutrina foi então despejado sobre o pobre magnetizador. Ouçamos o seu doloroso lamento.

Nosso adversário, o barão du Potet (57), nos dissera as seguintes palavras, para nós proféticas, quando publicamos o primeiro volume desta obra: O senhor trata destas questões com a excessiva antecipação de vinte anos; o homem ainda não está preparado para as compreender.

Ah! respondemos, porque então banha ele de suas lágrimas as cinzas dos que julga haver perdido para sempre? Em que momento da existência humana poderá chegar mais a propósito, para dizer a esse homem: Consola-te, aquele que supões separado de ti para sempre se acha a teu lado, a te afirmar, por meu intermédio, que está vivo, que se sente mais ditoso do que na Terra e que te aguarda em esferas próximas para continuar em intimidade contigo. Se não queres acreditar no que te digo, atenta na linda cabeça desta criança, que chora porque te vê chorar, porque lhe dizes que ela não tornará a ver sua querida mamãe. Põe-lhe a mão na fronte e, ao cabo de poucos minutos, tu a verás sorrir para aquela que julgas morta e a

ouvirás contar-te o que é feito de sua mãe, onde está e o que faz. Não poderás duvidar um instante de que esse mármore que te apavora é a porta do templo da imortalidade, onde viveremos todos eternamente, para eternamente nos amarmos.

Digo isto a esse irmão infortunado e ele, em vez de me apertar à mão em sinal de reconhecimento, me lança um olhar de desprezo, exclamando: Este homem está louco!

Mas, era um lutador soberbo esse trabalhador, que teve a glória de fazer-se o que foi: um dos pioneiros da verdade. Combateu vigorosamente seus contraditores, reduzindo-os ao silêncio. Os dois primeiros volumes dos Arcanos contêm as descrições de experiências realizadas com oito extáticos que possuíam a faculdade de ver os Espíritos desencarnados. O ponto culminante foi atingido com um deles, Adélia Maginot, com quem ele obteve longa série de evocações. Há na obra mais de 150 atas firmadas por testemunhas que declaram haver reconhecido os Espíritos que a sonâmbula descreveu. B esse um fato importantíssimo, para o qual nunca será demais chamar a atenção. Não se pode razoavelmente supor que homens pertencentes a todas as esferas sociais, de indiscutível honradez, se hajam conluiado para atestar mentiras. Há, pois, nessas experiências uma nova estrada, uma mina fértil a ser explorada pelos pesquisadores ávidos de conhecimentos sobre o além. Eis aqui um exemplo que mostra como habitualmente as coisas se passavam. (58)

Uma evocação

O Sr. B.— magnetizador e subscritor dos Arcanos, deseja uma sessão de aparição. Logo que Adélia cai em estado sonambúlico, chamamos o Sr. B... Ernesto, Paulo, morto, irmão do Sr. B... A essa sessão assiste a mãe deste senhor.

Diz Adélia: Ei-lo! Dá-nos alguma indicação? Vejo-lhe os cabelos castanho-claros, fronte bela e ampla, olhos tendendo para o pardo, sobrancelhas bem arqueadas, nariz um tanto pontiagudo, boca média; tez clara, pálida e delicada, queixo redondo, corpulência

fraca, se bem deva ter sido forte; a moléstia o enfraqueceu muito; traz um costume de cor escura (azeitona, creio) ; tem ar dolente, calmo e sofredor; provavelmente sofreu do coração e do peito, experimentou fraquezas nas pernas. Não andava isento de pesares, muito se afligia intimamente, sem deixar que o percebessem; ficava às vezes pensativo, absorvido por idéias sombrias; amava a urna pessoa, donde boa parte das suas penas; era muito sensível.

- Que idade ele te parece ter? - Cerca de vinte e cinco anos; seu estomago se fatigou muito com excessos da mocidade.

- Quem o recebeu no céu? - Seu avô. - Teve, de fato, seu pai uma visão em que o viu no céu ao lado de sua avó? - E verídica essa visão, mas quem primeiro o recebeu foi seus avôs paternos, que ele conheceu na Terra; esse avô lhe estendia os braços, nos quais ele se precipitou; sua avó estava entre os outros, não faltava gente a esperá-lo... Não teve agonia. Não acreditava no magnetismo, mas pede que eu diga a seu irmão que agora acredita. - Quem velava o seu cadáver? - Sua família. - Onde foi enterrado? - No Père-Lachaise. - Seus restos ficaram sempre no mesmo túmulo? - Não; foram reunidos-aos de sua avó, desse que primeiro o recebeu no céu. - Quais as pessoas que Iam logo após o seu esquife? - Dentre todos, ele distinguiu melhor seu irmão. - Adélia está fatigada; terminamos.

O Sr. B... ficou encantado com essa experiência; a senhora sua mãe se mostra imersa na mais profunda dor; seu filho lhe manda dizer por Adélia que não chore, que ele é mais feliz do que ela; desejara que ela concluísse o tempo de suas provas; fora visitá-la muitas vezes durante o sono para a consolar, não tendo feito que se lembrasse de suas visitas para lhe não aumentar a amargura dos pesares. Apareceu do mesmo modo ao senhor seu irmão e ainda lhe aparecerá. Agradece-lhe o tê-lo sepultado.

O Sr. B... não descobre uma silaba a suprimir desse acervo de detalhes; a senhora sua mãe apenas alimenta certas dúvidas quanto à cor dos olhos; não pode lembrar-se qual exatamente era. Permitiu Deus que a nossa fé mais se fortalecesse. O Sr. B. . . desejando, por questões de família, ocultar o seu nome, assinou uma segunda via da ata desta sessão, para me garantir, no futuro, contra as reticências

que alguns homens desmemoriados e chicanistas Possam opor à realidade do que ouviram e reconheceram verdadeiros. Daqui por diante procederei assim.

No dia seguinte ao dessa sessão, o Sr. B . . . Veio a nossa casa Para dizer que, em conseqüência daquela aparição, ele convocara uma reunião de família, a fim de se certificar da cor exata dos olhos de seu irmão; a generalidade das recordações foi favorável à cor que Adélia descrevera. Grande satisfação me deu essa particularidade, porque, havendo aquele senhor dito a Adélia : - A senhora se engana; minha mãe acha que os olhos eram azuis; persiste a senhora em vê-los castanhos? - ela respondeu: - Ser-me-ia muito fácil concordar com a senhora sua mãe, uma vez que ela os julga tais e que isso confirmaria a verdade de tudo o que por mim foi dito; mas, eu mentiria e não diria o que vejo. Para mim, são castanhos. - Foi em face dessa afirmativa que aquele senhor convocou para uma reunião o membro de sua família e se considerou no dever de me dar ciência do resultado de tal reunião.

A cada passo, encontram-se nesses volumes provas semelhantes. Fora, porém, conhecer mal a nossa época imaginar-se que essas narrativas tiveram o dom de determinar convicções. Ninguém jamais contestou a boa-fé de Cahagnet; seus contemporâneos o reconheceram homem honesto, incapaz de alterar a verdade, mas, pretenderam que aqueles fenômenos podiam explicar-se todos por uma transmissão de pensamento, a se operar entre o consultante e o paciente.

Podemos certificar-nos do nenhum valor dessa objeção, neste caso, desde que atentemos nas circunstâncias que acompanharam a aparição. Ela conversa, manda dizer à sua mãe, por Adélia, que não se atormente. E porque aquela imagem estaria associada à do avô paterno, quando, no pensamento da mãe e do irmão, a avó do morto era quem o devera ter recebido no Além? (59)

Aliás, para responder a semelhante objeção, que foi a arma sempre à mão dos incrédulos, o autor relata certo número de aparições às quais ainda menos aplicáveis é a mencionada explicação. (60)

Aqui está uma, entre muitas outras.

O padre Almignana, já citado, parecendo não mais convencido pelos detalhes que, sobre a aparição de seu irmão, Adélia lhe fornecera e que ele solicitara na segunda sessão, veio comunicar-me suas dúvidas a respeito. No momento Adélia estava adormecida. Ele pie pediu evocasse a irmã de sua criada, que se chamara Antonieta Carré e morrera havia alguns anos (61). Evoquei-a.

-Disse Adélia: - Vejo uma mulher de altura mediana, cabelos castanho-claros, de cerca de 45 anos, não bonita, de pequenos olhos cinzentos, nariz grande um tanto grosso na extremidade, tez amarelada, boca chata; tem o que chamamos papeira; faltam-lhe dentes da frente, sendo os poucos que lhe restam escuros como tocos; suas vestes são as que no campo se denominam trajes caseiros: corpete escuro, saia listrada um tanto curto; avental de chita em torno do corpo; no pescoço um lenço de quadrados; suas mãos denotam trabalhos pesados: trabalhava no campo; tinha um irmão que morreu depois dela; não está, porém, no mesmo plano que ela, porque, sem ser .um mau sujeito, não era muito regrado. Essa mulher me dá a impressão de ter sido muito boa.

O Sr. Almignana levou escritos esses pormenores e me endereçou uma carta donde extraio as passagens seguintes:

Depois de ter lido quatro vezes, para Maria Francisca Rosália Carré, os sinais acima, ela me declarou que eram tão exatos, que não podia deixar de reconhecer sua própria irmã, Antonieta Carré, na mulher que aparecera à sonâmbula. Quanto a seu irmão, confirma que morreu depois da irmã, como o dissera Adélia. Acrescenta uma circunstância que não deixa de ser digna de nota: diz ter sonhado, na noite de 30 para 31 de janeiro (véspera da sessão), que se achava junto do túmulo da irmã e do irmão, mas que sua atenção era mais solicitada pela primeira. (Ela jamais sonhara com a irmã desde que esta morrera.).

Assinado: ALMIGNANA.

Farei notar, a meu turno, que o padre Almignana, como a sua criada, não sabiam, no dia dessa sessão, que chamaríamos aquela mulher. Foi de improviso que lhe dirigi a seguinte pergunta: Conhece algum morto cuja aparição pudesse compense-lo? Ele me respondeu: Chame a irmã de minha criada; assim, nenhuma influência haverá, nem comunicação de pensamento, pois a minha criada não está aqui e nada sabe do que se vai passar. Como se acaba de ver, o êxito foi completo. Aquela mulher, para melhor provar a seu patrão que o que ele ouvira era verdade, disse ter sido ela quem dera à irmã o lenço descrito. A aparição de Antonieta Carré é de molde a destruir a objeção malévola da transmissão de pensamento, ou, então, somos todos loucos, pretendendo provar a asnos a existência da alma.

Mais um pormenor referente a essa aparição:

O Sr. Almignana, alguns dias após aquela sessão, veio a nossa casa e me contou que a sua criada se encontrara na véspera com um homem da sua terra, para o qual lera, pois que os tinha consigo, os sinais da irmã, perguntando-lhe se conhecia a pessoa a quem os mesmos se referiam. O homem lhe respondeu: Mas, é de sua irmã morta o retrato que a senhora me faz; é da gente não se enganar. A criada do Sr. Almignana ponderou ao homem que entre os sinais se mencionava um pequeno botão na face e que ela, entretanto, jamais notara na irmã nenhum sinal desse gênero. Ao que o homem replicou: Está enganada; tinha ela um aqui (e mostrou o lugar). Maria Francisca se recordou e ainda mais convencida ficou, assim como o Sr. Almignana, desejoso dessa exatidão perfeita, que nenhum cabimento deixa à dúvida.

Foi necessária uma terceira pessoa para estabelecer a realidade daquele pormenor que, portanto, não podia ter sido visto no pensamento de pessoa alguma. (Eu esquecera de mencionar esse pequeno, sinal nas indicações que acima se lêem.)

São dessa natureza os fatos que firmam convicção. Reportando-se aos Arcanos, aí encontrará o leitor grande número deles. As narrativas que contêm constituem documentos preciosos, porquanto se acham autenticados; mostram que o Espírito conserva ou pode

retomar no espaço a forma que tinha na Terra. Reprodu-la com extraordinária fidelidade, de maneira a ser reconhecido, mesmo por pessoas estranhas. Esses seres, que se apresentam ao vidente, afirmam suas personalidades por meio de uma linguagem idêntica à de que usavam neste mundo e pela revelação de particularidades de suas vidas passadas, que somente eles podiam conhecer.

Um ponto ainda nos deve prender a atenção. Compreende-se que a alma humana seja imortal, pois difere do corpo; que constitua uma unidade indecomponível; menos compreensível é, ao entanto, que ela possa apresentar-se revestida de roupas onde toma tais roupas, que, evidentemente, não são imortais? Estudaremos mais longe esta questão e esperamos deixá-la Inteiramente elucidadas. Vejamos como Cahagnet a explica (62)

No Sr. du Potet, apreciando o primeiro volume desta obra, ridiculizou o que dizemos acerca das vestes com que se apresentam os Espíritos que chamamos às nossas sessões de aparições, exclamando: V# o senhor tal Espírito uniformizado de guarda nacional? Outro critico, insistindo na mesma apreciação, chegou a nos pegar a, possibilidade de conversar com esses Espíritos no patoá que falamos. Em conseqüência, negou-se a admitir que eles usem vestes terrenas.

O número 162 do Jornal do Magnetismo traz uma narrativa muito curiosa sobre as manifestações espirituais que presentemente ai dão na América e pelas quais os Espíritos estabelecem relações com os homens da Terra, conversam com eles e lhes tornam sensível as ousa presenças, por meio de contactos, transportes de móveis e ruídos que todos os espectadores escutam.

O autor desse artigo, caindo nos mesmos erros do Sr. du Potet, parece não admitir que os Espíritos se mostrem envergando roupas que os assistentes afirmam ver.

Perguntaremos a esses escritores se prefeririam que os Espíritos nos aparecessem em trais de Adão?

Perguntar-lhes-emos, ao demais, quem lhes provaria que eles não seres pensantes, se não falassem? Quem lhes provaria que não são simples imagens de trespassados, daguerreotipadas na memória

do interrogante, se não respondessem às perguntas deste, no patoá que falamos, está claro, para que os compreendamos?

Se não tivessem uma linguagem tão representativa como a terrestre, dir-se-ia que ninguém os pode interrogar.

Se nos respondessem numa linguagem musical, aromática ou sensitiva, dir-se-ia que são lingüistas orgulhosos, que não querem conspurcar a língua que falam com as frases e os sons de que se serviam na Terra.

Se vêm vestidos como neste mundo, são tidos como extremamente vulgares e fora do progresso das modas terrestres.

Se trajam mais elegantemente, acham que estão muito agarrados ao ideal das Mil e Uma Noites.

Se mostram nus, são considerados impudicos e toda gente quer saber como é que trajavam na Terra.

Com que tecido querem então que eles se cubram? Qualquer tecido, por mais espiritualizado que seja, será sempre um tecido que exigiu um tecelão.

A verdade é que o Espírito cria, voluntariamente ou não, a sua vestidura fluídica, conforme mais tarde o verá.

Em suma, a idéia de um corpo espiritual da alma se libertou duma parte de sua obscuridade. Graças ao sonambulismo, já nos achamos de posse de um meio de ver os Espíritos e de nos certificarmos de que eles se apresentam com uma forma corpórea que reproduz fielmente o corpo físico que tinham na Terra. Isto já não é uma hipótese; é um fato resultante da observação experimental. Mister se torna ler os numerosos atestados que se encontram no fim do seu segundo volume, para se ficar bem persuadido de que os trabalhos de Cahagnet não são isolados. Foram retomados e verificados por grande número de magnetizadores, que afirmaram ter obtido os mesmos resultados. Para nós, portanto, é ponto fora de questão e fácil se nos torna renovarmos esses fenômenos, pois basta nos coloquemos nas condições indicadas pelo autor.

Vamos ver agora, através de experiências feitas em companhia de médiuns, bem como por meio das aparições espontâneas, que é

uma lei geral essa em virtude da qual a alma se mostra, após a morte, com aparência idêntica à que tinha quando vivia no corpo.

CAPITULO III
TESTEMUNHOS DOS MÉDIUNS E DOS ESPIRITOS A FAVOR DA EXISTÊNCIA DO PERISPIRITO

SUMARIO: Desprendimento da alma. - Vista espiritual. - O Espiritismo dá certeza absoluta da existência dos Espíritos, pela visão e pela tiptologia simultâneas. - Experiências do Senhor Rossi Pagnoni e do Doutor Moroni. - Uma visão confirmada pelo deslocamento de um objeto material. - O retrato de Vergílio. - O avarento. - A criança que vê sua mãe. - Tiptologia e vidência. - Considerações sobre as formas dos Espíritos.

Verificamos que alguns sonâmbulos, mergulhados em sono magnético, podem ver os Espíritos e descrevê-los fielmente. Mas, essa faculdade possuem-na também pessoas não adormecidas, às quais foi dado o nome de médiuns videntes.

Para bem compreendermos o que então se passa, precisamos não esquecer que, na vida ordinária, quem vê não é o olho, como quem escuta não é o ouvido. O olho não passa de instrumento destinado a recebei as imagens trazidas pela luz; a isso se limita, o seu papel. Por si mesmo, ele é incapaz de fazer que distingamos os objetos. Fácil prová-lo. Se o nervo óptico for cortado ou paralisado, o mundo exterior não deixa, por isso, de se desenhar na retina; o indivíduo, porém, não o vê; tornou-se cego, se bem se lhe conserve Intacto o órgão visual. A vista é, pois, uma faculdade do espírito; pode exercer-se sem o concurso do corpo, tanto que os sonâmbulos

naturais ou artificiais vêem a distância, com os olhos fechados (63). Quando esses fenômenos se produzem, é que se tem ensejo de comprovar a existência de um sentido novo, que se pode designar pelo nome de sentido espiritual.

O sonambulismo e a mediunidade são graus diversos da atividade desse sentido. Um e outro apresentam, como se sabe, inúmeros matizes e constituem aptidões especiais. Allan Kardec pôs muito em evidência este fato (64). Ele faz notar que, afora essas duas faculdades, as mais assinaladas por serem mais aparentes, fora erro supor-se que o sentido espiritual só no estado excepcional exista. Como os outros, esse sentido é mais ou menos desenvolvido, mais ou menos sutil, conforme os indivíduos. Toda gente, porém, o possui e não é o que menos serviço presta, pela natureza muito especial das percepções a que dá lugar. Longe de constituir a regra, sua atrofia constitui a exceção e pode ser tida como uma enfermidade, do mesmo modo que a carência da vista ou da audição.

Por meio desse sentido é que percebemos os eflúvios fluídicos (65) dos Espíritos; é que nos inspiramos, sem o sabermos, de seus pensamentos; que nos são dadas às advertências intimas da consciência; que temos o pressentimento ou a intuição das coisas futuras ou ausentes; que se exercem a fascinação, a ação magnética inconsciente e involuntária, a penetração do pensamento, etc. Tais percepções são tão peculiares ao homem, como as da vista, do tato, da audição, do paladar ou do olfato, para sua conservação. Trata-se de fenômenos muito vulgares, que o homem mau nota, pelo hábito em que está de os experimentar, e dos quais não se apercebeu até ao presente, em conseqüência de ignorar as leis do principio espiritual, de negar mesmo, como se dá com muitos sábios, a existência desse princípio: Mas, quem quer que dispense atenção aos efeitos que vimos de indicar e a muitos outros da mesma natureza, reconhecerá unto são eles freqüentes e, ainda mais, que independem completamente das sensações que se percebem pelos órgãos do corpo.

A vista espiritual ou dupla vista

A vista, espiritual vulgarmente chamada dupla vista ou segunda vista, lucidez, clarividência, ou, enfim, telestesia e, agora, criptestesia, é um fenômeno menos raro do que geralmente se imagina. Muitas pessoas são dotadas dessa faculdade, sem o suspeitarem; apenas o que há é que ela se acha mais ou menos desenvolvida. Facilmente se pode verificar que é estranha aos órgãos da visão, pois que se exerce, sem o concurso dos olhos, durante o sonambulismo natural ou provocado. Existe nalgumas pessoas no mais perfeito estado normal, sem o menor vestígio aparente de sono ou de estado extático. Eis o que o respeito diz Allan Kardec (66)

Conhecemos em Paris uma senhora em quem a vista espiritual é permanente e tão natural quanto a vista ordinária. Ela vê sem esforço e sem concentração o caráter, os hábitos, os antecedentes de qualquer pessoa que se lhe aproxime; descreve as enfermidades e prescreve tratamentos eficazes, com mais facilidade do que muitos sonâmbulos ordinários. Basta-lhe pensar numa pessoa ausente, para que a veja e designe. Estávamos um dia em sua casa e vimos passar pela rua alguém das nossas relações e que ela jamais vira. Sem ser provocada por qualquer pergunta, fez dessa pessoa o mais lei retrato moral e nos deu a seu respeito opiniões muito ponderadas.

Contudo, essa senhora não é sonâmbula; fala do que vê, como falaria de qualquer outra coisa, sem se distrair das suas ocupações.

Podemos aditar ao do Mestre o nosso testemunho. Há uma vintena de anos, demo-nos com uma Senhora Bardeau, que gozava dessa faculdade. Descrevia personagens que viviam na província, muito longe, ao Sul, personagens que ela nunca vira e de cujos caracteres, no entanto, apresentava circunstanciados pormenores. Conservava-se, todavia, no estado ordinário, com os olhos bem abertos, conversando sobre outros assuntos, interrompendo-se de quando em quando para acrescentar alguns traços que completavam a fisionomia ou o caráter das pessoas ausentes.

Hoje, ainda conhecemos uma parteira, Sr.a Renardat, que pode ver a distância, sem estar adormecida. Tivemos disso prova inegável, porquanto descreveu com fidelidade um dos nossos tios,

residente em Gray, indicou uma enfermidade que ele tinha e que os médicos ignoravam e lhe predisse a morte, sem jamais o haver conhecido. Essa senhora vê os Espíritos, como vê os vivos. Multas ocasiões tiveram de convencer-nos, pelas afirmações dos nossos amigos, de que ela entretinha relações com almas que haviam deixado a Terra, pois fazia delas retratos muito semelhantes e a linguagem que lhes atribuía lembrava a de que usavam durante a vida terrena.

Desde há quinze anos, temos tido numerosas oportunidades de estudar a mediunidade vidente, que nem sempre se manifesta com esse cunho de constância que se nota nas narrativas acima. As mais das vezes, é fugitiva, temporária, mas, mesmo assim, nos faculta a certeza de que a crença na imortalidade não é vã ilusão do nosso espírito prevenido e sim uma realidade grandiosa, consoladora e sobejamente demonstrada. Aliás, vamos citar bom número de experiências que demonstram ser objetiva a visão dos Espíritos, porquanto esta coincide, explicando-as, com fenômenos físicos que nos caem sob a percepção dos sentidos materiais e que toda gente pode verificar.

Quando uma mesa se move e um médium vidente descreve o Espírito que sobre ela atua; quando esse médium chega a anunciar o que o Espírito vai dizer por intermédio do móvel, é despropositado imaginar-se que ele não veja realmente, uma vez que a sua predição se realiza e o Espírito dá testemunho de sua presença, exercendo ação sobre a matéria.

Se quiser refletir que, há cinqüenta anos, no mundo inteiro se procede continuamente a pesquisas espíritas; que elas se processam nos mais diversos meios; que foram fiscalizados milhares de vezes por investigadores pertencentes às classes sociais mais instruídas e, por conseguinte, menos crédulas, forçoso será considerarmos absurdo supor-se não sejam os Espíritos que produzam tais fenômenos, pois, por meio de incessantes comunicações com o mundo invisível, por meio de ininterruptas relações com os habitantes do espaço, que chegamos a adquirir conhecimentos certos sobre as condições da vida de além-túmulo.

Lembremo-nos de que existem mais de duzentos jornais publicados em todas as línguas que se falam no globo, que cada um prossegue isoladamente em seus trabalhos e que, malgrado a essa prodigiosa diversidade quanto às fontes de informações, o ensino geral é o mesmo, em suas partes fundamentais. Há-se de convir em que semelhante acordo é bem de molde a servir de fundamento à convicção que se gerou em cada, experimentador, depois de haver estudado por si mesmo.

Exponhamos, conseguintemente, sem cessar, os resultados obtidos; não nos cansemos de colocar sob as vistas do público os documentos que possuirmos e, talvez lentamente, mas com segurança, chegaremos a conseguir que penetrem nas massas estes conhecimentos indispensáveis ao progresso e à felicidade delas.

O envoltório da alma fez objeto de perseverantes estudos da parte de Allan Kardec. Ele próprio confessa que, antes de conhecer o Espiritismo, não tinha idéias especiais sobre tal assunto. Foram seus colóquios com os Espíritos que lhe deram a conhecer o corpo fluídico e lhe proporcionaram compreender o papel e a utilidade desse corpo. Concitamos os que queiram conhecer a gênese dessa descoberta a ler a Revue Spirite, de 1858 a 1869. Verão como, pouco a pouco, se foram reunindo os ensinamentos a respeito, de maneira a constituir-se uma teoria racional que explica todos os fatos, com impecável lógica.

Não podendo estender-nos demasiado sobre este ponto, limitar-nos a citar uma evocação, que poderá servir de modelo a todos os investigadores que desejem verificar por si mesmos estes ensinamentos.

E médium? Não o sabe, pois, até a bem pouco tempo, nem de nome conhecia o Espiritismo.

Evocação do Doutor Glas (67)

As perguntas eram feitas por Allan Kardec, sendo dadas pelo médium escrevente as respostas.

P. - Fazes alguma distinção entre o teu espírito e o teu perispírito? Que diferença estabelece entre essas duas coisas?.

R. - Penso, pois que sou e tenho uma alma, como disse um filósofo. A tal respeito, nada mais sei do que ele. Quanto ao perispírito, é, como sabes, uma forma fluídica e natural. Procurar, porém, a alma é querer achar o absoluto espiritual.

P. - Crês que a faculdade de pensar reside no perispírito? Numa palavra: que alma e perispírito são uma e mesma coisa?

R. - E exatamente como se me perguntasses se o pensamento reside no nosso corpo. Um é visto, o outro se sente e concebe.

P. - Não és, então, um ser vago e indefinido, mas um ser limitado e circunscrito?

R. - Limitado, sim, porém, rápido como o pensamento.

P. - Peço determines o lugar onde aqui te achas.

R. - A tua esquerda e à direita do médium.

Nota - Allan Kardec se coloca exatamente no lugar indicado pelo Espírito.

P. - Foste obrigado a deixar o teu lugar para mo ceder?

R. - Absolutamente. Nós passamos através de tudo, como tudo passa através de nós; é o corpo espiritual.

P. - Estou, portanto, colocado em ti?

R. - Sim.

P. - Mas, como é que não te sinto?

R. - Porque os fluidos que compõem o perispírito são muito etéreos, não suficientemente materiais para vós outros. Todavia, pela prece, pela vontade, numa palavra, pela fé, podem os fluidos tornar-se mais ponderáveis, mais materiais e sensíveis ao tato, que é o que se dá nas manifestações físicas.

Nota - Suponhamos um raio de luz penetrando num lugar escuro. Podemos atravessá-lo, mergulhar nele, sem lhe alterarmos a forma, nem a natureza. Embora esse raio luminoso seja uma espécie de matéria, tão rarificada se acha esta, que nenhum obstáculo opõe à passagem da matéria mais compacta.

Evidentemente, a melhor maneira de chegar-se, a saber, se os espíritos têm um corpo consistia em perguntara-lo. Ora, nunca,

desde que se fazem evocações, alguém comprovou que os desencarnados hajam dado uma resposta negativa. Todos afirmam que o envoltório perispiritico é, para eles, tão real, quanto o nosso corpo físico o é para nós. Tem-se, pois, aí um ponto firmado pelo testemunho unânime de todos os que hão sido interrogados, o que explica e confirma as visões dos sonâmbulos e dos médiuns. Chegamos assim a uma ordem de testemunhos que fazem ressalte das concepções puramente filosóficas o perispírito, atribuindo-lhe existência positiva.

Um avarento no espaço

Desde o começo das manifestações espíritas, organizaram-se grupos de estudo em quase todas as cidades da França. Entregava-se a pesquisas continuadas e os resultados obtidos se registravam quase sempre em atas, cujas súmulas eram enviadas à imprensa.

A nossa doutrina, portanto, não foi imaginada. Constituiu-se lentamente e a obra de Allan Kardec, resumindo essa imensa investigação, mais não é do que a compilação lógica, o aproveitamento de tão vasta documentação.

Aqui a narrativa de um dos fatos então apurados, conforme a publicou um jornal espírita de Bordéus, em 1864 (68)

-Toda gente conheceu em Angoulême um homem de sórdida avareza, não obstante a sua posição de opulência, que todos sabiam magnífica. Chamava-se L... e morava numa água-furtada de sua casa, cujos demais cômodos permaneciam desabitados. Como os vizinhos não o vissem durante vários dias, chamaram a polícia, que mandou abrir a porta do aposento, para saber o que fora feito dele. Acharam-no quase a morrer. Tendo à cabeça um boné de papel meio queimado e encostado a uma mesa, estava o homem como que a contemplar algumas moedas de ouro ali espalhadas. No interesse do Próprio infeliz, que de há muito se afastara de toda a sua família, a justiça mandou arrecadar o dinheiro que ele escondera aqui e ali pela casa, depositou-o num estabelecimento bancário e remeteu o pobre abandonado para um hospital, aonde veio a falecer pouco depois. A

uma primeira evocação feita alguns dias após sua morte, ele acudiu e declarou que absolutamente não estava morto e que queria. O dinheiro que lhe haviam subtraído. Transcorridos muitos meses, no mesmo grupo, fez-se, a 25 de setembro de 1863, segunda evocação, com o concurso de dois médiuns, escrevente um, vidente o outro em estado sonambúlico. Este último descreveu a fisionomia e as vestes do Espírito evocado, a quem não conhecera em vida. Conversou com ele ou transmitiu as respostas que lhe eram dadas. Por outro lado, o médium escrevente obtinha, ao mesmo tempo, sob a influência do Espírito presente, a comunicação seguinte, posta em confronto com a que provinha do sonâmbulo, para facilitar a inteligência da simultaneidade do recebimento das duas.

Evocação
Médium escrevente - Sr. Guimberteau

Que é o que ainda querem de mim? Peço que me deixem ir embora. Isto começa a me aborrecer. Melhor fariam, se restituíssem o dinheiro que me roubaram. Acham que irão é abelinável (abominável) ? Eu que trabalhei toda a minha vida para encher uma pequenina bolsa honesta. Pois bem! Senhores, tomaram-me tudo; arruinaram-me; estou atirado à rua, não tenho onde cair morto. Não sei onde descansar a cabeça. Oh! tenham a bondade de me restituir tudo isso. Ficar-lhes-ei reconhecido, se conseguirem que me atendam.

(O evocador pondera ao Espírito que nada de tudo aquilo lhe pode mais fazer falta, uma vez que ele deixara a Terra.)

R. - Você diz que nada me faz falta. E ter topete! Meu dinheiro, então, não é nada?

P. - Onde estás ?

R. - Você bem o vê: a seu lado.

P. - Mas, por que te obstinas em procurar as tuas riquezas terrenas, quando devias antes cuidar de constituir um tesouro no céu ?

R. - Oh! esta agora! Você devia dizer onde está esse tesouro que eu devo achar. Você é um péssimo farsista, sabe?

P. - Não conhece Deus?

R. - Não tenho essa honra. Quero o meu dinheiro.

P. - Foste forçado a vir aqui?

R. - Está claro que sim. Se não me obrigassem a permanecer aqui exposto aos olhares de vocês, já me teria ido há muito tempo

P, - Aborrece-te então a nossa companhia?

R. - Muito. (O lápis bate na mesa com tanta rapidez e tal violência, que se quebra.)

Médium vidente – Sr. B.

Vejo um velho ali a escrever. E bem vil. Mas, como é vil! Não tem apenas dentes na boca. Tem enormes lábios pendentes. Traz um boné sujo de algodão, uma blusa, ou um casaco branco, também sujo. Como ele é vil, meu Deus!

P. - E ele quem está fazendo que o Sr. Guimberteau escreva?

R - E. Ele se encontra ao lado desse senhor. Mostra-se como alguém que é apedrejado é um verdadeiro tigre!

P. - Ele foi obrigado a vir?

R. - Há alguém que o obriga.

P. - Por que não se vai embora, uma vez que tanto o molesta a nossa companhia?

R. - Foi chamado. Isto pode contribuir para que conheça a sua situação.

A sessão prossegue. Adormecido, o sonâmbulo descreve outros Espíritos e nota, em seguida, um padre que vem manifestar-se. Logo, o médium escrevente recebe uma comunicação do padre C. que alguns presentes conheciam. Dita ele: Vejamos. Vou fazer que o médium escreva calmamente algumas linhas, para que o vidente tenha tempo de me examinar em todos os sentidos. E preciso que me reconheçam pelos detalhes que ele fornecer sobre a minha pessoa. Isso vos porá em condições de acreditar que vêm ajudar-vos os Espíritos que evocais.

Aqui, como se verifica, é manifesta a ação do desencarnado, que se empenha e esforça por assinalar bem a sua personalidade. Vê

coroada de êxito essa tentativa. Os assistentes reconhecem um eclesiástico da cidade, recentemente falecido, e a diz a um que a interroga: Sim, vi outrora esse homem; é um cura. Gordo, corado. Não lhe sei o nome. Tem pouco cabelo, todo embranquecido.

A visão sonambúlica confirma a autenticidade do agente que faz com que o médium escreva e demonstra o nenhum valor da teoria segundo a qual as comunicações procedem sempre do inconsciente de quem escreve.

A narrativa que segue permite se comprove que o médium vidente é absolutamente incapaz de enganar e que, se a verdade irrompe da boca da inocência, tem aqui aplicação esse provérbio.

Visão de uma criança

O relato que se vai ler fê-lo o professor Morgari, a 20 de outubro de 1863, na Sociedade dos Estudos Espíritas de Turim. (69) O Refere que, achando-se, no mês citado, em Fossano, travou relações com o professor P..., Homens muito instruídos, que vivia imerso em profunda mágoa por haver perdido sua jovem esposa, que lhe deixara três filhinhos. Para lhe minorar a dor, o Sr. Morgari falou-lhe do Espiritismo:

Miser Suole
Dar facile credenza quel che vuole. (70)

Ficou então decidido que se tentaria obter uma comunicação da morta querida. Com dois companheiros de estudos e uma sua irmã, o Sr. Morgari se sentou à mesa, bem como o professor P. . . e uma irmã sua. Obtiveram estes o nome de um de seus parentes, um certo irmão Agostinho. Em seguida, veio outro Espírito, o do pai deles, Luís, o qual, além do nome, disse exatamente a idade com que falecera. Não será ocioso notar que tais nomes o Sr. Morgari e sua irmã, recém-chegados a Fossano, desconheciam completamente.

Cedamos agora a palavra ao autor da narrativa:

Se a experiência houvesse terminado si, observa ele, eu nada vos diria, porquanto nada até então ocorrera que não fosse para nós outros muito vulgar. Mas, neste ponto é que começa o maravilhoso.

O Espírito da pranteada esposa, que viera dirigir tocantes palavras a seu marido, manifesta o desejo de ver os filhos que dormiam em aposentos contíguos e, de repente, a mesa entra a mover-se com uma rapidez qual eu antes nunca vira, deslizando e girando tão vivamente, que apenas dois ou três dentre nós a podiam acompanhar, tocando-a com a ponta dos dedos. Penetrou em seguida no aposento mais próximo, onde uma das crianças, menina de três anos, dormia profundamente no seu berço. Acercando-se a mesa, como se fora dotada de vida e de sentimento, se inclina, no ar, para a criancinha que, sempre a dormir, lhe os bracinhos e exclama com essa tranqüila surpresa que sobremodo nos encanta na meninice: Mamãe! Oh! Mamãe! O pai e a tia, comovidos até às lágrimas, lhe perguntam se realmente está vendo a mãe: Estou, vejo-a.. Como está bonita! Oh! Como está bonita! Perguntada onde a via: Numa grande claridade! Responde. Velo a no Paraíso. Nesse instante, vimos a criança fazer com os s bracinhos um circulo, como se quisesse abraçar-se ao pescoço de sua mãezinha, e, coisa surpreendente, entre os braços e o rosto da menina, havia só o espaço necessário a caber a cabeça da que fora sua mãe. Durante a cena, a menina movia brandamente os lábios, como se estivesse a dar beijos, até que, por fim, a mesa recaiu no chão, conservando-se o anjinho com as mãos juntas e inexprimível sorriso.

Essa as verdades puras, simples e leais, de que me faço fiador, assim em meu nome, como no dos meus companheiros, todos prontos a confirmar com suas assinaturas esta narrativa, conforme eu próprio faço.

Este testemunho de uma criança de três anos reconhecendo sua mãe não poderá ser suspeito, nem mesmo aos mais cépticos.

Ninguém poderá ver aí qualquer sugestão, pois que a criança dormia e era aquela a primeira vez que seu pai e sua tia se ocupavam com o Espiritismo. O que aí há é a confirmação da crença de que a

mãe sobrevivia no espaço e continuava a prodigalizar seu amor ao marido e aos filhos.

Aqui vão outros exemplos, que corroboram os que acabamos de citar.

Experiências do Professor Rossi Pagnoni e do Doutor Moroni

Em 1889, foi publicado um volume muito sério (71), relatando as experiências espíritas desses senhores, continuadas em Pezarp (Itália) com grande apuro de observação científica. Dentre muitos fenômenos importantes, vamos referir os casos seguintes, que se enquadram completamente no nosso assunto.

Servia de instrumento ao Dr. Moroni, para descrever os Espíritos que se manifestavam por meio da mesa, uma mulher chamada Isabel Cazetti, ótimo paciente hipnótico. Em muitas ocasiões, foi-lhe dado verificar que eram contrárias às crenças dos assistentes as indicações que a sonâmbula ministrava. Descrevia às vezes um Espírito que absolutamente não era o que se evocava e, com efeito, a mesa deletreava um nome muito diverso do Espírito que fora chamado. Eis aqui um exemplo:

Dois amigos meus se puseram à mesa tiptológica, colocada a alguns metros da hipnotizada, para evocarem o Espírito de uma pessoa que lhes era afeiçoada, de nome Lívia, evocação já conseguida pelo mesmo meio. Enquanto isso, a hipnotizada fazia os sinais que costuma fazer quando vê um Espírito, sinais que lhe são peculiares à faculdade.

Moroni, eu e os outros assistentes, rodeando-a bem de perto, lhe perguntamos baixinho o que estava vendo. Respondeu: Uma senhora, parente da pessoa menos alta das que estão sentadas à mesa. Supusemos que se enganava, porquanto, como sabíamos, aqueles amigos evocavam uma pessoa amiga, não uma parenta. De súbito, porém, a mesa bateu: Sou tua tia Lúcia; venho porque te estimo.

Com efeito, o assistente de menor estatura contava entre os seus mortos uma tia desse nome, na qual, entretanto, não pensava e que o outro assistente não conhecia. Em seguida, o médium murmurou ao ouvido de Moroni que um rapaz, cujo nome começava por R..., estava à mesa. Esta efetivamente bateu R, primeira letra do nome do rapaz, que nos saudou. Depois, ouvimos na biblioteca um grande ruído e o médium, a sorrir, disse que fora aquele Espírito, que nos quisera dar sinal da sua partida.

Chamamos muito particularmente a atenção do leitor para estas experiências, pois provam, de modo evidente, que são mesmo Espíritos os que se manifestam e não entidades quaisquer. Não se pode aplicar aqui nenhuma das pretensas explicações baseadas na transmissão do pensamento do evocador ao médium - uma vez que este anuncia de antemão um nome em que os assistentes não pensam - nem a da intervenção de um ser híbrido, formado dos pensamentos de todos os assistentes, não se podendo tampouco pretender que sejam elementais, elementares, ou influências demoníacas.

São as almas dos mortos que afirmam a sua sobrevivência por ações mecânicas sobre a matéria. Não apresentam uma forma indeterminada, mas as dos corpos terrenos que tiveram durante a encarnação. A inteligência se conservou lúcida e vivaz; revela-se em plena atividade após a morte. Temos em nossa presença o mesmo ser que vivia outrora neste mundo e que apenas mudou de estado físico, sem nada perder da sua personalidade de outrora.

Como nunca será demais insistir em tais fatos, vamos referir alguns outros. Narrativa de uma sessão:

Sentaram-se à mesa da tiptologia dois dos nossos amigos, evocando Lúcia. A primeira letra batida lhes fez crer que conseguiriam o que desejavam; mas, o médium segredou ao ouvido de Moroni (que tomou nota num pedaço de papel, dobrou-o e colocou em cima da mesa) que, em vez de Lúcia, era o Espírito de Lívia que batia, dizendo obrigado. Deu-se como fora anunciado e verificou-se que essa palavra estava realmente escrita.

O médium pediu a Moroni que tomasse o lugar de um daqueles senhores à mesa tiptológica. Ele assim fez e outra pessoa se colocou

ao lado do médium e lhe perguntou o que via. O interrogado respondeu de maneira a não ser ouvido pelos demais: E a irmã do doutor. A mesa, com efeito, bateu - Assunta, nome de uma falecida irmã de Moroni e que lhe pediu permanecesse à mesa. Então, disse o médium, ao ouvido do amigo que se lhe pusera ao lado, que o pai do doutor desejava comunicar-se. A mesa bateu estas palavras: Sou teu pai e posso qualificar de ditoso este momento em que me acho contigo.

Eis outro relato, em que não é menor a evidência, do que nos últimos casos reproduzidos.

Após alguns ensaios de tiptologia, declarou o médium que o pai de um Sr. L... desejava falar-lhe:

Fizemos que o Sr. L.. . Se levantasse da mesa e lhe solicitamos que tentasse escrever noutra mesa, visto que um Espírito queria comunicar-se por seu intermédio, e o rodeamos, para auxiliar nessa primeira experiência. Dois de nós nos aproximamos do médium e lhe perguntamos quantos Espíritos via no momento ao nosso derredor. Respondeu que via três: o que já fora indicado e duas senhoras, sendo uma delas tia daquele que o interrogava. Trazendo este consigo um retrato dessa tia, misturou-o com outras fotografias, que pudemos reunir, de senhoras, e as entregou todas ao médium. Este, sem as examinar, o que, aliás, não podia fazer, devido à meia obscuridade reinante no canto onde estávamos da sala, não podendo, tampouco, ser, como dizem, sugestionado pelo interrogante, uma vez que não via as fotografias e não sabia em que ordem o acaso as dispusera, separou uma e a entregou ao referido interrogante. Era a da sua parenta. Ao Sr. L... deu o médium pormenores íntimos sobre seus negócios de família. Como estrangeiro que era, o Sr. L... residia de pouco tempo na nossa cidade. Seu pai morrera havia uns vinte anos.

Para concluir as brevíssimas citações deste importante trabalho, vamos dizer de que modo o Dr. Moroni foi levado a estudar os fenômenos espíritas. Quando ele era ainda simples magnetizador, para quem todas as imagens que o sonâmbulo dizia ver não

passavam de alucinações, um dos primeiros- fatos que o fizeram começar a crer foi o seguinte:

Uma noite, estando magneticamente adormecido, o médium exclamou de súbito, agitando um braço: Ai! - Perguntando-lhe Moroni : Que há? ela respondeu: Foi Isidoro que me beliscou. (Isidoro era um irmão de Moroni, falecido havia alguns anos.) - O médico descobriu o braço do médium e lá encontrou, com efeito, uma marca semelhante a que deixa a pressão de dois dedos na epiderme. Até aí, porém, nada de espantar, porquanto o que se dera podia muito bem ser o resultado de uma auto-sugestão da própria senhora. - Disse-lhe então Moroni : Se é verdade que meu irmão se acha presente aqui, dê-me ele uma prova disso. Respondeu o médium, a sorrir: Olhe lá (Apontava com o dedo para uma parede que lhe ficava muito distante.) - O médico olhou e viu um cabide, ali dependurado num prego, mover-se vivamente para a direita e para a esquerda, como se uma mão invisível o empurrasse num e noutro sentido.

Aqui a afirmativa do médium é confirmada, corroborada por uma manifestação material podemos podido certificar-nos, pelos exemplos precedentes, que os fenômenos não se originam de uma exteriorização do médium, pois que o ser que se manifesta revela coisas que aquele ignora.

Não se pode igualmente invocar a transmissão do pensamento:

1 -. Porque os movimentos da mesa se produzem sem que o médium a toque, indicando esses movimentos, previamente anunciados, um nome em que os assistentes não pensam;

2 - Porque a transmissão do pensamento podia efetuar-se entre o magnetizador e o seu paciente, como o relata o Doutor Moroni, que não conseguiu fazê-lo pronunciar o nome Trapani, em que ele pensava energicamente (72). Com mais forte razão, não se pode conceber como haveria o médium de ler o pensamento dos assistentes, que lhe são por completo estranhos e com os quais não se põe em relações magnéticas.

Diante de tais fenômenos, a incredulidade, se é sincera, tem que depor as armas. Há indivíduos, porém, subjugados a tal ponto pelo

orgulho, que se envergonhariam de confessar um erro. São retardatários, tanto pior para eles. Restam inúmeros pesquisadores sem idéias preconcebidas, para que tomemos a peito comunicar-lhes as nossas descobertas.

Basta, aliás, a quem quer que seja, prosseguir nestes estudos com o firme desejo de instruir-se, para estar certo de adquirir uma convicção racional, baseada em fatos pessoais. Sobejam os exemplos. Julgamos de bom aviso pôr sob as vistas do leitor caso recente, para mostrar que as manifestações se dão em todos os meios. Tudo está em saber e querer suscitá-las.

Tiptologia e vidência

Caro Senhor,

Ao regressar de Caen (73), fui passar alguns dias na casa de meu irmão em Meurchin, pequenos aldeia do Pas-de-Calais. Como minha família me sabe muito amante do Espiritismo, como me vê ditoso por lhe praticar os preceitos, mil perguntas me dirigem os seus membros constantemente sobre o assunto, perguntas a que respondo de modo a fazer que nasça nos que me ouvem o desejo de levantar uma ponta do véu que nos oculta os esplendores de além-túmulo.

Foi em virtude dessas palestras que meu irmão organizou uma reunião para a qual convidou seus amigos, honestos camponeses, que não se fizeram de rogado para assistir a ela. Havia uma quinzena de pessoas, todas escolhidas entrem a gente bem reputada da aldeia. Aguardando a hora marcada para a evocação, palestra-se um pouco. Cada um narra fatos mais ou menos singulares de que foi testemunha no curso de sua existência e que me permitem deduzir, incidentemente, a conclusão de que as manifestações espíritas são muito mais freqüentes do que se imagina.

Às oito horas, pus-me a ler algumas passagens de O Livro dos Espíritos, procurando atrair os bons Espíritos. Dirijo ao Todo-Poderoso uma curta invocação que os circunstantes ouvem em profundo recolhimento.

Três pessoas têm as mãos pousadas sobre uma mesa pequena, que, ao cabo de dez minutos, entra a mover-se.

P. – E um Espírito? Bata uma pancada para o sim e duas para o não.

R. - Sim.

P. - Queres dizer-nós o teu nome? Vou pronunciar as letras do alfabeto: bate no momento em que eu pronunciar a letra que desejes fique escrita.

R. - Maria José.

E minha mãe, exclama um dos assistentes, o Sr. Sauvage. acabo de ver-lhe o espectro diante de mim; mas, passou apense e logo desapareceu.

P, - Es, de fato, a mãe do Sr. Sauvage?

R. - Sim.

Baixa-se à luz, ficando, porém, bastante claridade para que possamos ver o que se passa. Sauvage declara, ao cabo de alguns minutos de espera, que está vendo muito distintamente sua mãe, falecida a 24 de maio de 1877.

P - Podes, perguntei ao Espírito, fazer que teu filho te ouça?

R. - Ela me acena com o dedo, diz o Sr. Sauvage. Não sei o que quer dizer... Ah! ouço-lhe a voz; ouço-a muito bem.

P. - Que diz ela?

R. - Ditosa; diz que é ditosa.

P. (Ao Espírito) - Não precisas que oremos por ti?

R. - Sim, isso sempre nos dá prazer. Estou fatigada, boa-noite, voltarei doutra vez. Logo depois dessa visão, a mesa se põe de novo em movimento. Dá pulos tão violentos que nos assustam.

Aumentada a luz, oramos em favor do Espírito que assim acusava a sua presença e pedimos a Deus, bem como aos nossos guias invisíveis, que continuassem a dispensar-nos seu amparo, a fim de que outras visões se produzissem.

Outro Espírito se anuncia pela mesa, dizendo-se o da primeira mulher do Sr. Grégoire, presente à sessão.

P. - Poderias mostrar-te ao Sr. Sauvage?

R. - Posso.

Após um instante de expectativa, o médium declara que vê uma mulher, com uma coifa branca e um lenço por cima. E a touca que usou na Bélgica durante a sua enfermidade, informa o Sr. Grégoire.

P. - Tens alguma coisa a dizer a teu marido?

R. - Não.Evidentemente, a presença da segunda esposa do Sr. Gregori vexa o Espírito.

P. - Conhece Sidonia Descatoire, minha mãe? perguntei ao Espírito.

R. - Conheço, ela está aqui a seu lado.

P. - Poderias pedir-lhe que se mostre ao médium? Muito gostaria de conversar com ela.

R. - O Espírito se afasta, diz o Sr. Sauvage, já não o vejo... Ah! Eis agora uma anciã.

P. - Como é ela?

R. - Bastante corpulenta. Rosto redondo, maçãs salientes e vermelhas, olhos pardos, cabelos castanhos, começando a encanecer. Ri, olhando para o senhor.

P. - E isso exatamente. Não lhe nota nenhum sinal no rosto?

R. - Sim, uma espécie do a que se dá o nome de beleza, aqui, diz, indicando a têmpora direita.

(Minha mãe tinha uma pequena mancha escura na têmpora esquerda; mas, como estava de frente para o médium, este via do lado direito a mancha.)

P. - Absolutamente certo. E mesmo minha mãe! Exclamei emocionado. Mãe querida é feliz?

R. - Muito feliz, diz o Sr. Sauvage, que ouve a voz de minha mãe e repete o que dela escuta.

P. - Costumas estar por vezes perto de mim?

R. - Quase sempre.

P. - Vês meu irmão Edmundo, aqui presente?

R. - Sua mãe se volta para o lado do Sr. Edmundo, diz o médium. Sorri. Parece encantada com esta entrevista.

P. - Após a desencarnação, custaste a recobrar a lucidez?

R. - Dois dias.

P. - Costumas ver Emília (minha falecida mulher) ?

R. - Vejo-a, sim. Ela, porém, não está aqui; acha-se mais longe.

P. - Posso contar que também ela venha comunicar-se?

R. - Virá, mais tarde.

P. - E meu pai?

R. - Está aqui.

Vejo um vulto por detrás de sua mãe, diz o médium, mas não o distingo bem. E um vulto gordo e alto.. . Ei-lo ao lado de sua mãe. Bastante corpulento. São dois bons velhos bem adequados um ao outro.

Um colóquio intimo se estabelece entre meus pais e mim. Comovemo-nos até às lágrimas meu irmão e eu. Não duvidamos da presença deles. O Sr. Sauvage não conhecia, não podia conhecer os nossos caros defuntos, que sempre viveram no Norte. Além disso, a sessão fora improvisada e realizada na mesma noite e o médium, que um momento antes ignorava possuísse a faculdade de que é dotado, de maneira nenhuma poderia prever quais as pessoas que se evocariam, nem a natureza das perguntas que lhes iam ser dirigidas. As expressões empregadas por meus pais, certas frases que lhes eram habituais, tudo constituía, para nós, outras tantas provas de identidade. Aliás, outros Espíritos se manifestaram, revelando coisas que só eles conheciam e algumas das pessoas presentes. Assim marido se apresentou e lembrou à esposa palavras que lhe dissera ao morrer e que a interessada declarou exatas.

Os Espíritos nos prometeram novos fenômenos, entre os quais um trazimento, que esperam poder mais tarde produzir.

Aquelas tocantes manifestações terminaram por unânimes agradecimentos ao Pai celestial que, logo numa primeira reunião, nos dera tão grande demonstração da sua bondade, prometendo todos praticar a filosofia espírita.

Foi considerável o efeito produzido sobre os assistentes. Sentia-se que uma revolução se produzira no íntimo de cada um. Homens, que até então nenhuma fé depositava no futuro do além-túmulo, se achavam presas de remorso e faziam em voz alta reflexões que uma hora antes teriam feito corassem, acusando-se de não haverem empregado o tempo em beneficio da Humanidade. Que acontecerá,

quando toda gente se ocupar com esse gênero de estudo a quando todas as faculdades mediúnicas, agora latentes, estiverem em ação ?

Meurchin, 10 de outubro de 1896.

Luis Delatre
Telegrafista

A maioria dos assistentes fez questão de assinar este relato, em testemunho de ser a expressão da verdade:

Sauvage – Sr Avransart - Lohez Etienne - Sauvage - Rigolé - H. Avransart - E. Delattre - T. Sugo – Sr Grégoíre - Ernest Grégoire - C. Sauvage - C. Hoea.

Um belo caso de identificação

Há manifestações que não apresentam um caráter físico, material, mas que, nem por isso, são menos convincentes para quem as observa. A esse respeito, é muito instrutivo o caso seguinte. (74)

O Sr. Al. Delanne se achava em Cìmiez, perto de Nice, e lá se encontrou com o Sr. Fleurot (75), professor, e sua mulher, com os quais travara ele relações numa viagem anterior. A conversação cai sobre o Espiritismo e a Sr.a Fleurot narra o que se segue:

Pouco tempo depois de haverdes passado pela nossa cidade, meu marido e eu, ainda sob a impressão das narrativas que nos tínheis feito acerca das manifestações espíritas de que foi testemunha, compramos os livros de Allan Kardec. Eu ardia nó desejo de me tornar médium, mas a minha convicção se firmou, com exclusão dos processos da mesa ou da escrita.

Vai para perto de seis meses, vi em sonho diferentes personagens de destaque, a discutirem questões de alto alcance filosófico. Aproximo-me receosa e muito emocionada. Dirijo-me ao que me pareceu mais simpático.

- Consentiria, pergunto-lhe, em me esclarecer sobre um assunto importante, cuja solução ignoro? Que é feito da alma após a morte?

Ele, com bondoso sorriso, respondeu:

- A alma é imortal, não pode aniquilar-se nunca. A tua, neste instante, se acha no espaço, liberta momentaneamente dos entraves da matéria, gozando, por antecipação, da sua liberdade. Assim será sempre, desde que deixes definitivamente o teu corpo de carne, para viveres da nossa própria vida espiritual.

- Custa-me a crê-lo, repliquei, porquanto, se fósseis habitantes da erraticidade, já não teríeis o tipo humano, nem estaríeis vestidos semelhantemente aos homens.

Retrucou-me ele

- Se a ti nos apresentássemos sob uma forma inteiramente espiritualizada, tido terias apercebido da nossa presença, tampouco nos houveras reconhecido.

- Reconhecer-vos, dizeis? Nada, porém, me faz lembrar as vossas fisionomias e nenhuma recordação guarda de já vos ter visto alguma vez.

- Estás bem certa disso?

Então, que maravilha! aquele que me respondia foi de súbito banhado de claridade por uma intensa luz fluídica e, em pérolas elétricas, um nome se lhe formou por cima da cabeça e eu li, deslumbrada e encantada, o nome venerado de - Blaise Pascal.

De tal modo gravado se acha em mim o seu semblante, que jamais se me apagará da memória, enquanto eu viva. Como nunca, em parte alguma, me fora dado ver a fotografia do ilustre sábio, cuidei, ao despertar, de correr, juntamente com meu marido, a quem logo referi o meu singular sonho, às casas dos vendedores de estampas. Fomos à de Visconti, o mais afamado livreiro de Nice, para comprar o retrato de Blaise Pascal. Ele nos mostrou diversas gravuras representando o grande homem, porém, nenhuma reproduzia os traços do desconhecido que me falara. Ali estavam, com efeito, a sua figura cheia de nobreza, seus grandes olhos, o nariz aquilino, a cabeça coberta por soberba peruca ondulada; mas, em nenhuma daquelas imagens descobria eu a pequenina deformidade do lábio inferior, para a qual a minha atenção fora particularmente atraída durante a visão. O lábio era um pouco

arregaçado, tal como se o defeito fosse conseqüência de um acidente qualquer, na mocidade.

O livreiro, experto, afirmou que já apreciara muitas gravuras com a fisionomia de Pascal e viram retratos seus pintados a óleo ou a aquarela, porém, jamais notara em nenhum o defeito que eu persistentemente assinalava.

Regressando a casa, eis que me reaparece o sorrisinho céptico do Sr. Fleurot. Isso me enraivecia a mim, que rejubilava a idéia de fazé-lo partilhar da minha convicção, oferecendo-lhe uma prova da identidade da personagem vista em sonho.

Repetidamente tornei a ver, durante o sono, o meu protetor, que me prometeu velar por mim durante o meu cativeiro terrestre e me explicar mais tarde à causa da afeição que votava à minha família. Ousei mesmo falar-lhe da pequena deformidade do lábio e lhe perguntei se, em vida, ela fora reproduzida nalgum de seus retratos.

- Foi, respondeu-me, nas primeiras fotografias minhas, publicadas pouco tempo após a minha morte.

- Ainda existe alguma? Dizei-me, eu vo-lo exoro. - Procura e acharás! ...

Refere a Sr.a Fleurot que, aproveitando as férias de seu marido, os dois vasculharam, em Marselha e Lião, todas as casas de negócio onde poderiam achar o que desejavam, sem que em nenhuma encontrassem o retrato revelador. Teve então o Sr. Fleurot a inspiração de ir a Clermont-Ferrand, onde viram coroada de êxito a perseverança que vinham demonstrando. Encontraram, em casa de um negociante de antiguidades, o verdadeiro retrato de seu ilustre amigo, com a real deformação do lábio inferior, tal qual a Sr.a Fleurot vira em sonho.

Por muitos títulos, é bastante instrutivo este relato. Em Primeiro lugar, firma a identidade do Espírito, pois que nenhum dos retratos existentes na cidade de Nice acusava o sinal característico que se encontrava no original, na terra de nascimento do autor das Provinciais. Em segundo lugar, há uma frase do Espírito digna de nota, a que intencionalmente sublinhamos: Se nos houvéramos

apresentado a ti sob uma forma inteiramente espiritualizada, não nos terias visto, nem, ainda menos, reconhecido.

Comprova-se assim que tanto mais sutil e etéreo é o perispírito, quanto mais depurada está a alma. Com efeito, diz Allan Kardec que os Espíritos adiantados são invisíveis para os que lhes estão muito inferiores quanto ao moral; mas, essa elevação não obsta a que o Espírito retome o aspecto que tinha na Terra, aspecto que ele pode reproduzir com perfeita fidelidade, até nas mínimas particularidades. Assim como, no domínio intelectual, nada se perde, também nada desaparece do que há constituído a forma plástica, o tipo de um Espírito. Eis outro exemplo desse notável fenômeno.

O retrato de Vergílio

A Sra Lúcia Grange, diretora do jornal La Lumière (A Luz), extraordinário médium vidente no estado normal, viu o célebre poeta Vergílio tão distintamente, que pôde publicar-lhe o retrato em o número de 25 de setembro de 1884 da sua revista, onde o descreveu exatamente assim:

VERGILIO - Coroado de louros. Rosto forte, um tanto longo; nariz saliente, com uma bossa do lado; olhos azul-cinza-escuros; cabelos Castanhos-escuros. Revestido de longa túnica, tem todas as aparências de um homem robusto e sadio. Disse-me, quando se me apresentou, este verso latino que o lembra: Tu Marcellus eris.

Qualificaram de fantástico esse retrato. Tacharam de suspeito o Espírito, porquanto, diziam, muito provavelmente haviam de ser delicados os traços do meigo Vergílio, visto ter sido ele muito feminil, mais mulher do que uma mulher.

Que responder a tais críticas? Nada. Aconteceu, no entanto, que uma inesperada descoberta, veio dar razão à Sr.a Grange.

Recentemente, nuns trabalhos de reparação que se faziam em Sousse, encontrou-se um afresco do primeiro século, onde se vê o poeta em atitude de compor a Eneida. O que lhe revelou a identidade foi o poder-se ler, no rolo de papel aberto diante dele o oitavo verso do poema: Musa mihi causas memora. A gettue Encyclolédique de

Larousse reproduziu esse trecho autêntico, pelo qual se reconhece que a descrição feita pelo médium se aplica exatamente ao grande homem, que nada em absoluto tinira de efeminado.

Este fato confirma o precedente, estabelecendo, pela observação, que o perispírito contém todas as formas que haja tido neste mundo.

Uma aparição

No caso que segue, é impossível atribuir-se a aparição a uma idéia preconcebida, pois o Espírito que se manifestou era Completamente desconhecido da senhora que o viu. Em virtude de circunstâncias diversas foi que se pôde saber quem era ele e verificar-lhe a identidade. Damos a palavra ao autor da narrativa (76)

Eích, 19 de junho de 1862.

Senhor,

Minha mulher absolutamente não acreditava nos Espíritos e eu não me preocupava com essa questão. Dizia ela, às vezes: Temo os vivos, mas de maneira alguma me receio dos mortos. Se eu soubesse que há Espíritos, desejaria vê-los, pois que nenhum mal me poderiam fazer e essa aparição me proporcionaria a confirmação do dogma cristão segundo o qual nem tudo se extingue conosco.

Vivíamos no campo. Em nosso quarto, situado ao norte, desde que o ocupáramos se tinham com freqüência produzido rumores estranhos, que nos esforçávamos por atribuir a causas naturais. Certa noite do mês de fevereiro do ano passado, a Sr` Mahon foi despertada por um contacto muito sensível em seus pés, como se, disse ela, lhe houvessem dado pequenas palmadas. E acrescentou Há alguém aqui. Depois, tendo-se virado para o lado esquerdo, entreviu, num canto escuro do quarto, qualquer coisa informe a se mover, o que a fez repetir: Afirmo-te que aqui está alguém.

Eu me achava deitado numa cama próxima da sua e lhe respondi: E impossível. Tudo está bem fechado e posso assegurar-te que não há pessoa alguma, porque, há uns dez minutos, estou acordado e sei que reina profundo silêncio. Enganas-te.

Entretanto, voltando-se para o lado oposto, ela viu distintamente, entre a cama e a janela, um homem alto, delgado, vestindo uma espécie de gibão justo, listrado, e com a mão direita erguida, em atitude de ameaça. Seu vulto se destacava bem, na meia obscuridade reinante. Diante dessa aparição, ela experimentou certo sobressalto, crente de que um ladrão se introduzira na casa, e me repetiu pela terceira vez: Há, sim, há alguém aqui. Ao mesmo tempo, sem perder de vista um só instante a aparição, que se conservava imóvel, cuidou de acender a vela.

Devo dizê-lo: era tal em mim a convicção de que minha mulher se achava sob o império de uma ilusão, em conseqüência de algum sonho; estava tão persuadido de que nenhuma pessoa estranha podia ter penetrado no nosso apartamento, no qual, aliás, o meu cão de guarda fizera a sua costumada ronda, após o jantar dos criados; era tão profundo o silêncio desde que eu despertara, que, embalado por essas idéias, não pensei em abrir os olhos. Se minha mulher me houvera dito: Vejo alguém, seria diverso, eu teria olhado imediatamente. Tal, porém, não se deu. Provavelmente, as coisas deviam passar-se do modo por que se passaram.

Seja como for, durante todo o tempo que ela gastou para acender a vela, a aparição lhe esteve presente. Desvaneceu-se com a luz. Ao ouvir-lhe a narrativa pormenorizada do que ocorrera, levantei-me. Percorri o apartamento inteiro. Nada. Consultei o relógio, eram quatro horas.

A partir de então, diversos fatos singulares se têm dado no apartamento: ruídos inexplicáveis, luzes vistam de fora, por mim, através das janelas do primeiro andar, quando todos se acham no andar térreo; desaparição súbita de moedas das minhas próprias mãos; pancadas, etc., etc. Mas, a aparição não se repetiu. Convém dizer que à noite conservávamos acesa uma lampadazinha.

Ultimamente, estando em Paris, a Sra Mahon perguntou à sonâmbula do Sr. Cahagnet se poderia dizer-lhe qual o Espírito que se lhe manifestara. A resposta foi esta:

Vejo-o... É um homem revestido da toga de juiz com amplas mangas. Objetou minha mulher não ter sido assim que ele se lhe apresentara. Pouco importa. Digo-lhe que é a ele que eu vejo. Tomou as vestes que mais lhe convinham. Quando vivo, foi juiz, muito demandista por natureza. Ao morrer, achava-se com a razão perturbada por motivo de um processo injusto que via quase perdida. Suicidou-se então nas cercanias de sua casa. Está errante. A senhora costumava dizer que tinha vontade de ver um Espírito ... Ele veio.

Essa explicação não satisfez bastante à Sra Mahon, para quem eram novos todos aqueles pormenores. Poucos dias depois do seu regresso ao Luxemburgo, encontrando-se na casa de umas pessoas às quais repetia a resposta que lhe dera a sonâmbula, todos os que a ouviam exclamaram: Mas, é o Sr. N..., que se afogou há muitos anos no lago ali perto. Era juiz... de caráter rabugento. Estava a pique de perder um processo contra um de seus sobrinhos... Tratava-se de prestar contas de tutela... Perdeu a cabeça... suicidou-se.

Exatamente o que dissera a sonâmbula.

Não lhe oculto que foi profunda a impressão em todos os presentes... Também não devo deixar de dizer-lhe que a Srs Mahon ignorava, como eu, essa história do juiz N... E, conseguintemente, a sonâmbula não poderia ler-lhe no espírito as particularidades precisas que revelou.

Entrego-lhe o fato e o autorizo a publicá-lo. Pelo que concerne à exatidão, afirmo-a sob a garantia da minha palavra.

EUGÊNIO MAHON Vice-Cônsul da França

Algumas reflexões

Eis, pois, levados, pouco a pouco, a comprovar que aquele corpo fluídico, entrevista na Antigüidade como uma necessidade lógica, é positiva realidade, atestada pelas aparições, tanto quanto pela visão dos sonâmbulos e dos médiuns.

Esses seres que vivem no espaço, isto é, ao nosso derredor, têm uma forma perfeitamente determinada, que permite sejam descritos com exatidão. Já não é lícita hoje qualquer dúvida acerca desse ponto, visto serem por demais numerosos os testemunhos de experimentadores sérios, para que se admita, numa discussão sincera, a negação pura e simples.

Resta inquirir se esse envoltório se constitui depois da morte, ou, o que é mais provável, se está sempre ligado à alma. É verdadeira esta última suposição, possível há de ser comprovar-se-lhe a existência durante a vida. E o que vamos fazer imediatamente, apelando, não mais para magnetizadores ou espíritas, e sim para investigadores inteiramente estranhos aos nossos estudos, para sábios imparciais, cujas verificações tanto mais valor terão, quanto nenhuma ligação guardem com qualquer teoria filosófica.

CAPÍTULO IV
O DESDOBRAMENTO DO SER HUMANO

SUMARIO: A Sociedade de Pesquisas Psíquicas. - Aparição espontânea. - Goethe e seu amigo. - Aparições múltiplas do mesmo paciente. - Desdobramento involuntário, mas consciente. - Aparição tangível de um estudante. - Aparição tangível em momento de perigo. - Duplo materializado. - Aparição falante. - Algumas observações. - O Adivinho de Filadélfia. - Santo Afonso de Liguori

.

Todas as teorias, por muito sedutoras que sejam, precisam apoiar-se em fenômenos físicos, sem o que não podem ser tidas senão como produtos brilhantes da imaginação, sem valor positivo.

Quando os espíritas proclamam que a alma está sempre revestida de um envoltório fluídico, tanto no curso da vida, como depois da morte, ficam no dever de provar que suas asserções têm fundamento. É por sentirmos imperiosamente essa necessidade que vamos expor certo número de casos de desdobramento do ser humano, extraídos do grande acervo que já eles constituem, mas que não podemos apresentar todo, dentro do quadro restrito que nos traçamos.

Em livro anterior a este (77), citamos alguns casos de bícorporeidade, mas, nessa matéria, não há que temer a multiplicação dos exemplos, a fim de impor a convicção. Ao demais, nessas narrativas, circunstâncias características se nos depararão, que evidenciam a imortalidade da alma e as propriedades desse corpo imponderável cujo estudo empreendemos.

A Sociedade de Pesquisas Psíquicas

O cepticismo contemporâneo foi violentamente abalado pela conversão dos mais consideráveis sábios da nossa época ao Espiritismo. A invasão do mundo terrestre pelos Espíritos se produziu mediante manifestações tão espantosas, realmente, para os incrédulos, que homens sérios se puseram a refletir e resolveram estudar por si mesmos os fatos anormais, como: a transmissão do pensamento a distância e sem contacto entre os operadores, a dupla vista, as aparições de vivos ou de mortos, fatos estes lançados, até então, ao rol das superstições populares.'

Sob o influxo dessas idéias, fundou-se na Inglaterra uma Sociedade de Pesquisas Psíquicas (78), cujos trabalhos conquistaram para logo grande autoridade, justamente pela precisão, pelo escrúpulo e pelo método com que os pesquisadores se entregaram a essa grande investigação. Os principais resultados, obtidos desde há dez anos, foram consubstanciados pelos Srs. Myers, Gurney e

Podmore em dois volumes intitulados: Phantasms of the living (Fantasmas dos vivos) e as observações diariamente feitas são relatadas em resenhas que se publicam todos os meses, sob o nome de Proceedings.

Da Sociedade britânica brotaram um ramo americano e um francês. Na França, foram membros seus, correspondentes, notoriamente, os Senhores Baunis, Bernheim, Ferré, Pierre Janet, Liébault, Ribot e Richet. O Sr. Marillier, mestre de conferencias na Escola de Altos Estudos, fez uma tradução resumida dos Phantasms of the living, sob o titulo impróprio de - As alucinações telepáticas. É a esse livro que vamos tomar a maior parte dos novos testemunhos que apresentaremos e que tornam evidente a dualidade do ser humano. (79)

Grande reconhecimento devem os espíritas aos membros da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, porquanto longos anos os passaram a colecionar observações, bem comprovadas, de aparições de todos os gêneros. Os casos todos foram submetidos a severos exames, tão completos quanto possível, certificados ou pelas testemunhas efetivas, ou pelos que deles se inteiravam por intermédio dessas testemunhas. Dados o alto valor dos Investigadores, as precauções que tomaram para eliminar as causas de erros, achamo-nos em presença de considerável coletânea de documentos autênticos, sobre os quais podemos assentar os nossos estudos.

As experiências tiveram por objeto, primeiramente, verificar a possibilidade de duas inteligências transmitirem uma à outra seus pensamentos, sem qualquer sinal exterior. Obtiveram-se resultados notáveis (80) e essa ação de um espírito sobre outro, sem contacto perceptível, foi denominada Telepatia. Mas, de pronto, o fenômeno assumiu outro aspecto: desenvolveu-se a tal ponto, que alguns operadores, em vez de apenas transmitirem seus pensamentos, se mostraram aos que tinham de recebê-los, havendo, pois, verdadeiras aparições.

Como poderiam tais fatos ser explicado? Não sendo espíritas, não admitindo a existência da alma qual a define o Espiritismo,

viram-se constrangidos os experimentadores a formular uma hipótese. Adotaram esta: o paciente impressionado não tem uma visão real, mas, apenas, uma alucinação, isto é, imagina ver uma aparição, como se visse uma pessoa comum, não sendo exterior o fantasma, não existindo senão no cérebro do aludido paciente. A visão é subjetiva, ou seja, interna e não objetiva. Entretanto, essa ilusão psíquica coincide com um fato verdadeiro: a ação voluntária do operador. Daí o lhe chamarem alucinação verídica ou telepática.

Como se multiplicassem as observações, notaram em seguida que a vontade consciente do agente (81) não era necessária e que um indivíduo podia aparecer a outro, sem desígnio previamente determinado. São essas coincidências, entre uma visão e um acontecimento verídico ligado à mesma visão, que constituem a maioria dos depoimentos registrados nos Phantasms of the living.

Se nos fosse possível passar em revista todos os fenômenos de ações telepáticas referidas nos dois livros citados e nos Proceedings, fácil nos seria demonstrar que a hipótese da alucinação não é absolutamente de molde a explicar todos os fatos. Podemos, com o grande naturalista Alfred Russel Wallace (82), destacar dessas narrativas cinco provas da objetividade de algumas de tais aparições:

1 - A simultaneidade da percepção do fantasma por muitas pessoas;

2.- Ser, a aparição, vista por diversas testemunhas, como se ocupasse diferentes lugares, por efeito de um movimento aparente; ou, então, ser vista no mesmo lugar, sem embargo do deslocamento do observador;

3 - As impressões que os fantasmas produzem nos animais;

4 - Os efeitos físicos que a visão produz;

5 - Poderem as aparições ser fotografada, ou terem-no sido, quer fossem visíveis, quer não, às pessoas presentes.

A teoria da alucinação telepática, provocada ou espontânea, só foi imaginada, cremos, para não chocar muito de frente as idéias preconcebidas do público, ainda pouco familiarizado coro estes fenômenos naturais, mas que apresentam um lado misterioso, devido a se produzirem de improviso e às circunstâncias graves em que

geralmente se dão. Vejamos, com efeito, as reflexões do Sr. Gurney, redator dos Phantasms. (83)

Perguntar-se-á, porventura, se nos assiste o direito de estabelecer qualquer ligação entre os resultados experimentais que temos discutido (transmissão de pensamento) nos precedentes capítulos e os fenômenos que acabamos de descrever (aparições de experimentadores). Já eu disse que eram fenômenos de transição, capazes de permitir se passe dos de transmissão experimental do pensamento aos casos de telepatia espontânea. Mas, poder-se-ia objetar que há um abismo intransponível entre os fenômenos ordinários de transmissão de pensamento e essas aparições do agente (84). A diferença radical consiste em que o objeto que aparece não é aquele sobre o qual se concentrara o pensamento do operador. Nos casos que vimos de estudar, o agente não pensava em si próprio, no seu contorno visível. O aspecto exterior de uma pessoa ocupa lugar relativamente pequeno na idéia que ela faz de si mesma; entretanto, o que o paciente percebe é somente esse aspecto exterior. Com essa mesma dificuldade. Esbarraremos. Nos casos de telepatia espontânea; enquanto a impressão produzida no espírito do paciente for apenas a reprodução de uma imagem ou de uma idéia que exista no espírito do agente, pode-se conceber um fundamento fisiológico para os fenômenos de transmissão de pensamento. Mas, a interpretação dos fatos se torna muito mais difícil, quando o que aparece ao paciente já não é a imagem que o agente tem diante dos olhos.

A... morre e aparece a B... que se acha a grande distância dele. Não podemos descobrir nenhuma ligação entre esses dois fenômenos, pelo menos no domínio da consciência clara. Poderíamos, entretanto, conceber a ação do agente sobre o paciente, fazendo intervir os fenômenos inconscientes. Mas, talvez seja melhor reconhecer a dificuldade e dizer que, na aproximação que tentamos entre a transmissão experimental do pensamento e a telepatia espontânea, unicamente levam em conta o aspecto fisiológico dos fenômenos.

São de todo legítimos os escrúpulos do Sr. Gurney; a leitura dos Proceedings amplamente os justifica. A transmissão do pensamento, aliás, difícil de produzir-se, é um fato relativamente simples, em face do com que nos ocupamos. Pode-se, com efeito, verificar, em se procedendo a uma série longa de experiências, que, quase sempre, o número de vezes em que se obtém a adivinhação exata de um algarismo, pouco acima fica do que é indicado pelo cálculo das probabilidades. Uma figura geométrica ainda mais difícil é de ser percebida pelo paciente e, para que ordens mentais se cumpram, é preciso, as mais das vezes, que, como quando se trata da transmissão de sensações, as pessoas submetidas à experiência se achem mergulhadas em sono hipnótico.

Vê-se, pois, que há um abismo entre essas modalidades rudimentares de uma inteligência influenciada por outra e as aparições, fenômeno este complexo, que põe em jogo as faculdades do espírito.

Todavia, em certos casos, pode sustentar-se que a aparição é uma alucinação pura e simples, produzida pelo pensamento do agente. As circunstâncias que acompanham a visão é que devem servir de critério para julgar-se da objetividade da aparição.

Aliás, examinando os fatos, apreciaremos o fundamento da explicação alucinatória. Na impossibilidade de citar todos os casos, tomaremos um exemplo em cada classe de fenômenos, recomendando ao leitor, para mais amplas informações, os documentos originais.

Aparição espontânea

A Sra Pole Carew, de Antony, Torpoínt, Devonport, nos enviou o relato seguinte (85)

31 de dezembro de 1883

Em outubro de 1880, lorde e lady Waldgrave vieram com a sua criada de quarto, a escocesa Helena Alexander, passar alguns dias

em nossa casa. (A narrativa diz como descobriram que Helena fora atacada de febre tifóide.) Ela, contudo, não parecia muito doente e, como ninguém julgasse haver qualquer perigo e lorde e lady Waldgrave tinham de partir no dia seguinte (quinta-feira) para uma longa viagem resolveram deixá-la aos cuidados da amiga que os hospedara.

A enfermidade seguiu seu curso habitual e Helena parecia ir muito bem, até ao domingo da semana seguinte. O médico me disse então que a febre a deixara, mas que o seu estado de fraqueza o inquietava muito. Mandei vir imediatamente uma enfermeira, não obstante haver em casa a minha criada de quarto Reddell, que, muito dedicada a Helena, cuidara dela durante toda a enfermidade. Entretanto, como a enfermeira não pudesse vir no dia imediato, eu disse a Reddell que ainda por aquela noite tomasse conta de Helena, a fim de lhe administrar o remédio e os alimentos. Com efeito, era necessário alimentá-la freqüentemente.

Por volta das 4 horas e meia dessa noite, ou, antes, na madrugada de segunda-feira, Reddell consultou o relógio, deitou a poção num cálice e se debruçava sobre a cama de Helena para lhe dar o remédio, quando a campainha da porta de entrada tocou. Disse ela para consigo: Lá está essa aborrecida campainha com os fios baralhados. (Ao que parece, a campainha já tocara algumas vezes desse modo, sozinha.) No mesmo instante, porém, ouviu abrir-se a porta e, como lançasse o olhar em torno de si, viu entrar uma velha muito gorda, vestindo uma camisola de dormir e uma saia de flanela vermelha e trazendo na mão um castiçal de cobre, de modelo antigo, com uma vela acesa. Havia um buraco na saia da mulher. Esta entrou no quarto e fez menção de encaminhar-se para o toucador, a fim de colocar ali o castiçal. Era inteiramente desconhecida de Reddell que, todavia, pensou imediatamente fosse a mãe de Helena que vinha visitá-la. Notou que a velha tinha um ar de enfado, talvez porque não na houvessem prevenido mais cedo. Reddell deu a poção a Helena e, quando se voltou, a aparição se sumira, estando fechada à porta. Nesse meio tempo, o estado de Helena piorara muito e Reddell me foi chamar. Mandei buscar o médico e, enquanto o

esperávamos, aplicamos cataplasmas quentes na enferma; mas... esta morreu, pouco antes de chegar o doutor. Meia hora antes de falecer, estava perfeitamente lúcida. Morta, parecia apenas adormecida.

Logo em começo da sua enfermidade, Helena escrevera a uma de suas irmãs. Dizia na carta não se sentir bem, mas sem insistir nisso. Como nunca falara senão de sua mãe, todos da nossa casa, para quem ela era inteiramente estranha, supunham que não tivesse outros parentes vivos. Reddell se lhe oferecia sempre para escrever em seu lugar; respondia que não precisava, que dentro de um ou dois dias escreveria com sua própria mão. Ninguém, pois, da sua família a sabia tão doente, pelo que é muito de notar-se que sua mãe, nada nervosa, haja dito aquela noite, quando se ia deitar: Tenho a certeza de que Helena está muito doente.

Reddell me falou da aparição, assim como à minha filha, cerca de uma hora após a morte de Helena. Não sou supersticiosa, nem nervosa, disse-nos, ao principiar a narrativa do caso, e não me assustei nem um pouquinho. O certo, porém, é que sua mãe veio aqui à noite passada. E contou, então, toda a história, descrevendo com precisão a figura que vira.

Os parentes foram avisados, para que pudessem assistir aos funerais. Vieram a mãe e o pai, bem como a irmã, e Reddell reconheceram naquela a velha que lá estivera. Eu, a meu turno, a reconheci, tão exata fora à descrição feita, com a mesma expressão fisionômica que Reddell indicara, devida, não à inquietação, mas à surdez. Acharam todos que não se lhe devia falar do fato; mas, à irmã, Reddell referiu tudo, dizendo-lhe aquela que a sua descrição correspondia com muita exatidão às vestes que sua mãe teria posto, se levantasse durante a noite; que na sua casa havia um castiçal em tudo semelhante ao da aparição; que existia um buraco na saia de sua mãe, buraco esse devido à maneira por que ela punha aquela peça do vestuário. E curioso que nem Helena, nem sua mãe parecem ter-se apercebido da visita. Em todo caso, nenhuma jamais disse haver uma aparecida à outra, nem sequer em sonho.

F. A. POLÉ CAREW.

Francis Reddell, cuja narrativa confirma a da Sra Pole Carew, declara que jamais vira outra aparição. A Sra a Lyttleton, do Colégio Selwyn, Cambridge, que a conhece, diz que ela parece uma pessoa muito positiva (matter of fact) e que o que acima de tudo a impressionara fora o ter visto, na saía de flanela da mãe de Helena, um buraco feito pela barbatana do espartilho, buraco que notara na sala da aparição.

Aqui de novo se nos depara um caráter comum a todas as aparições de pessoas vivas e que temos assinalado nas descrições que de Espíritos os pacientes de Cahagnet hão feito, o de trazerem sempre um vestuário. Em face da dualidade do ser humano, pode-se admitir que a alma se desprende e atua longe do seu envoltório, mas não é evidente que as vestes tenham um forro fluídico e que se possam deslocar como o fantasma do vivo. Outro tanto ocorre dizer dos objetos que se apresentam ao mesmo tempo em que a aparição

No relato acima, vemos a mãe de Helena vestida com uma saia vermelha, semelhante à que costumava usar e, ainda mais, trazendo na mão um castiçal de forma particular, cuja descrição a irmã da morta reconhece exata. Tem-se que procurar saber como é que o duplo humano opera para se mostrar e para fabricar suas vestes, bem como os utensílios de que se serve. Isto constituirá objeto de estudo especial, que faremos quando houvermos apreciado todos os casos.

A narração precedente nos coloca diante de um exemplo bem positivo de desdobramento. Reddell se acha completamente acordada; ouve tocar a campainha da entrada e a porta abrir-se; vê a mãe de Helena andar no quarto, dirigindo-se para o toucador. São fatos demonstrativos de que ela se encontra no seu estado normal, de que todos os seus sentidos funcionam como de ordinário e que não há cabimento, no caso, para uma alucinação. A aparição é tão real que a criada de quarto faz dela à sua ama uma descrição minuciosa, reconhecendo ambas, mais tarde, a mãe de Helena, a quem, antes, nunca tinham visto.

Que dizem de tal caso os redatores de Fantasmas? Como se sabe, segundo a tese que eles adotaram, não há aparição, mas apenas

visão interior, produzida pela sugestão de um ser vivo (chamado agente) sobre outra pessoa que experimenta a alucinação. Qual aqui o agente? Na edição francesa há a seguinte nota:

Pode-se perguntar qual foi o agente verdadeiro. A mãe de Helena? Seu estado, porém, nada tinha de anormal; ela apenas sentia certa inquietação pela filha; não conhecia a Sr# Reddell. A única condição favorável é que os espíritos de ambas se preocupavam então com a mesma coisa. E também possível que o verdadeiro agente fosse Helena e que, durante a sua agonia, tenha tido diante dos olhos uma imagem viva de sua mãe.

Afigura-se-nos que estas reflexões de maneira nenhuma se casam com as circunstâncias da narrativa. Para que uma alucinação se produza, necessário é que certa relação se estabeleça entre o agente e o percipiente, ou seja, aqui, entre Reddell e a mãe de Helena. Ora, afirma-se que elas absolutamente não se conhecem. Logo, a segunda não é o agente. Será Helena? Não, pois que a Sr.a Pole Carew diz formalmente que a enferma não viu sua mãe. Aliás, como a imagem desta última teria podido abrir a porta da casa, fazendo tilintar à campainha, e abrir também a do quarto onde se achava a doente? As sensações auditivas não são mais alucinatórias do que as sensações visuais. Ora, a absoluta veracidade destas é reconhecida pela descrição exata da fisionomia da velha, pela da saia, com o buraco devido à barbatana, e pela do castiçal de forma singular. Não houve, pois, alucinação, mas aparição verdadeira.

Entende o redator que, para dar-se o desprendimento da alma, é necessário um acontecimento anormal. É uma opinião arriscada, porquanto, nos casos seguintes, veremos que o sono ordinário basta às vezes para permitir o desprendimento da alma.

Comprovaremos que o duplo é a reprodução exata do ser vivo; também notaremos que o corpo físico do agente se acha imerso em sono, durante a manifestação. Veremos que esse é o caso mais geral. A edição inglesa contém oitenta e três observações análogas.

Goethe e seu amigo

Wolfgang Von Goethe, que por uma tarde chuvosa de verão saíra a passeio com seu amigo K..., voltava com ele do Belvedere, em Weimar. De repente, o poeta pára, como se estivesse diante de uma aparição, e se dispõe a falar-lhe. K... de nada se apercebera. Súbito, exclama o poeta: Meu Deus! Se eu não tivesse a certeza de que neste momento o meu amigo Frederico está em Frankfurt, juraria que é ele!...Em seguida, solta uma gargalhada: - Mas, é ele mesmo... o meu amigo Frederico!. Tu, aqui em Weimar?. Por Deus, meu caro, em que trajes te vejo... com o meu chambre... meu boné de dormir... calçando minhas chinelas... aqui em plena rua? ... K..., Como ficou dito acima, nada absolutamente via de tudo aquilo e se espantou, crente de que o poeta fora atacado de repentina loucura. Goethe, porém, preocupado tão-só com a sua visão, exclama, abrindo os braços: Frederico! Onde te meteste?... Grande Deus! Meu querido K... não viste onde se meteu a pessoa que acabamos de encontrar? - K. . . Estupefato, não respondeu. Então, o poeta, depois de dirigir o olhar para todos os lados, diz em tom de quem divaga: Ah! Sim, compreendo... foi uma visão... Qual, no entanto, será a significação de tudo isto?....

Teria o meu amigo morrido repentinamente? ... Seria seu Espírito o que vi?...

Dentro em pouco Goethe chegava a casa e lá encontrou Frederico... Os cabelos se lhe eriçaram: Afasta-te, fantasma! bradou, recuando, pálido como um cadáver. - Então, meu caro, é esse o acolhimento que dispensas ao teu mais fiel amigo?...— Ah! Exclamou o poeta a rir e a chorar ao mesmo tempo, agora, sim, não é um Espírito, mas um ser de carne e osso.E os dois se abraçaram efusivamente.

Frederico chegara todo molhado da chuva a casa de Goethe e vestira as roupas do amigo. A seguir, adormecera numa poltrona e sonhara que fora ao encontro do poeta e que este o interpelara assim: Tu, aqui em Weimar?... Quê!... com o meu chambre... meu boné de dormir... e minhas chinelas, em plena rua?... - Desde esse dia, o grande poeta acreditou noutra vida após a terrena. (86)

Estamos aqui em presença de uma espécie de alucinação telepática, pois que somente Goethe vê o fantasma. Aquela imagem, porém, é exterior, não se lhe alojou no cérebro, como aconteceria, se tratara de uma verdadeira alucinação, dado que, pelo testemunho de Frederico, este fora em sonho ao encontro do amigo. O que atesta que a sua exteriorização foi objetiva é que as palavras por ele ouvidas eram exatamente as que o Ilustre escritor pronunciou. Vemos que o que Frederico toma por um sonho é a lembrança de um fato real, ocorrido durante o seu sono; sua alma se desprendeu, enquanto seu corpo repousava, ouviu e guardou as palavras de Goethe.

Façamos, a propósito, uma observação muito importante. Se Frederico não se lembrasse do que ocorrera enquanto ele dormitava, os membros da Sociedade de Pesquisas Psíquicas teriam concedido que houvera uma ação da consciência subliminal do mesmo Frederico, isto é, a intervenção de uma personalidade segunda desse paciente. Ora, parece evidente, aqui, que quem age é sempre a mesma personalidade, pois tem consciência do que se passou. Pode acontecer, entretanto, que nem sempre o agente se lembre do que fez, enquanto seu corpo repousava. Esta perda da lembrança não basta, porém, para autorizar os psicólogos, ingleses e franceses, que hão tratado destas questões (87), a concluir que há em nós duas personalidades que coexistem, ignorando-se mutuamente.

A única indução que se nos afigura logicamente licita é a de admitir-se que a nossa personalidade ordinária - a do estado de vigília - é distinta da personalidade durante o sono, por uma certa categoria de lembranças que, ao despertar, deixam de ser conscientes. Não há duas individualidades no mesmo ser, mas apenas dois estados diferentes de uma mesma individualidade.

As narrativas que se seguem - extraídas do depoimento dado a 15 de maio de 1869 pelo Sr. Cromwel Varley, engenheiro-chefe das linhas telegráficas da Inglaterra, perante a Comissão da Sociedade Dialética de Londres - são típicas no máximo grau. Mostram as relações exatas que existem entre uma individualidade quando a dormir e quando desperta.

Depoimento de Cromwel Varley
Engenheiro-chefe das linhas telegráficas da Inglaterra

Aqui está um quarto caso em que sou o ator principal (88). Tinha eu feito algumas experiências sobre a fabricação da faiança, e os vapores de ácido fluoridrico, empregado em larga escala, me haviam causado uma enfermidade da garganta. Fiquei seriamente doente, sucedendo-me amiúde ser despertado por espasmos da glote. Fora-me recomendado ter sempre à mão éter sulfúrico para aspirá-lo e obter alivio pronto. Seis ou oito vezes me vali desse recurso, mas, o odor dessa substância me era tão desagradável, que acabei por preferir o clorofórmio. Colocava-o ao lado da cama e, quando precisava servir-me dele, tomava no leito uma posição tal que, em sobrevindo à insensibilidade, eu caia para trás, enquanto a esponja rolava para o chão. Uma noite, porém, tombei de costas na cama, retendo a esponja, que se me conservou aplicada à boca.

A Sr Varley estava noutro quarto por cima do meu, dando alimento a um filho enfermo. Ao cabo de alguns instantes, percebi a situação em que me achava: via minha mulher no aposento superior e me via a mim mesmo deitado de costas com a esponja sobre a boca e impossibilitado de fazer qualquer movimento. Empreguei toda a minha vontade em lhe fazer penetrar no espírito urra clara noção do perigo em que me encontrava. Ela despertou, desceu, afastou a esponja e ficou aterrada. Fiz os maiores esforços para lhe falar e disse: Vou esquecer tudo isto e ignorarei o que se passou, se não mo recordares pela manhã. Não deixes, porém, de me dizer o que foi que te fez descer e, então, serei capaz de me lembrar de todos os pormenores. Na manhã seguinte, ela fez o que lhe eu recomendara, mas, no primeiro momento, de nada me pude recordar. Entretanto, pelo dia todo empreguei os maiores esforços e cheguei, afinal, a me lembrar de uma parte do ocorrido e, mais tarde, da totalidade dos fatos. Meu Espírito se achava no quarto superior perto da Sr Varley, quando a tornei consciente do perigo em que me via.

Este caso me facilitou compreender os meios de comunicação dos Espíritos. A Sr Varley viu o que meu Espírito pedia e teve as mesmas impressões. Um dia, havendo caído em transe, disse-me ela: Atualmente, não são os Espíritos que te falam: sou eu mesma e me sirvo do meu corpo de maneira idêntica à que os Espíritos empregam, quando falam pela minha boca.

Em 1860, observei outro fato. Acabava eu de estender o primeiro cabo atlântico. Chegando a Halifax, meu nome foi telegrafado para Nova York. O Sr. Cyrus Fied transmite a noticia para St. John e para o Havre, de sorte que por toda parte fui cordialmente recebido e no Havre encontrei preparado um banquete. Pronunciaram-se muitos discursos, de modo que a festa se prolongou bastante. Eu tinha que tomar o vapor que partia na manhã seguinte e estava preocupado com a possibilidade de não despertar a tempo. Empreguei então um meio que sempre me dera bom resultado: o de formular energicamente, para comigo mesmo, à vontade de acordar com a necessária antecedência. Chegou à manhã e eu me via profundamente adormecido na cama.

Tentei despertar-me, mas não pude. Ao cabo de alguns instantes, estando a procurar os meios mais enérgicos de conseguir o que queria, dei com um pátio onde havia uma pilha de madeiras, da qual dois homens se aproximavam. Subiram na pilha e retiraram uma prancha pesada. Ocorreu-me então a idéia de provocar em mim mesmo o sonho de que uma bomba me fora lançada, a qual, depois de sibilar ao sair do canhão, estourava e me feria na face, no momento preciso em que os homens, de cima da pilha, atiravam ao chão a prancha que haviam apanhado. Isso me despertou, deixando me a lembrança nítida dos dois atos, o primeiro dos quais consistindo na ação do meu ser intelectual a ordenar ao meu cérebro que acreditasse na realidade de ilusões ridículas, provocadas pelo poder da vontade da inteligência. Quanto ao outro ato, não perdi um segundo em saltar da cama, abrir a janela e verificar que o pátio, a pilha de madeiras e os dois homens eram tais quais o meu espírito os vira. Antes, nenhum conhecimento eu tinha do local; era noite quando, na véspera, cheguei àquela cidade e não sabia

absolutamente que havia ali um pátio. E inegável que meu Espírito viu tudo isso, enquanto meu corpo jazia adormecido. Era-me impossível ver a pilha de madeiras sem abrir a janela. (89)

Em a narrativa a que passamos, temos uma mesma pessoa a se desdobrar em várias ocasiões, sem nenhuma participação sua consciente nos fatos.

Aparições múltiplas do mesmo paciente
Sra Stone, Shute Haye, Waldich, Brídport. (90)
X... 1883.

Fui vista três vezes, quando em realidade não me achava presente, e de cada vez por pessoas diversas. Da primeira, foi minha cunhada quem me viu. Ela me velava o sono, após o nascimento de meu primeiro filho. Dirigindo o olhar para a cama onde eu dormia, viu-me distintamente e, ao mesmo tempo, o meu duplo. Viu, de um lado, o meu corpo natural e, de outro, a minha imagem espiritualizada e tênue. Fechou várias vezes os olhos; mas, reabrindo-os via sempre a mesma aparição. Ao cabo de algum tempo, dissipou-se a visão. Pensou fosse um sinal de minha morte próxima, pelo que só muitos meses depois vim, a saber, do fato.

A segunda visão teve-a uma sobrinha, que morava conosco em Dorchester. Era uma manhã de primavera. Abrindo a porta de seu quarto, ela me viu subindo a escada que lhe ficava em frente, com um vestido preto, de luto, uma gola branca e um gorro também branco. Era esse o meu traje habitual, por estar de luto de minha sogra. Ela não me falou, mas me viu e julgou que eu fosse ao quarto de meu filho. Ao almoço, disse ao tio: Minha tia se levantou hoje muito cedo; eu a vi no quarto do filho. - Oh! Não, Jane, respondeu meu marido; ela não se sentia muito bem, tanto que vai almoçar no quarto, antes de descer.

O terceiro caso foi o mais notável. Tínhamos uma casinha em Weymouth, aonde íamos de tempos a tempos gozar da vizinhança do mar. Quando lá estávamos, éramos servidos por uma certa Sr

Samways que, quando não estávamos, tomava conta da casa. Mulheres agradáveis e calmas, dignas de toda confiança, era tia da nossa estimada e antiga criada Kitty Balston, então conosco em Dorchester. Kitty escrevera à tia na véspera da visão, comunicando-lhe o nascimento do meu filho mais moço e dizendo que eu ia bem.

Na noite seguinte, a Sra Balston foi a uma reunião de preces, próximas a Clarence Buildings. Ela era batista. Antes de partir, fechou umas portas interiores, que dava para uma pequena área atrás da casa; fechou também a porta da rua e levou no bolso as chaves. Ao regressar, abrindo a porta da rua, percebeu uma luz no extremo do corredor. Aproximando-se, viu que a porta da área estava aberta. A luz clareava todos os recantos da área e eu me achava no centro desta. Ela me reconheceu distintamente: estava eu vestida de branco, muito pálida e com semblante fatigado. Apavorada, deitou a correr para a casa de um vizinho (a do capitão Court) e desmaiou em caminho. Quando voltou a si, o capitão Court a acompanhou até a nossa casa, que se encontrava tal qual ela a deixara, com a porta da área hermeticamente fechada. Nessa ocasião, eu me achava muito fraca e passei várias semanas entre a vida e a morte.

Da narrativa desta senhora, deduz-se que a sua saúde deixava muito a desejar e que era quando ela se achava de cama que sua alma se desprendia. Para que a hipótese da alucinação pudesse explicar essas aparições a três pessoas que se não conheciam umas às outras e em épocas diferentes, fora mister supor na Sra. Stone um poder alucinatório que ela exercia a seu mau grado; mas, ainda assim, não se compreenderia como a Sra a Balston, muito distante, pudera ser por ela influenciada. Parece-nos que o desdobramento explica mais claramente os fatos, pois que, noutra circunstância, sua cunhada lhe via muito distinta e simultaneamente o corpo material e o corpo fluídico.

Notemos também que a visão do duplo pela cunhada não é subjetiva, porquanto ela fecha os olhos repetida vezes, desaparecendo a visão nesses momentos, para se tornar de novo perceptível, logo que de novo os reabre.

Uma imagem alucinatória constituída no cérebro não lhe geria invisível quando estivesse com os olhos fechados.

Essas mesmas observações se aplicam às aparições daquela senhora: semelhança completa entre a forma física e o fantasma e repouso do organismo durante a manifestação.

Desdobramento involuntário, mas consciente

O paciente é um moço de cerca de trinta anos, talentoso artista gravador. (91)

Há poucos dias, diz ele, entrava eu em casa, à noite, por volta das l0 horas, quando me senti presa de estranha lassidão, que não sabia explicar. Resolvido, entretanto, a não me deitar imediatamente, acendi o lampião e coloquei-o sobre a mesa-de-cabeceira, perto da cama. Tomei de um charuto, cheguei-lhe a chama do meu isqueiro e tirei algumas baforadas. Depois, estendi-me num canapé.

No momento em que, negligentemente, me deitava, procurando apoiar a cabeça na almofada do sofá, notei que os objetos em volta giravam. Experimentei um como atordoamento, um vazio. Em seguida, bruscamente, achei-me transportado ao meio do aposento. Surpreso com esse deslocamento, de que não tivera consciência, olhei ao meu derredor e o meu espanto então chegou ao auge.

Para logo, vi-me estendido no sofá, molemente, sem rigidez, apenas com a mão esquerda erguida acima de mim, com o cotovelo apoiado e segurando o charuto aceso, cuja claridade se percebia na penumbra produzida pelo quebra-luz da minha lâmpada. A primeira idéia que me veio foi a de que, sem dúvida, eu adormecera e que experimentava a sensação de um sonho. Contudo, reconhecia que nunca tivera sonho semelhante e que me parecesse tão intensivamente uma realidade. Direi mais: tinha a impressão de que jamais estivera tanto na realidade. Por isso, ao verificar que não podia tratar-se de um sonho, o segundo pensamento que se me apresentou de súbito à imaginação foi a de que morrera. Ao mesmo tempo, lembrei-me de ter ouvido dizer que há Espíritos e acudiu-me a idéia de que me tornara Espírito. Tudo o que eu pudera aprender a

esse respeito longamente se desenrolou, diante da minha visão interior, mas em menos tempo do que é preciso para pensá-lo. Lembro-me muito bem de haver sido tomado de uma como angústia e de pesar pela falta de acabamento de algumas coisas. Minha vida se me apresentou como uma fórmula.

Aproximei-me de mim, ou, antes, do meu corpo, ou daquilo que eu supunha fosse o meu cadáver. Chamou-me de pronto a atenção um espetáculo que não compreendi: vi-me a respirar e, ainda mais, vi o interior do meu peito e o meu coração a pulsar lento, com pancadas fracas, mas com regularidade. Nesse momento, compreendi que devera ter tido uma sincope de gênero especial, a menos que os que têm sincopes, pensei de mim para mim, não se recordem, durante o desmaio, do que lhes sucedeu. Temi, então, não mais me lembrar de nada, quando recobrasse os sentidos...

Um pouco tranqüilizado, lancei o olhar ao meu derredor, procurando saber quanto tempo ia aquilo durar. Depois, não mais me ocupei com o meu corpo, com o outro eu que continuava em repouso. Atentei no lampião, que se mantinha aceso silenciosamente e fiz a reflexão de que, estando muito perto da cama, poderia incendiar os meus cortinados. Peguei a cabeça do parafuso da mecha, para apagá-la; porém, nova surpresa me esperava! Eu sentia perfeitamente o disco do parafuso, percebia-lhe, por assim dizer, todas as moléculas, mas, de nada servia torcê-lo com os dedos: somente estes executavam o movimento. Em vão me esforçava por atuar sobre o disco.

Examinei-me então e vi que, conquanto minha mão pudesse passar através de mim mesmo, eu sentia bem o meu corpo, que me pareceu, se não me falha a memória, vestido de branco. Coloquei-me em seguida diante do espelho defronte do fogão. Em vez de distinguir no vidro a minha imagem, verifiquei que meu olhar se distendia à minha vontade, de tal sorte que se me tornaram visíveis, primeiro, a parede, depois, a parte posterior dos quadros e dos móveis existentes no aposento do meu vizinho e, por fim, o interior desse apartamento todo. Percebi que não havia luz naquelas peças

onde, entretanto, a minha visão distinguia tudo. Dei, então, com um raio luminoso que, partindo do meu epigástrio, clareava os objetos.

Veio-me a idéia de penetrar na casa do vizinho, a quem eu, aliás, não conhecia e que no momento se achava ausente de Paris. Mal se formou em mim o desejo de visitar a primeira sala, achei-me nela. Como? Não sei, mas, parece-me que atravessei a parede com tanta facilidade quanta tivera o meu olhar para transpô-la. Em suma, pela primeira vez na minha vida, achei-me na casa do meu vizinho. Inspecionei os quartos, gravei na memória o aspecto que apresentavam e me encaminhei para uma biblioteca, onde notei muito particularmente os títulos de diversas obras alinhadas numa das prateleiras à altura dos meus olhos.

Para mudar de lugar, não me era preciso mais do que querer ia imediatamente onde desejara ir.

A partir desse momento, muito confusas são as minhas lembranças. Sei que fui longe, muito longe, à Itália, creio, mas não me seria possível dizer como empreguei o meu tempo. Foi como se, não tendo mais o domínio de mim mesmo, não sendo mais senhor dos meus pensamentos, andasse levado para aqui e para ali, para onde estes se dirigiam. Ainda não os tendo submetido à minha vontade, eles como que me dispersavam, antes que eu houvesse podido prendé-los. A imaginação, naqueles instantes, carregava consigo, para onde entendia, a sua sede.

Por concluir, o que posso acrescentar é que despertei às cinco horas da madrugada, rígido, frio, no meu sofá, e conservando ainda entre os dedos o charuto não consumido. O lampião se apagara, depois de enfumaçar a manga de vidro. Atirei-me na cama e aí fiquei sem poder dormir e com um frêmito por todo o corpo. Afinal, peguei no sono. Era dia alto, quando acordei.

Por meio de inocente estratagema, induzi o encarregado da habitação a ir verificar se no apartamento do meu vizinho não haveria alguma coisa de anormal e, subindo com ele, dei com os quadros, os móveis que vira na noite precedente, assim como os livros de cujos títulos guardava lembrança.

Tive o cuidado de não falar de tudo isto a quem quer que fosse, temendo passar por louco ou alucinado.

E eminentemente instrutivo este relato. Prova, primeiramente, que essa exteriorização da alma não resultou de uma alucinação, nem foi apenas um sonho, porquanto é inteiramente real a visão do apartamento vizinho, que o gravador não conhecia e no qual penetrara pela primeira vez enquanto estivera naquele estado particular. Em segundo lugar, faculta-nos comprovar que a alma, quando desprendida do corpo, possui uma forma definida e tem o poder de passar através dos obstáculos materiais, sem experimentar resistência, bastando a sua vontade para transportá-la ao sitio onde deseje achar-se. Em terceiro, demonstra que a alma, assim desprendida, tem uma vista mais penetrante do que no estado normal, pois que o moço via o seu próprio coração a bater, dentro do peito. (92)

A conservação da lembrança dos acontecimentos ocorridos durante o desdobramento é, neste caso, muito nítida; mas, pode, noutros, ser menos viva, de sorte que o agente, ao despertar, fique sem saber se sonhou, ou se, com efeito, sua alma abandonou temporariamente o envoltório físico. Enfim, as mais das vezes, o Espírito, voltando ao corpo, esquece o que ocorreu no curso do desprendimento. Devemos precatar-nos de concluir - como amiúde o fazem - que essas saídas são uma manifestação inconsciente da alma. A verdade é que apenas desaparece a memória do fenômeno, do qual, porém, a alma tinha conhecimento perfeito, enquanto ele se produzia.

Façamos uma última observação acerca da impossibilidade, em que se encontrou o moço gravador, para mover o disco do parafuso do seu lampião, a fim de abaixar a mecha e apagá-la, embora ele lhe percebesse a estrutura íntima. Essa impossibilidade, peculiar a todos os Espíritos no espaço, decorre da rarefação do perispírito. Entretanto, pode dar-se também que, graças a um afluxo de energia tomada ao corpo material, o envoltório fluídico adquira o poder de objetivação em grau suficiente para atuar sobre objetos materiais. A

aparição da mãe de Helena (página 91) evidenciava essa substancialidade.

Até aqui, as aparições, qualificadas de telepáticas, de que acabamos de falar, nada revelaram sobre a natureza íntima que lhes é própria. Não fossem os movimentos que executam, o abrirem e fecharem portas, como parece que o fazem, e elas poderiam ser tomadas por projeções do pensamento, por imagens, por simples aparências. Eis, porém, muitos casos em que a tangibilidade ainda mais se positiva.

Aparição tangível de um estudante

Diz o reverendo P. H. Newnham, Vicariato de Devonport: (93)

No mês de março de 1856, estava eu em Oxford, fazendo o último ano do meu curso, e ocupava um quarto mobilado. Era sujeito a violentas dores de cabeça nevrálgicas, sobretudo enquanto dormia. Uma noite, por volta das nove horas, a dor se tornou insuportável; atirei-me na cama sem me despir e logo peguei no sono

Tive então um sonho de nitidez e intensidade notáveis. Guardo ainda na memória, tão vivos como quando o estava tendo, todos os pormenores desse sonho. Sonhei que me achava em casa da família daquela que mais tarde se tornou minha mulher. Todos os rapazes e raparigas tinham ido deitar-se e eu ficara a conversar, de pé, junto ao fogão; depois, dei boa-noite aos que comigo conversavam, tomei da minha vela e fui também me deitar. Chegando ao vestíbulo, verifiquei que minha noiva ainda estava subindo para o andar superior e que no momento chegava ao topo da escada. Subi quatro a quatro a escada e, alcançando-a no último degrau, passei-lhe o braço pela cintura. Ao subir a escada, levava eu na mão esquerda o meu castiçal, o que, entretanto, no sonho, não me atrapalhava. Despertei então e quase de seguida um relógio da casa deu dez horas.

Foi tão forte a impressão em mim produzida por esse sonho, que no dia seguinte, pela manhã, escrevi à minha noiva, fazendo dele

minuciosa narração. Recebi dela uma carta, porém não em resposta à minha, pois que as duas se cruzaram no caminho. Dizia assim: Dar-se-á que você haja pensado em mim, de modo particular, ontem à noite, cerca das dez horas? Quando subia a escada para me ir deitar, ouvi distintamente seus passos atrás de mim e senti que você me passava o braço pela cintura.

As duas cartas estão atualmente destruídas. Alguns anos, porém, depois dos fatos, recordamo-los, ao reler cartas antigas, antes de as destruirmos. Reconhecemos nessa ocasião que se conservavam muito fiéis as nossas lembranças pessoais. Esta narrativa pode, Portanto, ser aceita como perfeitamente exata.

P. H. NEWNHAM.

E evidente, neste caso, a relação de causa e efeito. O sonho do moço estudante é reprodução da realidade. Durante o sono, a alma se lhe desprendeu do corpo e se transportou para junto de sua noiva. Foi tão intenso o desejo que experimentou de abraçá-la, que determinou a materialização parcial do perispírito, isto é, do seu duplo. O fato é positivo, pois a moça diz ter ouvido distintamente passos que subiam a escada e a sensação de um braço que a envolvia pela cintura é também positivamente afirmada. Estes pormenores, referidos de modo idêntico pelos dois protagonistas da cena, sem que tenha havido qualquer combinação entre eles ou qualquer previsão, afastam, evidentemente, toda idéia de alucinação.

Aparição objetiva em momento de perigo

Sr.a Randolph Lichfield, Cross Deep, Twickenham (94) (Abreviamos um pouco a narração, suprimindo o que não era indispensável.)

Achava-me eu, uma tarde, antes de me casar, no meu quarto, sentada perto de uma mesa-toucadora, sobre a qual depusera um livro que estava lendo. A mesa ficava a um canto do quarto e o grande espelho que lhe estava sobreposto chegava quase ao teto, de

sorte que a imagem de qualquer pessoa que se encontrasse no quarto podia nele refletir-se inteira. O livro que eu lia não era de natureza a me afetar de modo algum os nervos, nem de me excitar a imaginação. Sentia-me de perfeita saúde, de bom humor e nada me acontecera, desde a hora em que, pela manhã, recebera minha correspondência, que me pudesse fazer pensar na pessoa a quem se refere a singular impressão, cuja narrativa me pedis.

Tinha os olhos no livro. De súbito, senti, mas sem o ver, que alguém entrava no meu quarto. Dirigi o olhar para o espelho, a fim de saber quem era, porém, não vi pessoa alguma. Supus então que o visitante, ao dar comigo absorvida na leitura, tornara a sair, quando, com vivo espanto, senti na fronte um beijo, longo e terno. Ergui a cabeça, sem nenhum terror, e vi meu noivo de pé por trás da minha cadeira, e inclinado, como para me beijar de novo. Trazia muito pálido o semblante e infinitamente triste. Muito surpreendida, levantei-me, mas, antes que houvesse articulado uma palavra, ele desapareceu, não sei como. De uma coisa apenas sei: que, por um instante, vi muito nitidamente todos os traços da sua fisionomia, seu porte alto, suas largas espáduas, como sempre as vira e que, um momento após, deixei de ver.

A princípio, fiquei apenas surpreendida, ou melhor, perplexa. Nenhum temor me assaltou. Nem por momentos imaginei que houvesse visto um Espírito. A sensação que em seguida experimentei foi a de ter qualquer coisa no cérebro e satisfeita me achava por não me haver isso acarretado uma visão terrível, em vez da que tivera e que me fora muito agradável.

Diz depois à narradora que passou três dias sem noticias do noivo. Uma noite, julgou sentir-lhe a influência, mas não o viu, apesar da expectativa em que se encontrava. Afinal, veio a saber que ele fora vítima de um acidente, quando amestrava um cavalo fogoso. Seu pensamento voou imediatamente para a noiva, tendo dito, no momento em que perdia os sentidos: May, minha Mayzinha, que eu não morra sem tornar a ver-te. Foi na noite que se seguiu ao acidente que ele se debruçou sobre a moça e a osculou.

Também aqui, temos a aparição assemelhando-se, traço por traço, ao vivo, deslocando-se a grande distância e provando, de maneira positiva, a sua corporeidade, com o beijar a noiva. Qualquer que seja o papel que se queira atribuir à alucinação, parece-nos que ela se mostra incapaz de explicar o que se produziu.

Eis agora outro caso de materialização do envoltório fluídico:

Um duplo materializado

Os Anais Psíquicos, de setembro-outubro de 1896, sob o título: Formação 'de um duplo, página 263, narram o fato seguinte, traduzido do Borderland de abril de 1896.

O Sr. Stead refere que se dá muito com a Sr.a A..., cujo estado de saúde, naquela época, lhe causava sérias inquietações. Conversando com ela, o Sr. Stead lhe recomendara que no domingo fosse assistir aos ofícios religiosos. A Sra. A..., porém, muito céptica, nada lhe respondera. Nesse ínterim, caiu ela seriamente enferma e se viu obrigada a não abandonar o leito.

No domingo seguinte, 13 de outubro, à noite, teve o Sr. Stead a surpresa de ver entrar no templo a Sr.a A. . . e instalar-se num dos bancos. Havia luz bastante para que lhe fosse possível reconhecê-la bem. Um dos membros da congregação lhe ofereceu Um livro de preces, que ela aceitou, mas não abriu. Então, uma vigilante lhe deu outro livro, que ela igualmente tomou com ar distraído e colocou sobre o banco. Conservou-se sentada durante todo o serviço até ao último hino, que ouviu de pé. Durante o segundo e terceiro hinos, ergueu por vezes o livro, mas, ao que parecia, sem cantar. Após o último atirou bruscamente o livro para o lado e, descendo rápido a nave, desapareceu.

Numerosas testemunhas afirmam ter visto a Sr.a A... e tê-la perfeitamente reconhecido como sendo a pessoa que anteriormente ali fora. Seu vestuário elegante, mas excêntrico, chamava a atenção. No dia imediato, o Sr. Stead foi à casa da Sr? A..., que, ainda doente, se achava recostada num sofá. Afirmou-lhe ela que não saíra na véspera, afirmativa que o doutor, a criada de quarto e duas amigas

corroboraram em absoluto. A distância que medeia entre a residência da Sr.a A. . . e o templo é bastante considerável. Ora, confrontando-se o momento em que ela apareceu ali e o em que com ela estavam o médico e as amigas, verifica-se ter sido de todo impossível que a senhora houvesse feito aquele percurso em estado de sonambulismo, o que, aliás, a sua saúde não permitia.

Tem-se aí mais uma prova manifesta da ação tangível do corpo fluídico materializado. Um ponto a assinalar é a grande duração do fenômeno, de hora e meia.

Aparição falante

Desta vez, independentemente de outras circunstâncias típicas, temos o próprio duplo fluídico a falar:

Srta. Paget, 130, Fulham Road, S. W. Londres. (95)
17 de julho de 1885.

Dou aqui a narração fiel de uma aparição curiosa, que tive, de um irmão. Estávamos em 1874 ou 1875. Meu irmão era terceiro oficial de um grande navio da Sociedade Wigram. Eu o sabia nas costas da Austrália; mas, que me lembre, não pensava nele no momento a que me refiro. Entretanto, como era o único irmão que eu tinha e fôssemos muito amigos um do outro, havia entre nós laços muito estreitos. Meu pai residia no campo. Uma noite, desci g cozinha, por volta das dez horas, em busca de água quente. Havia ali acesa uma grande lâmpada dúplex, de sorte que viva era a claridade. Achando-se já recolhidos os criados, coube-me a mim apagar a lâmpada. Enquanto apanhava a água quente, levantei os olhos e com grande surpresa vi meu irmão entrar na cozinha pela porta que abria para o exterior e encaminhar-se para o meu lado. Não reparei se a porta estava aberta, porque ficava num recanto e meu irmão já se encontrava no meio da cozinha. Separava-nos a mesa existente nessa dependência da casa e ele se sentou à cabeceira mais afastada de mim.

Notei que vestia o seu uniforme de marinheiro com uma blusa e que tanto esta como o boné estavam molhados. Exclamei: Miles! donde vens? Ele respondeu com o seu habitual tom de voz: Pelo amor de Deus, não digas que estou aqui. Isto se passou em breves segundos e, quando me lancei para abraçá-lo, desapareceu. Fiquei assustada, pois acreditava ter visto meu irmão em pessoa e só após o seu desaparecimento compreendi que apenas vira a sua sombra. Subi para o meu quarto e tomei nota da data numa folha de papel, que guardei na minha secretária, sem falar do incidente a pessoa alguma.

Cerca de três meses depois, meu irmão regressou a casa e, à noite, sentei-me ao seu lado na cozinha, estando ele ali a fumar. Perguntei-lhe, como por acaso, se não tivera alguma aventura. Disse em resposta: Quase me afoguei em Melbourne. E me contou que, tendo desembarcado sem licença, subia para bordo depois de meia-noite, quando escorregou do passadiço e caiu entre o cais e o navio. Sendo muito estreito o espaço, se não o houvessem retirado sem demora, infalivelmente se teria afogado.

Lembra-se de haver pensado que ia afogar-se e perdera os sentidos. Ninguém soube que descera a terra sem licença, de sorte que não incorreu na punição que esperava. Narrei-lhe então como ele me aparecera na cozinha e perguntei-lhe em que data se dera o fato de que me falava. Fácil lhe foi precisá-la, porque o navio deixara Melbourne na manhã seguinte. Era isso o que o fazia temer um castigo, visto que toda a equipagem tinha de pernoitar a bordo. As duas datas coincidiam, mas havia uma diferença quanto à hora: eu o vira pouco depois das dez horas da noite e o seu acidente ocorrera pouco depois da meia-noite. Não se recordava de haver pensado em mim naquele momento, mas ficou impressionado com a coincidência, da qual freqüentemente falava.

Sempre o fantasma como sósia do vivo. Nenhuma alucinação aqui, porquanto a Srta. Paget vê a alma de seu irmão a mover-se na cozinha e verifica que as vestes da aparição estavam molhadas, circunstância que coincide de modo exato com o acidente sobrevindo ao marinheiro, que quase se afogara. A distância enorme entre Melbourne e a Inglaterra em nada influi sobre a intensidade do

fenômeno de desdobramento, pois que o irmão fala à irmã, o que até então não havíamos comprovado.

Efeitos físicos produzidos por uma aparição

O Dr. Britten, no seu livro: Man and his' relations, cita o caso seguinte:

Um Sr. Wilson, residente em Toronto (Canadá), tendo adormecido no seu escritório, sonhou que se achava em Hamilton, cidade situada a 40 milhas inglesas a oeste de Toronto. Fez em sonho suas cobranças habituais e foi bater à porta de uma amiga, a Sr, D... Acudiu uma criada, que o informou de que sua patroa saíra. Apesar disso, ele entrou e bebeu um copo dágua, depois do que saiu, incumbindo a criada de apresentar seus cumprimentos àquela senhora. E o Sr. Wilson despertou após 40 minutos de sono.

Passados uns dias, uma Sra G... também residente em Toronto, recebe uma carta da Sr D..., de Hamilton, contando que o Sr. Wilson fora a sua casa, bebera um copo dágua e partira, não mais voltando, o que a contrariara, porquanto teria gostado imensamente de o ver. O Sr. Wilson afirmou que, havia um mês, não ia a Hamilton; mas, recordando-se do sonho que tivera, pediu à Sr, G... que escrevesse à Sra D.. ., rogando-lhe não falasse do incidente aos criados, a fim de verificar se estes, porventura, o reconheceriam. Foi então a Hamilton com alguns camaradas e todos juntos se apresentaram em casa da Sr• D... Duas das criadas reconheceram no Sr. Wilson a pessoa, que lá fora, batera à porta, bebera um copo dágua e deixara recomendações para a Sra. D...

Este caso nos apresenta a alma a realizar uma viagem durante o sono e lembrando-se, ao despertar, dos acontecimentos ocorridos no curso do desprendimento. O duplo se torna tão material, que bate à porta e bebe um copo dágua, é visto e reconhecido por estranhos. Claro que aqui já não se trata de telepatia; mas, sim, de bicorporeidade completa. A aparição, que anda, conversa, engole água, não pode ser uma imagem mental: é verdadeira materialização da alma de um vivo.

Algumas observações

Dentre os casos excessivamente numerosos, que a exigüidade do nosso quadro não nos permite reproduzir, referidos pelos autores ingleses, tomamos os que evidenciam a objetividade do fantasma vivo. Se, algumas vezes, possível se torna admitir a alucinação como causa do fenômeno, é, no entanto, fora de dúvida que não se pode compreender a maioria deles, sem que se admita a bicorporeidade do ser humano.

Suposto que os diferentes fatos que acabamos de enumerar são devidos à alucinação, somos forçados a fazer duas observações,muito importantes. Para que o cérebro do paciente seja impressionado, fora das condições habituais, necessário é que o agente exerça a distância uma ação de natureza especial, que não pode ser assimilada a nenhuma força conhecida.

Primeiramente, a distância não afeta o fenômeno. Esteja o agente em Melbourne e o paciente em Londres, a aparição se dá. Logo, a forma de energia que transmite o pensamento nada tem de comum com as ondas luminosas, sonoras, caloríficas, porquanto ela se propaga no espaço sem se enfraquecer e sem condução material. Ao demais, não se refrata em caminho; atravessando todos os obstáculos, alcança a meta que lhe está assinada.

Sabemos hoje que a eletricidade pode tomar a forma ondulatória e propagar-se sem condutor material. Poder-se-ia, pois, admitir que há uma semelhança entre a telegrafia sem fio e os fenômenos telepáticos. Evidentemente, se não houvesse mais do que uma simples transmissão de sensações, possível seria assimilar-se ao fluído elétrico o fluido que serve para transmitir o pensamento e, a um receptor telegráfico, o cérebro do paciente que vê. Mas, aqui, o fenômeno é muito mais complexo.

Se ponderarmos que o agente não teve vontade de se mostrar, torna-se difícil crer seja só o seu pensamento que, à sua revelia, disponha de tão singular poder. Se levarmos em conta que a imagem se materializa suficientemente para abrir ou fechar uma porta, para

dar beijos, para segurar um livro de orações, para conversar, etc., teremos de admitir que em tais fatos há mais do que simples impressão mental do paciente. Melhor concebemos um desdobramento momentâneo do agente, que, voltando à vida ordinária, não conserva lembrança do ocorrido. Então, é a alma do próprio agente que se mostra e que se move no espaço, como o fazem os Espíritos desencarnados.

Precisamente por estar a causa do fenômeno no sair do corpo a alma é que geralmente não se conserva a lembrança desse êxodo, visto que o cérebro do agente não foi impressionado pelos acontecimentos que se deram sem participação sua. Para que houvesse lembrança, fora mister pôr o agente em estado de sonambulismo, isto é, num estado análogo ao em que ele se encontrava quando ocorreu o desdobramento.

Confrontando os caracteres diversos, peculiares a cada uma dessas aparições, podem formular-se observações gerais que nos instruam sobre tais manifestações da atividade psíquica, bem pouco conhecidas.

No curso da vida, a alma se acha intimamente unida ao corpo, do qual não se separa completamente, senão pela morte; mas, sob a ação de diversas influências: sono natural, sono provocado, perturbações patológicas, ou forte emoção, é-lhe possível exteriorizar-se bastante para se transportar, quase instantaneamente, a determinado lugar e, lá chegando, tornar-se visível de maneira a ser reconhecida. Vimos dois casos de ação desse gênero: o do noivo da Sra a Randolph Lichfield e o do jovem marinheiro.

A lembrança das coisas percebidas nesse estado pode às vezes conservar-se, como sucedeu ao reverendo Newnham, ao gravador e a Varley. Para isso, faz-se mister seja muito viva a impressão experimentada. Também é possível que subsistam algumas reminiscências vagas; mas, em geral, ao despertar, aquele com quem se deu o fenômeno do desdobramento nenhuma consciência tem do que se passou.

Esta, lacuna da vida mental assemelha-se ao esquecimento, por parte dos sonâmbulos, do que ocorreu enquanto estiveram em sono magnético. Desse fato apresentamos algures a explicação. (96)

Também pode acontecer que o desdobramento se produza, sem que o tenha desejado a pessoa com quem ele se verifica.

E o caso daquela senhora cujo duplo se mostrou em três ocasiões diferentes. Seu estado doentio faculta se suponha que a alma, por se achar menos fortemente ligada ao corpo, há podido desprender-se deste com facilidade. E uma possibilidade que, por muito freqüente, merece assinalada. Citemos alguns exemplos:

Refere Leuret (97) que um homem, convalescente de grave febre, se julgava formado de dois indivíduos, um dos quais se encontrava de cama, enquanto que o outro passeava. Embora lhe faltasse apetite, comia muito, porque tinha, dizia ele, dois corpos para alimentar.

Pariset, que fora atacado, quando muito jovem, de um tifo epidêmico passou muitos dias num aniquilamento bem próximo da morte. Certa manhã despertou-se nele um sentimento mais distinto de si mesmo. Pensou e foi como que uma ressurreição; mas, coisa maravilhosa! naquele momento, tinha dois corpos, ou, pelo menos, julgava tê-los, e esses corpos lhe pareciam deitados em leitos diferentes. Estando sua alma num, ele se sentia curado e gozava de delicioso repouso. Quando se achava no outro, a alma sofria e ele dizia para consigo mesmo: Como é que me sinto tão bem neste leito e tão mal, tão abatido no outro? Essa idéia o preocupou por muito tempo e ele, tão perspicaz na análise psicológica, me relatou muitas vezes a história pormenorizada das impressões que então experimentava. (98)

Cahagnet, o célebre magnetizador, também relata o seguinte (99):

Conheci muitas pessoas com quem se deram fatos desses (desdobramentos) que, aliás, são muito freqüentes em estado de doença. O venerável padre Merice me assegurou que, durante uma febre muito forte de que fora acometido se vira por muitos dias separado de seu corpo, que lhe aparecia deitado a seu lado, por ele

se interessando como por um amigo. O reverendo se apalpava e procurava certificar-se, por todos os meios capazes de produzir convicção, de que aquele era um corpo ponderável, se bem pudesse nutrir a mesma convicção relativamente ao seu corpo material.

Vê-se, pois, que, de modo geral, para que a alma possa desprender-se, é preciso que o corpo esteja mergulhado em sono, ou que os laços que de ordinário a prendem ao corpo se hajam afrouxado por uma emoção forte, ou pela enfermidade. As práticas magnéticas ou os agentes anestésicos acarretam por vezes os mesmos resultados. (100)

Esta necessidade do sono durante o desdobramento se explica, primeiro, pelo fato de que a alma não pode estar simultaneamente em dois lugares diferentes; depois, a referida necessidade se pode compreender pela grande lei fisiológica do equilíbrio dos órgãos, segundo a qual todo desenvolvimento anormal de uma parte do corpo se opera em detrimento das outras. Se a quase totalidade da energia nervosa é empregada em produzir, no exterior, uma manifestação visível, o corpo, durante esse tempo, fica reduzido à vida vegetativa e orgânica; as funções de relação ficam temporariamente suspensas.

Pode-se mesmo, em certos casos, estabelecer uma relação direta entre a intensidade da ação perispiritual e o estado de prostração do corpo. A maior ou menor tangibilidade do fantasma se acha ligada, de maneira intima, ao grau de energia moral do indivíduo, à tensão de seu espírito para determinado objetivo, à sua idade, à sua constituição física e, sem dúvida, à condição do meio exterior, que depois será preciso determinar.

Em todos os exemplos acima citados, a forma visível da alma é cópia absolutamente fiel do corpo terrestre. Há Identidade completa entre uma pessoa e o seu duplo, podendo-se afirmar que esta semelhança não se limita à reprodução dos contornos exteriores do ser material, pois que alcança até a íntima estrutura perispirítica, ou, por outra: todos os órgãos do ser humano existem na sua reprodução fluídica. (101)

Notamos, em a narrativa concernente ao jovem marinheiro, que a aparição fala, o que faz supor tenha ela um órgão para produzir a palavra e uma força interior que põe em movimento esse aparelho. A máquina fonética é a mesma que a do corpo e a força é haurida no organismo vivo. No capitulo referente às materializações, veremos de que modo isso pode dar-se.

Assinalemos também, como um dos caracteres mais notáveis, o deslocamento quase instantâneo da aparição. Vimos que, na mesma noite, a alma do marinheiro, cujo corpo estava na Austrália, se manifestou à sua irmã na Inglaterra. Em todas as narrativas, a aparição viaja com vertiginosa rapidez; transporta-se, por assim dizer, instantaneamente ao lugar onde quer ir; parece deslocar-se tão depressa quanto a eletricidade. Essa velocidade considerável deriva da rarefação das moléculas que a formam, antes da materialização mais ou menos completa que ela opera para se tornar visível e tangível.

Encerraremos esta brevíssima exposição dos fatos com três casos típicos, em que se nos depararão reunidos todos os caracteres que até aqui temos observado isoladamente, nas aparições de vivos.

O adivinho de Filadélfia

O Sr. Dassier reproduz a seguinte história (102)

Stilling fornece pormenores interessantes sobre um homem que vivia em 1740 e que levava uma vida retirada, com singulares costumes, residindo nas cercanias de Filadélfia, Estados Unidos. Passava por possuir segredos extraordinários e por ser capaz de descobrir as coisas mais ocultas. Entre as provas mais notáveis que deu do seu poder, a que se segue Stilling a considerou bem verificada.

Um capitão de navio partira para longa viagem pela Europa e pela África. Bastante inquieta sobre a sua sorte, por não receber dele noticias desde muito tempo, sua mulher foi aconselhada a procurar o adivinho. Este pediu que ela o esperasse, enquanto ia colher informações acerca do viajante. Passou para um aposento ao lado e

ela ficou à espera. Como sua ausência se prolongasse, a mulher se impacientou, julgando que fora esquecida. Aproximou-se devagarzinho da porta, espiou por uma fresta e ficou espantada de veio estendido imóvel num sofá, como se estivesse morto. Achou que não devia perturbá-lo e sim aguardar que voltasse.

Reaparecendo, disse ele à mulher que seu marido estivera impossibilitado de lhe escrever, por estas e aquelas razões; que, no momento, se achava num café em Londres e que, dentro em pouco, estaria de regresso ao lar.

Esse regresso, de fato, se verificou, acordemente com o que fora assim anunciado e, como a mulher perguntasse ao marido quais os motivos do seu tão prolongado silêncio, declinou ele precisamente as razões que o adivinho havia apresentado. Veio-lhe então a ela um grande desejo de verificar o que mais houvesse a propósito daquelas indicações. Completa foi a sua satisfação a esse respeito, porquanto, mal seu marido se achou em presença do mágico, logo o reconheceu, por tê-lo visto certo dia num café de Londres, onde lhe dissera que sua mulher estava muito apreensiva com a falta de noticias suas, ao que o capitão respondera, explicando como ficara impossibilitado de escrever e acrescentando que o fato se dera nas vésperas de embarcar para a América. Em seguida, perdera de vista o estrangeiro que lhe falara, por se ter este metido na multidão, e nunca mais ouvira falar dele.

Ainda aqui vemos desenrolar-se, mas, desta vez, voluntariamente, a série dos fenômenos já descritos: sono do paciente, separação entre seu corpo e sua alma, deslocamento rápido, materialização da aparição e lembrança ao despertar.

Na Revue Spirite de 1858, à pág. 328, encontra-se uma confirmação da possibilidade, que tem o espírito desprendido, de materializar bastante o seu envoltório, até torná-lo inteiramente semelhante ao corpo material. Aqui está o fato relatado naquela revista.

Uma viagem perispiritica

Um dos membros da Sociedade Espírita, residente em Boulogne-sur-Mer, a 2 de julho de 1856 escreveu a seguinte carta a Allan Kardec (Revue Spirite, 1858, p. 328)

Meu filho, desde que, por ordem dos Espíritos, o magnetizei, se tornou um médium excepcional. Pelo menos, foi o que ele me revelou no estado sonambúlico em que o pus, a seu pedido, no dia 14 de maio último, e quatro ou cinco vezes depois.

Para mim, é fora de dúvida que, desperto, ele conversa livremente com os Espíritos, por intermédio do seu guia a quem chama familiarmente de seu amigo; que, em Espírito, se transporta à vontade para onde queira e vou citar-lhe um exemplo, cuja prova tenho escrita, em meu poder.

Faz hoje precisamente um mês, estávamos ambos na sala de jantar, achando-me eu a ler o curso de magnetismo do Sr. du Potet, quando ele me toma o livro e se põe a folheá-lo. Chegado a certo ponto, diz-lhe o seu guia: lê isso. Era a aventura, na América. De um doutor cujo Espírito visitara um amigo, enquanto este dormia, a quinze ou vinte léguas de distância. Concluída a leitura, diz meu filho: Eu desejara muito fazer uma viagem semelhante. - Está bem! Onde queres ir? Pergunta-lhe o guia. - A Londres, respondeu o rapaz, ver meus amigos. E nomeou as pessoas que queria visitar.

Amanhã é domingo, foi-lhe respondido. Não és obrigado a levantar-te cedo para trabalhar. Dormirás às 8 horas e farás uma viagem a Londres até às 8 horas e meia. Na próxima sexta-feira, receberás de teus amigos uma carta, reprovando-te o teres passado com eles tão pouco tempo.

Efetivamente, no dia seguinte pela manhã, à hora indicada, ele caiu num sono de chumbo. Às 8 horas e meia, despertei-o. De nada se lembrava. Tive o cuidado de não lhe dizer palavra, aguardando o resultado.

Na sexta-feira seguinte, trabalhava eu com uma de minhas máquinas, como costumo, a fumar, pois que acabara de almoçar. Meu filho, olhando para a fumaça do meu cachimbo, diz: - Espera! há uma carta nessa fumaça. - Como podes tu enxergar uma carta na fumaça? - Vais ver, replica ele; ai está o carteiro que a traz. Com

efeito, pouco depois o carteiro entregava uma carta vinda de Londres, em que seus amigos lhe censuravam o haver estado naquela cidade no domingo precedente e não ter ido vê-loa. Sabiam-no, porque uma pessoa das relações deles o havia encontrado. Possuo, como já lhe disse, essa carta, pela qual se prova que não estou inventando coisa alguma.

Este relato mostra a possibilidade de produzir-se artificialmente o desdobramento do ser humano. Veremos mais longe que esse processo foi utilizado por alguns magnetizadores.

Eis aqui o terceiro fato, que tomamos aos anais da Igreja Católica.

Santo Afonso de Liguori

A história geral da Igreja, pelo barão Henrion (Paris, 1851, tomo II, pág. 272) (103), narra do modo seguinte o fato miraculoso que se deu com Afonso de Liguori:

Na manhã de 21 de setembro de 1774, Afonso, depois de haver dito missa, atirou-se num sofá. Estava abatido e taciturno. Ficou sem fazer o menor movimento, sem articular uma só palavra de qualquer oração e sem se dirigir a pessoa alguma e assim passou o dia todo e a noite que se lhe seguiu. Nenhum alimento ingeriu durante todo esse tempo e ninguém notou que manifestasse o desejo de que lhe dispensassem qualquer cuidado. Logo que se aperceberam da situação em que ele se encontrava, os criados se colocaram próximos do seu quarto, mas não ousaram entrar.

A 22, pela manhã, verificaram que Afonso não mudara de posição e não sabiam o que pensar disso. Temiam fosse mais do que um êxtase prolongado. Entretanto, quando o dia já ia alto, Liguori tocou a campainha, para anunciar que queria celebrar missa.

Ouvindo aquele sinal, não só o irmão leigo que lhe ajudava a missa, como todas as pessoas da casa e outras de fora acorreram pressurosas. Com ar de surpresa, pergunta o prelado por que tanta gente. Respondem-lhe que havia dois dias ele não falava, nem dava

sinal de vida. E verdade, replicou; mas, não sabíeis que eu fora assistir o papa que acaba de morrer?

Uma pessoa que ouviu essa resposta, no mesmo dia, a foi levar a Santa Ágata e a notícia ali se espalhou logo, como em Arienzo, onde Afonso residia. Julgaram que aquilo fora apenas um sonho; não tardou, porém, chegasse a noticia da morte de Clemente XIV, que a 22 de setembro passara a outra vida, precisamente às 7 horas da manhã, no momento mesmo em que Liguori recuperara os sentidos.

O historiador dos papas, Novaes, faz menção desse milagre, ao narrar a morte de Clemente XIV. Diz que o soberano pontífice deixou de viver a 22 de setembro, às 7 horas da manhã (a décima terceira hora para os italianos), assistido pelos gerais dos Agostinhos, dos Dominicanos, dos Observantinos e dos Conventuais e, o que mais interessa, assistido miraculosamente, pelo bem-aventurado Afonso de Liguori,se bem que desprendido de seu corpo, conforme resultou do processo jurídico do mesmo bem-aventurado, processo que a Sagrada Congregação dos Ritos aprovou.

Podem citar-se casos análogos ocorridos com Santo Antônio de Pádua, S. Francisco Xavier e, sobretudo, com Maria de Agreda, cujos desdobramentos se produziram durante muitos anos.

CAPITULO V
O CORPO FLUIDICO DEPOIS DA MORTE

SUMARIO: O perispirito descrito em 1804. - Impressões produzidas pelas aparições sobre os animais. - Aparição depois da morte. - Aparição do Espírito de um Índio. - Aparição a uma criança e a uma sua tia. - Aparição coletiva de três Espíritos. - Aparição coletiva de um morto. - Algumas reflexões.

O perispirito descrito em 1804

Sob o título: Aparição real de minha mulher depois de morta - Chemnitz, 1804 -, o Dr. Weetzel publicou um livro que causou grande sensação nos primeiros anos do século dezenove. Em muitos escritos foi ele atacado. Wieland, sobretudo, o meteu a ridículo na Enthauesia. (104)

Woetzel pedira à sua mulher, quando enferma, que, se viesse a morrer, lhe aparecesse. Ela prometeu; porém, mais tarde, a pedido seu, o doutor a desobrigou do prometido. Todavia, algumas semanas depois de ter ela morrido, sentiu ele no quarto, que se achava fechado, uma forte rajada de vento, que quase lhe apagou a luz e abriu uma janelazinha do aposento. A branda claridade reinante Woetzel viu a forma de sua esposa, que lhe disse com voz meiga: Carlos, sou imortal; um dia tornaremos a ver-nos A aparição e essas palavras se repetiram segunda vez, mostrando-se vestida de branco a morta e com o aspecto que tinha antes de morrer. Um cão, que da primeira vez não dera sinal de perceber coisa alguma, da segunda se pôs a farejar e a descrever um círculo, como se o fizesse em torno de alguma pessoa sua conhecida.

Noutra obra sobre o mesmo assunto (Leipzig, 1805), o autor fala de solicitações que lhe foram feitas no sentido de desmentir toda aquela história - porque, do contrário, muitos sábios serão forçados a repudiar o que, até então, tinham tido como opiniões verdadeiras e justas e a superstição encontraria naquilo farto alimento. Ele, porém, já pedira ao conselho da Universidade de Leipzig que lhe permitisse formular sobre o caso um juramento judiciário. O Dr. Wastzel desenvolveu assim a sua teoria: Depois da morte, a alma ficaria envolta num corpos etéreos, luminosos, por meio do qual poderia tornar-se visível, podendo também pôr outras vestes em cima desse invólucro luminoso. A aparição não atuara, com relação a ele, sobre o seu sentido interior, mas, unicamente, sobre o seu sentido exterior.

Temos, nesta observação, uma prova da objetividade da aparição, pela haver visto e reconhecido o cão. Indubitavelmente,

uma imagem subjetiva, isto é, existente no cérebro do sábio, não houvera podido exercer aquela influência sobre um animal doméstico.

Impressões produzidas pelas aparições sobre os animais

No que escreveu sobre a vidente de Prévorst, Justinus Kerner alude a uma aparição que ela teve durante um ano inteiro. De cada vez que o Espírito lhe aparecia, um galgo negro, que havia na casa, como que lhe sentia a presença. Logo que a aparição se tornava perceptível à vidente, o cão corria para junto de alguém, como a pedir proteção, muitas vezes uivando forte. Desde o dia em que viu o vulto, nunca mais quis ficar só durante a noite.

No terrível episódio de casa mal-assombrada, que a Sr.a S. C. Hall narrou a Robert Dale Owen (105), se vê que foi impossível fazer-se que um cão permanecesse, nem de dia, nem de noite, no aposento onde as manifestações se produziam. Pouco tempo depois destas começarem, ele fugiu e não mais o encontraram.

John Wesley, fundador da seita que lhe tomou o nome, deu publicidade aos ruídos que se ouviam no curato de Epworth. Depois de descrever esses sons estranhos, semelhantes aos que produziriam objetos de ferro ou de vidro caindo ao chão, acrescenta ele:

Pouco mais tarde, o nosso grande mastim correu a refugiar-se entre mim e minha mulher. Enquanto duraram os ruídos, ele ladrava e pulava de um lado para outro, abocanhando o ar e isso, as mais das vezes, antes que alguém, no aposento, houvesse escutado coisa alguma. Ao cabo de três dias, tremia e se esgueirava rastejando, antes que começassem os ruídos. Era, para a família, o sinal de que estes iam principiar, sinal que nunca falhou.

Fazemos a respeito algumas observações, tomando-as ao ilustre naturalista Sir Alfred Russel Wallace. (106)

É sem dúvida notável e digna de atenção essa série de casos em que se puderam observar as impressões que os fantasmas produzem nos animais. Fatos tais certamente não se dariam, se fossem verdadeiras as teorias da alucinação e da telepatia. Eles, no entanto,

merecem fé, porque quase sempre entram nas narrativas como episódios inesperados. Além disso, são anotados a fim de que não passem despercebidos, o que prova que os observadores conservavam o seu sangue-frio.

Mostram, irrefutavelmente, que grande número de fantasmas, percebidos pela visão ou pela audição, ainda quando seja uma única a pessoa que os perceba, constituem realidades objetivas. O terror que manifestam os animais que os percebem e a atitude que assumem, tão diferente da que guardam em presença dos fenômenos naturais, estabelecem, de modo não menos claro, que, embora objetivos, não são normais os fenômenos e não podem ser explicados por qualquer embuste, ou por eventualidades naturais mal interpretadas.

Continuaremos agora o estudo das aparições que se produzem após a morte. Salientaremos as semelhanças que existem entre essas aparições e as dos vivos e veremos que umas e outras apresentam clara analogia de caracteres, que implica a das causas. Se bem nos pareça pouco possível imaginar-se, para os casos precedentes, qualquer ação, ainda desconhecida, de um cérebro humano sobre outro cérebro humano, de maneira a alucinar completamente, impossível será, com as teorias materialistas, supor essa ação exercitada por um morto. Todavia, desde que os fatos são idênticos, ter-se-á que admitir, como causa verdadeira, a alma, quer habite a Terra, quer haja deixado este mundo.

É exato que os incrédulos são muito hábeis em forjar teorias, quando topam com fenômenos embaraçosos, cuja realidade não possam negar. Daí vem o terem estendido aos mortos a hipótese da telepatia, pretendendo que a ação telepática de um moribunda pode penetrar inconscientemente no espírito do paciente, de modo que a alucinação se dê muito tempo depois da morte daquele que a originou.

Apóia-se esta suposição nas experiências de sugestões em longo prazo. É sabido que se pode conseguir que pacientes muito sensíveis pratiquem atos bastante complicados, alguns dias e até alguns meses mais tarde. Despertado, o paciente nenhuma consciência tem da

ordem adormecida no seu íntimo; mas, em chegando o dia determinado, executa fielmente a sugestão.

Se, pois, o pensamento de um morto é violentamente levado a um de seus parentes, pode este guardá-lo inconscientemente e, quando a alucinação se produzir, já não haverá uma aparição, mas apenas a realização de uma sugestão. É muito engenhoso este modo de conceber as coisas, porém, muito longe de explicar todos os fatos de aparição de mortos. Em primeiro lugar, a analogia entre a visão de um morto e uma sugestão retardada é absolutamente falsa, porquanto o agente - na maioria dos casos - não cogita de ordenar ao paciente que o veja mais tarde. Em segundo lugar, se, como nas aparições de vivos, há fenômenos físicos produzidos pela aparição, evidente se torna que não é uma imagem mental quem as executa: preciso se faz seja o ser desencarnado, o que demonstra a sua sobrevivência. Teremos adiante ocasião de mostrar quanto essas explicações, pretensamente cientificas, costumam ser falsas e quão incompletas são sempre.

Voltemos aos casos referidos nos Phantasms oj the living. Aqui temos um em que a aparição se produz pouco tempo após o trespasse. A narrativa é da Sra Stella Chieri, Itália (107)

Aparição depois da morte

18 de janeiro de 1884.

Contando eu mais ou menos quinze anos, fui passar algum tempo com o Dr. J. G., em Twyford, Hants, e lá me afeiçoei a um primo do doutor, rapaz de 17 anos. Tornamo-nos inseparáveis, juntos passeávamos de bote, juntos andávamos a cavalo, de todas as diversões participávamos, como irmãos.

Porque fosse de saúde muito delicada, eu cuidava dele, vigiando-o constantemente, de sorte que nunca passávamos, sequer, uma hora, longe um do outro.

Desço a estes pormenores todos, para lhe mostrar que não havia o menor vestígio de paixão entre nós. Éramos, um para o outro, como dois rapazes.

Certa noite, vieram chamar o Sr. G.. ., para ver o primo que caíra de súbito gravemente enfermo de uma inflamação dos pulmões. Ninguém nada me dissera da gravidade da doença; eu, por tanto, ignorava que o rapaz corria perigo de vida e, por isso, não me inquietava a seu respeito. A noite, ele morreu. O Sr. G. . . E sua irmã foram à casa de uma tia, deixando-me sozinha no salão de visitas. Ardia no fogão um fogo vivo e eu, como muitas moças, gostava de estar junto da lareira, para ler à claridade das chamas. Não sabendo que o meu amigo estava mal, conservava-me tranqüila, apenas um pouco aborrecida por não poder ele passar a noite ao meu lado, tão só me sentia.

Estava eu lendo calmamente, quando a porta se abriu e Bertie (o meu companheiro) entrou. Levantei-me bruscamente, a fim de aproximar do fogo uma poltrona para ele, pois me parecia estar com frio e não trazia capote, se bem na ocasião nevasse. Pus-me a repreendê-lo por haver saído sem se agasalhar bastante. Em vez de responder, ele colocou a mão no peito e abanou a cabeça, o que, a meu ver, queria significar que não sentia frio, que sofria do peito e perdera a voz, coisa que de vez em quando acontecia. Censurei-lhe ainda mais a imprudência. Estava a falar, quando o Sr. G... entrou e me perguntou a quem me estava dirigindo. Respondi: A este insuportável rapaz, que sai sem capote, com um resfriado tão sério, a ponto de não poder falar. Empreste-lhe o seu capote e mande-o para casa

Jamais esquecerei o horror e o espanto que se pintaram no semblante do doutor, porquanto sabia (o que eu ignorava) que o pobre rapaz morrera, havia uma meia hora, e vinha precisamente dar-me essa noticia. A sua primeira impressão foi a de que já eu a recebera e de que isso me ocasionara a perda da razão. Fiquei sem compreender por que me obrigou a sair do salão, falando-me como se o fizesse a uma criancinha. Durante alguns momentos trocamos observações incoerentes, explicando-me ele, depois, que eu tivera uma ilusão de óptica. Não negou que eu houvesse visto Bertie com meus próprios olhos; mas, apresentou-me uma explicação muito

científica dessa visão, temendo que me assustasse ou ficasse debaixo de uma impressão aflitiva.

Até ao presente, não falei a quem quer que fosse desse acontecimento, em primeiro lugar, porque encerra para mim uma triste recordação e, também, porque temia me tomassem por espírito quimérico e não me acreditassem. Minha mãe, essa me disse que fora um sonho. Entretanto, o livro que eu lia na ocasião, intitulado O Sr. Vernant Oreen, não é dos que fazem dormir e recordo-me bem de que muito me ria de alguns disparates do herói, no instante mesmo em que a porta se abriu.

As diversas perguntas que lhe dirigiram os investigadores, a Sra Stella respondeu:

A casa do rapaz ficava mais ou menos a um quarto de hora de marcha da do Sr. G.. . E Bertie morreu cerca de vinte minutos antes que o doutor lhe deixasse a casa. Quando o Sr. G... entrou, havia perto de cinco minutos que a aparição estava na sala. O que sempre me pareceu muito singular é que eu tenha ouvido o ruído da maçaneta a girar e da porta a se abrir. Com efeito, foi o primeiro desses ruídos que me fez levantar do livro os olhos. A aparição caminhou, atravessando a sala, em direção à lareira e se sentou, enquanto eu acendia as velas. Tudo se passou de modo tão real e natural, que mal posso agora admitir que não fosse uma realidade.

Esta última observação mostra que a moça se achava em seu estado habitual. Ria, lendo um livro alegre e de modo nenhum se encontrava predisposta a uma alucinação. O Espírito de Bertie, que apenas acabara de abandonar o seu corpo, entra na sala, fazendo girar a maçaneta. da porta. O ruído é tão real, que a faz levantar a cabeça. Se tratasse de uma alucinação, quem a teria produzido?

Já vimos que a mãe de Helena (108) - fantasma de vivo - abriu uma porta; assistimos aqui ao mesmo fenômeno produzido por Bertie, no estado de Espírito. A alma do rapaz não é visível para o doutor - tal qual como o duplo de Frederico (109) para o amigo de Goethe - mas atua telepaticamente sobre Stella e objetivamente sobre a matéria da porta.

Começamos a aperceber-nos, diz F. H. Myers, um dos autores dos Phantasms, quão intimamente ligadas se acham as nossas experiências de telepatia entre vivos é telepatia entre os vivos e os mortos. Ninguém, todavia, quer com estas ocupar-se, de medo da pecha de misticismo.

A aparição se assemelhava tanto a Bertie quando vivo, que a moça lhe fala, o repreende por ter saído sem capote. Numa palavra: persuade-se de que ele lá está, pois que caminhou desde a porta até a poltrona em que se sentou.

Se o fenômeno se houvera produzido alguns minutos antes da morte de Bertie, em vez de se produzir depois, entraria na classe dos acima estudados. Aqui, porém, o corpo está sem vida, só a alma se manifesta, sem que, no entanto, qualquer mudança se haja operado nas circunstâncias exteriores pelas quais ela atesta a sua presença. Os traços fisionômicos são idênticos ao do corpo material. O talhe, o andar, tudo lembra o ser vivo.

Citemos outro caso, em o qual o Espírito que se manifesta imprime ao seu perispírito tangibilidade bastante para poder pronunciar algumas palavras, se bem já não pertencesse ao número dos vivos. (110)

Aparição do Espírito de um índio

A Sra Bishop, Bird em solteira, escritora muito conhecida, mandou-nos, em março de 1884, esta narrativa, quase idêntica a outra, de segunda mão, que nos fora remetida em março de 1883. Excursionando pelas Montanhas Rochosas, travou ela relações com um índio mestiço, chamado Nugent, porém, conhecido pelo nome de Mountain Jim, e sobre o qual adquirira considerável influência.

No dia, diz a narradora, em que dele me despedi, Mountain Jim estava muito comovido e muito excitado. Tivéramos uma longa palestra sobre a vida mortal e a imortalidade, palestra a que eu pusera fim proferindo algumas palavras da Bíblia. Muito impressionado, mas também muito exaltado, ele exclamara: Não tornarei talvez a vê-la nesta vida; vê-la-ei, porém, quando eu morrer.

Repreendi-o brandamente, pela sua violência, ao que ele retrucou, repetindo, com mais energia ainda, a mesma coisa e acrescentando: Nunca esquecerei as palavras que a senhora acaba de me dirigir e juro que tornarei a vê-la, quando eu morrer. Dito isso, separamo-nos.

Durante algum tempo, tive notícias dele. Fui sabedora de que se conduzira mal, pois retomara seus costumes selvagens, e, mais tarde, vim, a saber, que se achava muito doente, em conseqüência de ferimentos que recebera numa rixa. Depois, que estava melhor, mas que formava projetos de vingança. Da última vez que me chegaram noticias suas, eu me achava no Hotel Interlaken, em Interlaken, na Suíça, em companhia da Srta. Clayson e da família Ker. Algum tempo depois de as ter recebido (fora em setembro de 1874), estava recostada na cama a escrever uma carta para minha irmã, quando, erguendo os olhos, vi Mountain Jim em pé diante de mim. Fitava-me e, quando lhe dirigi o olhar, disse-me em voz baixa, mas muito distintamente: Vim, como prometi. Em seguida, fez um sinal com a mão e disse: Adeus!

Quando a Srta. Bessie Ker me veio trazer o almoço, tomamos nota do acontecido, da data e da hora. Mais tarde, chegou-nos a noticia da morte de Mountain Jim e verificamos que, levada em conta a diferença das longitudes, a data coincidia com a da sua aparição.

Esta, na realidade, segundo os autores, se dera oito horas depois da morte, ou catorze horas, se ocorreu no dia seguinte ao indicado pela Sra Bishop.

Comprova-se invariavelmente que a distância não constitui obstáculo ao deslocamento do Espírito, pois que ele pôde manifestar a sua presença na Europa muito pouco tempo após sua morte na América. As observações precedentemente feitas aplicam-se aqui ao aspecto exterior do Espírito. Julgamos, entretanto, que a materialização, neste caso, foi mais completa do que no último citado, porquanto ele dirigiu um adeus à vidente, o que nos reconduz ao caso em que o fantasma de vivo igualmente pronuncia algumas palavras. Esta observação firma que também o Espírito dispõe de um órgão para produzir sons articulados e de uma força para acioná-

lo. Veremos, dentro em pouco, que no perispírito não existe apenas o laringe, mas todos os órgãos do corpo material. O que, acima de tudo, nos importava assinalar é a notável uniformidade que se observa na maneira de agir dos fantasmas, quer se trate de um desdobramento, quer da materialização temporária de um habitante do espaço.

Mencionemos, por fim, mais um caso em que o mesmo Espírito se manifesta, com pequeníssimo intervalo, a duas pessoas.

Aparição a um menino e a uma sua tia

Senhora Cox, Summer Híll, Queenstown, Irlanda. (111)

Na noite de 21 de agosto de 1869, entre oito e nove horas, estava eu, sentada, no meu quarto de dormir, em casa de minha mãe, em Devonport. Meu sobrinho, um menino de sete anos, estava deitado no quarto ao lado. Tive de repente a surpresa de vê-lo entrar correndo no meu aposento e a gritar aterrorizado: Tia! Acabo de ver meu pai andando à volta da minha cama! Observei-lhe: Que tolice! estavas a sonhar! Ele: Não, não sonhei. E não quis voltar para o seu quarto. Vendo que não conseguia persuadi-lo a que voltasse, acomodei-o na minha cama. Entre dez e onze horas também eu me deitei.

Cerca de uma hora depois, creio, dirigindo o olhar para o lado da lareira, vi distintamente, com grande espanto, a forma de meu irmão, sentado numa poltrona, sendo que sobremaneira logo me impressionou a palidez mortal do seu semblante. (Nesse momento, meu sobrinho dormia a sono solto.) Fiquei tão aterrada (sabia que naquela ocasião meu irmão se achava em Hong Kong), que cobri a cabeça com o lençol. Pouco depois, ouvi-lhe nitidamente a voz, chamando-me pelo meu nome, que foi repetido três vezes quando de novo olhei para o lugar onde o vira, ele havia desaparecido. No dia seguinte, narrei o fato à minha mãe e à minha irmã e disse que tomaria nota de tudo e assim fiz. Pela primeira mala chegada da China, veio-me a triste notícia da morte súbita de meu irmão,

ocorrida a 21 de agosto de 1869, na baía de Hong Kong, em conseqüência de um ataque de insolação.

MINNIE COX.

Segundo informações complementares, a data da morte precedeu de algumas horas a aparição.

É impossível admitir-se aqui a alucinação, porquanto o mesmo Espírito se faz visível a uma criança e a uma mulher que não estavam juntos. Cada uma dessas pessoas reconhece a aparição e, com a segunda, para atestar a sua identidade, o irmão chama pela irmã três vezes seguidas. A alma fazia empenho, evidentemente, em assinalar de modo positivo a sua presença, donde devemos legitimamente induzir que ela se achava materializada. A irmã olhou tão atentamente para o irmão, que lhe notou a palidez extrema do rosto. Afastemos, portanto, neste caso, qualquer outra interpretação diferente da que atribui à alma desencarnada o poder de mostrar a sua sobrevivência.

Encerremos a série dos casos que fomos pedir à Sociedade de Pesquisas Psíquicas com dois tão probantes, que tornam supérfluos quaisquer comentários.

Aparição coletiva de três Espíritos

19 de maio de 1883.

Srta. Catarina, Sr. Weld. (112)

Filipe Weld era o filho mais moço do Sr. James Weld, de Archers Lodge, perto de Southampton, e sobrinho do falecido cardeal Weld. Em 1842, seu pai o mandou para o colégio Saint-Edmond, próximo de Ware, no Hertfordshire, para fazer seus estudos. Rapaz de boas maneiras e amável fez-se muito estimado de seus mestres e camaradas. Na tarde do 16 de abril, Filipe, acompanhado de um de seus mestres e de alguns companheiros, foi passear de canoa pelo rio. Era esse um exercício de que gostava

muito. Quando o mestre avisou que estavam na hora de regressar ao colégio, Filipe pediu licença, para mais uma corrida. O mestre consentiu e os rapazes rumaram até ao ponto onde faziam a virada. Chegados aí, Filipe, manobrando o barco para dar a volta, caiu acidentalmente ao rio e afogou-se, apesar de todos os esforços empregados para salvá-lo.

Transportaram-lhe o corpo para o colégio e o Reverendíssimo Dr. Cox, o diretor, ficou profundamente contristado e aflito. Resolveu ir a pessoa à casa do Sr. Weld, em Southampton.

Partiu naquela mesma tarde e, passando por Londres, chegou a Southampton no dia seguinte. Foi de carro a Archers Lodge, residência do Sr. Weld e, antes de entrar, viu o Sr. Weld a pequena distância do portão, dirigindo-se para a cidade. O Dr. Cox fez parar o carro, desceu e encaminhou-se para o Sr. Weld. Ao aproximar-se, disse-lhe este, impedindo-o de falar: Não precisa dizer coisa alguma, pois já sei que Filipe morreu. Ontem à tarde, estando a passear com minha filha Catarina, os dois de repente o vimos. Estava na alameda, do outro lado da estrada, entre duas pessoas, sendo uma delas um moço vestido de preto. Minha filha foi a primeira a percebê-lo e exclamou: Papai, já viste alguém tão parecido com o Filipe como aquele rapaz? - Como ele, não, respondi, pois que é ele próprio!

Coisa singular: minha filha nenhuma importância ligou a esse episódio. Para ela, apenas víramos alguém que se parecia extraordinariamente com seu irmão. Encaminhamo-nos para aquelas três formas. Filipe olhava sorridente e com uma expressão de ventura para o mancebo vestido de preto, que era mais baixo do que ele. De repente, como que se desvaneceram às minhas vistas e nada mais vi, senão um camponês que antes eu divisara através daquelas três formas, o que me levou a pensar que eram Espíritos. Contudo, a ninguém falei, temendo afligir minha mulher. Aguardei ansioso o correio do dia seguinte. Com grande satisfação para mim, nenhuma carta recebi. Esquecera-me de que as cartas de Ware só chegavam à tarde e os meus receios se acalmaram. Não mais pensei naquele acontecimento extraordinário, até ao momento em que o vi de carro

perto do meu portão. Tudo então reviveu em meu espírito e logo compreendi que me vinha anunciar a morte do meu querido rapaz.

Imagine o leitor o inexprimível espanto do Dr. Cox ao ouvir essas palavras. Perguntou ao Sr. Weld se já vira alguma vez o rapaz trajado de preto para o qual Filipe olhava com um sorriso de grande satisfação. O Sr. Weld respondeu que jamais o vira, porém, que tão nitidamente os traços do seu semblante se lhe haviam gravado no espírito, que estava certo de o reconhecer imediatamente, assim o encontrasse. Narrou então o Dr. Cox ao amargurado pai todas as circunstâncias em que se dera a morte de seu filho, ocorrida precisamente à hora em que aparecera à sua irmã e ao seu genitor. O Sr. Weld foi ao enterro do filho e, ao deixar a igreja, após a triste cerimônia, olhou em torno de si para ver se algum dos religiosos se parecia com o moço que vira ao lado de Filipe, mas em nenhum descobriu a menor semelhança com a figura que lhe aparecera.

Cerca de quatro meses mais tarde partiu em visita a seu irmão, Sr. Jorge Weld, em Seagram Hall, no Lancashire, levando consigo toda a família. Certo dia, indo com sua filha Catarina, a passeio na aldeia vizinha de Chikping, depois de assistir a um ofício religioso na igreja, foi à casa do sacerdote visitá-lo. Enquanto esperavam que o padre aparecesse, os dois visitantes se entretiveram a examinar as gravuras dependuradas nas paredes da sala. Súbito, o Dr. Weid se deteve diante de um retrato (não se podia ler o nome escrito embaixo, porque a moldura o encobria) e exclamou: E a pessoa que vi com Filipe; não sei de quem é este retrato, mas, tenho a certeza de que foi esta a pessoa que vi com Filipe. Passados alguns instantes, entrou o sacerdote e o Sr. Weld imediatamente o interpelou com respeito à gravura. Respondeu ele que esta representava Santo Estanislau Kostka e que considerava aquele um bom retrato do jovem santo.

O Sr. Weld se tornou presa de grande emoção. Santo Estanislau fora um jesuíta que morrera muito moço. Tendo sido o pai do Sr. Weld grande benfeitor daquela ordem, sua família era considerada sob a proteção especial dos santos jesuítas. Ao demais, Filipe, havia pouco, se tomara, em conseqüência de circunstâncias diversas, de

particular devoção a Santo Estanislau. Além disso, este santo é tido como o padroeiro dos afogados, conforme consta da história de sua vida. O reverendo logo ofereceu o retrato ao Sr. Weld que, naturalmente, o recebeu com a maior veneração e o conservou até à morte, passando, depois de ocorrida esta, à sua filha (a narradora), que vira a aparição ao mesmo tempo em que seu pai e que ainda o guarda consigo.

São típicas as circunstâncias deste relato. Não só o filho se apresenta a seu pai sob uma forma que, embora transparente, permite que aquele o reconheça perfeitamente, como também um de seus companheiros apresenta fisionomia tão característica, que o Sr. Weld pôde reconhecê-lo num retrato, depois de passados quatro meses. Sua filha igualmente o reconhece, o que excluí toda idéia de alucinação. Aliás, o fato de o Sr. Weld, antes da manifestação, não ter conhecido a imagem de Santo Estanislau mostra bem que ele não pode ter sido vítima de uma ilusão.

Eis agora um último caso em que a aparição é reconhecida por todas as pessoas da casa.

Aparição coletiva de um morto

Sr. Charles A. W. Lett, do Real Clube Militar e Naval, rua Albermale, Londres. (113)

A 5 de abril de 1873, o pai de minha mulher morreu na sua residência, em Cambrook, Rosebay, perto de Sydney. Umas seis semanas depois de sua morte, certa noite, pelas nove horas, minha mulher entrou acidentalmente num dos quartos de dormir da casa. Acompanhava-a uma jovem, a Srta. Berton. Ao entrarem no quarto - achava-se aceso o bico de gás - tiveram ambas a surpresa de dar com a imagem do capitão Towns, refletida na superfície polida do armário. Viam-se-lhe a metade do corpo, a cabeça, as espáduas e os braços. Dir-se-ia um retrato em tamanho natural. Tinha pálido e magro o rosto, como ao morrer. Trazia uma jaqueta de flanela cinzenta, com que costumava dormir. Surpreendidas e meio apavoradas, supuseram, a principio, ser um retrato que houvessem

pendurado no quarto e cuja imagem viam refletida. Mas, não havia ali nenhum retrato daquele gênero.

Estando as duas ainda a olhar, entrou no quarto a irmã de minha mulher, Srta. Towns, e, antes que as outras lhe falassem, exclamou: Meu Deus! olhem o papai. Como na ocasião passasse pela escadaria uma das criadas de quarto, chamaram-na e lhe perguntaram se via alguma coisa. Ela respondeu: Oh! Senhorita, o patrão! Mandaram chamar Graham, ordenança do capitão Towns, o qual, assim chegou ao quarto, foi exclamando: Deus nos guarde! Senhorita Lett, é o capitão. Chamaram também o mordomo e, depois, a Sra Crane, ama de minha mulher, e ambos disseram o que viam. Finalmente, pediram à Sr Towns que viesse. Ao deparar com a aparição, encaminhou-se para ela de braços estendidos, como para segurá-la; mas, ao passar a mão pela face do armário, a imagem começou a desaparecer pouco a pouco e nunca mais foi vista, embora o quarto continuasse ocupado.

Tais os fatos como se deram, sendo impossível duvidar deles. As testemunhas de nenhum modo foram influenciadas. A todas era feita a mesma pergunta, logo que chegavam ao quarto, e todas responderam sem hesitação. Eu, no momento, estava em casa, mas não ouvi chamarem-me.

C. A. W. LETT.

As abaixo assinadas, depois de lerem a narrativa acima, certificam que está exata. Todas nós fomos testemunhas da aparição.

3 de dezembro de 1885.
Sara Lett. - Sibbie Singth (Towns em solteira).

Além dos casos citados, As Alucinações Telepáticas trazem sessenta e três outros análogos.

Tanto custa às verdades novas abrir caminho através da inextricável balseira das idéias preconcebidas, que a inevitável alucinação não deixou de ser invocada, para explicar os casos em

que as aparições de Espíritos são vistas simultaneamente por muitas pessoas. Com a maior simplicidade imaginável, com espantosa desenvoltura, dizem os negadores que a alucinação, em vez de ser única, é coletiva. Em vão se lhes objeta que as testemunhas gozam de perfeita saúde e se acham no uso de todas as suas faculdades; que essas testemunhas, conquanto diversas, se referem a um mesmo objeto, descrito ou reconhecido identicamente por todos os observadores, o que constitui sinal certo da sua realidade: os incrédulos abanam a cabeça desdenhosamente e, fazendo garbo da sua ignorância, preferem atribuir o fato a um desarranjo momentâneo das faculdades mentais dos observadores, a uma ilusão que se apodera de todos os assistentes, antes que reconhecer lealmente a manifestação de uma inteligência desencarnada.

A negação, porém, para legitimar-se, precisa de limites, porquanto não lhe é possível manter-se, desde que seja posta em face das provas experimentais, que permanecem quais testemunhos autênticos da realidade das manifestações.

Notemos que, em todos os casos precedentemente referidos, a certeza da visão em si mesma não é contestada; o que os opositores negam é que seja objetiva, isto é, que se haja produzido algures, que não no cérebro do ou dos assistentes. Pretendem eles que os relatos das testemunhas não podem ter valor absoluto, dado que, a admitir-se uma coisa tão inverossímil como a aparição de um morto, ou a realidade de um fenômeno sobrenatural, mais vale se suponha, da parte dos vivos, uma aberração do espírito.

Mas, ainda aqui, os incrédulos desprezam um fato muito importante, pois, se há uma alucinação, não pode esta ser uma alucinação qualquer; tem que estar ligada a um acontecimento real e achar-se com este em íntima conexão. Não podem, conseguintemente, atribuir-se ao acaso ou a meras coincidências as visões telepáticas e, se demonstrarmos possível a provocação artificial de tais fenômenos, fica fora de dúvida que os que se produzem acidentalmente são devidos a uma lei natural ainda ignorada.

É precisamente o que vamos fazer no capitulo seguinte. Levando mesmo mais longe a experimentação, comprovaremos que certas aparições são tão reais, que se chega a fotografá-las. Desde então, nem sequer a sombra de uma dúvida poderá restar acerca da objetividade delas, tão obstinadamente contestada.

SEGUNDA PARTE
A EXPERIÊNCIA

CAPITULO I

ESTUDOS EXPERIMENTAIS SOBRE O DESPRENDIMENTO DA ALMA HUMANA

SUMARIO: O Espiritismo é uma ciência. - Aparição voluntária. - Vista a distância e aparição. - Fotografias dos duplos. - Efeitos produzidos por Espíritos de vivos. - Evocação do Espírito de pessoas vivas. - Espíritos de vivos manifestando-se pela mediunidade dita de incorporação. - Como pode o fenômeno produzir-se.

Uma ciência só se acha verdadeiramente constituída quando pode verificar, por meio da experiência, as hipóteses que os fatos lhe sugerem. O Espiritismo tem direito ao nome de ciência, porque não se há limitado à simples observação dos fenômenos naturais que revelam a existência da alma durante a encarnação terrena e depois da morte. Todos os processos o empregou para chegar à demonstração de suas teorias e pode dizer-se que o magnetismo e a ciência pura lhe serviram de poderosos auxiliares para firmar a exatidão de seus ensinos.

Os numerosos exemplos registrados, do desdobramento da alma, mostraram que havia de ser possível à reprodução experimental de

tais fenômenos. Grande número de pesquisas feitas nesse sentido e coroadas de êxito confirmaram essa possibilidade. Deu-se a denominação de animismo à ação extracorpórea da alma; mas, semelhante distinção é puramente nominal, pois que tais manifestações são sempre idênticas, quer durante a vida, quer após a morte.

Com efeito, a ação da alma, fora das limitações em que o corpo a encerra, não se traduz apenas por fenômenos de transmissão do pensamento ou de aparições; pode também assinalar-se por deslocamentos de objetos materiais, que lhe atestam a presença. Acham-se então os assistentes diante de fatos iguais aos que a alma desencarnada produz.

É esta uma observação da mais alta importância, mas a que não se tem dispensado bastante atenção. Se, verdadeiramente, o Espírito de um homem que vive na Terra, saindo momentaneamente do seu invólucro corpóreo, pode fazer que uma mesa se mova, de maneira a ditar uma comunicação por meio de um alfabeto convencional; se o Espírito de um encarnado é capaz de atuar sobre um médium escrevente, para lhe transmitir seus pensamentos; se, enfim, é possível se obtenha o molde da personalidade exteriorizada desse indivíduo, ocioso se torna atribuir esses mesmos fenômenos a outros fatores, que não a almas desencarnadas, quando são observados nas manifestações espíritas, isto é, nas em que impossível se revela a intervenção de um ser vivo.

Segundo o método científico, desde que bem definidos ficam os efeitos de uma causa, basta depois se observem os mesmos efeitos, para haver a certeza de que a causa não mudou. Regra idêntica se deve aplicar no estudo dos fenômenos do Espiritismo. Pois que a alma humana tem o poder de agir fora do seu corpo, isto é, quando se acha no espaço, lógico é se admita que do mesmo poder dispõe ela depois da morte, se sobrevive integralmente e se põe em comunicação com uns organismos vivos, análogos ao que possuía antes de morrer. Ora, sabemos, por testemunhos autênticos, que ela conserva um corpo real, mas fluídico; que nada perdeu de suas faculdades, pois que as exerce como outrora; logo, se os fatos

observados de animismo são inteiramente semelhantes aos do Espiritismo, é que a causa é a mesma, ou seja, a alma em nós encarnada.

Esta relação de causa e efeito, que assinalamos nos casos de telepatia, vamos criá-la voluntariamente, de sorte a não ser mais possível atribuírem-se ao acaso, ou a coincidências fortuitas, os fenômenos que produzirmos. Numa palavra, procederemos experimentalmente, tendo em mira obter resultados previstos de antemão. Se as previsões se realizarem, é que são exatas as hipóteses segundo as quais as pesquisas se intentaram.

Vejamos, pois, as experiências que já não permitem dúvidas sobre a possibilidade de a alma sair do seu envoltório corporal. Elas são múltiplas e variadas, como mostraremos.

Voltemos, por um instante, aos Phantasms of the living, a fim de extrairmos daí a narrativa seguinte, em que a manifestação é consecutiva à vontade de aparecer num lugar determinado.

Aparição voluntária

E interessante este caso (114), porque duas pessoas viram a aparição voluntária do agente. A narrativa foi copiada de um manuscrito do Sr. S. H. B. que o transcrevera de um diário em que ele próprio relatava os fatos que lhe sucediam cotidianamente.

Certo domingo do mês de novembro de 1881, à noite, tendo acabado de ler um livro em que se falava do grande poder que a vontade humana é capaz de exercer, resolvi, com todas as minhas forças, aparecer no quarto de dormir situado na frente do segundo andar da casa de Hogarth Road, 22, Kensington. Nesse quarto dormiam duas pessoas de minhas relações: as Srtas. L. S. V. e C. E. V., de 25 e 11 anos de idade. Eu, na ocasião, residia em Kildare Gardens, 23, a uma distância de mais ou menos três milhas de Hogarth Road, e não falara a nenhuma das duas senhoritas da experiência que ia tentar, pela razão muito simples de que a idéia dessa experiência me viera naquela mesma noite de domingo,

quando me ia deitar. Era meu intento aparecer-lhes à uma hora da madrugada e estava decidido a manifestar a minha presença.

Na quinta-feira seguinte fui visitar as duas jovens e, no curso da nossa palestra (sem que eu fizesse qualquer alusão à minha tentativa), a mais velha me relatou o seguinte episódio:

No domingo anterior, à noite, vira-me de pé junto de sua cama e ficara apavorada. Quando a aparição se encaminhou para ela, gritou e despertou a irmãzinha, que também me viu.

Perguntei-lhe se estava bem acordada no momento e ela me afirmou categoricamente que sim. Perguntando-lhe a que horas se passara o fato, respondeu que por volta de uma hora da manhã.

A meu pedido, escreveu um relato do ocorrido e o assinou.

Era a primeira vez que eu tentava uma experiência desse gênero e muito me impressionou o seu pleno e completo êxito.

Não me limitara apenas a um poderoso esforço de vontade; fizera outro, de natureza especial, que não sei descrever. Tinha a impressão de que uma influência misteriosa me circulava pelo corpo e também a de que empregava uma força que até então me fora desconhecida, mas que, agora, posso acionar, em certos momentos, a meu bel-prazer.

S. H. B.

Acrescenta o Sr. B . . .

Lembro-me de haver escrito a nota que figura no meu diário, quase uma semana depois do acontecido, quando ainda conservava muito fresca a lembrança do fato.

A Srta. Vérity narra assim o episódio:

Há quase um ano, um domingo à noite, em nossa casa de Hogarth Road, Kensington, vi distintamente o Sr. B... em meu quarto, por volta de uma hora da madrugada. Achava-me inteiramente acordada e fiquei aterrada. Meus gritos despertaram minha irmã, que também viu a aparição. Três dias depois, encontrando-me com o Sr. B..., referi-lhe o que se passara. Só ao cabo de algum tempo, recobrei-me do susto que tive e conservo tão

viva a lembrança da ocorrência, que ela não poderá apagar-se da minha mente.

L. S. VERITY.

Respondendo a perguntas nossas, disse a Senhorita Vérity:

Eu nunca tivera nenhuma alucinação.

São características muitas circunstâncias desta narrativa e nos vão facilitar emitamos a nossa opinião.

Primeiramente, convém notar que a Srta. Vérity não é um paciente magnético, que nunca teve alucinações e que goza de saúde normal. A aparição se lhe apresenta, com todos os caracteres da realidade. Ela se persuade tanto da presença física do Sr. B... no seu quarto, que solta um grito, quando o vê encaminhar-se para o seu leito. Verifica, portanto, que o fantasma se desloca com relação aos objetas circunjacentes, o que não se daria., se fosse interior a visão. Sua irmã desperta e também vê a aparição.

Ainda quando se suponha, o que já é difícil, dadas as circunstâncias, uma alucinação da Srta. Vérity, inteiramente improvável é que sua irmãzinha, ao despertar, também fosse presa imediatamente de uma ilusão. Na vida ordinária, não basta se diga a alguém: aqui está o Sr. tal, para que instantaneamente uma alucinação se produza. Logo, pois que a imagem do Sr. D... se-desloca, que é percebida simultaneamente pelas duas irmãs, evidencia-se que ela tem uma existência objetiva, que se acha realmente no quarto.

Que conseqüências tirar dessa presença efetiva?

Posta de lado a alucinação como causa do fenômeno, temos de admitir que o Sr. B... desdobrou-se, isto é, que, conservando-se o seu corpo físico onde estava, sua alma se transportou ao aposento de Hogarth Road e pôde materializar-se bastante para dar às duas moças a impressão de que era ele em pessoa quem lá estava. Notaremos que nesse estado a alma reproduz identicamente a fisionomia, o talhe, os contornos do ser vivo. Ao demais, a distância que separa o corpo do seu princípio inteligente parece que em nada

influi sobre o fenômeno. Notaremos também que essas observações são gerais e se aplicam a todos os casos espontâneos já observados.

O agente, no caso em apreço, pôde desdobrar-se voluntariamente. No caso que se segue, vamos ver que ele teve necessidade do auxílio de outrem, para chegar ao mesmo resultado.

Efeitos físicos produzidos por Espíritos de vivos

Nesta outra experiência o duplo logrou provar a sua presença por uma ação física. Devemo-la a Sr.a de Morgan, esposa do professor que escreveu o livro: From matter to spirit (Da matéria ao Espírito). (115)

Ela tivera ocasião de tratar de urna moça por meio do magnetismo e muitas vezes se aproveitara da sua faculdade de clarividência para fazê-la ir, em Espírito, a diferentes lugares. Um dia, quis que a paciente se transportasse à casa que ela, Sr.a Morgan, habitava. Bem, disse a moça, aqui estou e bati com força à porta. No dia seguinte, a Sr.a Morgan se informou do que se passara em sua casa naquele momento. Responderam-lhe: Um bando de meninos endiabrados veio bater à porta e em seguida fugiu.

Noutro caso, o Espírito vivo que produziu a manifestação veio por causa de um dos assistentes. A narração fê-la o engenheiro Sr. Desmond Fitzgerald (116). Conta ele que um negro chamado H. E. Lewis possuía grande força magnética, da qual dava demonstração em reuniões públicas. Em Blackheath, no mês de fevereiro de 1856, numa dessas sessões, magnetizou uma moça a quem jamais .,ira. Depois de mergulhá-la em profundo sono, determinou-lhe que fosse a sua própria casa e revelasse ao público o que visse lá. Referiu ela então que via a cozinha, que ai se achavam duas pessoas ocupadas em misteres domésticos.

Ordenou-lhe então Lewis que tocasse numa dessas pessoas. A moça se pôs a rir e disse: Toquei-a. Como ficaram aterradas as duas! Dirigindo-se ao público, Lewis perguntou se algum dos presentes conhecia a moça. Como alguém lhe respondeu afirmativamente, propôs que uma comissão fosse à casa da paciente. Diversas pessoas

para lá se dirigiram e, ao regressarem, confirmaram em todos os pontos o que, adormecida, a moça dissera. Toda a gente da casa estava atarantada e em profunda excitação, porque uma das pessoas que se achava na cozinha declarara ter visto um fantasma e que este lhe tocara no ombro.

Pode-se colocar em paralelo com esta observação a do Dr. Kerner, em que o duplo da sonâmbula Susana B... Apareceu ao Dr. Rufi e lhe apagou a vela.

Temos também um caso de batimentos, em completa analogia com os que os Espíritos produzem. (117)

Uma Sra. Lauriston, de Londres, tem uma irmã residente em Southampton. Certa noite, estando esta última a trabalhar em seu quarto, ouviu três pancadas na porta. Entre, disse ela. Ninguém, todavia, entrou. Como, porém, as pancadas se repetissem, ela se levantou e abriu a porta. Não havia pessoa alguma. A Sra Lauriston, que estivera gravemente enferma, voltando a si, referiu que, tomada do ardente desejo de rever a irmã antes de morrer, sonhara que fora a Southampton, que batera à porta do quarto da irmã e que, depois de bater segunda vez, sua irmã se apresentara na porta, mas que a impossibilidade em que ela, visitante, se achara para falar à outra a emocionara tanto, que a fez voltar a si.

Precisaríamos de muito maior espaço do que o de que podemos dispor, para citar os numerosos testemunhos existentes com respeito às ações físicas exercidas pela alma dos moribundos, com o intuito de se fazerem lembradas de parentes ou amigos distantes. A tal propósito, podem consultar-se as obras de Perty: Ação dos moribundos à distância e O Moderno Espiritualismo. Os Proceedings da Sociedade de Pesquisas e os Phantasms of the living relatam uma imensidade deles. Não insistiremos, pois, sobre esses fenômenos, fora que estão, absolutamente, de toda dúvida. (118)

Fotografias de duplos

Os fatos que até aqui temos relatado firmam a realidade dos fantasmas de vivos, isto é, a possibilidade, em certos casos, do

desdobramento do ser humano. Tais aparições reproduzem, com todas as minúcias, o corpo físico e também às vezes manifestam a sua realidade por meio de deslocamentos de objetos materiais e por meio da palavra. Já expendemos as razões porque a hipótese da alucinação telepática nem sempre é admissível e, se essas razões não convenceram a todos os leitores, esperamos que os fatos que seguem bastarão para mostrar, com verdadeiro rigor científico, que, na realidade, a alma é a causa eficiente de todos esses fenômenos.

As objeções todas caem por si mesmas, diante da fotografia do espírito fora do seu corpo. Neste caso, nenhuma ilusão mais é possível; a chapa fotográfica é testemunho irrefutável da realidade do fenômeno e será precisa uma prevenção muito enraizada para negar a existência do perispírito. Vamos citar diversos exemplas que tomamos ao Sr. Aksakof. (119)

O Sr. Humber, espiritualista muito conhecido, fotografou um jovem médium, Sr. Herrod, a dormir numa cadeira, em estado de transe, e no retrato via-se, por detrás do médium, a sua própria imagem astral, isto é, do seu perispirito, em pé, quase de perfil e com a cabeça um pouco inclinada para o paciente.

Outro caso de fotografia de um duplo atesta-o o juiz Carter, em carta de 31 de julho de 1875 a Banner of Light, transcrita em Human Nature de 1875, págs. 424 e 425.

Finalmente, o Sr. Glandinning, no Spiritualist, numero 234 (Londres, 15 de fevereiro de 1877, pág. 76), assinala terceiro caso de fotografia de duplo, o de um médium em lugar que este ocupara alguns minutos antes.

Veremos que o pensamento é uma força criadora e que, assim sendo, se poderia imaginar que tais fotografias resultam de um pensamento que o agente exteriorizou. A seguinte experiência, porém, estabelece que semelhante hipótese carece de base, pois que o duplo não é simples imagem, mas um ser que atua sobre a matéria.

O caso do Sr. Stead

O Borderland, de abril de 1876, pág. 175, traz um artigo de W. T. Stead sobre uma fotografia do Espírito de um vivo. Eis o resumo do relatado ali:

A Sra...A é dotada da faculdade de se desdobrar e de apresentar-se a grande distância, com todos os atributos de sua personalidade. O Sr. Z... Lhe propôs fotografar-lhe o duplo e combinou que ela se fecharia no seu quarto, entre 10 e 11 horas, e que se esforçaria por aparecer em casa dele, no seu gabinete de trabalho.

A tentativa abortou, ou, pelo menos, se o Sr. Z... Sentiu a influência da Sra A..., não se serviu do seu aparelho fotográfico, temendo nada obter. A Sra A... concordou em repetir a experiência no dia seguinte e, como se achasse indisposta, deitou-se e dormiu. O Sr. Z... viu o duplo entrar-lhe no gabinete à hora aprazada e pediu licença para fotografá-lo, depois de lhe cortar uma mecha de cabelos para tornar-lhe indubitável a presença real. Batida a chapa e cortada a mecha, ele se meteu na câmara escura, para proceder à revelação do negativo.

Ainda não havia um minuto que para ali entrara, quando ouviu forte estalido, que o fez sair a verificar o que acontecera. Ao entrar no gabinete, encontrou sua mulher, que subira à pressa, por também haver escutado o estalido. O duplo desaparecera; mas, o quadro que servira de fundo durante a exposição da chapa fora arrancado do suporte, quebrado ao meio e atirado ao chão. A Sra A. . ., Que há esse tempo se achava deitada em sua cama, não tinha, ao despertar, a menor idéia do que se passara.

A fotografia do seu duplo existe e o Sr. Stead possui o negativo. A lembrança do que sucedera durante o desprendimento apagou-se com a volta da paciente ao estado normal.

Outro caso agora em que a lembrança permanece.

Outras fotografias de duplos

Em seu livro sobre a iconografia do invisível (120), o Dr. Baraduc, à pág. 122 (Explicações, XXIV bis), reproduz uma

fotografia obtida por telepatia entre o Sr. Istrati e o Sr. Hasdeu, de Bucareste, diretor do ensino na Romênia. Eis aqui, textualmente, como foi ela conseguida:

Indo o Dr. Istrati para Campana, convencionou com o Dr. Hasdeu que, numa data prefixada, apareceria numa chapa fotográfica do sábio romeno, a uma distância mais ou menos igual à que há entre Paris e Calais.

A 4 de agosto de 1893, o Dr. Hasdeu, ao deitar-se à noite, evoca o Espírito de seu amigo, com um aparelho fotográfico nos pés da cama e outro à cabeceira.

Após uma prece ao seu anjo protetor, o Dr. Istrati adormece em Campana, formando, com toda a força de sua vontade, o desejo de aparecer num dos aparelhos do Dr. Hasdeu. Ao despertar, exclama: Tenho a certeza de que me apresentei ao aparelho do Sr. Hasdeu, como figurinha, pois sonhei isso muito distintamente. Escreve ao professor P... Que, levando consigo a carta, encontra o Sr. Hasdeu em preparativos para revelar a chapa.

Copio textualmente a carta do Sr. Hasdeu ao Sr. de R... que ma transmitiu:

Na chapa A, vêem-se três impressões, uma das quais, a que marquei no verso com uma cruz, extremamente satisfatória. Vé-se aí o doutor a olhar atentamente para o obturador do aparelho, cuja extremidade de bronze é iluminada pela luz própria do Espírito.

O Sr. Istrati volta a Bucareste e fica espantado diante do seu perfil fisionômico. E muito característica as suas imagens fluídicas, no sentido de que o exprime com mais exatidão do que o seu perfil fotográfico. Assemelham-se muito a reprodução, em tamanho pequeno, do retrato e a fotografia telepática.

Para terminar, lembraremos que o Capitão Volpi também conseguiu obter a fotografia do duplo de uma pessoa viva que se fora fotografar (121). A imagem astral é muito visível e apresenta características especiais, que não permitem se lhe ponha em dúvida a autenticidade.

Materialização de um desdobramento

O ponto culminante da experimentação, no que concerne ao desdobramento, foi alcançado com o médium Eglinton. Um grupo de pesquisadores, de que faziam parte o Dr. Carter Blake e os Srs. Desmond, G. Fitz Gerald, M. S. Tel ..., Engenheiros telegrafistas, afirma que, a 28 de abril de 1876, em Londres, obtiveram, em parafina, um molde exato do pé direito do médium, que nem um instante fora perdido de vista por quatro dos assistentes.

O atestado da realidade do fenômeno apareceu no Spiritualist de 1876, pág. 300, redigido nos seguintes termos:

Desdobramento do corpo humano. O molde em parafina de um pé direito materializado, obtido numa sessão à rua Great Rusaell, 38, com o médium Eglinton, cujo pé direito se conservou, durante toda a experiência, visível aos observadores colocados' fora do gabinete, verificou-se que era a reprodução exata do pé do Sr. Eglinton, verificação essa resultante do minucioso exame a que procedeu ao Dr. Carter Blake. (122)

Não é único o exemplo; mas, é notável pela alta competência científica dos observadores e pelas condições em que foi obtida tão palpável prova do desdobramento.

Nas experiências que o Sr. Siemiradeski realizou com Eusápia, foram conseguidas muitas vezes, em Roma, impressões do seu duplo sobre superfícies enegrecidas com fumaça. Veja-se a obra do Sr. de Rochas: A exteriorização da motricidade.

Como se há de negar, em face de provas tais. Todas as condições se acham preenchidas, para que a certeza se imponha com irresistível força de convicção.

Recomendamos estes notáveis estudos muito especialmente aos que negam ao Espiritismo o título de ciência. Eles mostram a justeza das deduções que Allan Kardec tirou de seus trabalhos, há cinqüenta anos, ao mesmo tempo em que nos abrem as portas da verdadeira psicologia positiva, da que empregará a experimentação como auxiliar indispensável do senso íntimo.

Que dizer e que pensar dos sábios que fecham os olhos diante dessas evidências? Queremos acreditar que não têm conhecimento

de tais pesquisas; que, cegados pelo preconceito, estão ainda a imaginar que o Espiritismo reside inteiro no movimento das mesas, pois, se assim não fora, haveria, da parte deles, verdadeira covardia moral no mutismo que guardam em presença da nossa filosofia.

A conspiração do silêncio não pode prolongar-se indefinidamente. Os fenômenos hão repercutido e ainda repercutem fortemente; os experimentadores têm valor científico solidamente firmado, para que haja quem não se lance resolutamente ao estudo. Sabemos bem que esta demonstração irrefutável da existência da alma é a pedra de escândalo donde nos vêm às inimizades, os sarcasmos e a nossa exclusão do campo científico. Mas, queiram ou não, os materialistas já se acham batidos. Suas afirmações errôneas os fatos as destroem. Será inútil valerem-se das retumbantes palavras - superstição, fanatismo, etc. A verdade acabará por esclarecer o público, que lhes repudiará as teorias antiquadas e desmoralizadoras, para volver à grande tradição da imortalidade, hoje assente sobre bases inabaláveis.

Agora que temos a prova científica do desdobramento do ser humano, muito mais fácil será compreenderem-se os variados fenômenos que a alma humana pode produzir, quando sai do seu corpo físico.

Evocações do Espírito de pessoas vivas
Comunicações pela escrita

É doutrina constante do Espiritismo que a alma, quando não está em seu corpo, goza de todas as faculdades de que dispõe quando na erraticidade se encontra. Cada um de nós, durante o sono corporal, readquire parte da sua independência e pode, conseguintemente, manifestar-se. Allan Kardec consignou em sua revista muitos exemplos dessas evocações. (123)

Em 1860, foi o Espírito do Dr. Vignal que veio espontaneamente dar, por um médium escrevente, pormenores sobre esse modo de manifestação. Descreveu como percebia a luz, as cores e os objetos materiais. Não podia ver-se a si mesmo num espelho,

sem a operação pela qual o Espírito se torna tangível (124). Comprovou a sua individualidade pela existência do seu perispírito que - embora fluídico - tinha para ele a mesma realidade que o seu envoltório material e também pelo laço que o prendia ao seu corpo adormecido.

Outro Espírito, não prevenido, se manifesta, no mesmo ano, em virtude de uma evocação. É o da Srta. Indermulhe, surda e muda de nascença que, entretanto, exprime com clareza seus pensamentos. Por certas particularidades características que lhe estabelecem a identidade, um seu irmão a reconhece. Sob o título: O Espiritismo de um lado e de outro lado o Corpo, em o número de janeiro, de 1860, a Revue relata a evocação de uma pessoa viva, feita com autorização sua. Daí resultou Interessante colóquio sobre as situações respectivas do corpo e do espírito, durante o transporte deste a distância; sobre o laço fluídico, que os prende um ao outro; e sobre ser a clarividência do Espírito ligado ao corpo, inferior à do Espírito desligado pela morte. Ainda neste caso, o Espírito emprega torneios de frases, idênticos aos de que habitualmente se serve na vida corrente.

Para os pormenores, recomendamos aos leitores os números citados da Revue. Eles poderão convencer-se de que há já 40 anos que os fenômenos do animismo foram bem estudados; que nenhum cabimento há para que deles se separem os fenômenos espíritas propriamente ditos, pois que uns e outros são devidos à mesma causa: à alma.

Pode quem quer que seja evocar o Espírito de um cretino ou o de um alienado e convencer-se experimentalmente de que o princípio pensante não é louco. O corpo é que se acha enfermo e não obedece por isso às volições da alma, donde dolorosa e horrível situação, constituindo uma das mais temíveis provas. (125)

O Sr. Alexandre Aksakof consagrou parte do seu livro: Animismo e Espiritismo a relatar casos, extremamente numerosos, de encarnados manifestando-se a amigos ou a estranhos, pelos processos espiríticos. Resumamos alguns dos mais característicos exemplos dessas observações. (126)

O muito conhecido escritor russo Wsevolod Solowiof conta que freqüentemente sua mão era presa de uma influência estranha à sua vontade e, então, escrevia com extrema rapidez e muita clareza, mas da direita para a esquerda, de sorte a não se poder ler o escrito, senão colocando-o diante de um espelho, ou por transparência.

Um dia, sua mão escreveu o nome Vera. Como perguntasse: Que Vera? Obteve por escrito o nome de família de uma jovem sua parente. Admirado, insistiu, para saber se era, na realidade, a sua parente quem assim se manifestava. Respondeu a inteligência: Sim; durmo, mas estou aqui e vim para lhe dizer que nos veremos amanhã, no Jardim de Verão. Efetivamente assim aconteceu, sem premeditação da parte do escritor. A moça, por seu lado, dissera à família que visitara em sonho o seu primo e lhe anunciara o encontro que teriam. (127)

Existe, pois, uma prova material: o escrito da visita perispiritica do Espírito da moça que, por clarividência, anuncia um acontecimento futuro. Passados dias, outro fato similar se produziu, quase nas mesmas condições e com as mesmas personagens.

Agora, um segundo exemplo extraído do artigo de Max Perty, intitulado: Novas experiências no domínio dos fatos místicos, exemplo que é dos mais demonstrativos.

A Srta. Sofia Swoboda, durante uma festa de família que se prolongou até muito tarde, lembrou-se de repente de que não fizera o seu dever de aluna. Como estimasse muito a sua professora e não quisesse contrariá-la, tentou pôr-se a trabalhar. Eis, porém, que, sem saber como e sem mesmo se surpreender, julgou achar-se na presença da Sra W..., a professora em questão. Fala-lhe e lhe comunica, em tom de aborrecimento, o que sucedera. Súbito, a visão desaparece e Sofia, calma de espírito, volta para a festa e narra aos convidados o que se passara. A professora, que era espírita, naquela mesma noite, por volta das dez horas, tomara de um lápis para se corresponder com o seu defunto marido e ficou espantada, ao verificar que escrevera palavras alemãs, com uma caligrafia em que reconheceu a de Sofia. Eram desculpas formuladas em tom jocoso, a propósito 40 esquecimento involuntário da sua tarefa. No dia

seguinte, 'houve Sofia de reconhecer não só que era sua a caligrafia da mensagem, como também que as expressões eram as que empregara no fictício colóquio que tivera com a Sr.a W. . .

Em seu artigo, Perty relata outro caso, particularmente edificante pelas circunstâncias que o cercaram e devido ao Espírito da mesma Srta. Sofia:

A 21 de maio de 1866, dia de Pentecostes, Sofia, que morava ma Viena, depois de um passeio pelo Prater, foi tomada de violenta dor de cabeça que a obrigou a deitar-se, por volta das três horas da tarde. Sentindo-se em boas disposições para se desdobrar, transportou-se rápido em pensamento a Mcedling, à casa do Sr. Stratil, sogro de seu irmão Antônio. Viu, no gabinete do ar. Stratil, um moço, o Sr. Gustavo B.. ., A quem estimava muito e desejava dar uma prova da independência da alma com relação ao corpo. Dirigiu-se ao rapaz em tom jovial e carinhoso, mas, de repente, calou-se, chamada a Viena por um grito que partira do quarto vizinho ao seu, onde dormiam seus sobrinhos e sobrinhas. A palestra de Sofia com o Sr. B. . . Apresentava os caracteres de uma mensagem espírita dada a um médium.

Querendo certificar-se com relação à personalidade que se manifestara, o Sr. Stratil escreveu à sua filha, que se achava em Viena, em companhia da família da Srta. Sofia, fazendo-lhe estas perguntas: como passara Sofia o 21 de maio? Que fizera? Não estivera a dormir, naquele dia, entre três e quatro horas? No caso afirmativo, que sonho tivera?

Interrogada, a Srta. Sofia falou, com efeito, de um desdobramento seu, enquanto dormia; mas, a brusca chamada de seu espírito ao corpo lhe fizera esquecer a maior parte da conversa em que se empenhara. Entretanto, lembrava-se de ter conversado com dois senhores e de haver, em certo momento, experimentado desagradável sensação, proveniente de um dissídio Com os seus interlocutores. Respondendo a esses pormenores, o Sr. Stratil expediu para Viena, a seu genro, uma carta lacrada, Com o pedido de não falar dela a Sofia, enquanto esta não recebesse uma do Sr. B .

. . Passados alguns dias, a tal carta se achava completamente esquecida, em meio das preocupações Cotidianas.

A 30 de maio, recebeu Sofia, pelo correio, uma carta galante do Sr. B..., com um retrato seu. Dizia assim:

Senhora,

Aqui me tem. Reconhece-me? Se assim for, peço me designe um lugar modesto, seja no rebordo do teto, seja na abóbada. Muito grato lhe ficaria se não me suspendesse, caso fosse possível. Mais valera que me relegasse para um álbum, ou para o seu livro de missa, onde eu facilmente poderia passar por um santo cujo aniversário se festejasse a 28 de dezembro (dia dos Inocentes). Se, porém, não me reconhece, nenhum valor poderá dar ao meu retrato e, nesse caso, eu muito lhe agradeceria que mo devolvesse.

Queira aceitar, etc.

(Assinado) : N. N.

Os termos e a fraseologia eram familiares à moça. Pareciam-lhe seus. Ela, entretanto, apenas vaga lembrança deles guardava. Como falasse do fato a seu irmão Antônio, abriram a carta do Sr. Stratil. Continha o texto de uma conversa psicografia com invisível personagem, numa sessão em que as perguntas eram formuladas pelo próprio Sr. Stratil, servindo de médium o Sr.B...

Segundo esse documento, o Espírito de Sofia diz que seu corpo se acha em profundo sono, que ela dita a carta que o Sr. B... Enviou-lhe e que ouve, como se estivesse sonhando, as crianças a gritar. Termina com estas palavras: Adeus... são quatro horas.

À medida que lia o referido documento, cada vez mais precisas se iam tornando as lembranças de Sofia que, de quando em quando, exclamava: Oh! sim; é bem isso. Concluída a leitura, ela, na posse plena da sua memória, se recordava de todos os pormenores que olvidara ao despertar. Antônio notou que a caligrafia do documento se assemelhava muito à de Sofia nos seus deveres em francês, mostrando-se ela do mesmo parecer.

Nesta observação se nos deparam todos os caracteres necessários a estabelecer a identidade do ser que se manifestara. Nada falta. Aquela carta ditada pelo Espírito de Sofia, numa escapada perispirítica, com o pedido da fotografia, lhe desperta as lembranças e, até mesmo a grafia, tudo confirma ter sido

Ela quem se manifestou. Há, pois, a mais completa semelhança a maior analogia entre essa comunicação dada pelo espírito de nana pessoa viva e as que todos os dias recebemos dos Espíritos que já viveram na Terra.

Deve ler também, na obra do sábio russo, os relatos da Sra. Adelina Von Vay, do Sr. Thomas Everitt, da Sra Florence, da Srta. Blackwell, do Juiz Edmonds, quem deseje verificar que a comunicação dos Espíritos dos vivos, pela escrita Mediúnica - se bem menos freqüente é tão possível e tão normal, quanto à dos mortos (128). A identidade desses seres invisíveis, mas ainda pertencentes ao nosso mundo, se estabelece da mesma maneira que a dos desencarnados.

Espíritos de vivos manifestando-se pela incorporação

A Sra Hardinge Britten, escritora espírita bastante conhecida, em muitos artigos publicados pelo Banner of Light (129) sobre os duplos, refere um caso interessante ocorrido em casa do Sr. Cuttler, no ano de 1853: Um médium feminino se pós a falar alemão, embora desconhecesse completamente esse idioma. A individualidade que por ela se manifestava dava-se como mãe da Srta. Brant, jovem alemã que se achava presente. Passado algum tempo, um amigo da família, vindo da Alemanha, trouxe a notícia de que a mãe da Srta. Brant, após séria enfermidade, em virtude da qual caíra em prolongado sono letárgico, declarara, ao despertar, ter visto a filha, que se encontrava na América. Disse que a vira num aposento espaçoso, em companhia de muitas pessoas, e que lhe falara. Ainda aí, é tão evidente a relação de causa e efeito, que não nos parece devamos insistir.

O Sr. Damiani (130), por seu lado, narra que nas sessões da baronesa Cerrapica, em Nápoles, receberam-se muitas vezes comunicações provindas de pessoas vivas. Diz, entre outras coisas:

Há cerca de seis semanas, o Dr. Nehrer, nosso comum amigo, que vive na Hungria, seu pais natal, se comunicou comigo por via do nosso médium, a baronesa. Não podia ser mais completa a personificação: com absoluta fidelidade o médium reproduzia os gestos, a voz, a pronúncia daquele amigo, de sorte a nos persuadirmos de que tínhamos em nossa presença o próprio Dr. Nehrer. Disse-nos que naquele momento cochilava um pouco, para repousar das fadigas do dia e nos comunicou diversos detalhes de ordem privada, que todos os assistentes ignoravam. No dia seguinte, escrevi ao doutor. Em sua resposta, ele afirmou exatos em todos os pontos os detalhes que a baronesa nos transmitira.

Outras materializações de duplos de vivos

Passamos em revista diversas manifestações da alma momentaneamente desprendida do seu corpo material. Nas materializações, porém, é que a ação extracorpórea do homem alcança o mais alto ponto de objetividade, visto que se traduz por fenômenos intelectuais, físicos e plásticos.

Só o Espiritismo faculta a prova absoluta desses fenômenos. Não obstante todas as controvérsias, já agora está perfeitamente firmado que os irmãos Davenport não eram vulgares charlatães. Apenas, o que deu lugar a supor-se houvesse embuste da parte deles, foi que as manifestações se produziam, as mais das vezes, por meio de seus perispírito materializados. (131)

Nas experiências levadas a efeito em presença do prof. Mapes, este, bem como sua filha, puderam comprovar o desdobramento dos braços e das mangas do médium.

Idênticas observações foram feitas na Inglaterra com outros médiuns. O Sr. Cox relata um caso em que as mais rigorosas condições de fiscalização foram postas em prática. Citemo-lo, segundo o Sr. Aksakof.

Trata-se de um médium de materialização, cuja presença no gabinete das experiências é garantida por uma corrente elétrica que lhe atravessa o corpo. Se o médium tentasse enganar, desligando-se, o embuste seria imediatamente denunciado pelo deslocamento instantâneo da agulha de um galvanômetro. Fala deste modo o Sr. Cox (132)

Em sua excelente descrição da sessão de que se trata, diz o Sr. Crookes que uma forma humana completa foi por mim vista, assim como por outras pessoas. E verdade. Quando me restituíam meu livro, a cortina se afastava bastante, para que se visse quem entregava. Era a forma da Sra Fay, integral, com a sua cabeleira, seu porte, seu vestido de seda azul, seus braços nus até ao cotovelo, adornados com braceletes de finas pérolas. Nesse momento, o aparelho nenhuma interrupção registrou da corrente galvica, o que inevitavelmente se teria dado, se a Sra Fay houvesse soltado das mãos os fios condutores. O fantasma apareceu do lado da cortina oposto ao em que se encontrava a Sra. Fay e a uma distância de, pelo menos, oito pés da sua cadeira, de sorte que lhe fora impossível, de qualquer maneira, alcançar aquele livro na estante, sem se desprender dos fios condutores. Entretanto, repito, a corrente não sofreu a mínima interrupção.

Outra testemunha viu o vestido azul e os braceletes. Nenhum de nós comunicou o que vira aos demais, antes de acabada a sessão. As nossas impressões, por conseguinte, são absolutamente pessoais e independentes de qualquer influência.

Estamos em presença de uma experiência concludente em absoluto, não só pela grande competência dos observadores, como também porque as precauções tomadas foram rigorosamente científicas. Tornado impossível o deslocamento do corpo, sem que fosse imediatamente denunciado pela variação da corrente elétrica, uma vez que a aparência da Sr.a Fay se mostrou com bastante tangibilidade para tomar de um livro e entregá-lo a uma pessoa, é claro que houve desdobramento daquele médium, com inegável materialização.

Já vimos que os Anais Psíquicos, de setembro-outubro de 1898, trazem uma narrativa da qual consta que o duplo de uma senhora foi observado por mais de uma hora, numa igreja, tendo nas mãos um livro de orações.

Nas experiências feitas com Eusápia Paladino e em que muitos eram os observadores, foi possível comprovar-se materialmente o seu desdobramento. Na Revue Spirite de 1889, o Dr. Azevedo publicou o relato de uma experiência em que a mão fluídica de Eusápia produzira, à plena luz, a marca de três dedos.

O coronel de Rochas, em sua obra A exteriorização da motricidade (133), publica o fac-símile de uma moldagem da mão natural do médium, ao lado de uma fotografia dos braços deixados na argila. Notam-se as maiores analogias entre as duas impressões. Aos apresentados poderíamos juntar muitos outros documentos; preferimos, porém, aconselhar aos leitores que se reportem aos originais. Temos dito a respeito o bastante para que a convicção se imponha de que a ação física e psíquica do homem não se limita ao seu organismo material.

Como se produz esse estranho fenômeno? As narrativas anteriormente reproduzidas não no-lo dão a saber. Nelas, vemos perfeitamente a alma fora dos limites do organismo; porém, não assistimos à sua saída do invólucro corpóreo. As pesquisas do Sr. de Rochas lançaram forte luz sobre esses desdobramentos. Vamos, pois estudá-las.

CAP II
AS PESQUISAS DO Sr. DE ROCHAS E DO Dr. LUYS

SUMÁRIO: Pesquisas experimentais sobre as propriedades do perispírito. - Os eflúvios. - A exteriorizarão da sensibilidade. - Hipótese. - Fotografia de uma exteriorização. - Repercussão, sobre o

corpo, da ação exercida sobre o perispírito. - Ação dos medicamentos a distancia. - Conseqüências que dai decorrem.

.

A par das narrativas dos sonâmbulos e dos médiuns videntes, as comunicações dos Espíritos, confirmadas pelas fotografias e pelas materializações de vivos e de desencarnados, atestam que a alma tem sempre uma forma fluídica.

A existência desse envoltório da alma, a que os espíritas dão o nome de perispírito, também ressalta evidente dos fatos acima relatados. Esse duplo etéreo, inseparável do espírito, existe, pois, no corpo humano em estado normal e recentes experiências nos vão permitir o estudo experimental do novo órgão. Acabamos de apreciar a exteriorização completa da alma humana. Fotografamo-la no espaço, quando quase livre, e num estado próximo do em que virá a achar-se por efeito da morte Interessa saber por que processos podem esse fenômeno Produzir-se. - Ao mesmo tempo em que nos instruirá acerca da maneira por que se dá à saída astral, este estudo nos fará adquirir noções diretas sobre as propriedades do perispírito, conhecimentos que nos serão preciosos por esclarecer-nos quanto gênero da matéria que o constitui.

Pesquisas experimentais sobre as propriedades do perispírito

Um sábio investigador, o Sr. de Rochas (134), chegou a estabelecer a objetividade da luz ódica, que o barão de Reichenbach atribuía a todos os corpos cujas moléculas guardam uma orientação determinada (135). Ele examinou particularmente os eflúvios produzidos pelos pólos de um poderoso eletroímã - com o auxilio de um paciente hipnótico - fazendo-o analisar as luzes que via, mediante o espectroscópio, que dá os comprimentos de onda característicos de cada cor e verificando-lhe as informações por uma contraprova, isto é, por meio da luz polarizada. As interferências e

as intensificações da luz se revelaram sempre de acordo com o que deve passar-se no estudo de uma luz realmente percebida.

Dessas experiências parece resultar que os eflúvios poderiam ser devidos unicamente às vibrações constitucionais dos corpos, transmitindo-se ao éter ambiente. Mas, será preciso talvez ir mais longe e admitir que há emissão, por arrastamento, de certo número de partículas que se destacam do próprio corpo, dado que os eflúvios ondulam, como as chamas, em virtude dos deslocamentos do ar. (136)

O corpo humano emite, pois, eflúvios de coloração variável, conforme os pacientes. Uns vêem vermelho o lado esquerdo, como vêem igualmente matizados os jatos fluídicos que saem de todas as aberturas da figura humana. Outros invertem essas cores, que, entretanto, se conservam dispostas sempre de maneira semelhante para o mesmo paciente, se a experiência não se prolonga demasiado. Avançando em seus estudos sobre a hipnose, o sábio pesquisador chegou a descobrir notáveis modificações na maneira por que se comporta a sensibilidade. Acreditava-se, até então, que o domínio desta não ia além da periferia do corpo. Houve, porém, de reconhecer-se que ela se pode exteriorizar.

Afirma o Sr. de Rochas:

Vou retomar agora o estudo das modificações da sensibilidade, servindo-me, primeiro, das indicações de um paciente A, cujos olhos foram previamente conduzidos ao estado em que vêem os eflúvios exteriores (137), o qual examina o que se passa quando magnetizo outro paciente B, que apresenta, no estado de vigília, normal sensibilidade cutânea.

Desde que, neste, a sensibilidade cutânea principia a desaparecer, a penugem luminosa que lhe recobre a pele no estado de vigília parece dissolver-se na atmosfera, para surgir de novo, ao cabo de algum tempo, sob a forma de ligeira névoa que, pouco a pouco, se condensa, tornando-se cada vez mais brilhante, de maneira a tomar, em definitivo, a aparência de uma camada muito delgada, acompanhando, a três ou quatro centímetros distante da pele, todos os contornos do corpo.

Se eu, magnetizador, atuo de qualquer modo sobre essa camada, B experimenta as mesmas sensações que experimentaria, se lhe atuasse sobre a pele, nada sente, ou quase nada, se atuo alhures, que não sobre a aludida camada. Nada sente, tampouco, se atuar uma pessoa que não esteja em relação com o magnetizador.

Se continuo a magnetização, A vê formar-se em torno de B uma série de camadas eqüidistantes, separadas por um intervalo de seis ou sete centímetros (o dobro da distância entre a primeira camada e a pele) e B só sente os contactos, as picadas e as queimaduras quando feitas nessas camadas, que se sucedem por vezes até dois ou três metros, interpenetrando e entrecruzando-se, sem se modificarem, pelo menos de maneira apreciável. A sensibilidade nelas diminui, à medida que se afastam do corpo.

Conhecido assim o processo de exteriorização da sensibilidade, Muito mais fácil se tornava continuar as observações, sem recorrer ao vidente A. Reconheci então, por meio de numerosas tentativas, que a primeira camada exterior sensível se formava geralmente no terceiro estado, que nalguns pacientes nunca se produz, ao passo que noutros se produzia sob a influência de alguns passes, desde o estado de credulidade, que é uma modificação quase imperceptível do estado de vigília, ou, até, sem qualquer manobra hipnótica, e a conseqüência de uma emoção, de uma perturbação nervosa e, porventura, de uma simples alteração do estado elétrico do ar.

Se é certo que a sensibilidade se transporta para as camadas concêntricas exteriores, aproximando as palmas de suas mãos, deverá o paciente experimentar a sensação de contacto, logo que duas camadas sensíveis se toquem. E, efetivamente, o que acontece. Ainda mais: se entremeiam as camadas sensíveis da mão direita com as da mão esquerda, de modo que fiquem regularmente alternadas, umas chamas que passe sobre essas camadas fará que o paciente tenha a sensação de uma queimadura nas duas mãos, sucessiva e alternativamente.

Hipótese

Que conseqüências devemos tirar de tão interessantes experiências?

Quando se examina o desenho representativo de um paciente exteriorizado e se notam essas camadas sucessivamente luminosas e obscuras, é-se impressionado pela analogia que há entre esse e o fenômeno conhecido em Física pela denominação de faixas de Fresnel. Sabe-se em que consiste esta experiência: se, numa câmara escura, um feixe luminoso for projetado sobre uma tela branca, notar-se-á que a iluminação é uniforme; se, porém, um segundo feixe, idêntico ao primeiro, cair sobre a tela, de forma que os dois se superponham em parte, toda a região comum a ambos se apresentará coberta de faixas paralelas, sucessivamente brilhantes e obscuras. Resulta isto de que a característica essencial dos movimentos vibratórios é a interferência, ou seja, a produção, por efeito da combinação das ondas, de faixas de movimentos, em que as vibrações são máximas, e faixas de repouso, nas quais o movimento vibratório é nulo, ou mínimo. (138)

Nas experiências do Sr. de Rochas, dá-se, ao que nos parece, lufa fenômeno análogo. Os máximos de sensibilidade se revelam ordenados segundo as camadas luminosas, separadas entre si
Por outras camadas insensíveis e obscuras. Como explicar isso?

E aí que a existência do perispírito claramente se afirma. A força nervosa, em vez de se espalhar pelo ar e dissipar, distribui-se em camadas concêntricas ao corpo. Faz-se, pois, necessário que uma força a retenha, porquanto, desde que normalmente ela se escoa pela extremidade dos dedos, conforme se observa, do mesmo modo que a eletricidade pelas pontas, forçosamente se perderia no meio ambiente, se não existisse um envoltório fluídico para retê-la ao sair do corpo.

A analogia permite se assimile à força nervosa, cuja existência Crookes demonstrou (139), às outras forças naturais: calor, luz, eletricidade, as quais, devidas a movimentos vibratórios do éter, se propagam em movimentos ondulatórios, cuja forma, amplitude e número de vibrações variam por segundo, conforme a força considerada. No estado normal, a força nervosa circula no corpo,

pelos condutos naturais, os nervos, e chega à periferia pelas mil ramificações nervosas que se estendem par baixo da pele. Mas, sob a influência do magnetismo, o perispírito, segundo a natureza fisiológica do paciente, se exterioriza mais ou menos, isto é, irradia em volta de todo o seu corpo e a força nervosa se espalha no envoltório fluídico e ai se propaga em movimentos ondulatórios.

As mais das vezes, necessário se torna fazer que o paciente chegue aos estados profundos da hipnose, para que se produza a irradiação perispirítica, porquanto de certo tempo precisa o magnetizador para neutralizar, em parte, a ação da força vital, a fim de que o duplo possa exteriorizar-se parcialmente. O estado de relação só se acha estabelecido, quando começa o desprendimento, ou, por outra, nesse momento, as ondulações nervosas do magnetizador vibram sincronicamente com as do paciente, interferem e produzem exatamente aquelas camadas alternativamente sensíveis e inertes.

Em suma, a experiência é talvez idêntica à de Fresnel. Nessa hipótese, em lugar de ondulações luminosas, há ondulações nervosas, os dois focos luminosos são substituídos pelo magnetizador e o seu paciente, figurando de tela o perispírito.

O lugar dos pontos onde se mostram as zonas sensíveis é limitado pela expansão da substância perispirítica. Temos assim um meio de estudar esse envoltório fluídico que se nos revelou e que não era conhecido antes dos ensinos do Espiritismo.

Atribuindo maior extensão à precedente experiência, é-nos fácil conceber que a exteriorização seja mais completa. Chegaremos então a compreender como pode a alma sair do corpo e manifestar-se debaixo da forma de aparição. Foi o que o Sr. de Rochas verificou experimentalmente (140) e, para comprovar-se esta afirmativa, basta se encontrem pacientes aptos a produzir fenômenos desse gênero, o que não é impossível, pois que o médium de Boulogne-sur-Mer, assim como os pacientes do magnetizador Lewis e da Sr.a de Morgan, nos ofecereram exemplos disso.

Vimos que os fantasmas de vivos falam, o que implica a existência neles, além dos órgãos da palavra, de certa quantidade de

força viva, cuja presença é também atestada por deslocamentos de objetos materiais, como o abrir e fechar uma porta, agitação de campainhas, etc. Necessário é, portanto, que eles tirem de qualquer parte essa força. Nos casos que examinamos, tiram-na provavelmente de seus corpos materiais, o que faz evidente a necessidade de estarem ligados a estes.

Ensina Allan Kardec, de acordo com os Espíritos, que a alma, quando se desprende, seja durante o sono, seja nos casos de bicorporeidade, permanece ligada sempre ao seu envoltório terreno por um laço fluídico.

Podemos justificar esta maneira de ver por meio das experiências seguintes:

Prosseguindo em seus estudos, notou o Sr. de Rochas que, se fizer que uma zona luminosa, isto é, sensível, de um paciente exteriorizado atravesse um copo dágua, interrompidas se mostrarão as camadas que ficarem atrás do copo, com relação ao corpo. Quanto à água existente no copo, essa se ilumina rapidamente em toda a sua massa, desprendendo-se dela, ao fim de algum tempo, uma espécie de fumaça luminosa.

Ainda mais: tomando do copo dágua e transportando-o a certa distância, verificava o experimentador que ele se conservava sensível, isto é, que o paciente ressentia todos os toques que se fizessem na água, embora àquela distância já não restassem vestígios de camadas sensíveis.

O Sr. de Rochas pesquisou em seguida sobre quais as substâncias que armazenam a sensibilidade e verificou serem quase sempre as mesmas que guardam os odores: os líquidos, os corpos viscosos, sobretudo os de origem animal, como a gelatina, a cera, o algodão, os tecidos de malhas frouxas ou que se desfiam, como os veludos de lã, etc.

Refletindo, diz ele, sobre o fato de que os eflúvios das diferentes partes do corpo se fixavam de preferência nos pontos da matéria absorvente que mais próximos se lhe achavam, fui levado a crer que uma localização muito mais perfeita se me ofereceria, se eu chegasse a reunir, em certos pontos da matéria absorvente, os

eflúvios de tais ou tais partes do corpo e a reconhecer quais eram esses pontos. Como os eflúvios se espargem de modo análogo à luz, uma lente que reduzisse a imagem do corpo atenderia à primeira parte do programa. Já só se tratava então de ter uma matéria absorvente sobre a qual se houvesse fixado a imagem reduzida. Ocorreu-me que uma chapa de bromo-gelatina poderia dar resultado, principalmente se fosse ligeiramente viscosa.

Fotografia de uma exteriorização

Daí os meus ensaios com um aparelho fotográfico, ensaios que vou relatar de conformidade com o meu registro de experiências. 30 de julho de 1892. - Fotografei a Sra. Lux, primeiramente desperta, depois adormecida, sem estar exteriorizada; por fim, adormecida e exteriorizada, servindo-me, neste último caso, de uma chapa que tive o cuidado de conservar por alguns instantes em contato com o seu corpo, dentro do chassis, antes de colocá-la na máquina.

Comprovei que, picando com um alfinete a primeira chapa, a Sra. Lux nada sentia; picando a segunda, sentia um pouco; na terceira, sentia vivamente e tudo isso poucos instantes após a operação.

2 de agosto de 1892. - Presente a Sra. Lux experimentei a sensibilidade das chapas impressionadas a 30 de julho e já reveladas. A primeira nada produziu; a segunda pouca coisa; a terceira estava tão sensível quanto na data anterior. Para ver até onde ia a sensibilidade da terceira chapa, dei dois golpes fortes de alfinete na imagem de uma das mãos, de forma a cortar a camada de bromo-gelatina.

A Sra. Lux, que se achava dois metros distantes de mim e não podia ver em que parte me dava à picada, fez logo uma contração, soltando gritos de dor. Tive grande trabalho para fazê-la voltar ao seu estado normal. Acusava sofrimentos na mão e, passados alguns momentos, vi que lhe apareciam na mão direita, aquela cuja imagem recebera a picada, dois traços vermelhos, em situação correspondente à dos arranhões na imagem. O Dr. P..., que assistia à

experiência, verificou que na epiderme não havia incisão nenhuma e que a vermelhidão era na pele. Verifiquei, ao demais, que a camada de gelatina bromada (muito mais sensível do que a chapa que a suportava) emitia radiações com máximos e mínimos, tal qual a própria paciente. Essas radiações quase não se apresentavam do outro lado da chapa.

Paremos aqui com a nossa citação, que já nos permite comprovar a existência de uma relação, estabelecida de modo contínuo, entre a Sra. Lux e a sua fotografia, estando aquela exteriorizada. De 30 de julho a 2 de agosto, sem embargo do prolongado afastamento da paciente, não se rompeu a relação, tanto que toda ação exercida na fotografia se transportava para o corpo, de maneira a deixar traços visíveis. É, pois, legitimo admitir-se que a ligação é ainda mais íntima, quando o próprio perispirito se acha inteiramente exteriorizado, qualquer que seja a distância que o separe do corpo físico.

As experiências do Sr. de Rochas foram verificadas pelo Dr. Luys, na Charité (141) e pelo Dr. Paul Joire, que já assinalara essa exteriorização no seu tratado de hipnologia, publicado em 1892. Muito recentemente (142) o reconheceu que a exteriorização da sensibilidade é um fenômeno real, de forma nenhuma dependente da sugestão oral, conforme o Dr. Mavroukakis pretendera insinuar, e independente também de qualquer sugestão mental, porquanto, se quatro ou cinco pessoas de mãos dadas separam do paciente o operador, há regular e progressivo retardamento na sensação que o hipnotizado experimenta, o que evidentemente não se daria, se a sensação fosse produzida por uma sugestão mental do operador.

Repercussão, sobre o corpo, da ação exercida sobre o perispírito

O magnetizador Cahagnet, como vimos, cria firmemente na possibilidade do desprendimento da alma. Relata, sem a poder explicar, uma experiência que, como tudo parece indicar, resultou de ação material exercida sobre o perispírito, de envolta, provavelmente, com uma auto-sugestão. Eis aqui o fato. (143)

Um Sr. Lucas, de Rambouillet, muito inquieto pela sorte de um cunhado seu que desaparecera do país, havia uns doze anos, em conseqüência de discussão que tivera com o pai, deliberou recorrer à clarividência de Adèle Maginot, para saber se o cunhado ainda vivia. A clarividente viu o indivíduo de quem se tratava e o descreveu de maneira que sua mãe e seu cunhado o reconheceram. Aí, porém, começa a experiência a complicar-se. Vamos, pois, citá-la textualmente:

Não contribuiu menos para espantar àquela boa senhora, assim como ao Sr. Lucas e às outras pessoas presentes à curiosa sessão, o verem que Adèle, como que para se defender dos raios ardentes do Sol naquelas terras, punha as mãos do lado esquerdo do rosto, parecendo sufocada pelo calor. O mais maravilhoso, no entanto, dessa cena foi que ela recebeu um golpe de sol, que lhe tornou vermelho-azulado aquele lado do rosto, desde a fronte até a espádua, ao passo que o outro lado conservou a sua coloração branco-mate. Somente 24 horas depois principiou a desaparecer a cor carregada. Era tão violento o calor, naquele instante, que não se podia ter dadas às mãos. Achava-se presente o Sr. Haranger-Pirlat, antigo magnetizador, honrosamente conhecido, havia mais de 30 anos, no mundo do magnetismo.

Para explicar o caso, cremos que a idéia do calor intenso do sol do Brasil há fortemente sugestionado a paciente, cujo perispírito talvez estivesse muito pouco desmaterializado e, em conseqüência, ainda bastante sensível às radiações caloríficas. Houve, pois, parece-nos, repercussão da ação física do sol sobre o corpo material, facilitada e provavelmente aumentada pela auto-sugestão de que naquele país o calor é tórrido.

O fato da passagem da alteração do perispírito para o corpo físico já foi observado inúmeras vezes, de sorte que nos achamos em condições de lhe conceber o mecanismo (144), tendo-se mesmo chegado a verificá-lo experimentalmente, como vamos mostrar.

O Sr. Aksakof, numa experiência realizada em S. Petersburgo, com a célebre médium Kate Fox, observou que, enfulijada a mão fluídica do médium, a fuligem foi transportada para a extremidade

dos seus dedos materiais, que se não tinham movido, porquanto o sábio russo colocara as mãos da Sr.a Fox sobre uma placa luminosa, de modo a certificar-se bem da imobilidade delas e, por maior precaução, espalmara suas próprias mãos sobre as do médium.

Vê-se, pois, que há mais do que simples presunções no que respeita à existência de solidariedade entre o corpo e o seu duplo fluídico. No seu tratado de Magia Prática (145), Papus refere o caso de um oficial russo que, presa de obsessão por uma Individualidade encarnada, lançou-se de espada em punho sobre a aparição e lhe fendeu a cabeça. O ferimento feito no perispírito se reproduziu na mulher causadora do fenômeno, a qual, no dia seguinte, morreu das conseqüências do golpe recebido pelo seu corpo fluídico.

Dassier cita muitos casos semelhantes, extraídos dos arquivos judiciários da Inglaterra (146). Uma certa Joana Brooks, em se desdobrando, causara muitos malefícios àqueles de quem não gostava. Havendo atacado uma criança, esta entrou a deperecer rapidamente, sem que ninguém soubesse a que atribuir o mal que a tomara, quando, em dado momento, disse a criança, apontando para um ponto da parede: E Joana Brooks, que está ali! Um dos presentes saltou e deu um golpe de punhal no lugar indicado e a criança declarou que a mulher ficara ferida na mão. No dia seguinte, foram à casa da feiticeira e verificaram que ela estava realmente ferida, como o afirmara a criança.

Em circunstâncias quase semelhantes, outra mulher, Juliana Cox, foi ferida em sua perna fluídica, por uma moça a quem ela obsidiava e, indo-lhe depois a casa algumas pessoas, comprovaram que a lamina da faca, que lhe atingira o duplo fluídico, se adaptava exatamente à ferida que se lhe abrira na perna material.

Recordemos a última frase do Sr. de Rochas: A imagem da Sr.a Lux emitia radiações com máximas e mínimas. Ora, como essas radiações são imperceptíveis à visão ordinária, temos per demonstrado ser possível fotografar-se matéria invisível, o que pode fazer se compreenda a fotografia dos Espíritos.

Ação dos medicamentos a distância

Por outra série de provas, podemos evidenciar a existência do perispírito no homem. Fa-lo-emos examinando os efeitos que se produzem em certos pacientes hipnotizados, quando se lhes aproximam do corpo substâncias encerradas em frascos cuidadosamente arrolhados.

Os fatos expostos pelos Srs. Bourru e Burot (147) escapam a toda explicação científica, pela boa razão de que, desconhecendo o perispírito e suas propriedades, era impossível aos sábios compreender o gênero de ação que nesse caso se exerce. Graças às experiências do Sr. de Rochas, fazendo intervir nelas o perispirito exteriorizado, torna-se mais fácil explicar os fenômenos.

Depois de haver tomado todas as precauções, para evitar a simulação ou as sugestões, aqueles observadores comprovaram os fatos seguintes:

Conservada a uma distância de dez a quinze centímetros de um paciente adormecido, a cuba de um termômetro lhe produzia dor muito viva, convulsões e uma contração do braço. Um cristal de iodeto de potássio determinava espirros. O ópio fez dormir. Um frasco de jaborandi acarretava salivação e suor. Continuadas com a valeriana, a cantárida, a apomorfina, a ipecacuanha, o emético, a escamônea, o aloés, as mesmas experiências deram resultados precisos e concordantes. Apenas colocados perto da cabeça do paciente, mas sem contacto, cada um daqueles medicamentos produzia efeito de acordo com a sua natureza, isto é, verdadeira ação fisiológica, como se o aludido paciente o houvesse introduzido em seu organismo.

Foi também experimentada a ação de venenos diluídos na água e comprovaram-se os mesmos sintomas que se produziriam se o paciente os houvesse ingerido pelas vias ordinárias. O louro-cereja determinou uma crise de êxtase numa mulher judia, que acreditou ver a Virgem Maria.

O Dr. Luys, muito céptico a princípio, afinal se convenceu. Refere ele que dez gramas de conhaque num tubo selado a fogo e aproximado da cabeça de um paciente hipnotizado causam a

embriaguez ao cabo de dez minutos. Dez gramas dágua, sempre em tubo selado, produzem, depois de alguns minutos, a constrição da garganta, a rigidez do pescoço e os sintomas da hidrofobia. Quatro gramas de essência de tomilho, encerradas da mesma maneira num tubo e postas diante do pescoço de uma mulher hipnotizada, perturbaram-lhe a circulação, fizeram-lhe sair das órbitas os olhos, intumesceram-lhe o pescoço de modo assustador e ocasionaram, na inervação circulatória do pescoço, da face e dos músculos inspiratórios, uma crescente desordem, acompanhada de um ruído de pulmoeira de caráter sinistro, que aterrou o experimentador e o obrigou a deter-se, para evitar acidentes fulminantes. (148)

Diante de tão claras manifestações tangíveis, escreve o Dr. Luys, e tão precisas, de que fui com freqüência testemunha; diante de tão surpreendentes casos de repercussão das ações a distância sobre a inervação visceral dos pacientes, em os quais ocasionei náuseas e vômitos, apresentando-lhes um tubo que continha ipecacuanha em pó, e vontade de defecar, colocando-lhes no pescoço um tubo com vinte gramas de óleo de rícino, não hesito em reconhecer que assistimos a uma série de fenômenos singulares que se desenvolvem com exclusão das leis naturais, e à evolução normal deles, fenômenos que derrocam o que julgamos saber sobre a ação dos corpos. Mas, eles existem, impõem-se à observação e, cedo ou tarde, servirão de ponto de partida para a explicação de grande número de fenômenos invulgares da vida normal. (149)

Sem dúvida alguma, são singulares esses fatos, mas não é impossível explicá-los, depois que a exteriorização do perispírito e do fluído nervoso se tornou fenômeno demonstrado. Numa das experiências do Sr. de Rochas, observamos que a água acumula a sensibilidade e que, atuando-se sobre essa água, se transmitem sensações ao corpo. Devemos admitir que no mesmo caso estejam outros líquidos; mas, então, as sensações experimentadas estarão em relação com as propriedades desses líquidos, podendo-se notar no paciente os mesmos fenômenos que apresentaria, se os houvesse ingerido naturalmente.

Nas experiências precedentes, as substâncias estavam encerradas em frascos fechados a esmeril, ou selados a fogo. O fluido perispírítico, porém, penetra todos os corpos, o mesmo fazendo o fluido nervoso em grande número deles. Somente, pois, se observaram fenômenos, quando o medicamento em experiência era capaz de ser assimilado, quanto à sua parte volátil, pela força nervosa.

CAPITULO III
FOTOGRAFIAS E MOLDAGENS DE FORMAS DE ESPIRITOS DESENCARNADOS

SUMARIO: A fotografia dos Espíritos. - Fotografias de Espíritos desconhecidos dos assistentes e identificados mais tarde como sendo de pessoas que viveram na Terra. - Espíritos vistos por médiuns e ao mesmo tempo fotografados. - Impressões e moldagens de formas materializadas. - História de Katie King. - As experiências de Crookes. - O caso da Sra. Livermore. - Resumo. - Conclusão. - As conseqüências.

A fotografia dos Espíritos

Vimos que um dos fenômenos que de modo autêntico demonstram a existência da alma durante a vida é a fotografia do duplo, durante a sua saída temporária do corpo. A grande lei de continuidade, que rege os fenômenos naturais, havia dê conduzir os espíritas a ponderar que, sendo a alma humana - durante o seu

desprendimento - capaz de impressionar uma chapa fotográfica, a mesma faculdade há de ela ter após a morte. E efetivamente o que se chegou a comprovar, desde que se puderam estabelecer as condições necessárias a essas manifestações transcendentes.

Aqui, nenhuma objeção pode prevalecer. A prova fotográfica tem um valor documentário de extrema importância, porque mostra que a famosa teoria da alucinação é notoriamente inaplicável a tais fatos. A chapa sensível constitui um testemunho científico que certifica a sobrevivência da alma à desagregação do corpo; que atesta conservar ela uma forma física no espaço e que a morte não lhe pode acarretar a destruição.

Em face de semelhantes resultados, que restará de todas as costumeiras declamações acerca do sobrenatural e do maravilhoso? Há-se de convir em que os Espíritos se obstinaram singularmente em contrapor-se aos que lhes negam a existência. Não satisfeitos com o se fazerem visíveis aos seus parentes e amigos, apareceram em fotografias e forçoso foi se reconhecesse que dessa vez o fenômeno era verdadeiramente objetivo, pois que a chapa fotográfica lhes conservava indelével a imagem. Resumamos sumariamente, segundo o eminente naturalista Russel Wallace, alguns fatos bem verificados. (150)

E freqüente zombarem do a que se chamou fotografias espíritas, porque algumas podem ser facilmente imitadas. Refletindo-se, porém, um pouco, ver-se-á que essa mesma facilidade também faz que a gente se precate da impostura, pois bastante conhecidos são os meios de imitação. Em todo caso, ter-se-á de admitir que um fotógrafo experimentado não pode ser iludido a tal ponto, desde que ele próprio forneça as chapas e fiscalize as operações, ou as execute.

Aliás, há um meio muito simples de se verificar se a figura que aparece é a de um Espírito desencarnado. Consiste esse meio em ver se a pessoa que posa ou os membros da sua família reconhecem a figura que se apresenta na chapa. Se reconhecerem, o fenômeno é real. E o caso de Wallace, que o narra assim:

A 14 de março de 1874, convidado, fui pela primeira e única vez ao gabinete do Sr. Hudson, acompanhado da Sra. Guppy, como

médium. Contava eu que, se obtivesse algum retrato espírita, fosse o de meu irmão mais velho, em cujo nome freqüentes mensagens eram recebidas por intermédio da Sra. Guppy, com quem eu fizera uma sessão antes de ir ao Sr. Hudson, sessão essa na qual recebera, pela tiptologia, uma comunicação onde se dizia que minha mãe se fosse possível, apareceria na chapa.

Posei três vezes, sempre escolhendo eu próprio a posição que tomava. De todas as vezes, apareceu no negativo, juntamente com a minha imagem, uma segunda figura. A primeira era a de uma pessoa, do sexo masculino, trazendo à cinta um sabre curto; a segunda, uma pessoa de pé, aparentemente a meu lado, um pouco por trás de mim, olhando para baixo, na minha direção, e empunhando um ramo de flores. Na terceira sessão, depois de haver tomado a posição que escolhi e quando já a chapa preparada fora colocada na câmara escura, pedi que a aparição se apresentasse junto de mim e nessa terceira chapa apareceu uma figura de mulher encostada a mim e à minha frente, de tal sorte que os panos que a revestiam cobriram toda a parte inferior do meu corpo.

Vi todas as chapas reveladas e, em cada caso, a figura se mostrou no momento em que o liquido revelador foi derramado sobre o negativo, ao passo que a minha imagem só se tornou visível uns vinte segundos mais tarde. Não reconheci nenhuma das figuras nos negativos, mas, logo que obtive as provas, ao primeiro golpe de vista verifiquei que a terceira chapa continha um retrato incontestável de minha mãe, muito parecido quanto aos traços fisionômicos e à expressão do semblante. Não era uma semelhança como a que existe num retrato tirado em vida, mas uma semelhança um pouco idealizada, se bem fosse, para mim, uma semelhança que não me permitia qualquer equívoco.

A segunda fotografia é muito menos distinta: o olhar se dirige para o chão; o rosto tem uma expressão diferente da terceira, a tal ponto que, a principio, achei que era outra pessoa. Tendo enviado os dois retratos de mulher à minha irmã, ela foi de opinião que o segundo se parecia muito mais com minha mãe do que o terceiro e que, de fato, apresentava boa semelhança com ela como expressão,

mas com alguma coisa de inexato na boca e no queixo. Verificou-se que isso era devido, em parte, a que o fotógrafo retocara os brancos. Efetivamente, ao ser lavada, a fotografia se mostrou toda coberta de manchas brancas, mas melhor, quanto da semelhança, com minha mãe. Eu ainda não verificara a semelhança do segundo retrato, quando, ao examiná-lo algumas semanas mais tarde com um vidro de aumento, imediatamente percebi um traço especial e notável do rosto natural de minha mãe, a saber: o lábio e o maxilar inferiores bastante salientes.

Os dois espectros trazem iguais ramos de flores. E de notar-se que, quando eu posava para o segundo grupo, o médium haja dito: Vejo alguém e há flores.

Esse retrato também foi reconhecido pelo irmão de R. Wallace (151), que não é espírita.

Se um médium declara que vê um Espírito, quando as outras pessoas presentes nada vêem, e que o Espírito está em tal lugar; se lhe descreve o aspecto e as vestes e, em seguida, a chapa fotográfica confirma a descrição em todos os pontos, não se poderá negar que, positivamente, o Espírito existe no lugar indicado. Damos a seguir muitos exemplos de tão notáveis manifestações.

E autor dessas experiências o Sr. Beattie, de Clinton, de quem o editor do British Journal of Photography fala nestes termos:

Todos os que conhecem o Sr. Beattie o consideram hábil e cuidadoso fotógrafo, uma das últimas criaturas, no mundo, passíveis de ser enganadas, pelo menos em tudo o que diga respeito à fotografia. Também é incapaz de enganar os outros.

O Sr. Beattie teve a ajudá-lo em suas pesquisas o Dr. Thomson, médico em Edimburgo, que durante vinte e cinco anos praticou a fotografia como amador. Os dois fizeram experiências no gabinete de um amigo não espiritualista, mas que se tornou médium no curso das experimentações. Auxiliou-os como médium um negociante muito amigo dos dois. Todo o trabalho fotográfico era executado pelos Srs. Beattie e Thomson, conservando-se os dois outros sentados junto de uma mesa pequena. As provas foram tiradas por

séries de três, com poucos segundos de intervalo e muitas dessas séries foram feitas numa mesma sessão...

Há duas provas, tiradas como as antecedentes, em 1872 e cujas fases todas o médium descreveu durante a exposição das chapas. Apareceu primeiro, diz ele, um denso nevoeiro branco. A prova saiu toda sombreada de branco, sem nenhum vestígio dos modelos. A outra fotografia ele a descreveu previamente, como tendo de ser um nevoeiro em forma de nuvem, com uma pessoa no meio. Na prova, vê-se apenas uma figura humana, branca, dentro de uma superfície quase uniformemente enevoada. Durante as experiências de 1873, em cada caso o médium descreveu minuciosa e corretamente as configurações que haviam de em seguida aparecer na chapa. Numa delas, há uma estrela luminosa de grande dimensão, em cujo centro se mostra bem visível um rosto humano. E a última das três em que se manifestou uma imagem, tendo o médium anunciado cuidadosamente o conjunto.

Noutra série de três, o médium, primeiro, descreveu o seguinte: Uma luz nas suas costas, vinda do chão; depois: uma luz a subir pelo braço de outra pessoa e provindo ou parecendo provir da perna; em terceiro: existência da mesma luz, mas com uma coluna que se eleva da mesa, como que incandescente, até às suas mãos. E exclamou de súbito: Que luz brilhante lá no alto! Não na vedes? E apontava com a mão o lugar. Todas essas palavras descreviam muito fielmente o que depois apareceu nas três provas, sendo que na última se percebia a mão do médium indicando uma mancha branca existente acima da sua cabeça.

Mencionemos ainda uma fotografia isolada e muito marcante.

Durante a pose, disse um dos médiuns estar vendo, no plano posterior, uma figura negra, enquanto que o outro médium dizia perceber uma figura brilhante ao lado daquela. Na fotografia, aparecem as duas figuras, muito fraca a brilhante, muito mais nítida a escura, que é de gigantesca dimensão, de talhe maciço, traços grosseiros e longa cabeleira.

Tais experiências só puderam realizar-se com muito trabalho e perseverança. As vezes, vinte provas consecutivas nada de anormal

revelavam. Passaram de cem as que se tiraram, havendo completo malogro na maioria delas. Mas, os êxitos alcançados valeram bem a pena que custaram. Demonstram de modo a não admitir dúvidas: 1 - a existência objetiva dos Espíritos; 2 - a faculdade, que possuem alguns seres chamados médiuns, de ver essas formas que se conservam invisíveis para toda gente.

Sendo da mais alta importância a prova fotográfica da visão mediúnica, citaremos o fato que segue, extraído da obra de Aksakof, Animismo e Espiritismo, págs. 67 e seguintes:

O Banner of Light, de 25 de janeiro de 1873, publicou uma carta do Sr. Bromson Murray (152) concebida nestes termos:

Senhor Diretor,

Num dos últimos dias do mês de setembro último, a senhora W. H. Mumler, residente na cidade de Boston, à rua West Springfield, achando-se em estado de transe, durante o qual dava conselhos médicos a um de seus doentes, interrompeu-se de súbito para me dizer que, quando o Sr. Mumler me fotografasse,, apareceria na chapa, ao lado do meu retrato, a imagem de uma mulher, segurando na mão uma âncora feita de flores. Essa mulher desejava ardentemente afirmar sua sobrevivência ao marido e inutilmente procurara até então uma oportunidade de aproximar-se dele. Achava que o conseguiria por meu intermédio. Acrescentou a Sra. Mumler: Por meio de uma lente, poder-se-ão perceber nessa chapa as letras R. Bonner. Perguntei-lhe, mas em vão, se essas letras queriam dizer Robert Bonner. No momento em que me preparava para a pose, a fim de me ser tirada a fotografia, cai em transe, o que jamais me acontecera. Apesar de todos os esforços, Mumler não conseguiu colocar-me na posição desejada. Foi-lhe impossível fazer que eu ficasse ereto e com a cabeça apoiada no suporte. Meu retrato, pois, ele o tirou na posição que a prova indica, aparecendo a meu lado a figura de mulher com a âncora e as letras formadas de botões de rosas, como fora predito. Infelizmente, eu não conhecia com o nome de Bonner pessoa alguma que pudesse estabelecer a identidade da figura fotografada.

De volta à cidade, referi a várias pessoas o que se dera. Disse-me uma delas que recentemente encontrara um Sr. Bonner, da Georgia. Queria mostrar-lhe a fotografia. Decorridos quinze dias, essa pessoa me pediu que passasse pela sua casa. Alguns instantes depois de haver eu lá chegado, entrou um visitante: Sr. Robert Bonner. Declarou-me que era de sua mulher a fotografia, que a vira em poder da senhora que no momento nos recebia e que achava perfeita a semelhança. Aliás, não há aqui quem conteste a semelhança que aquela fotografia apresenta com um retrato da Sra Bonner, tirado dois anos antes de sua morte. (153)

O Sr. Bonner ainda obteve a fotografia de sua defunta mulher numa posição previamente designada por um médium de Nova York que não a conhecia, nem vira a fotografia que se achava em Boston.

O jornal O Médium, de 1872, também fala de uma fotografia de Espírito, obtida ao mesmo tempo em que o médium declarava o que se ia dar. Diz o jornal:

No momento em que a chapa ia ser exposta, a Sr.a Connant (o médium) voltou-se para a direita e exclamou: Oh! Aqui está a minha Was-Ti! (Era uma menina índia, que se manifestava freqüentemente por seu intermédio.) E estendeu a mão esquerda, como se quisesse pegar a da aparição. Na fotografia, vê-se, perfeitamente reconhecível, a figura da indiazinha, com os dedos da mão direita na mão da Sr.a Connant.

Temos, pois, aqui, a fotografia de uma figura astral, assinalada e reconhecida pelo paciente sensitivo, no momento da exposição da chapa. É mais uma confirmação das experiências do Sr. Beattie.

Poderíamos multiplicar o número das citações deste gênero; mas, a exigüidade do nosso quadro nos obriga a remeter o leitor às mencionadas obras do eminente naturalista e do sábio russo. Em precedente trabalho (154), reproduzimos a fotografia de um Espírito obtida em plena obscuridade, pelo Sr. Aksakof, com o médium Eglinton. Veremos, dentro em pouco, que também o grande físico inglês William Crookes obteve uma série de fotografias de uma forma materializada.

Examinemos outro aspecto do fenômeno.

Impressões e moldagens de formas materializadas

Os casos de aparições de duplos de pessoas vivas ou de Espíritos após a morte terrestre, comprovadas e referidas pela Sociedade de Pesquisas Psíquicas, são manifestações isoladas, reais, porém, relativamente muito raras e que se produzem somente em circunstâncias tão excepcionais, que se torna difícil fazer delas outra análise além da que resulta da narração verídica do acontecimento. Os espíritas, familiarizados desde longo tempo com esses fenômenos, hão feito um estudo minucioso de todos os possíveis gêneros de comunicação dos Espíritos conosco. Entre os mais notáveis de tais fenômenos, podem citar-se as diversas impressões deixarias em substâncias moles ou friáveis, pelos seres do espaço, durante sessões em que foram evocados. Resumamos em poucas palavras tão probantes experiências, de que voltaremos a tratar no capítulo seguinte.

Pretendem os cépticos que ninguém pode estar certo de não se achar alucinado, ao observar a presença de uma aparição, senão se esta houver deixado, da sua passagem, um traço que subsista após o desaparecimento da imagem.

Os fatos que se seguem respondem a esse desideratum.

O eminente astrônomo alemão Zoellner obteve, em folhas de papel enegrecido e postas entre ardósias, colocadas estas sobre os seus joelhos, duas marcas, de um pé direito uma, a outra de um pé esquerdo, sem que o médium houvesse tocado as lousas. Doutra vez, colocou o papel enegrecido sobre uma prancheta e a marca de um pé foi aí feita, medindo quatro centímetros menos do que o pé de Slade (155). Num vaso cheio de farinha finíssima, achou-se a marca de uma mão, com todas as sinuosidades da epiderme nitidamente visíveis.

Já fizemos notar que as aparições sempre se assemelham, traço a traço, às pessoas de quem elas são o desdobramento. Faremos notar agora que os Espíritos que se materializam momentaneamente tomam um corpo físico idêntico a um corpo material ordinário,

porquanto as marcas ou impressões que eles deixam revelam semelhança perfeita com as que as mesmas partes de um corpo vivo produziriam.

O professor Chiaia, de Nápoles, experimentando com Eusápia Paladino, teve a idéia de se munir de argila dos escultores e o Espírito imprimiu nessa matéria plástica o seu rosto. Derramando gesso no molde assim produzido, obteve ele uma bela cabeça de homem, de melancólico semblante. (156)

Na América, conseguiram-se resultados do mesmo gênero, chegando-se até a descobrir um novo meio de se obterem reproduções fiéis das aparições. Derretendo-se parafina em água quente, aquela sobe à superfície desta. Pede-se então ao Espírito que mergulhe repetidas vezes na parafina a parte do seu corpo que se deseja conservar. Feito isso e desmaterializando-se, quando o envoltório de parafina se ache seco, a aparição deixa um molde perfeito. Derrame-se gesso dentro deste e ter-se-á uma lembrança duradoura do Espírito desencarnado que se prestou à operação. Vamos transcrever o relato de uma dessas sessões, reproduzindo o que publicou o célebre sábio russo Aksakof. (157)

Para completar as experiências do Sr. Reimers acrescentar-lhes-ei a resenha de uma sessão que se realizou em Manchester, a 7 de abril de 1875, e à qual deu publicidade The Spiritualist de 12 de maio seguinte. Da mesma resenha apareceu uma tradução alemã no Psychische Studien de 1877, páginas 550-553. Dentre as cinco testemunhas, conheço pessoalmente os Srs. Marthèze, Oxley e Reimers, dignos todos de absoluto crédito:

Nós, abaixo assinados, certificamos pela presente os fatos seguintes, que se produziram na nossa presença, em casa do Sr. Reimers a 7 de abril de 1875. Pesamos cuidadosamente três quartos de libra de parafina, pusemo-los numa cuba e despejamos em cima água a ferver, o que logo a derreteu. Se introduzir muitas vezes uma mão nesse liquido, a parafina que sobre ela se depositar, forma, depois de resfriada, um molde perfeito. A cuba, assim como outro vaso contendo água fria, fora colocada a um canto da sala. Duas cortinas de seis pés de altura e quatro de largura, suspensas por

varões de ferro, formavam um gabinete quadrado, tendo em cada extremidade aberturas de quinze polegadas de largo. A parede ficava distante da casa ao lado e, quase cheio de móveis o gabinete, a ninguém podia acudir a idéia da existência de alçapões, tanto mais que também o assoalho estava coberto de vasos, cadeiras, etc.

Uma senhora de nossa amizade, dotada desse misterioso poder a que se dá o nome de mediunidade, foi envolvida numa rede de malhas, que lhe cobria a cabeça, os braços, as mãos e cujos cordões, passando em corrediças, foram apertados o mais possível e amarrados com um nó. Meteu-se ao demais na rede um pedaço de papel que cairia se desfizesse o nó. Todas as testemunhas foram acordes em declarar que seria impossível ao médium, por si só, libertar-se, sem se trair. Nessa situação foi ela conduzida ao canto do gabinete onde só havia a cadeira, alguns vasos e uma estante de livros. Nada que se visse havia perto desses objetos, que examinamos a toda luz do gás.

Fechou-se a sala. Baixamos a luz, mas de modo que alguma coisa sempre se podia distinguir no aposento, e sentamo-nos a distância de quatro ou seis pés da cortina. Decorrido algum tempo, que passamos a cantar ou a ouvir música, uma figura apareceu na abertura do meio da cortina e se moveu para o lado. Todos os assistentes notaram distintamente a bela e brilhante coroa que trazia à cabeça e a fita preta que lhe rodeava o pescoço e da qual pendia uma cruz de ouro. Logo outra figura feminina surgiu, também com uma coroa visível. Mostrando-se ao mesmo tempo em que a primeira elevou-se acima do gabinete em direção ao teto e graciosamente saudou os assistentes. Uma voz fortíssima de homem, vinda do canto, anunciou que ia tentar fazer moldes.

Então, na abertura da cortina apareceu de novo a primeira figura, fazendo sinal ao Sr. Marthèze para que se aproximasse, a fim de lhe apertar a mão. Tirou-lhe do dedo o anel e o Sr. Marthèze viu, naquele mesmo instante, o médium no canto oposto, envolto na rede já descrita. A figura, porém, se desvaneceu rapidamente na direção do médium.

Tendo o Sr. Marthèze voltado à sua cadeira, a voz perguntou de dentro do gabinete que mão desejávamos e pouco depois aquele senhor foi outra vez chamado à abertura da cortina, para receber o molde de uma mão esquerda. Inspecionando-a, descobriu-se-lhe num dos dedos o anel do Sr. Marthèze. O Sr. Reimers foi chamado a seu turno e recebeu da mesma maneira a mão direita destinada a seus sábios amigos de Leipzig, em cumprimento da promessa que lhes ele expressamente fizera. Em seguida, ouviu-se tossir o médium, cuja tosse desaparecera durante todo o tempo (mais de uma hora), tosse que fizera recear um malogro, tão violentos tinham sido em começo os acessos. Quando ela saiu do gabinete, examinamos os nós e... achamos tudo no mesmo estado que anteriormente. Retiramos toda a parafina que restava no vaso e, pesando-a juntamente com os dois moldes obtidos, encontramos pouco mais de três quartos de libra, sendo o pequeno excesso devido ao anel que aderira à parafina, como se verificou, tirando-o do molde. A proporção dágua dos moldes correspondia perfeitamente ao restante. Com isso terminaram as nossas experiências.

As mãos obtidas diferem consideravelmente, sob todos os aspectos, das do médium, mas ambas revelam as pequenas marcas (muito bem visíveis com o auxílio de um vidro de aumento) de uma mão pequenina, da mesma individualidade que por mais de uma vez nos deu, moldes em condições idênticas de experimentação.

Assinados: J. N. Tiedman Marthèze, Palmeira Square, Brington. - Christian Reimers, 2, Ducie Avenue, Oxford Road, Manchester. - William Oxley, 65, Burwen Road, Manchester. – Thomas Gaskell, 69, Oldham Road, Manchester. - Henry Marsh, Birch Cottage, Fairy lane, Bury new-road Manchester.

É de notar-se que os experimentadores espíritas tomaram todas as precauções para evitar qualquer causa de erro, da parte deles ou da do médium. Essas experiências, como outras análogas, freqüentemente repetidas hão dado lugar a que já se eleve a algumas centenas o número de moldes reproduzindo partes diversas das materializações de Espíritos de todas as idades e de ambos os sexos.

Em todas as experiências, as peças obtidas se assemelham às que se obteriam, se a operação fosse praticada em corpos de vivos.

O Sr. de Bodisco, camareiro do czar (158), publicou o relato de curiosas experiências de materialização, feitas com o médium Srta. K . . .

Não hesito, diz ele, em declarar que o corpo astral (ou psíquico) é, na natureza, o mais importante de todos os corpos, sem embargo da pertinácia com que as ciências experimentais se obstinam em ignorá-lo. Esse corpo tem a governá-lo leis cujo estudo lançará luz em muitos corações, que desejam ser consolados por uma prova real da vida futura. Ele constitui a única parte imperecível do corpo humano. É o zoo-éter, ou matéria primordial, ou força vital.

Quatro fotografias tirou ele, mostrando diversas fases da materialização, desde a em que a aparição astral ou psíquica cerca o corpo do médium, até a da condensação de uma forma, da qual se vê a cabeça, parecendo envolto numa espécie de gaze o resto do corpo. Ao lado da forma, percebe-se o corpo do médium, em letargia, na poltrona.

História de Katie King

Os fenômenos de materialização constituem as mais altas e irrefragáveis demonstrações da imortalidade.

Surgir um ser defunto diante dos espectadores com uma forma corpórea, conversar, caminhar, escrever e desaparecer, quer instantaneamente, quer gradativamente, sob as vistas dos observadores, é decerto o mais empolgante e o mais singular dos espetáculos. Isso, para um incrédulo, ultrapassa os limites da verossimilhança e provas físicas irrefutáveis se fazem necessárias, para que o fenômeno não seja lançado à conta de fraude ou de alucinação.

Felizmente, porém, bom número existe de observações, relatadas por homens imparciais e, ainda, dotados da isenção e da competência indispensáveis a dar a tais experiências o apoio da autoridade de que eles desfrutam.

O Sr. Aksakof fez com o médium Eglinton uma série delas, em que as mais minuciosas precauções foram tomadas, o que lhe facultou chegar a resultados absolutamente inatacáveis, do ponto de vista científico. O avultado número de matérias de que temos de tratar nos obriga, com muito pesar nosso, a remeter o leitor às obras originais onde esses casos se encontram longamente expostos. Serão consultadas com proveito: Animismo e Espiritismo, de Aksakof; Ensaio de Espiritismo Científico, de Metzger; Depois da morte, de Léon Denis, e Psiquismo Experimental, de Erny.

Aqui, agora, nos limitaremos a apresentar alguns dados geralmente desconhecidos sobre a célebre Katie King, cuja existência foi posta fora de dúvida pelos trabalhos, que se tornaram clássicos, de William Crookes, consignados em seu livro: Pesquisas experimentais sobre o Espiritismo. Servir-nos-emos dos estudos que na Revue Spirite (159) publicou a Sr.a de Laversay, resumindo o mais possível essa interessante tradução da obra de Epes Sargent, editada em Boston, no ano de 1875.

Muitas pessoas, pouco a par da literatura espírita, supõem que o Espírito Katie King só foi examinado por William Crookes. Vamos mostrar que há elevadíssimo número de atestados relativos à sua existência, procedentes de testemunhas bastante conhecidas no mundo literário e científico. Quando o ilustre químico teve de verificar a mediunidade da Srta. Cook, já muito tempo havia que Katie se materializava. Os grandes médiuns, por demais raros, não se revelam de improviso. Faz-se necessário certo tempo para que cheguem a produzir fenômenos físicos. Por um lado, o médium precisa de adestramento e, por outro, o Espírito que dirige as manifestações é obrigado a exercitar-se longo tempo, para manipular com a indispensável exatidão os fluidos sutis que tem de empregar.

Em 1872, contava a Srta. Cook dezesseis anos. Desde a mais tenra idade via Espíritos e ouvia vozes; mas, como somente ela observava esses fatos, seus pais nenhuma confiança depositavam em suas narrativas. Depois de haver ela assistido a algumas sessões espíritas, veio-se a saber que a mocinha era médium e que obteria as mais belas manifestações. A princípio, o Sr. e a Sra. Cook se

opuseram. Entretanto, depois de assediados pelos Espíritos, resolveram ceder aos desejos dos atores invisíveis e foi então que se deram fenômenos absolutamente probantes.

A 21 de abril de 1872, diz o Sr. Harrison, no jornal O Espiritualista, ocorreu um curioso incidente. Ouviram de súbito bater nos vidros de uma janela; aberta esta, ninguém viu coisa alguma. Fez-se, porém, ouvir a voz de um Espírito, dizendo: Senhor Cook, precisa mandar limpar suas calhas, se não quiser que os alicerces de sua casa sejam abalados. As calhas estão entupidas. Muito surpreendido, procedeu ele a uma exame imediato. Era exato! Chovera e o pátio da casa estava cheio da água que transbordara das calhas. Ninguém sabia desse acidente, antes que o Espírito o houvesse revelado daquela forma notável. Acompanhando-se a marcha da mediunidade da Srta. Cook, observa-se o desenvolvimento de uma série de fenômenos, que se produzem sucessivamente, tornando-se cada dia mais espantosos, até chegarem à materialização de Katie. Correu assim a primeira sessão em que ela se mostrou.

Até então, as sessões se haviam realizado no escuro. Querendo remediar isso, o Sr. Harrison fez muitos ensaios em casa do Sr. Cook com luzes diferentes. Conseguiu uma luz fosforescente, aquecendo uma garrafa revestida interiormente de uma camada de fósforo, misturada com óleo de cravo. Graças a esse engenho, podia-se ver o que se passava durante a sessão às escuras. A 22 de maio de 1872, a Sr.a Cook, seus filhos, uma tia destes e a criada se reuniram e o Espírito Katie King se materializou parcialmente. A Srta. Cook não estava a dormir, como o faz certo uma carta que ela no dia seguinte dirigiu ao Sr. Harrison, nestes termos:

Ontem à noite, Katie King nos disse que tentaria produzir alguns fenômenos, mas se concordássemos em armar um gabinete escuro com o auxílio de cortinas. Acrescentou que precisava lhe déssemos uma garrafa de óleo fosforescente, visto não lhe ser possível tomar de mim o fósforo necessário, devido ao fraco desenvolvimento da minha mediunidade. Ela quer iluminar a sua figura, para se tornar visível.

Encantada com a idéia, fiz os preparativos necessários, ficando tudo pronto ontem à noite, às 8 e meia. Minha mãe, minha tia, os meninos e a criada sentaram-se fora, nos degraus da escada. Deixaram-me sozinha na sala de jantar, o que nada me agradou, porque estava com muito medo.

Katie mostrou-se na abertura das cortinas. Seus lábios se moveram e, por fim, conseguiu falar. Conversou durante alguns minutos com a mamãe. Todos puderam ver-lhe o movimento dos lábios. Como eu, do lugar onde estava, não a visse bem, pedi-lhe que se voltasse para mim. O Espírito me respondeu: Mas, decerto; fa-lo-ei. Vi então que só estava formada a parte superior do seu corpo, o busto, sendo o resto da aparição uma espécie de nuvem, ligeiramente luminosa.

Após breves instantes de espera, o Espírito Katie começou por trazer algumas folhas frescas de hera, planta que não existe no nosso jardim. Depois, todos vimos aparecer, fora da cortina, um braço cuja mão segurava a garrafa luminosa. Mostrou-se uma figura com a cabeça coberta de uma porção de pano branco. Katie aproximou do seu rosto o frasco e todos a percebemos distintamente. Esteve dois minutos e em seguida desapareceu. O rosto era oval, aquilino o nariz, vivos os olhos e a boca lindíssima.

Disse Katie à mamãe que a olhasse bem, pois sabia que tinha um ar lúgubre. Eu, pelo que me diz respeito, fiquei muito impressionada quando o Espírito se aproximou de mim. Emocionadíssima, não pude falar, nem mesmo esboçar um gesto. Da íntima vez que se apresentou na junção das cortinas, demorou-se uns bons cinco minutos e incumbiu a mamãe de lhe pedir que venha aqui um dia desta semana... Katie King encerrou a sessão, implorando para nós as bênçãos de Deus. Exprimiu a sua alegria por se ter podido mostrar aos nossos olhares.

O Sr. Harrison atendeu a 25 de abril ao convite de Katie e na sua presença se verificou a segunda sessão de materialização. Ele tomou interessantes notas que publicou depois no seu jornal, The Spiritualist, donde extraímos os tópicos seguintes

Testemunho do Sr. Harrison - Com a minha presença, uma sessão se realizou a 25 de abril, em casa do Sr. Cook. O médium, Srta. Cook, sentou-se no interior de um gabinete escuro. De tempos a tempos, ouvia-se um ruído de raspagem com unhas. O Espírito Katie segurava um tecido leve, por ela mesma fabricado e no qual procurava recolher, em torno do médium, os fluidos necessários à sua materialização completa. Para esse efeito, atritava o médium com o mencionado tecido. Dali a pouco, travou-se em voz baixa, entre o médium e o Espírito, o seguinte diálogo:

Srta. Cook - Vamos, Katie, não gosto de ser friccionada assim. Katie - Não sejas tolinha, tira o que tens na cabeça e olha-me. (E continuava a friccionar.)

Srta. Cook - Não quero. Deixa-me, Katie. Já não gosto de ti. Metes-me medo.

Hatie - Como és tola! (E não cessava de friccionar.)

Srta. Cook - Não me quero prestar a estas manifestações. Não gosto disto. Deixa-me sossegada.

Katie - És apenas o meu médium e um médium é uma simples máquina de que os Espíritos se servem.

Srta. Cook -Pois bem! Se não sou mais do que máquina, não gosto de ser assombrada deste jeito. Vai-te embora.

Katie - Não sejas estouvada.

Vê-se, por este diálogo, que a aparição não é o duplo do médium, pois que a vontade consciente da moça se revela em oposição absoluta à do fantasma, que se acha na sua presença.

A Sr.a d Espérance, outro médium célebre (160), resolveu não mais cair em transe durante as manifestações e o conseguiu, o que mostra a independência da sua individualidade psíquica no curso das aludidas manifestações. O Sr. Harrison, em sessões ulteriores, pôde apreciar o desenvolvimento do fenômeno e o descreveu assim:

A figura de Katie nos apareceu com a cabeça toda envolta num pano branco, a fim, disse ela, de impedir que o fluido se dispersasse muito rapidamente. Declarou que apenas o seu rosto se achava materializado. Todos puderam ver-lhe distintamente os traços do semblante. Notamos que tinha fechados os, olhos. Mostrava-se

durante meio minuto e desaparecia. Depois, disse-me: Willie, olha como sorrio; vê como falo. E exclamou: Cook, aumenta a luz. Imediatamente isso foi feito e todos puderam observar a figura de Katie King brilhantemente iluminada. Tinha uma fisionomia jovem, linda, jovial, olhos vivos um tanto maliciosos. Sua tez já não era mate e imprecisa, como da sua primeira aparição, a 22 de abril, porque, explicava ela: já sei melhor como devo fazer. Quando a sua figura se apresentou em plena luz, suas faces pareciam naturalmente coloridas. Todos os assistentes exclamaram: Vemos-te agora perfeitamente. Katie manifestou a sua alegria, estendendo o braço para fora da cortina e batendo na parede com um leque que achara ao seu alcance.

As sessões continuaram com bom êxito. As forças de Katie King aumentaram de mais em mais; porém, durante longo tempo, ela só consentiu uma luz muito fraca, enquanto se materializava. A cabeça trazia sempre envolta em véus brancos, porque não a formava completamente, a fim de empregar menor quantidade de fluido e não fatigar a médium. Ao cabo de bom número de sessões, conseguiu mostrar-se em plena luz, com o rosto, os braços e as mãos descobertos.

Naquela época, a Srta. Cook permanecia quase sempre acordada, enquanto se achava presente o Espírito. Algumas vezes, porém, quando fazia mau tempo, ou eram desfavoráveis outras condições, a mocinha adormecia sob a influência espírita, o que aumentava o poder da médium e obstava a que a sua atividade mental perturbasse a ação das forças magnéticas. Depois, Katie não mais apareceu sem que a médium estivesse em transe. Realizaram-se algumas sessões para a aparição de outros Espíritos; mas, essas sessões tiveram que ser efetuadas com muito pouca luz e foram menos perfeitas do que as em que Katie se mostrava. Contudo, verificou-se a aparição de figuras conhecidas, cuja autenticidade ficou bem comprovada. Apreciaremos daqui a pouco o testemunho da Sr.a Florente Marryat, conhecida escritora.

Numa sessão feita a 20 de janeiro de 1873, em Hackney, sua face se transformou, tornando-se, de branca, negra, em poucos

segundos, fato que depois se reproduziu muitas vezes. Para mostrar que suas mãos não eram movidas mecanicamente, ela fez uma costura na cortina que se havia rasgado. Noutra sessão, a 12 de março e no mesmo local, as mãos da Srta. Cook foram atadas, sendo postos selos de cera sobre os nós. Katie King se mostrou então a certa distância, à frente da cortina, com as mãos inteiramente livres.

Como se vê, só ao fim de longas experiências, a princípio imperfeitas e que com a continuação foram melhorando, o Espírito Katie King alcançou o desenvolvimento que lhe possibilitou manifestar-se livremente, em plena luz, sob forma humana, fora e à frente do gabinete escuro, diante de um círculo de espectadores maravilhados.

A partir desse momento, organizaram-se controles muito severos e, somente depois de os terem estudado com todo o rigor possível, foi que o Sr. Benjamin Coleman, o Dr. Gully e o Dr. Sexton proclamaram a realidade daquelas manifestações transcendentes. Tiraram-se à luz do magnésio muitas fotografias de Katie King, estando ela completamente materializada, de pé na sala, sob severíssima fiscalização. Desde os primórdios da mediunidade da Srta. Cook, o Sr. Ch. Blackburn, de Manchester, com ponderada liberalidade, lhe fez importante dote que lhe assegurou a subsistência. Assim procedeu ele, tendo em vista o progresso da ciência. Todas as sessões da Srta. Cook se realizaram gratuitamente.

Primeiras fotografias de Katie King

Na primavera de 1873, muitas sessões se realizaram com o fito de obterem-se fotografias de Katie King. A 7 de maio, tiraram-se quatro com bom resultado. Uma delas foi reproduzida em gravura.

As experiências fotográficas se acham bem descritas na resenha que abaixo transcrevemos, elaborada depois de uma sessão e assinada com os seguintes nomes: Amélíe Corner, Caroline Corner, M. Luxmore, G. Tapp e W. Harrison. Ao começar a sessão, tomaram-se as seguintes precauções: a Sra Corner e sua filha acompanharam a Srta. Cook ao seu quarto, onde lhe pediram que se

despisse, a fim de serem examinadas suas roupas. Fizeram-na envergar um grande roupão de pano cinzento, em substituição do vestido que despira e depois conduziram-na à sala das sessões, onde lhe ataram solidamente os pulsos com as fitas. O gabinete foi examinado em todos os sentidos, após o que a Srta. Cook se sentou dentro dele. As fitas que lhe atavam os punhos foram passadas por um anel fixado no assoalho, em seguida por baixo do manto, sendo, afinal, amarradas a uma cadeira colocada fora do gabinete. Desse modo, se a médium se movesse, logo o perceberiam.

A sessão principiou às seis horas da tarde e durou cerca de duas horas, com um intervalo de trinta minutos. A médium adormeceu logo que se instalou no gabinete e, decorridos poucos instantes, Katie apareceu e se encaminhou para o meio da sala. Também assistiam à sessão a Sra Cook e seus dois filhos que muito se divertiam a conversar com o Espírito.

Katie vestia de branco. Aquela noite, seu vestido era decotado e de mangas curtas, de sorte que se lhe podiam admirar o maravilhoso pescoço e os belos braços. A própria coifa que, como sempre, lhe envolvia a cabeça, estava ligeiramente afastada, deixando ver seus cabelos castanhos. Os olhos eram grandes e brilhantes, de cor cinzenta, ou azul escuro. Tinha a tez clara e rosada, os lábios corados. Parecia inteiramente viva. Notando o prazer que experimentávamos em contemplá-la assim diante de nós, Katie redobrou de esforços para que tivéssemos uma boa sessão. Depois, quando acabou de posar em frente do aparelho, passeou pela sala, conversando com todos, criticando os assistentes, o fotógrafo e seus dispositivos, completamente à vontade. Pouco a pouco, aproximou-se de nós, animando-se cada vez mais. Apoiou-se ao ombro do Sr. Luxmore, enquanto a fotografavam. Chegou mesmo, uma vez, a segurar a lâmpada, para melhor iluminar o seu rosto.

Consentiu que o Sr. Luxmore e a Sr.a Corner lhe passassem as mãos pelo corpo, para se certificarem de que trazia apenas um vestido. Depois, divertiu-se em apoquentar o Sr. Luxmore, dando-lhe tapas, puxando-lhe os cabelos e tomando-lhe os óculos para com eles mirar os que estavam na sala. As fotografias foram tiradas à luz

de magnésio. A iluminação permanente era dada por uma vela e uma lâmpada pequena. Retirada a chapa para a revelação, Katie deu alguns passos, acompanhando o Sr. Harrison, a fim de assistir a essa operação.

Outro fato curioso também se deu essa noite. Estando Katie a repousar diante do gabinete, à espera de se colocar em posição para ser fotografada, todos viram aparecer por sobre a cortina um grande braço de homem, nu até a espádua e a agitar os dedos. Katie voltou-se e repreendeu o intruso, dizendo que era muito malfeito vir outro Espírito perturbar tudo, quando ela se preparava para lhe tirarem o retrato, e ordenou-lhe que sem demora se retirasse. No dia da sessão, declarou Katie que suas forças desfaleciam, que ela estava a pique de dissolver-se. Com efeito, suas forças haviam diminuído tanto, que, à luz que penetrava no gabinete para onde se retirara, ela pareceu esvair-se. Todos então a viram achatar-se, destituída totalmente de corpo e com o pescoço a tocar o chão. A médium se conservava ligada como no começo.

Chamamos muito particularmente a atenção do leitor para este último pormenor, que mostra, a toda evidência, que a aparição não é um manequim preparado, nem o médium com um disfarce. Sobre esse ponto, outro testemunho probante é o da Sr.a Florente Marryat. (161)

Perguntaram um dia a Katie King por que não podia mostrar-se sob uma luz mais forte. (Ela só permitia aceso um bico de gás e esse mesmo com a chapa muito baixa.) A pergunta pareceu irritá-la enormemente. Respondeu assim: Já vos tenho declarado muitas vezes que não me é possível suportar a claridade de uma luz intensa. Não sei por que me é isso impossível; entretanto, se duvidais de minhas palavras, acendei todas as luzes e vereis o que acontecerá. Previno-vos, porém, de que se me submeterdes a essa prova, não mais poderei reaparecer diante de vós. Escolhei.

As pessoas presentes se consultaram entre si e decidiram tentar a experiência, a fim de verem o que sucederia. Queríamos tirar definitivamente a limpo a questão de saber se uma iluminação mais forte embaraçaria o fenômeno de materialização. Katie teve aviso da

nossa decisão e consentiu na experiência. Soubemos mais tarde que lhe havíamos causado grande sofrimento.

O Espírito Katie se colocou de pé junto à parede e abriu os braços em cruz, aguardando a sua dissolução. Acenderam-se os três bicos de gás. (A sala media cerca de dezesseis pés quadrados.)

Foi extraordinário o efeito produzido sobre Katie King, que apenas por um instante resistiu à claridade. Vimo-la em seguida fundir-se, como uma boneca de cera junto de ardentes chamas.

Primeiro, apagaram-se-lhe os traços fisionômicos, que não mais se distinguiam. Os olhos enterraram-se nas órbitas, o nariz desapareceu, a testa como que entrou pela cabeça. Depois, todos os membros cederam e o corpo inteiro se achatou, qual um edifício que desmorona. Nada mais restava do que a cabeça sobre o tapete e, por fim, um pouco de pano branco, que também desapareceu, como se o houvessem puxado subitamente. Conservamo-nos alguns momentos com os olhos fitos no lugar onde Katie deixara de ser vista. Terminou assim aquela memorável sessão.

Com o exercício, o Espírito adquirira maior força, pois que William Crookes pôde, a seguir, bater mais de quarenta chapas com auxílio da luz elétrica. Vimos acima que um Espírito tentara materializar-se ao mesmo tempo em que Katie. 1; que, com efeito, este último não era o único Espírito a mostrar-se. Eis aqui um novo testemunho da Sr.a Marryat que, numa aparição que se lhe lançou nos braços, reconheceu uma deformação característica que sua filha apresentava num dos lábios. Ouçamo-la.

A sessão se realizou numa pequenina sala da associação, sem móveis, nem tapete. Apenas três cadeiras de vime foram ali colocadas, para que pudéssemos estar sentados. A um canto, dependurou-se um velho xale preto, para formar o necessário gabinete, em o qual foi posto um coxim para servir de travesseiro à Srta. Cook.

Esta, moreninha, delgada, de olhos pretos e cabelos anelados, trazia um vestido de merinó cinzento, guarnecido de fitas cor de cereja. Informou-me, antes de começar a sessão, que, desde algum tempo, se sentia enervada durante os transes e que lhe acontecia vir

adormecida para a sala. Pediu-me então que a repreendesse, caso tal coisa ainda se desse, e que lhe ordenasse voltar para o seu lugar, como se fora uma criança. Prometi fazê-lo e logo a Srta. Cook se sentou no chão, por trás do xale preto que fazia de cortina. Víamos o ,seu vestido cinzento, por isso que o xale não chegava até ao assoalho. Baixou-se a chama do gás e tomamos assento nas três cadeiras de vime.

A médium, a principio, parecia não se sentir à vontade. Queixava-se de que a maltratavam. Decorridos alguns instantes vimos o xale agitar-se e uma mão aparecer e desaparecer, repetindo-se isso várias vezes. Apareceu depois uma forma a se arrastar com os joelhos, para passar por baixo do xale, acabando por ficar de pé, perfeitamente ereta. A luz era insuficiente para se lhe reconhecerem os traços fisionômicos. O Sr. Harrison perguntou se quem ali estava era a Sra Stewart. O Espírito abanou a cabeça, em sinal negativo. Quem poderá ser? Perguntei ao Sr. Harrison.

- Não me reconhece, minha mãe?

Quis lançar-me em seus braços; ela, porém, me disse: Fique no seu lugar; irei lá ter. Momentos depois, Florence veio sentar-se nos meus joelhos. Tinha soltado os longos cabelos, nus os braços, assim como os pés. Suas vestes não apresentavam forma determinada. Dir-se-ia estar envolta nalguns metros de musselina. Por exceção esse Espírito não trazia coifa, estava com a cabeça descoberta.

- Minha querida Florence, exclamei, és mesmo tu?

- Aumentem a luz, respondeu ela, e olhem a minha boca.

Vimos então, distintamente, num de seus lábios, a deformação com que nascera e que os médicos que a examinaram haviam declarado constituir um caso muito raro. Minha filha viveu apenas alguns dias. Na sessão em que se me apresentou parecia contar 17 anos.

Diante dessa inegável prova de identidade, fiquei banhada em lágrimas, sem poder dizer palavra.

A Srta. Cook estava muito agitada por detrás do xale e logo, de súbito, correu para nós, exclamando: E demasiado, já não posso mais.

Vimo-la então fora do gabinete, ao mesmo tempo em que o Espírito de minha filha sentado no meu colo. Isso, porém, durou apenas um instante. A forma que eu abraçava se lançou para o gabinete e desapareceu. Lembrei-me então de que a Srta. Cook me pedira que a repreendesse, caso viesse andar pela sala. Repreendi-a, pois, severamente. Ela tornou ao seu lugar no gabinete e logo o Espírito voltou para junto de mim, dizendo: Não deixes que ela volte; causa-me um medo horrível.

Retruquei-lhe: Mas, Florence, nós outros, mortais, neste mundo, temos medo das aparições e tu, ao que parece, tens medo da tua médium!

Tenho medo de que ela me faça partir, respondeu ela. A Srta. Cook, porém, não tornou a sair do gabinete e Florence esteve mais algum tempo conosco. Lançou-me os braços ao pescoço e me beijou repetidas vezes. Nessa época, eu me achava muito atribulada. Disse-me Florence que, se pudera aparecer-me com a marca que me permitira reconhecê-la, fora para bem me convencer das verdades do Espiritismo, no qual eu encontraria copiosas fontes de consolação.

- Tu algumas vezes duvidas, minha mãe, disse ela, e supões que teus olhos e teus ouvidos te enganam. Nunca mais deves duvidar e não creias que, como Espírito, eu me conserve desfigurada.

Retomei hoje este defeito apenas para melhor te convencer. Lembra-te de que estou sempre contigo.

Eu não conseguia falar, tão emocionada me sentia à idéia de que tinha em meus braços a filha que eu própria depositara num esquife, de que ela não estava morta, de que presentemente era uma mocinha. Fiquei muda, com os braços passados pela sua cintura, com o coração a bater de encontro ao seu. Em seguida, a força diminuiu. Florence me deu um último beijo, deixando-me estupefata e maravilhada com o que se passara.

Acrescenta a Sr.a Florence Marryat que tornou a ver aquele Espírito muitas vezes, em outras sessões e com diferentes médiuns, recebendo dele ótimos conselhos.

Facilmente se concebe que os incrédulos hajam negado com obstinação tão extraordinários fenômenos. Calorosas polêmicas se

travaram, mesmo entre espíritas, e só as experiências e as afirmações de William Crookes puderam confirmar a autenticidade absoluta de Katie King. Recomendamos ao leitor a obra desse sábio; todavia, precisamos assinalar, de modo especial, que Katie é um ser em tudo semelhante, anatomicamente, a um ser vivo.

As experiências de Crookes

São particularmente interessantes os trabalhos do grande sábio inglês, do ponto de vista em que nos colocamos (162), pelo que reproduziremos aqui uma pequena parte da sua narrativa, tão completamente probante ela é. Ele nos mostra um Espírito tão bem materializado, que se não poderia distingui-lo de uma pessoa normal.

Essa notável experiência estabelece, pertinentemente, que o perispírito reproduz não só o exterior de uma pessoa, mas também todas as partes internas do seu corpo.

Uma das mais interessantes fotografias é a em que estou de pé ao lado de Katie, tendo esta um pé nu em determinado ponto do assoalho. Em seguida, vesti a Srta. Cook tal qual o estava Katie e nos colocamos, ela e eu, na mesma posição em que estivéramos Katie e eu, e fomos fotografados pelas mesmas objetivas, situadas estas absolutamente como na outra experiência e iluminadas pela mesma luz. Superpostas as duas fotografias, as minhas imagens numa e noutra coincidem exatamente, quanto ao talhe, etc.; ao passo que a de Katie se demonstra maior, de uma meia cabeça, do que a da Srta. Cook, junto de quem aquela parece uma mulher gorda. Em muitas das fotografias, o tamanho do seu rosto e a sua corpulência diferem essencialmente dos de seu médium, podendo-se ainda notar muitos outros pontos de dessemelhança...

Isto responde à objeção, tantas vezes formulada, de que, nas sessões espíritas, as aparições que se fotografam são desdobramentos do médium. Continuemos.

Recentemente, vi Katie tão bem, à claridade da luz elétrica, que se me torna fácil acrescentar mais algumas diferenças às que, em

precedente artigo, assinalei entre ela e seu médium. Tenho a mais absoluta certeza de que a Srta. Cook e Katie são duas individualidades distintas, pelo menos quanto aos corpos. Pequenas marcas que em grande número se encontram no rosto da Srta. Cook não existem no de Katie. Os cabelos daquela são de um castanho tão escuro que parecem pretos! Tenho sob os olhos uma madeixa que Katie permitiu lhe eu cortasse da luxuriante cabeleira, depois de meter nesta os meus próprios dedos até ao alto da cabeça e de me haver certificado de que ela dai nascia realmente. É de um lindo castanho dourado.

Uma noite, contei as pulsações de Katie. Eram em número de 75 e seu pulso batia regularmente. As da Srta. Cook, alguns instantes após, chegaram a 90, algarismo que lhe era habitual. Aplicando o ouvido ao peito de Katie, pude ouvir-lhe o coração a bater no interior, sendo os seus batimentos mais regulares do que os do coração da Srta. Cook quando, depois da sessão, ela me permitiu fazer a mesma experiência. Auscultados de igual modo, os pulmões de Katie se revelaram mais sãos do que os de sua médium, porquanto, no momento em que fiz a experiência, a Srta. Cook estava em tratamento de um grande resfriado.

Tais as primeiras manifestações de Katie King. Eis agora o que se passou da última vez que ela apareceu, achando-se entre os espectadores a Sr.a Florence Marryat, o Sr. Tapp, William Crookes e a doméstica Mary. (163)

A última sessão

As 7 horas e 23 minutos da noite, o Sr. Crookes conduziu a Srta. Cook para o gabinete escuro, onde ela se deitou no chão, com a cabeça sobre um travesseiro. As 7 horas e 28 minutos, Katie falou pela primeira vez e às 7 horas e 30 mostrou-se fora da cortina e em toda a sua estatura. Estava vestida de branco, de mangas curtas e o pescoço nu. Trazia soltos os seus longos cabelos castanho-claras, de tom dourado, a lhe caírem em cachos dos dois lados da cabeça e

pelas costas até à cintura. Também trazia um longo véu branco que apenas uma ou duas vezes abaixou sobre o rosto, durante a sessão.

O médium trajava um vestido de merinó azul-claro. Durante quase toda a sessão, Katie se conservou em pé diante dos assistentes. Corrida que fora a cortina do gabinete, todos viam distintamente o médium adormecido, com o rosto coberto por um xale vermelho, para preservá-lo da luz. Não deixara a posição que havia tomado desde o começo da sessão, que transcorreu a uma luz que espalhava viva claridade. Katie falou da sua próxima partida e aceitou um ramo de flores que o Sr. Tapp lhe trouxera, assim como um apanhado de lírios que o Sr. Crookes lhe ofereceu. Pediu ao Sr. Tapp que desmanchasse o ramo e colocasse diante dela as flores, no chão. Sentou-se, então, à moda turca e pediu que todos fizessem o mesmo, ao seu derredor. Distribuiu as flores, fazendo com algumas um raminho, que atou com uma fita azul.

Escreveu cartas de adeuses a alguns de seus amigos, pondo-lhes a assinatura: Annie Owen Morgan, dizendo que fora este o seu verdadeiro nome na vida terrena. Escreveu também uma carta ao seu médium e escolheu um botão de rosa para lhe ser entregue como presente de despedida. Pegou de uma tesoura, cortou uma mecha de seus cabelos e ofereceu certa porção destes a cada um. Enfiou depois o braço no do Sr. Crookes e deu volta à sala apertando a mão de todos, um por um. Sentou-se de novo, cortou vários pedaços do seu vestido e do seu véu, presenteando com eles os assistentes. Como fossem visíveis os grandes buracos que lhe ficaram nas vestes e estando ela sentada entre o Sr. Crookes e o Sr. Tapp, alguém lhe perguntou se poderia reparar aqueles estragos, como já o fizera noutras ocasiões. Ela então expôs à luz a parte cortada, bateu em cima com uma das mãos e imediatamente aquela parte do vestido se tornou tão perfeita como era antes. Os que lhe estavam próximos examinaram e tocaram, com sua permissão, a fazenda e afirmam que não mais havia nem buraco, nem costura, nem a aposição de qualquer remendo onde um momento antes tinham visto rasgões do diâmetro de muitas polegadas.

Transmitiu a seguir suas últimas instruções ao Sr. Crookes e aos outros amigos sobre como deviam proceder com relação às manifestações ulteriores, que prometera, com o auxílio do seu médium. Essas instruções foram cuidadosamente anotadas e entregues ao Sr. Crookes. Parecendo então fatigada, Katie dizia com tristeza que precisava ir-se embora, que a sua força decaía. Reiterou muito afetuosamente seus adeuses a todos e todos lhe agradeceram as maravilhosas manifestações que lhes havia proporcionado.

Dirigindo a seus amigos um último olhar, grave e pensativo, desceu a cortina e tornou-se invisível. Ouviram-na despertar o médium, que lhe pediu, banhado em lágrimas, que se demorasse mais um pouco. Katie, porém, lhe respondeu: Minha querida, não posso. Está cumprida a minha missão. Deus te abençoe! E todos ouviram o som do seu beijo de despedida no médium. Logo depois, a Srta. Cook vinha ter com os presentes, inteiramente esgotada e profundamente consternada.

Vê-se assim quanto a moça, rebelde a princípio, se afeiçoara à sua amiga invisível. Katie dizia que dali em diante não mais poderia falar nem mostrar-se; que, realizando, por três anos, aquelas manifestações físicas, passara vida bem penosa, para expiar suas faltas; que decidira elevar-se a um grau mais alto da vida espiritual; que só a longos intervalos poderia corresponder-se por escrito com o seu médium, mas que este poderia vê-la sempre, por meio da lucidez magnética. (164)

O caso da Sra Livermore

As aparições de Katie King foram tão numerosas e tantas vezes observadas, que não se pode duvidar um instante de que fosse um Espírito quem assim se manifestava; mas, não era possível verificar-se-lhe a identidade, pois, segundo declarava, vivera, havia muitos séculos, com o nome de Annie Morgan, sob Carlos I. Vimos que Florence, a filha da Sra. Marryat se fez reconhecer por um sinal particular do lábio. Vamos ver, segundo o Sr. Aksakof (165), ser impossível deparar-se com um caso mais concludente, mais perfeito,

como prova de identidade da aparição de uma forma materializada, do que o de Esteia, morta em 1860, ao seu marido Sr. Livermore.

Esta observação reúne todas as condições necessárias a ser considerada clássica; responde a todas as exigências da crítica. A narração detalhada desse caso encontra-se em The Spiritual Magazine de 1861, nos artigos do Sr. B. Coleman, que lhe obteve todos os pormenores diretamente do Sr. Livermore, pormenores que foram publicados depois, numa brochura intitulada: Spiritualisrn in América, Londres, 1861, e, finalmente, na obra de Dale Owen, Debatable Land, que lhe tirou os detalhes do manuscrito do Sr. Livermore.

Duraram cinco anos, de 1861 a 1866, as materializações daquela figura e em todo esse tempo o Sr. Livermore realizou com o médium Kate Fox 388 sessões, cujas particularidades ele publicou num jornal. Foram feitas em completa obscuridade. As mais das vezes o Sr. Livermore realizava a sessão a sós com o médium, cujas mãos segurava o tempo todo. Kate Fox se conservava sempre em estado normal, sendo, pois, testemunha consciente de tudo o que se passava.

Foi gradual a materialização visível da figura de Estela; somente na 43.A sessão pôde seu marido reconhecê-la, sob Intensa claridade, de origem misteriosa, ligada ao fenômeno, e, em geral, sob a direção de outra figura que a acompanhava e auxiliava em suas manifestações. Essa outra aparição dava o nome de Franklin.

A partir de então, a aparição de Estela se tornou cada vez mais perfeita, chegando mesmo a suportar a luz de uma lanterna que o Sr. Livermore levava para a sessão. Felizmente para a apreciação do fato, a figura não pôde falar, limitando-se a pronunciar algumas palavras. Todo o lado intelectual da manifestação teve de revestir uma forma que deixou traços indeléveis. Referimo-nos às comunicações, em número de uma centena, escritas todas pela própria Estela em folhas de papel que o Sr. Livermore levava, marcadas pelas suas mãos. Enquanto a aparição escrevia, ele, segurando as mãos de Kate Fox, via perfeitamente a mão e toda a figura de quem escrevia.

A caligrafia dessas comunicações é reprodução exata da Sr.a Livermore, quando viva. Lê-se, numa carta do Sr. Lívermore ao Sr. B. Coleman, de Londres, a quem o primeiro conhecera na América: Acabamos, afinal, por obter cartas datadas. A primeira das desse gênero tem a data de 3 de maio de 1861, sexta-feira, e foi escrita com muito cuidado e muito corretamente e pôde comprovar-se, de maneira categórica, por meio de minuciosas comparações, a identidade da escrita com a de minha mulher. O estilo e a grafia são para mim provas positivas da identidade da autora, mesmo deixando de lado as outras provas, ainda mais concludentes, que obtive. Mais tarde, noutra carta, acrescentava o Sr. Livermore: Sua identidade foi estabelecida, de modo a não deixar subsistisse a menor dúvida: primeiro, pela sua aparência, em seguida pela sua caligrafia e, finalmente, pela sua individualidade mental, sem falar de numerosas outras provas, que seriam concludentes nos casos ordinários, mas que não levei em conta, senão como provas complementares.

O testemunho do Sr. Coleman confirma o do Sr. Lívermore e no Spiritualist Magazine de 1861 foram publicados muitas espécimes da caligrafia de Estela em vida e depois de morta. O caráter da letra é sem dúvida uma prova absoluta e de todo concludente da identidade do ser que se materializa, porquanto é uma espécie de fotografia da personalidade, da qual foi ela considerada sempre como expressão fiel e constante. Além dessa prova, material e intelectual ao mesmo tempo, outra ainda se nos depara em multas das comunicações que Estela escreveu em francês, língua que o médium desconhecia inteiramente. A esse propósito, é decisivo o testemunho do Sr. Livermore: Uma folha de papel que eu mesmo levara me foi arrebatada da mão e, após alguns instantes, foi-me restituída de modo visível. LI, escrita nela, uma mensagem admiravelmente redigida em puro francês, idioma que minha mulher conhecia muito bem, em o qual falava e escrevia corretamente, ao passo que a Srta. Fox não tinha dele a mais ligeira noção. (166)

O Sr. Aksakof, tão difícil em matéria de provas, escreveu:

Temos aqui uma dupla prova de identidade, dada não só pela caligrafia, semelhante, em todos os pontos, à do defunto, mas

também por ser desconhecida do médium a língua em que está escrita a mensagem. O caso é extremamente importante e, ao nosso parecer, apresenta uma prova absoluta de identidade.

A cessação das manifestações de Estela por meio da materialização oferece notável semelhança com o termo das aparições de Katie. Lê-se, com efeito, em Owen:

Foi na 388 sessão, a 2 de abril de 1866, que a forma de Estela apareceu pela última vez. Depois daquele dia, o Sr. Livermore não mais tornou a ver a figura que lhe era tão conhecida, se bem haja recebido, até ao momento em que escrevo (1871), numerosas mensagens repassadas de simpatia e de afeto.

Afigura-se-nos bem firmado que a imortalidade ressalta, em completa evidência, dessas manifestações sugestivas. As mais ousadas teorias não poderão lutar contra fatos desta natureza que, por si sós, atestam a realidade da vida de Além-túmulo, cuja existência já se havia tornado mais que provável, por todos os outros gêneros de comunicações entre os homens e os Espíritos

.

Resumo

Na brevíssima exposição que vimos de colocar sob as vistas do leitor, apenas possível nos foi reproduzir a narrativa de um só dos casos particulares que desejáramos citar em grande número. Fácil, porém, é a consulta às obras mencionadas e quem a fizer se convencerá de que é considerável a quantidade dos testemunhos autênticos concernentes a aparições de vivos e de mortos, emanando, a maior parte deles, de pessoas dignas de fé, que nenhum interesse tinham em enganar. Ao demais, a veracidade dessas afirmações foi verificada, com todos os cuidados possíveis, por homens sábios, prudentes e imparciais. Entretanto, mesmo que se suponham falsos alguns desses relatos e inexatamente reproduzidos outros, resta deles um número suficiente (muitas centenas) para dar a certeza do desdobramento do ser humano e da sobrevivência da alma após a morte.

Foi-nos fácil comprovar, em quase todas as narrações, que o corpo dormia, enquanto o Espírito manifestava ao longe a sua presença. A realidade da alma, isto é, do eu pensante e volitivo, ao mesmo tempo em que a sua individualidade distinta do corpo se impõem como corolários obrigatórios do fenômeno de desdobramento.

Com efeito, por testemunhos precisos, quais os de Varley, do jovem gravador citado pelo Dr. Gibier e pelos casos de Newnham e de Sofia, pudemos verificar que durante o sono a alma humana tem a capacidade de desprender-se e demonstrar sua autonomia. Ela é, pois, distinta do organismo material e impossível se torna explicar esses fenômenos psicológicos por uma ação do cérebro, pois que o sono, segundo a ciência, se caracteriza pelo desaparecimento da atividade psíquica. (167)

Este eu que se desloca não é uma substância incorpórea, é um ser bem definido, com um organismo que reproduz os traços do corpo e, quando se mostra, é graças a essa identidade absoluta com o envoltório carnal que pode ser reconhecido.

Varia o grau de materialidade do perispirito. Ora é uma simples névoa branca que desenha os traços, atenuando-os; ora apresenta contornos muito nítidos e parece um retrato animado. Acontece também mostrar-se com todos os caracteres da realidade, reconhecendo-se-lhe suficiente tangibilidade para exercer ações físicas sobre a matéria inerte e para revelar a existência de um organismo interno semelhante ao de um indivíduo vivo.

Em nada influi sobre a intensidade das manifestações a distância que separe do corpo a sua alma. Vimos disso muitos exemplos probantes.

Esse envoltório da alma, que somente em circunstâncias muito raras acusa a sua existência distinta do corpo, aí se acha, entretanto, no seu estado normal, como o indicam as experiências sobre a exteriorização da sensibilidade e sobre a ação dos medicamentos a distância. Aliás, a certeza da coexistência do corpo e do perispírito resulta da sobrevivência deste último à destruição do invólucro

carnal. Essa imortalidade se encontra estabelecida por experiências variadas, oferecendo todos os caracteres que impõe a convicção.

São idênticas as aparições de vivos e de mortos; atuam da mesma maneira, produzem os mesmos resultados; logo, a causa de onde derivam é a mesma: é a alma desprendida do corpo. Nem poderia ser de outro modo, note-se, pois, que, em ambos os casos, a alma se encontra liberta da sua prisão carnal.

Se, pois, descobrimos, nas aparições dos mortos, caracteres que não foram postos em evidência nas aparições de pessoas vivas, podemos concluir legitimamente que também o duplo humano os possui.

A continuidade que existe entre todos os fenômenos da natureza nos facultará perceber a ligação existente entre as manifestações da alma produzidas pela sua ação a distância e as que são devidas à sua saída do corpo. Transmissão de pensamento, telepatia, exteriorização parcial, desdobramento, são fenômenos que formam uma cadeia ininterrupta, uma gradação dos poderes anímicos.

As circunstâncias que acompanham as aparições de vivos são, em geral, bastante demonstrativas por si mesmas, para estabelecerem a objetividade do fantasma. Evidenciamos esse caráter em todos os casos citados; mas, não foi possível dar dele provas absolutas, por isso que esses fenômenos, pela sua raridade, pela sua espontaneidade se opõem a toda pesquisa metódica. O mesmo já não se dá quando as aparições se produzem nas sessões espíritas, em que são provocadas. Aí, conta-se que elas se produzam e todas as precauções são tomadas para que se lhes verifique cuidadosamente a objetividade.

A fotografia é uma das garantias mais fortes que podemos fornecer. Se, a rigor, é possível se admita, para explicar as aparições, uma alucinação a efetivar-se em cérebros predispostos a sofrê-la, essa explicação cal redondamente diante da realidade brutal que se inscreve na camada sensível da chapa fotográfica. Ora, tem-se fotografado o corpo fluídico durante a vida e depois da morte, o que dá a certeza absoluta de que a alma existe sempre, tanto na Terra, como no espaço.

Aliás, a continuidade do ser se revela bem claramente pelas aparições que se verificam algumas horas depois da morte. Tudo se passa como se o indivíduo que aparece ainda estivesse vivo. O perispírito que acaba de deixar o corpo lhe retraça fielmente não só a imagem, como também a configuração física, que se patenteia pelas marcas que deixa no papel enegrecido e pelas moldagens! Que descoberta maravilhosa essa possibilidade de qualquer um se convencer da sobrevivência integral do ser pensante, por meio de provas materiais!

Vemos, finalmente, nas experiências de Crookes, que o Espírito materializado é, por completo, um ser que vive temporariamente, como se houvesse nascido na Terra. Bate-lhe o coração, funcionam-lhe os pulmões, ele vai e vem, conversa, dá uma mecha de cabelos existentes na própria cabeça. Seu perispírito tem, pois, em si tudo o que é necessário à criação de todos esses órgãos, com a força e a matéria que haure do médium. É o desdobramento completo do fenômeno, que vimos apenas esboçado nas aparições falantes. (168)

Pouco importa que os sábios oficiais fechem os olhos, que a imprensa, obstinadamente, guarde silêncio sobre tão notáveis fatos. Isso não impedirá que a verdade brilhe aos olhos dos que não sejam espíritos prevenidos. Essa demonstração material da sobrevivência tem capital importância para o futuro da humanidade. Ninguém poderá destruir o feixe de provas que apresentamos. Cedo ou tarde, ainda os mais orgulhosos terão que se curvar à evidência e de reconhecer que os espíritas, tão escarnecidos, hão, todavia, dotado a ciência com a maior e a mais fecunda descoberta que já se fez na Terra.

Conclusão

Parece-nos, conseguintemente, firmado pela observação e pela experiência, que:

1 - o ser humano pode desdobrar-se em duas partes: o corpo e a alma;

2 - a alma, separada do corpo, lhe reproduz exatamente a imagem;

3 - as manifestações anímicas independem do corpo físico; durante o desprendimento, quando a alma está totalmente exteriorizada, o corpo nada mais é do que uma massa inerte;

4 - a aparição pode denotar todos os graus de materialidade, desde a de uma simples aparência até a de uma realidade concreta, que lhe permite andar, falar e atuar sobre a matéria bruta;

5 - a forma fluídica da alma pode ser fotografada;

6 - a forma fluídica da alma, durante a vida, ou depois da morte, pode deixar marcas ou moldes;

7 - durante a vida, pode a alma perceber sensações, sem o concurso dos órgãos dos sentidos;

8 - a forma fluídica reproduz não só o exterior, mas também toda a constituição interna do ser;

9 - a morte não destrói a alma; esta subsiste com todas as suas faculdades psíquicas e com um organismo físico, visível e imponderável, dotado, em estado latente, de todas as leis biológicas do ser humano.

As conseqüências

Que se deve concluir de todos esses fatos? Em primeiro lugar, somos forçados a admitir que o corpo e a alma são duas entidades absolutamente distintas, que se podem separar, cada uma delas com caracteres inequívocos de substancialidade. Também devemos notar que o organismo físico não passa de um envoltório que se torna inerte, logo que o princípio pensante se separa dele. A parte sensível, inteligente do homem reside no duplo e se mostra como causa da vida psíquica. Desde então, será lógico que, para explicar os fenômenos espíritas, se imaginem outros fatores, com exclusão da alma humana?

Evidentemente não e todas as teorias que recorrem à intervenção de seres extraordinários, como demônios, elementais, elementares, ogros, idéias coletivas, não suportam o exame dos fatos, nem

explicam os fenômenos observados. No caso em que o Espírito de um vivo se manifesta de qualquer maneira, possível se nos torna remontar do efeito à causa e descobrir a razão eficiente do fenômeno: é a psique humana, em ação temporária fora dos limites do seu organismo.

Sabemos que ela haure do corpo material a força de que necessita para suas manifestações. Abandone definitivamente o seu corpo material, e essa alma será obrigada a recorrer a um médium, para dele tomar aquela energia indispensável. Assim, claramente se explicam todas as manifestações. Há nesses fatos, que se desenrolam em séries paralelas, não só evidente parentesco, mas uma semelhança tão grande, que chega à identidade. Logo, em boa lógica, a causa é necessariamente a mesma: em todos os casos, a alma.

Essa continuidade foi tão bem sentida, que alguns incrédulos, como Hartmann, tentaram explicar todos os fatos espíritas pela ação incorpórea e inconsciente do médium. Mas, os fenômenos, em grandíssimo número, responderam vitoriosamente a essa inexata asserção. Os Espíritos, por provas irrecusáveis, revelaram-se dotados de uma personalidade inteiramente autônoma e independente por completo das dos assistentes. Demonstraram de modo peremptório a sobrevivência de que gozavam, por uma quantidade prodigiosa de comunicações, fora, em absoluto, dos conhecimentos de todos os experimentadores (169). Firmaram sua identidade, por meio de assinaturas autênticas; pela narração de fatos que só eles podiam conhecer; por predições que minuciosamente se cumpriram. Numa palavra: provaram cientificamente a imortalidade.

Foi certamente a mais importante e a mais fecunda descoberta do século XIX. Chegar a conhecimentos positivos sobre o amanhã da morte é revolucionar a humanidade inteira, dando à moral uma base científica e uma sanção natural, à revelia de todo e qualquer credo dogmático e arbitrário.

Sem dúvida, mesmo quando essas consoladoras certezas hajam penetrado as massas humanas, a humanidade não se achará só por isso bruscamente mudada, nem se tornará melhor subitamente;

disporá, todavia, da mais forte alavanca que possa existir para derribar o montão de erros acumulados desde há seis mil anos. Seus instrutores poderão falar com autoridade dos deveres que correm a todo aquele que vem a este mundo. Exporão aos olhos dos mais recalcitrantes os destinos que os aguardam, e a vida futura, na qual a maioria já não crê, se tornará tão evidente quanto a claridade do Sol. Compreender-se-á então que a morada terrestre não é mais do que um degrau nos destinos do homem; que alguma coisa de mais útil há do que a satisfação dos apetites materiais e que cada um terá que conseguir, a todo custo, refrear suas paixões e domar seus vícios. Esses os benefícios indubitáveis que o Espiritismo traz consigo.

Bendita e emancipadora doutrinam! Que as tuas irradiações se estendam rapidamente por toda a Terra, a fim de levarem a certeza aos que duvidam, de abrandarem as dores dos corações dilacerados pela partida de seres amados com ternura e de darem aos que lutam com as asperezas da vida a coragem de superar as duras necessidades deste mundo ainda tão bárbaro.

TERCEIRA PARTE
O ESPIRITISMO E A CIÊNCIA

CAPITULO I
ESTUDO DO PERISPIRITO

SUMARIO: De que é formado o perispírito? - Obrigação que tem a ciência de se pronunciar a respeito. - Princípios gerais. - O ensino dos Espíritos. - O que é preciso se estude.

De que é formado esse perispírito, cuja existência, assim durante a vida, como durante a morte, se acha demonstrada? Qual a substancia constituinte desse envoltório permanente da alma? Tal a primeira questão que tentaremos resolver.

Nenhuma das narrativas, nenhuma das experiências acima referidas nos instruíram sobre esse ponto importante. Não tendo sido possível submeter esse corpo abmaterial aos reativos ordinários, forçoso é, ainda agora, que nos atenhamos à observação e ao que os Espíritos hão dito a tal respeito. Aliás, dificilmente poderíamos encontrar melhores instrutores do que aqueles mesmos que produzem as aparições. Não esqueçamos que eles põem em jogo leis que ainda teremos de descobrir, pois mostraram que Una matéria invisível aos olhares humanos pode impressionar uma chapa fotográfica, mesmo na mais absoluta obscuridade (170). Os fenômenos de trazimento constituem outra prova da ação dos Espíritos sobre a matéria, ação que se opera por processos de que nem sequer suspeitamos. E que dizer dessas materializações que engendram, por alguns instantes, um ser tangível, tão vivo quanto os assistentes, senão que a ciência humana é de todo impotente para explicar tais manifestações de uma biologia extraterrena?

Até mais amplos esclarecimentos, contentar-nos-emos com os que nos queiram ministrar as individualidades do espaço e tentaremos demonstrar que eles nada têm de contrário às leis conhecidas, não tomadas em sua acepção acanhada, mas consideradas em sua filosofia. Nestes estudos, não se deve pedir uma demonstração em regra, que seria impossível produzir-se. Desde que, porém, por meio de analogias tiradas das leis naturais, possamos formar idéia bastante clara da causa dos fenômenos e do modo provável por que se operam, sensível progresso teremos realizado na senda da investigação, banindo das nossas concepções a idéia de sobrenatural.

O conhecimento do perispírito tem grande importância para a explicação das anomalias que os pacientes sonambúlicos apresentam, nos casos, bem comprovados, de visão a distância, de telepatia, de transmissão de pensamentos e de perda da lembrança de

tudo ao despertar. Do mesmo modo, os fenômenos de personalidades múltiplas, os casos de bicorporeidade e as aparições tangíveis, de que temos falado, podem ser muito bem compreendidos, desde que se admita a nossa teoria, ao passo que se conservam inteiramente inexplicáveis por meio do ensino materialista.

Em presença de tais fatos, os sábios oficiais guardam prudente mutismo. Se, pelo maior dos acasos, falam dessas experiências, é para as declarar apócrifas, indignas de prender a atenção de homens inteligentes e, então, as assinalam como últimos vestígios atávicos das superstições dos nossos antepassados.

Importa, porém, que, de uma vez por todas, nos entendamos a esse respeito. Não ignoramos que não se pode absolutamente discutir com quem esteja de parti pris e que o Espiritismo, hoje, se acha mais ou menos na mesma situação em que se encontrava o magnetismo há uma vintena de anos. A história aí está a nos mostrar a obstinação estúpida dos que se petrificaram nas suas idéias preconcebidas.

Sabemos o que pensar da penetração de espírito dos sucessores daqueles que acreditavam que as pedras talhadas eram produzidas pelo trovão; que negaram a eletricidade, zombando de Galvani; que vituperaram e perseguiram Mesmer; que qualificaram de loucura o telefone e o fonógrafo, como, aliás, todas as descobertas novas. Por isso mesmo, sem dar atenção ao banimento mais ou menos sincero a que eles condenam o fenômeno espírita, corajosamente exporá a nossa maneira de ver, apoiando-a em fatos positivos e bem estudados.

A despeito de todas as negações possíveis, o fenômeno espírita é uma verdade tão bem comprovada hoje, que não há fatos científicos mais bem firmados do que eles, entre os que não são de observação cotidiana, tais como: a queda dos aerólitos, as auroras boreais, as tempestades magnéticas, a raiva, etc.

A ciência está neste dilema: ou os espíritas são charlatães e é falso tudo o que eles proclamam e, nesse caso, ela os deve desmascarar, pois que lhe incumbe a instrução do povo; ou os fatos

que os espíritas têm observado são reais, porém mal referidos e, portanto, errôneas as conclusões que eles daí deduzem, caso em que a ciência se acha obrigada a lhes retificar os erros. Assim, qualquer que seja a eventualidade que se considere, vê-se que o silêncio ou o descaso nenhum cabimento têm. Essa a razão por que sinceramente chamamos a atenção dos homens de boa-fé para as nossas teorias que, embora ainda muito incompletas, explicam com lógica os diferentes fenômenos de que acima falamos.

Eis, sucintamente, os princípios gerais sobre que nos apoiaremos. São os de Allan Kardec, que magistralmente resumiu em sua obra todos os ensinos dos Espíritos que o assistiram. (171)

Princípios gerais

Reconhecemos a existência de uma causa eficiente e diretora do universo: a sublimada inteligência que, pela sua vontade onipotente, imutável, infinita, eterna, mantém a harmonia do Cosmos. A alma, a força e a matéria são igualmente eternas, não podem aniquilar-se.

A Ciência admite a conservação da matéria e da energia (172), prova rigorosamente que são indestrutíveis, mas indefinidamente transformáveis. Do mesmo modo, o Espiritismo dá a certeza da imortalidade do eu pensante.

O princípio espiritual é a causa de todos os fenômenos intelectuais que se dão nos seres vivos. No homem, esse princípio se toma à alma, que se revela à observação como absolutamente distinta da matéria, não só porque as faculdades que a determinam (tais como a sensação, o pensamento ou a vontade) não se podem conceber revestidas de propriedades físicas, mas, sobretudo, por ser ela uma causa de movimento e por se conhecer plenamente a si mesma, o que a diferencia de todos os outros seres vivos e, com mais forte razão, dos corpos brutos.

E desconhecida a natureza da alma. Tentar defini-la, dizendo que é imaterial, nada significa, a menos que com essa palavra se queira precisar a diferença que há entre a sua constituição e a da matéria. Qualquer, porém, que seja o seu modo de existir, ela se

mostra simples e idêntica. Aliás, a nossa ignorância acerca da natureza da alma é da mesma ordem e tão absoluta, quanto acerca da natureza da matéria ou da natureza da energia. Até agora, somos de todo impotentes para penetrar as causas primárias e temos que nos contentar com o definir a alma, a matéria e a energia pelas suas manifestações, sem pretendermos indagar se, de qualquer maneira, procedem umas das outras.

Certamente a alma não é a resultante das funções cerebrais, pois que subsiste após a morte do corpo. Da análise de suas faculdades ressalta que ela é simples, isto é, indivisível e a experiência espírita confirmam essa verdade, mostrando que a sua personalidade se mantém integral depois da morte. O Espiritismo, com o apoiar-se exclusivamente nos fatos, reduz a nada todas as teorias segundo as quais a alma sofre uma desagregação qualquer. O que, ao contrário, se verifica é a indestrutibilidade do princípio pensante.

Suas faculdades a alma as desenvolve por uma evolução incessante que tem por teatro, alternativamente, o espaço e o mundo terrestre. Em cada uma dessas suas passagens, adquire ela nova soma de conhecimentos intelectuais e morais, que são conservados, aperfeiçoados e aumentados por uma evolução sem-fim.

Possui um livre-arbítrio proporcional ao número de suas encarnações, dependendo a sua responsabilidade do grau do seu adiantamento moral e intelectual. Assim como o mundo físico tem a regê-lo lei imutável, também o mundo espiritual é regido por uma justiça infalível, de sorte que as leis morais têm sanção absoluta após a morte. Como o Universo não se limita ao imperceptível grão de areia por nós habitado, como o espaço formiga de sóis e planetas em número indefinido, admitimos que as futuras existências do princípio pensante podem desenvolver-se nesses diferentes sistemas de mundos, de maneira que a nossa vida se perpetua pela imensidade sem limites.

Como pode a alma executar esse processo evolutivo, conservando a sua individualidade e os conhecimentos que adquiriu? Como atua sobre a matéria tangível, durante a encarnação? E o que tentamos determinar em o nosso estudo sobre a Evolução anímica.

Aqui, temos que começar por compreender o papel de cada uma das partes que formam o homem vivo.

O ensino dos Espíritos

Se a questão do homem espiritual se conservou por tão longo tempo em estado hipotético, é que faltavam os meios de investigação direta. Assim como as ciências não puderam desenvolver-se seriamente, senão depois que se inventaram o microscópio, o telescópio, a análise espectral e, ultimamente, a radiografia, também o estudo do Espírito tomou prodigioso impulso com a hipnose e, principalmente, depois que a mediunidade tornou possível o estudo do Espírito desprendido da matéria corpórea. Aqui está o que as nossas relações com os Espíritos nos ensinaram relativamente à constituição da alma.

Das numerosas observações feitas no mundo inteiro resulta que o homem é formado da reunião de três princípios: 1 - a alma ou espírito, causa da vida psíquica; 2 - o corpo, envoltório material, a que a alma se associa temporariamente, durante a sua passagem pela Terra; 3 - o perispírito, substrato fluídico que serve de liame entre a alma e o corpo, por intermédio da energia vital. Do estudo desse órgão decorrem conhecimentos novos, que nos permitem explicar as relações da alma e do corpo; a idéia diretora que preside à formação de todo indivíduo vivo; a conservação do tipo individual e específico, sem embargo das perpétuas mutações da matéria; enfim, o tão complicado mecanismo da máquina vivente.

A morte é a desagregação do invólucro carnal, aquele que a alma abandona ao deixar a Terra; o perispírito a acompanha, conservando-se-lhe sempre ligado. Forma-o a matéria em estado de extrema rarefação. Esse corpo etéreo, que no estado normal nos é invisível, existe, portanto, no curso da vida terrestre por seu intermédio que o eu percebe as sensações físicas e é também por seu intermédio que o espírito pode revelar, no exterior, o seu estado mental.

Tem-se dito que o Espírito é uma chama, uma centelha, etc. Assim, porém, se deve entender com relação ao espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, ao qual não se poderia atribuir forma determinada. Em qualquer grau que ele se encontre na animalidade, está sempre intimamente associado ao perispírito, cuja eterização corresponde ao seu adiantamento moral, de sorte que, para nós, a idéia de espírito é inseparável de uma forma qualquer, de maneira a não podermos conceber um sem a outra.

O perispírito, pois, faz parte integrante do Espírito, como o corpo faz parte integrante do homem. Mas, o perispírito, por si só, não é o Espírito, como o corpo não é, por si só, o homem, visto que o perispírito não pensa, não age por si só. Ele é para o espírito o que o corpo é para o homem: o agente ou instrumento da sua ação.

Segundo o ensino dos Espíritos, essa forma fluídica é extraída do fluído universal, sendo deste, como tudo o que existe materialmente, uma modificação. Justificaremos, dentro em pouco, essa maneira de ver.

Malgrado à tenuidade extrema do corpo perispirítico, ele se mantém constantemente unido à alma, que se pode considerar um centro de força. Sua constituição lhe permite atravessar todos os corpos com mais facilidade do que a que tem a luz para atravessar o vidro; do que o calor ou os raios-X para atravessar os diferentes obstáculos que se lhes oponham à propagação. A velocidade do deslocamento da alma parece superior à das ondulações luminosas, diferindo destas, porém, essencialmente, em que nada a detém, deslocando-se ela pelo seu próprio esforço. Por ser muito rarefeito o organismo fluídico, a vontade atua sobre o fluído universal e produz o deslocamento. Concebe-se facilmente que, sendo quase nula a resistência do meio, a mais fraca ação física acarretará uma translação no espaço, cuja direção estará submetida à vontade do ser.

O perispírito se nos afigura imponderável, pelo que a ação da gravidade parece inteiramente nula sobre ele; mas, daí não se deverá concluir que, desprendido do corpo, possa o Espírito transportar-se, segundo a sua fantasia, a todas as partes do Universo. Veremos, daqui a pouco, que o espaço é pleno de matérias variadas, em todos

os estados de rarefação, de modo que, para o Espírito, existem certos obstáculos fluídicos de tanta realidade, quanta a que para nós pode ter a matéria tangível.

Nos seres muito evolvidos, o perispírito carece, no espaço, de forma absolutamente fixa; não é rígido, nem está condensado, como o corpo físico, num tipo particular. Regra geral, predomina no corpo fluídico as formas humanas, à qual ele naturalmente retorna, quando haja sido deformado pela vontade do Espírito.

Por intermédio do envoltório fluídico é que os Espíritos percebem o mundo exterior; mas, suas sensações são de outra ordem, diversas das que tinham na Terra. A luz deles não é a nossa; as ondulações do éter, quais as ressentimos, como calor ou luz, são por demais grosseiras para os influenciar normalmente. São, do mesmo modo, insensíveis aos sons e aos odores terrestres. Referimo-nos aqui aos Espíritos adiantados. Mas, todas as nossas sensações terrestres têm, para eles, equivalentes mais apurados. Dá-se, a esse respeito, uma como transposição para mais elevado registro da mesma gama. Além disso, eles percebem vibrações em muito maior número do que as que nos chegam diferenciadas pelos sentidos e as sensações determinadas por esses diferentes movimentos vibratórios criam uma série de percepções de ordem diversa das de que temos consciência.

Os Espíritos inferiores, que formam a maioria no espaço que circunda a Terra, podem ser acessíveis às nossas sensações, sobretudo se seus perispírito são grosseiros de todo, porém, isso se dá de maneira atenuada. A sensação neles não é localizada: experimentam-na em todas as partes do corpo espiritual, enquanto que, nos homens, é experimentada no ponto do corpo onde teve origem.

Estes os dados gerais que se encontram na obra de Allan Kardec, a mais completa e a mais racional que possuímos sobre o Espiritismo. A bem dizer, é mesmo a única que trata, em todas as suas partes, da filosofia espírita e fica-se espantado de ver com que sabedoria e prudência esse iniciador traçou as grandes linhas da evolução espiritual.

A dedução rigorosa é o caráter distintivo desta doutrina. Em vez de forjar seres imaginários para explicar os fatos mediúnicos, o Espiritismo deixou que o fenômeno se revelasse por si mesmo. Em todas as partes do mundo, há 70 anos, são as almas dos mortos que, vindo confabular conosco, afirmam ter vivido na Terra e dão dessas afirmativas provas que os evocadores verificam mais tarde e reconhecem exatas. Numa palavra, achamo-nos em presença de um fato real, visível, palpável, que coisa alguma poderia infirmar. Não há negações que prevaleçam contra a luminosa evidência da experiência moderna. Não há demônios, nem vampiros, nem lêmures, nem elementais ou outros seres fantásticos, imaginados para aterrorizar o vulgo, ou desviar, em proveito de obscuros engrimanços, a atenção dos pesquisadores a alma dos mortos que se revela pela mesa, pela escrita direta e pelas materializações.

O que é preciso se estude

Pela observação e pela experiência, fomos levados a comprovar que o invólucro da alma é material, pois que pode ser visto, tocado, fotografado. Mas, é evidente que essa matéria difere, pelo menos quanto ao seu estado físico, da matéria com que estamos diariamente em contacto.

O perispírito existente no corpo humano não nos é visível; não tem peso apreciável e, quando saí do corpo para se mostrar longe deste, verifica-se que nada lhe pode opor obstáculo. Destas observações, temos de concluir que é formado de uma substância invisível, imponderável e de tal sutileza, que coisa alguma lhe é impenetrável. Ora, estes são caracteres que parecem em absoluta contradição com os que a Física nos revela como sendo os da matéria.

Temos, pois, que procurar saber o que se deve entender pelo termo matéria e, para isso, urge conhecer o que são o átomo, o movimento e a energia. Adquiridas estas noções, poderemos inquirir como é que uma matéria fluídica tem a possibilidade de conservar forma determinada e, sobretudo, como é que a morte não acarreta a

dissolução desse corpo espiritual, uma vez que ocasiona a do corpo físico.

Tornar-se-á então necessário nos familiarizemos com a idéia da unidade da substância, porquanto, admitida essa idéia, claro fica que, se o perispírito é formado da matéria primordial, não poderá decompor-se em elementos mais simples e, como a alma já se acha revestida dele antes de nascer, isto é, anteriormente à sua entrada no organismo humano, Irá com ele, ao deixar o seu corpo terreno.

Se for verdadeiramente possível demonstrar que as concepções científicas atuais nos permitem conceber semelhante matéria, poder-se-á empreender, racionalmente, o estudo do perispírito, estudo que então sairá do domínio do empirismo para entrar no das ciências positivas.

Vejamos, pois, desde já, como é constituída a matéria.

CAPITULO II

O TEMPO, O ESPAÇO, A MATÉRIA PRIMORDIAL.

SUMARIO: Definição do espaço, dada pelos Espíritos. - Justificação dessa teoria. - O tempo. - Justificações astrológicas e geológicas. - A matéria. - O estado molecular. - A isomeria. - As pesquisas de Lockyer.

O que, em definitivo, importa saber é o que somos, donde viemos e aonde vamos. A filosofia é impotente para nos esclarecer a esse respeito, porquanto umas às outras se opõem as conclusões a que chegaram as diferentes escolas. As religiões, proscrevendo a

razão e fazendo exclusivamente questão da fé, pretendendo impor a crença em dogmas imaginados quando os conhecimentos humanos ainda se achavam na infância, vêem afastar-se delas os espíritos independentes, que preferem as realidades tangíveis e sempre verificáveis da experiência a todas as afirmações autoritárias e cominatórias. Vamos justificar os principais ensinos do Espiritismo, mostrando que decorrem de minuciosos estudos, harmônicos com as concepções modernas e constituindo uma filosofia religiosa de imponente realidade. (173)

Espaço

E infinito o espaço, pela razão de ser impossível supor-lhe qualquer limite e porque, malgrado à dificuldade que encontramos para conceber o infinito, mais fácil nos é, contudo, ir eternamente pelo espaço em pensamento, do que pararmos num lugar qualquer, depois do qual nenhuma extensão mais houvesse a ser percorrida.

Para imaginarmos, tanto quanto o permitam as nossas faculdades restritas, a infinidade do espaço, imaginem que, partindo da Terra, perdida em meio do infinito, rumo a um ponto qualquer do Universo, com a velocidade prodigiosa da centelha elétrica, que transpõe milhares de léguas num segundo, havendo, pois, percorrido milhões de léguas mal tenhamos deixado este globo, nos achemos num lugar de onde a Terra não nos pareça mais do que vaga estrela. Um instante depois, seguindo sempre na mesma direção, chega às estrelas longínquas, que da nossa morada terrestre mal se percebem. Daí, não só a Terra terá desaparecido das nossas vistas nas profundezas do céu, como também o Sol, com todo o seu esplendor, estará eclipsado pela extensão que dele nos separa. Sempre com a mesma velocidade do relâmpago, transpomos sistemas de mundos, à medida que avançamos pela amplidão, ilhas de luzes etéreas, vias estelíferas, paragens suntuosas onde Deus semeou mundos na mesma profusão com que semeou as plantas nos prados terrestres.

Ora, minutos apenas há que caminhamos e já centenas de milhões de léguas nos separam da Terra, milhares de milhões de

mundos passaram sob os nossos olhares e, entretanto, escutai bem! Na realidade, não avançamos um único passa no Universo.

Se continuarmos durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes seculares e incessantemente com a mesma velocidade do relâmpago, nada teremos avançado, qualquer que seja o lado para onde nos encaminhe e qualquer que seja o ponto para onde nos dirijamos, a partir do grão invisível que deixamos e que se chama Terra.

Eis o que é o espaço!

Justificação desta teoria

Concordam essas poéticas e grandiosas definições com o que sabemos de positivo sobre o Universo? Concordam, porquanto, sucessivamente, a luneta, o telescópio e a fotografia nos hão feito penetrar, cada vez mais longe, no campo do infinito.

Durante séculos, nossos pais imaginaram que a criação se limitava à Terra que eles habitavam e que julgavam chatas. O céu era apenas uma abóbada esférica onde se achavam incrustados pontos brilhantes chamados estrelas. O Sol era tido como um facho móvel destinado a distribuir claridade. Nós, terrícolas, éramos os únicos habitantes da criação, feita especialmente para nosso uso. A observação, mais tarde, facultou reconhecer-se a marcha das estrelas; a abóbada celeste se deslocava, arrastando consigo todos os pontos luminosos. Depois, o estudo dos movimentos planetários e a fixidez da Estrela Polar levaram Tales de Mileto a reconhecer a esfericidade da Terra, a obliqüidade da eclíptica e a causa dos eclipses.

Pitágoras conheceu e ensinou o movimento diurno da Terra sobre seu eixo, seu movimento em torno do Sol e ligou os planetas e os cometas ao sistema solar. Esses conhecimentos precisos datam de 500 anos a.C. Mas, sabidas apenas de alguns raros iniciados, tais verdades foram esquecidas e a massa humana continuou a ser joguete da ilusão. Foi preciso surgisse Galileu e se desse a

descoberta da luneta, em 1610, para que concepções exatas viessem retificar os antigos erros.

Desde então, o Universo se apresenta qual realmente é. Reconhece-se que os planetas são mundos semelhantes à Terra e muito provavelmente habitados também; que o Sol mais não é do que um astro entre inúmeros outros; que com o telescópio se percebem as estrelas e as nebulosas disseminadas pelo espaço sem limites, a distâncias incalculáveis; que, finalmente, a fotografia, recente descoberta do gênio humano, revela a presença de mundos que o olhar do homem jamais contemplara, nem mesmo com o auxílio dos mais possantes instrumentos.

As chapas fotográficas que hoje se preparam são não somente sensíveis a todos os raios elementares que afetam a retina, mas alcançam também as regiões ultravioletas do espectro e as regiões opostas, as do calor obscuro (infravermelho), nas quais o olhar humano é impotente para penetrar.

Assim é que os irmãos Henry conseguiram tornar conhecidas estrelas da 17 grandeza, as quais nenhum olho humano ainda percebera. Descobriram também, para lá das Plêiades, uma nebulosa, invisível devido ao seu afastamento.

A medida que os nossos processos de investigação se ampliam, a natureza recua os limites do seu império. Ao passo que os mais poderosos telescópios não revelavam, num canto do céu, mais que 625 estrelas, a fotografia tornou conhecidas 1.421. Assim, pois, em parte alguma o vácuo, por toda parte e sempre as criações a se desdobrarem em número indefinido! As insondáveis profundezas da amplidão fatigam, pela sua imensidade, as imaginações mais ardentes. Pobres seres chumbados num imperceptível átomo, não podemos elevar-nos a tão sublimes realidades.

O tempo

Aos mesmos resultados chegamos, quando queremos avaliar o tempo. Os períodos cósmicos nos esmagam com um formidável

amontoado de séculos. Ouçamos mais uma vez o nosso instrutor espiritual.

O tempo, como o espaço, é uma palavra que se define a si mesma. Mais exata idéia dele se faz, estabelecendo-se a relação que guarda com o todo infinito.

O tempo é a sucessão das coisas. Está ligado à eternidade, do mesmo modo por que essas coisas se acham ligadas ao infinito. Suponhamo-nos na origem do nosso mundo, naquela época primitiva em que a Terra ainda não se balouçava sob a impulsão divina. Numa palavra: no começo da gênese.

Ai, o tempo ainda não saiu do misterioso berço da Natureza e ninguém pode dizer em que época de séculos está, pois que o balancim dos séculos ainda não foi posto em movimento.

Mas, silêncio! a primeira hora de uma Terra isolada soa no relógio eterno, o planeta se move no espaço e, desde então, há tarde e manhã. Fora da Terra, a eternidade permanece impassível e imóvel, se bem o tempo avance para muitos outros mundos. Na Terra, o tempo a substitui e, durante uma série determinada de gerações, contar-se-ão os anos e os séculos.

Transportemo-nos agora ao último dia deste mundo, à hora em que, curvado sob o peso da vetustez, a Terra se apagará do livro da vida, para ai não mais reaparecer. Nesse ponto, a sucessão dos eventos se detém, interrompem-se os movimentos terrestres que mediam o tempo e este finda com eles.

Quantos mundos na vasta amplidão, tantos tempos diversos e incompatíveis. Fora dos mundos, só a eternidade substitui essas efêmeras sucessões e enche, serenamente, da sua luz imóvel, a imensidade dos céus. Imensidade sem limites e eternidade sem limites, tais as duas grandes propriedades da natureza universal.

Agem concordes, cada uma na sua senda, para adquirirem esta dupla noção do infinito: extensão e duração, assim o olhar do observador, quando atravessa, sem nunca ter de parar, as incomensuráveis distâncias do espaço, como o do geólogo, que remonta até muito além dos limites das idades, ou que desce às profundezas da eternidade onde eles um dia se perderão.

Também estes ensinamentos a Ciência os confirma. Malgrado à dificuldade do problema, os físicos, os geólogos hão tentado avaliar os inumeráveis períodos de séculos decorridos desde a formação da nossa Terra e as mais fracas avaliações mostram quão infantis eram os seis mil anos da Bíblia.

Segundo Sir Charles Lyell, que empregou os métodos usados em Geologia - métodos que consistem em avaliar-se a idade de um terreno pela espessura da câmara sedimentada e a rapidez provável da sua erosão -, ao cabo de numerosas observações feitas em todos os pontos do globo, mais de trezentos milhões de anos transcorreram depois da solidificação das camadas superficiais do nosso esferóide.

As experiências do professor Bischoff sobre o resfriamento do basalto, diz Tyndall (174), parecem provar que, para se resfriar de 2.000 graus a 200 graus centígrados, precisou o nosso globo de 350 milhões de anos. Quanto à extensão do tempo que levou a condensação por que teve de passar a nebulosa primitiva para chegar a constituir o nosso sistema planetário, essa escapa inteiramente à nossa imaginação e às nossas conjeturas (175). A história do homem não passa de imperceptível ondulação na superfície do imenso oceano do tempo.

Entremos agora no estudo do nosso planeta e vejamos quais os ensinos dos Espíritos sobre a matéria e a força.

A unidade da matéria

A primeira vista, nada parece tão profundamente variado, tão essencialmente distinto, quanto as diversas substâncias que compõem o mundo. Entre os objetos que a arte ou a natureza diariamente nos fazem passar sob as vistas, não há dois que acusem perfeita identidade, ou, sequer, simples paridade de composição. Que dessemelhanças, do ponto de vista da solidez, da compressibilidade, do peso e das propriedades múltiplas dos corpos, entre os gases atmosféricos e um fio de ouro; entre a molécula aquosa da nuvem e a do mineral que forma a carcaça. Óssea do globo! Que diversidade entre o tecido químico das variadas plantas

que adornam o reino vegetal e o dos representantes, não menos numerosos, da animalidade na Terra!

Entretanto, podemos pôr por principio absoluto que todas as substâncias, conhecidas ou desconhecidas, por mais dessemelhantes que pareçam, quer do ponto de vista da constituição intima, quer no que concerne à ação que reciprocamente exercem, não são, de fato, senão modos diversos sob os quais a matéria se apresenta, senão variedades em que ela se transformou, sob a direção das inúmeras forças que a governam.

Decompondo todos os corpos conhecidos, a Química chegou a um certo número de elementos irredutíveis a outros princípios; deu-lhes o nome de corpos simples e os considera primitivos, porque nenhuma operação até hoje pôde reduzi-los a partes relativamente mais simples do que eles próprios.

Mas, mesmo onde param as apreciações do homem, auxiliado pelos seus mais impressionáveis sentidos artificiais, a obra da Natureza continua; mesmo onde o vulgo toma como realidade a aparência, o olhar daquele que pôde apreender o modo de agir da Natureza, apenas vê, sob os materiais constitutivos do mundo, a matéria cósmica primitiva, simples e una, diversificada em certas regiões, na época do nascimento deles, distribuída em corpos solidários durante a vida e que, por decomposição, se desmembram um dia no receptáculo da extensão.

Tal diversidade se observa na matéria, porque, sendo em número ilimitado as forças que lhe presidiram às transformações e as condições em que estas se produziram, ilimitadas não podiam também deixar de ser ás próprias combinações várias da matéria.

Logo, quer a substância que se considere pertença aos fluidos propriamente ditos, isto é, aos corpos imponderáveis, quer se ache revestida dos caracteres e das propriedades ordinárias da matéria, não há, em todo o Universo, mais do que uma única substância primitiva: o cosmos, ou matéria cósmica dos uranógrafos.

O ensino é claro, formal: existe uma matéria primitiva, da qual decorrem todos os modos que conhecemos. Terá a ciência confirmada esta maneira de ver? Tomando-se as coisas ao pé da

letra, não há negar que essa substância ainda não é conhecida; mas, pesando-se maduramente todos os fatos que vamos expor, torna-se fácil verificar que, se a demonstração direta ainda não foi dada, a tese da unidade da matéria é muito provável e encontra cabimento nas mais fundamentadas opiniões filosóficas dos físicos.

Justificação desta teoria. - O estado molecular

Uma das maiores dificuldades com que defrontamos quando queremos estudar a Natureza é a de no-la representarmos tal qual ela é. Quando se vêem massas de mármore de granulação fina e cerrada, enormes barras de ferro suportando pesos gigantescos tornam-se difícil admitir que esses corpos são formados de partículas excessivamente pequenas, que não se tocam, chamadas átomos nos corpos simples e moléculas nos corpos compostos. A extrema tenuidade desses átomos escapa à imaginação. O pó mais impalpável é grosseiro, a par da divisibilidade 'a que pode chegar.

Disso dá Tyndall um exemplo frisante. Dissolvendo-se um grama de resina pura em 87 gramas do álcool absoluto, deitando-se a solução num frasco de água cristalina e agitando-se fortemente o frasco, ver-se-á o líquido tomar umas colorações azuis, devidas às moléculas da resina em dissolução. Pois bem, Suxley, examinando essa mistura com o seu mais poderoso microscópio, não conseguiu ver partículas distintas: é que elas tinham, de tamanho, menos de um quarto do milésimo de milímetro!

Também o mundo vivente é formado de moléculas orgânicas, em que os átomos entram como partes constituintes. Segundo o Padre Secchi, em certas diátomas circulares, de diâmetro igual ao comprimento de uma onda luminosa (dois milésimos de milímetro), se podem contar, sobre esse diâmetro, mais de cem células, cada uma das quais composta de moléculas de diferentes substâncias!

Outros vegetais e ínfusórios microscópicos são menores, em tamanho, do que uma onda luminosa e, no entanto, possuem todos os órgãos necessários à nutrição e às funções vitais. Em suma, é quase indefinida a divisibilidade da matéria, pois, se considerarmos

que um miligrama de anilina pode colorir uma quantidade de álcool cem milhões de vezes maior, forçoso será desistir de fazer qualquer idéia das partes extremas da matéria.

E esses infinitamente pequenos se acham separados uns dos outros por distâncias maiores do que os seus diâmetros; está incessantemente animada de movimentos diversos e a mais compacta massa, o metal mais duro são apenas agregados de partículas semelhantes, porém afastadas umas das outras, em vibrações ou girações perpétuas e sem contacto material entre si. A compressibilidade, isto é, a faculdade que possuem todos os corpos de ser comprimido, ou, por outra, de ocupar um volume menor, põem essa verdade fora de toda dúvida.

A difusão, isto é, o poder que têm duas substâncias de se penetrarem mutuamente, também mostra que a matéria não é contínua.

Examinando-se uma pedra jacente na estrada, julga-se que está em repouso, pois não é vista a deslocar-se. Quem, no entanto, lhe pudesse penetrar na intimidade da substância, para logo se convenceria de que todas as suas moléculas se acham em incessante movimento. No estado ordinário, esse formigamento é de todo imperceptível. Entretanto, poderemos aperceber-nos dele, se bem que de modo grosseiro, se notarmos que os corpos aumentam ou diminuem de volume, isto é, se dilatam ou contraem - sem que suas massas sofram qualquer alteração - conforme a temperatura neles se eleva ou decresce. Essas mudanças dão a ver que é variável o espaço que separa as moléculas e guarda relação com a quantidade de calor que os corpos contêm no momento em que são observados.

Desse conhecimento resulta que no interior dos corpos, brutos e na aparência imóveis, se executa um trabalho misterioso, uma infinidade de vibrações infinitamente pequenas, um equilíbrio que de contínuo se destrói e restabelece, e cujas leis, variáveis para cada substância, dão a cada uma a sua individualidade. Do mesmo modo que os homens se distingue uns dos outros segundo a maneira por que suportam o jugo das paixões ou lutam contra elas, também as

substâncias minerais se distinguem umas das outras pela maneira por que suportam os choques e contra eles reagem.

Ter-se-ão estudados esses movimentos internos? Ainda não se puderam observar diretamente os deslocamentos moleculares, senão na sua totalidade, pois que os mais poderosos microscópios não nos permitem ver uma molécula; mas, os fenômenos que se produzem nas reações químicas e a aplicação que se lhes fez da teoria da transformação do calor em trabalho, e reciprocamente, possibilitaram comprovar-se que estas últimas divisões da matéria se acham submetidas às mesmas leis que presidem às evoluções dos sóis no espaço. Também ao mundo atômico são aplicadas as regras fixas da mecânica celeste, o que mostra, inegavelmente, a admirável unidade que rege o universo. (176)

Graças aos progressos das ciências físicas, admite-se hoje que todos os corpos têm suas moléculas animadas de duplo movimento: de translação ou oscilação em torno de uma posição mediana e de libração (balanço) ou de rotação em torno de um ou muitos eixos. Esses movimentos se efetuam sob a influência da lei de atração. Nos corpos sólidos, as moléculas se encontram dispostas segundo um sistema de equilíbrio ou de orientação estável; nos líquidos, acham-se em equilíbrio instável; nos gases, estão em movimento de rotação e em perpétuo conflito umas com as outras. (177)

Todos os corpos da Natureza, assim Inorgânica, como vivente, se acham submetidos a essas leis. Seja a asa de uma borboleta, a pétala de uma rosa, a face de uma donzela, o ar Impalpável, o mar imenso, ou o solo que pisamos, tudo vibra, gira, se balança ou se move. Mesmo um cadáver, embora a vida o haja abandonado, constituí um amontoado de matéria, cada uma de cujas moléculas possui energias que não lhe podem ser subtraídas. Repouso é palavra carente de sentido.

As famílias químicas

Procedendo à análise de todas as substâncias terrestres, chegaram os químicos a reconhecê-las devidas a inúmeras

combinações de cerca (178) de 70 corpos simples, Isto é, de 70 elementos que se não puderam decompor. Fora, pois, de supor-se que há tantas matérias entre si diferentes, quantos corpos simples. Pura ilusão haveria aí, devido à nossa impotência para reduzir esses corpos a uma matéria uniforme, que então lhes seria a base. 2 o que pensavam Proust e Dumas, quando, no começo do século, procuravam descobrir, por meio da lei das proporções definidas, qual seria a substância única, isto é, aquela de que fossem múltiplos exatos os elementos dos corpos primários. Dumas chegou a mostrar que não é o hidrogênio, como então se acreditava, mas uma substância ainda desconhecida, cujo equivalente, em vez de ser a unidade, seria a metade desta: 0,5.

Os físicos partidários da teoria do éter - e hoje são todos - vão ainda mais longe do que os químicos. A matéria desconhecida, pela razão mesma de ter por equivalente 0,5, seria ponderável, até para os instrumentos de que o homem dispõe. Ora, o éter, que enche o Universo, é imponderável; donde se segue que a substância hipotética dos químicos, a ter por peso metade do hidrogênio, seria, quando muito, uma das primeiras condensações ou um dos primeiros agrupamentos do éter. Assim, pois, seria o éter, segundo os físicos, a matéria única constitutiva de todos os corpos.

O estudo da luz e da eletricidade, diz o Padre Secchi, nos há levado a considerar infinitamente provável que e éter mais não é do que a própria matéria, chegada ao mais alto grau de tenuidade, a esse estado de rarefação extrema a que se chama estado atômico. Conseguintemente, todos os corpos seriam apenas agregados dos próprios átomos desse fluido. (179)

Estas maneiras teóricas de ver se originam dos seguintes fatos químicos:

1 - Nos corpos simples existem verdadeiras famílias naturais;

2 - Um grupo composto, cujos elementos se conheçam, pode desempenhar o papel de um corpo simples; um corpo dito simples pode ser decomposto;

3 - Corpos formados exatamente dos mesmos elementos, reunidos estes, nas mesmas proporções, têm, entretanto, propriedades diferentes;

4 - A análise espectral revela a existência primitiva de uma só substância nas estrelas mais quentes, em geral o hidrogênio.

Examinemos rapidamente tão interessantes fatos.

Se atentarmos nos diferentes corpos simples, convencer-nos-emos de que não são de ordem fundamental as suas divergências, visto que eles podem grupar-se em séries de famílias naturais. Essa divisão, fundada em analogias manifestas que alguns deles apresentam, uns com relação aos outros, oferece uma vantagem que se não pode negar, porquanto, feito estudo profundo do corpo mais importante, a história dos outros, salvo questões de detalhes, se deduz naturalmente desse estudo. A semelhança na maneira de se comportarem mostra que essas matérias apresentam analogias de composição e, portanto, que elas não são tão dessemelhantes quanto pareciam à primeira vista.

Não lhes é peculiar a individualidade que apresentam os corpos simples. Há corpos compostos, como o cianogênio - formado pela combinação do carbono com o azoto -, que, nas reações, desempenham o papel de um corpo simples. É claro que, se não houvesse podido separar os elementos constituintes do cianogênio, também ele houvera sido classificado entre os corpos simples. Aliás, com os métodos aperfeiçoados da ciência, tais como a análise espectral, já se pode saber que o ferro, por exemplo, é formado de elementos mais simples, embora ainda não se haja conseguido isolar estes últimos. Mas, o que não se conseguiu com relação ao ferro, William Crookes realizou com referência ao ítrio. Podemos, pois, prever próxima a época em que desaparecerá a demarcação entre os corpos simples. O mesmo poder de análise, que limitou a inumerável multidão das substâncias naturais, minerais, vegetais e animais, a alguns elementos apenas, certamente nos conduzirá à descoberta da matéria única de onde todas as outras derivam.

Os fenômenos da alotropia e da isomeria justificam essa expectativa.

A isomeria

Há corpos simples, quais o fósforo, que revelam propriedades diferentes, sem que se lhes tenha acrescentado ou subtraído a menor parcela de matéria. Toda gente sabe que o fósforo é branco, venenoso e muito inflamável. Entretanto, se, durante algum tempo, for exposto à luz no vácuo, ou se for aquecido em vaso fechado, ele muda de cor e se torna de um belo vermelho. Nesse estado, é inofensivo, do ponto de vista da saúde, e deixa de incendiar-se pelo atrito. Contudo, a mais severa análise não logra descobrir qualquer diferença na composição química do fósforo vermelho ou branco. O carvão pode tomar a forma de diamante ou de grafite; o enxofre apresenta modificações características, conforme o estado em que se encontre; o oxigênio se torna ozônio. A todos estes diferentes estados do mesmo corpo foi dada a denominação de alotrópicos.

Esses caracteres tão opostos, que a mesma substância pode denotar, são devidos a mudanças que se lhes operam no íntimo.

As moléculas se grupam diferentemente, ao mesmo tempo em que seus movimentos se modificam. Daí, as variações que se produzem nas suas respectivas propriedades.

E tão verdade isto, que corpos muito diferentes pelas suas propriedades, tais como as essências de terebintina, de limão, de laranja, de alecrim, de basilisco, de pimenta, são, todavia formadas todas da combinação de dezesseis equivalentes de hidrogênio com vinte equivalentes de carbono.

Essa ordem especial das partículas associadas, chamadas moléculas, se tornou visível por meio da cristalização.

Se nos lembrarmos de que todos os tecidos dos vegetais e dos animais são formados, principalmente, de combinações variadas de quatro gases apenas: o hidrogênio, o oxigênio, o carbono e o azoto, aos quais se adicionam fracas quantidades de corpos sólidos em número muito reduzido, compreenderemos a inesgotável fecundidade da Natureza e os infinitos recursos de que ela dispõe

para, grupando átomos, formar moléculas que, a seu turno, se podem agregar entre si com a mesma diversidade de maneiras.

Se complicarem essas disposições por meio dos movimentos de translação e de rotação peculiares aos átomos e moléculas, possível se torna conceber-se que todas as propriedades dos corpos estão intimamente ligadas a tão diversos arranjos, tão variados e tão diferentes uns dos outros.

Numa série de memórias muito relevantes, o astrônomo Normann Lockyer fez notar que a análise espectral do ferro contido na atmosfera solar permite se conclua com certeza que esse corpo não é simples; que é um grupo complexo, tendo por base um metal ainda desconhecido. Somente, porém, nas altas temperaturas da fornalha ardente do nosso astro central essa dissociação se torna aparente. Nenhuma temperatura terrestre seria capaz de produzi-ia.

Esse eminente químico dos espaços estelares estudou os espectros das estrelas, desde as mais quentes até as que se acham prestes a extinguir-se, e mostrou que o número dos corpos simples aumenta, à medida que a temperatura diminui. Quer isso dizer que eles nascem sucessivamente, pois que cada massa se acha isolada no espaço e nenhuma partícula de matéria recebe do exterior, por mais insignificante que seja.

Em suma, a idéia de uma matéria única, donde necessariamente derive tudo o que existe, está hoje admitida pelos sábios e os Espíritos que no-la preconizaram estão de acordo com a ciência contemporânea. Veremos se a continuação de seus ensinos é tão verdadeira quanto as suas primeiras asserções.

CAPITULO III
O MUNDO ESPIRITUAL E OS FLUIDOS

SUMARIO: As forças. - Teoria mecânica do calor. - Conservação da energia. - O mundo espiritual. - A energia e os

fluidos. - Estudo detalhado sobre os fluidos: estados sólido liquido, gasoso, radiante, ultra-radiante e fluídico. - Lei de continuidade dos estados físicos. - Quadro das relações da matéria e da energia. - Estudo sobre a ponderabilidade.

As forças

Citemos de novo o nosso instrutor espiritual. (180)

Se um desses seres desconhecidos que consomem a efêmera existência nas regiões tenebrosas do fundo do oceano, se um desses poligástricos, dessas nereidas - miseráveis animálculos que da Natureza unicamente conhecem os peixes ictiófagos e as florestas submarinas - recebesse de súbito o dom da inteligência, a faculdade de estudar o seu mundo e de levantar sobre as suas apreciações um raciocínio conjeturai, abrangendo a universalidade das coisas, que idéia faria da Natureza viva que se desenvolve no meio em que ele vive e do mundo terrestre existente fora do campo de suas observações?.

Se, depois, por um efeito maravilhoso do seu novo poder, esse mesmo ser chegasse a elevar-se acima das suas trevas eternas, à superfície do mar, não longe das margens opulentas de uma ilha de rica vegetação, ao banho fecundante do Sol, dispensador de calor benfazejo, que juízo faria ele dos seus juízos anteriores, acerca da Criação universal? Não substituiria de pronto a teoria que houvesse construído por uma apreciação mais ampla, porém, ainda tão incompleta, relativamente, quanto à primeira. Tal ó homens! A imagem da vossa ciência, toda especulativa...

Há um fluido etéreo, que enche o espaço e penetra os corpos. Esse fluido é as matérias cósmicas primitiva, geratrizes do mundo e

dos seres. São inerentes ao éter as forças que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Essas forças múltiplas, indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas, diversificadas, quanto ao modo de ação, segundo as circunstâncias e o meio, são conhecidas na Terra sob o nome de gravidade, coesão, afinidade, atração, magnetismo, eletricidade. Os movimentos vibratórios do agente são os de: som, calor, luz, etc.

Ora, assim como uma única é as substâncias simples, primitivas, geratrizes de todos os corpos, mas diversificada em suas combinações, também todas essas forças dependem de uma lei universal, diversificada em seus efeitos, lei que lhes está na origem e que, pelos decretos eternos, foi soberanamente imposta à Criação, para lhe constituir a harmonia e a estabilidade permanentes.

A Natureza jamais está em oposição a si mesma. Uma só é a divisa no brasão do Universo: Unidade. Remontando-se à escala dos mundos, encontra-se unidade de harmonia e de criação, ao mesmo tempo em que uma variedade infinita nessa imensa platéia de estrelas; percorrendo-se-lhes os degraus da vida, desde o último dos seres até Deus, a grande lei de continuidade se patenteia; considerando-se as forças em si mesmas, pode-se formar com elas uma série, cuja resultante, a confundir-se com a geratriz, é a lei universal....

Todas essas forças são eternas e universais, como a Criação. Sendo inerentes ao fluido cósmico, elas necessariamente atuam em tudo e em toda parte, modificando, sucessivamente, ou pela simultaneidade, ou pela sucessividade, as ações que exercem. São predominantes aqui, ali apagadas, poderosas e ativas em certos pontos, latentes ou secretas noutros. Mas, finalmente, estão sempre preparando, dirigindo, conservando e destruindo os mundos em seus diversos períodos de vida, governando os maravilhosos trabalhos da Natureza, em qualquer parte onde eles se executem, assegurando para sempre o eterno esplendor da Criação.

Difícil dizer melhor e exprimir de maneira tão elevada quanto concisa os resultados todos a que a ciência tem chegado e nos há feito conhecer.

Escapa ao poder do homem criar qualquer parcela de energia, ou destruir a que existe. Transformar um movimento em outro é tudo o que lhe está ao alcance. O mundo da mecânica, diz Balfour Stewart (181), não é uma manufatura criadora de energia, mas um como mercado ao qual podemos levar certa espécie particular de energia e trocá-la por um equivalente de energia de outro gênero, que mais nos convenha... Se lá chegarmos sem coisa alguma nas mãos, podemos ter a certeza de voltar sem coisa alguma.

É absurdo, diz o Padre Secchi, admitir-se que o movimento, na matéria bruta, possa ter outra origem que não o próprio movimento.

Assim, não se pode criar a energia e firmado está que ela não pode destruir-se. Onde um movimento cessa, imediatamente aparece o calor, que é uma forma equivalente desse movimento. Esta a grande verdade formulada sob o nome de conservação da energia, idêntica à lei de conservação da matéria.

Assim como esta não pode ser aniquilada (182) e apenas passa por transformações, também a energia é indestrutível: experimenta tão-só mudanças de forma. Até ao século XIX, a prática diuturna dava, na aparência, motivos para crer-se que a energia era parcialmente suprimida.

Pertence a J. R. Mayer, médico de Heilbronn (reino do Wurtemberg), ao dinamarquês Colding e ao físico inglês Joule a glória de terem demonstrado que nem uma só fração de energia se perde e que é invariável a quantidade total de energia de um sistema fechado. Essa demonstração, conhecida sob a denominação de teoria mecânica do calor, constitui uma das mais admiráveis e fecundas obras do século XIX.

Descobrindo a que quantidade exata de calor corresponde um certo trabalho, isto é, uma certa quantidade de movimento, a Ciência fez que a indústria mecânica desse um passo gigantesco. Aplicando semelhante descoberta à Química, fez esta entrasse para o rol das ciências finitas, isto é, daquelas cujos fenômenos se podem reduzir

todos a fórmulas matemáticas. Finalmente, em Fisiologia, as noções de que tratamos deram lugar a que se achasse a medida precisa da intensidade da força vital.

Mas, não se limitou a isso o estudo experimental da energia. Conseguiu-se demonstrar que todas as diferentes formas que ela assume: calor, luz, eletricidade, etc., podem transformar-se umas nas outras, de maneira que uma daquelas manifestações é capaz de engendrar todas as demais.

Dessas descobertas experimentais decorre que as forças naturais, conforme ainda hoje se chamam, não são mais do que manifestações particulares da energia universal, ou, em última análise, dos modos de movimento. O problema da unidade e da conservação da força foi, pois, resolvido pela ciência moderna. Possível se tornou comprovar no universo inteiro a unidade dos dois grandes princípios: força e matéria.

A luneta e o telescópio permitiram se visse que os planetas solares são mundos quais o nosso, pela forma, pela constituição e pela função que preenchem. Nem só, porém, o nosso sistema obedece a tais leis, todo o espaço celeste está povoado de criações semelhantes, evidenciando a semelhança de organização das massas totais do Universo, ao mesmo tempo em que a uniformidade sideral das leis da gravitação.

Os sóis ou estrelas, as nebulosas e os cometas foram estudados pela análise espectral, que demonstrou serem compostos esses mundos, tão diversos, de materiais semelhantes aos que conhecemos na Terra. A mecânica química e física dos átomos é a mesma lá, que neste mundo. É, pois, em tudo e em toda parte, a unidade fundamental incessantemente diversificada.

Que confirmação magnífica daquela voz do espaço que, há cinqüenta anos, afirmava que eterna é a força e que as séries dessemelhantes de suas ações têm umas resultantes comuns, que se confunde com a geratriz, isto é, com a lei universal!

Assim, portanto: força única, matéria única, indefinidamente variada em suas manifestações, tais as duas causas do mundo visível. Existirá outro, invisível e sem peso? Interroguemos de novo

os nossos instrutores do Além. Eles respondem afirmativamente e cremos que também quanto a isso a Ciência não os desmentirá.

O mundo espiritual (183)

O fluido cósmico universal, como foi ensinado, é a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da Natureza. Como elementar princípio universal, ele se apresenta em dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, que se pode considerar o estado normal primitivo, e o de materialização ou de ponderabilidade, que, de certo modo, é apenas consecutivo àquele. O ponto intermédio é o da transformação do fluido em matéria tangível; mas, ainda aí não há transição brusca, pois que os nossos fluidos imponderáveis podem considerar-se um termo médio entre os dois estados.

No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, sofre modificações tão variadas, em gênero, senão mais numerosas quanto no estado de matéria tangível.

Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedendo do mesmo principio, são dotados de propriedades especiais e dão lugar aos fenômenos particulares do mundo invisível.

Sendo tudo relativo, esses fluidos têm para os Espíritos uma aparência tão material, como a dos objetos tangíveis para os encarnados e são para eles o que são para nós as substâncias do mundo terrestre. Eles os elaboram e combinam para produzir determinados efeitos, como fazem os homens com os seus materiais, se bem que por processos diferentes.

Lá, entretanto, como neste mundo, só aos Espíritos mais esclarecidos é dado compreender o papel dos elementos constitutivos do mundo deles. Os ignorantes do mundo invisível são tão incapazes de explicar os fenômenos que observam e para os quais concorrem, muitas vezes maquinalmente, como o são os

ignorantes da Terra para explicar os efeitos da luz ou da eletricidade e para dizer como os vêem e entendem.

É admiravelmente justo o que se acaba de ler. Interrogai ao acaso dez pessoas que passem pela rua, perguntando-lhes quais são as operações sucessivas da digestão ou da respiração e ficai certos de que nove delas não saberão responder-vos. No entanto, em nossa época, a instrução já se acha bastante disseminada. Mas, quão poucos se dão ao trabalho de aprender ou de refletir!

Os elementos fluídicos do mundo espiritual fogem aos nossos instrumentos de análise e à percepção dos nossos sentidos, feitos que estes são para a matéria tangível e não para a etérea. Alguns há peculiares a um meio tão diferente do nosso, que não podemos fazer deles idéia, senão mediante comparações tão imperfeitas como aquelas pelas quais um cego de nascença procura fazer idéia da teoria das cores.

Mas, dentre esses fluidos, alguns se acham intimamente ligados à vida corpórea e pertencem de certo modo ao meio terrestre. Em falta de percepção direta, podem observar-se-lhes os efeitos e adquirir, sobre a natureza deles, conhecimentos de certa exatidão. É essencial esse estudo, porquanto constitui a chave de uma multidão de fenômenos que só com as leis da matéria se não explicam.

No seu ponto de partida, o fluido universal se acha em grau de pureza absoluta, da qual nada nos pode dar idéia. O ponto oposto é o da sua transformação em matéria tangível. Entre esses dois extremos, há inúmeras transformações, mais ou menos aproximadas de um ou de outro. Os fluidos mais próximos da materialidade, os menos puros conseguintemente, compõem o que se poderia chamar a atmosfera espiritual da Terra. E desse meio, no qual também diferentes graus de pureza existem, que os Espíritos encarnados ou desencarnados extraem os elementos necessários à economia de suas existências. Por muito sutis e impalpáveis que sejam para nós, não deixam esses fluidos de ser de natureza grosseira, comparativamente aos fluidos etéreos das regiões superiores.

Não é rigorosamente exata a qualificação de fluidos espirituais, porquanto, em definitivo, eles são sempre matéria mais ou menos

quintessenciada. De realmente espiritual, há só a alma ou principio inteligente. Eles são qualificados de espirituais, em comparação e, sobretudo, em razão da afinidade que guardam com os Espíritos. Pode dizer-se que são a matéria do mundo espiritual. Dai o serem denominados fluidos espirituais.

Quem, ao demais, conhece a constituição intima da matéria tangível? Ela possivelmente só é compacta com relação aos nossos Sentidos. Prova-lo-ia a facilidade com que a atravessam os fluidos espirituais (184) e os Espíritos, aos quais ela não opõe obstáculo maior, do que o que à luz oferecem os corpos transparentes. Tendo por elemento primitivo o fluido cósmico etéreo, há de a matéria tangível ter a possibilidade de voltar, desagregando-se, ao estado de eterização, como o diamante, que é o mais duro dos corpos, pode volatilizar-se em gás impalpável. A solidificação da matéria mais não é, em realidade, do que um estado transitório do fluido universal, que pode volver ao seu estado primitivo, quando deixam de existir as condições de coesão.

Quem sabe mesmo se, no estado de tangibilidade, a matéria não é suscetível de adquirir uma espécie de eterização, que lhe dê propriedades particulares? Certos fenômenos, que parecem autênticos, tenderiam a fazê-lo supor. Ainda não possuímos senão as balizas do mundo invisível e o futuro sem dúvida nos reservam o conhecimento de novas leis que permitirão se conheça o que para nós continua a ser mistério.

Vejamos agora, por meio das modernas descobertas, se são exatas estas concepções.

A energia e os fluidos

Até a pouco, a Ciência negava a existência de estados imponderáveis da matéria e a hipótese do éter estava longe de ser unanimemente admitida, apesar da sua necessidade para tornar compreensíveis os diversos modos da força. Atualmente, já a negação não será talvez tão absoluta, pois que toda uma categoria de

novos fenômenos veio mostrar a matéria revestida de propriedades de que nem se suspeitava.

A matéria radiante dos tubos de Crookes revela as energias intensas que parecem inerentes às últimas partículas da substância. Os raios X, que nascem no ponto em que os raios catódicos tocam o vidro da empola, ainda mais singulares são, porquanto se propagam através de quase todos os corpos e têm propriedades fotogênicas, sem serem visíveis de si mesmos. Finalmente, as experiências espíritas de Wallace, de Beattie, de

Aksakof consignam, fotografados, esses estados da matéria invisível, que concorrem para a produção dos fenômenos espíritas.

O Dr. Baraduc, o comandante Darget, o Dr. Adam, o Dr. Luys, o Sr. David e as experiências do Sr. Russel (185) põem de manifesto essas forças materiais que emanam constantemente de todos os corpos, mas, sobretudo, dos corpos vivos, e os clichês que se obtêm são testemunhos irrecusáveis da existência desses fluidos. (186)

Assistimos, presentemente, à demonstração científica desses estados imponderáveis da matéria antes tão obstinadamente repelidos. Mais uma vez, confirma-se o ensino dos Espíritos, sendo a prova de veracidade das suas revelações dada por pesquisadores que não partilham das nossas idéias e que, portanto, não podem ser suspeitados de complacências.

E necessário que o público, ao ouvir-nos falar de fluidos, se habitue a não ver nessa expressão um termo vago, destinado a mascarar a nossa ignorância. É necessário fique ele bem persuadido de que estamos constantemente mergulhados numa atmosfera invisível, intangível pelos nossos sentidos, porém, tão real, tão existente, quanto o próprio ar.

Não é certo que as maiores inteligências do século, os mais hábeis analistas, químicos e físicos hão vivido em contacto com o argônio, o novo gás que faz parte integrante do ar, sem lhe suspeitarem a presença? Esse exemplo deve inspirar modéstia a todos quantos orgulhosamente proclamam que sabem todas as coisas e que a Natureza nenhum mistério mais lhes guarda. A verdade é

que ainda somos muito ignorantes e que a nossa existência se escoa num lugar do qual só pequeníssima parte conhecemos.

O de que todos se devem bem compenetrar é de que a atmosfera que nos circunda contém seres e forças cuja presença normal somos incapazes de apreciar. O ar se encontra povoado de miríades de organismos vivos, infinitamente pequenos, que não lhe turvam a transparência. No azul translúcido de um belo dia de verão volteia uma inumerável quantidade de sementes vegetais, que irão fecundar as flores. Ao mesmo tempo, o espaço se encontra atravancado de bilhões de seres, a que foi dado o nome de micróbios.

Todos esses seres evolvem dentro de gases cuja existência nada nos revela. O ácido carbônico, produzido por tudo o que tem vida ou se consome, mistura-se aos gases constitutivos do ar, sem que alguém o possa suspeitar. Quase todos os corpos emitem vapores que imergem nesse laboratório límpido e os nossos olhos permanecem cegos para todos esses corpos tão diversos, cada um com a sua função e a sua utilidade.

Tampouco os nossos sentidos nos advertem dessas correntes que sulcam o globo e desorientam a bússola durante as tempestades magnéticas. Só raramente a eletricidade se manifesta sob forma que nos seja apreciável. Ela não existe unicamente no instante em que o raio risca a nuvem, em que repercutem ao longe os roncos do trovão; antes, atua perpetuamente, por meio de lentas descargas, por meio de trocas incessantes entre todos os corpos de temperaturas diferentes. A própria luz não a percebemos, senão dentro de limites muito acanhados. Seus raios químicos, de ação tão intensa, escapam completamente à nossa visão.

Somos banhados, penetrados por todos esses eflúvios em meio dos quais nos movemos e longuíssimo tempo viveu a humanidade sem conhecer tais fatos que, entretanto, sempre existiram. Foram necessárias todas as descobertas da ciência, para criarmos sentidos novos, mais poderosos, mais delicados do que os que devemos à Natureza. O microscópio nos revelou o átomo vivo, o infinitamente pequeno; a chapa fotográfica é, ao mesmo tempo, um tato e uma retina, de incomparáveis finura e acuidade de visão.

O colódio registra as vibrações etéreas que nos chegam dos planetas invisíveis, perdidos nas profundezas do espaço, e nos revela a existência deles. Apanha os movimentos prodigiosamente rápidos da matéria quintessenciada; reproduz fielmente a luz obscura que todos os corpos à noite irradiam. Se a nossa retina possuísse essa singular sensibilidade, seríamos impressionados pelas ondas ultravioletas, como o somos pela parte visível do espectro.

Pois bem! essa chapa preciosa ainda presta o serviço de dar-nos a conhecer os fluidos que emanam do nosso organismo, ou que nele penetram. Mostra-nos, com Irresistível certeza, que em torno de nós forças existem, isto é, movimentos da matéria sutil, que se diferençam uns dos outros pelos seus caracteres particulares, por uma assinatura especial. Presentemente, já não se pode duvidar dessas modalidades, desses avataras da matéria.

Há, envolvendo-nos, uma atmosfera fluídica incorporada na atmosfera gasosa, penetrando-a de todos os lados. São ininterruptas as suas ações: é todo um mundo tão variado, tão diverso em suas manifestações, quanto o é a natureza física, isto é, a matéria visível e ponderável. Há fluidos grosseiros, como fluidos quintessenciados, uns e outros com propriedades inerentes ao respectivo estado vibratório e molecular, que os tornam substâncias tão distintas, quanto o podem ser, para nós, os corpos sólidos ou gasosos.

Mas, que energias se manifestam nesse meio! Que de mudanças visíveis, de mobilidade, de plasticidade nessa matéria sutil! Quanto ela difere da pesada, compacta e rígida substância que conhecemos. A eletricidade nos permite julgar da instantaneidade das suas transformações: é um prodígio, uma febre contínua. É bem a fluidez ideal para as tão leves, tão vaporosa, tão instável criação do pensamento. É a matéria do sonho, na sua impalpável realidade.

Estudando a matéria gasosa, chegamos a imaginar esses estados transcendentes. Já, sob a forma radiante, vemos os átomos, movendo-se com velocidades fantásticas, produzirem fenômenos cuja intensidade, dada a massa de matéria posta em jogo, é realmente formidável e essa energia nos faz compreender a força,

em suas manifestações superiores de luz, eletricidade, magnetismo, devidas às rapidíssimas ondulações do éter.

Torna-se admissível que esses átomos animados de enormes velocidades retilíneas, girando sobre si mesmos com vertiginosa rapidez, desenvolvam uma força centrífuga que anula a atração terrestre. Sim, é mais que provável que eles se diferenciem entre si pela quantidade de força viva que individualmente contêm e podemos entrever a inesgotável variedade de agrupamentos que se constituem entre essas inúmeras formas de substâncias.

É o mundo espiritual, o que nos cerca e penetra, em o qual vivemos. Com ele entramos em relações por meio do nosso organismo fluídico. Porque possuímos um perispírito, possível se nos faz atuar sobre esse mundo invisível à carne. É pela nossa constituição espiritual que os Espíritos têm ação sobre nós e nos podem influenciar.

Estudo sobre os fluidos

É tão importante a demonstração da existência dos fluidos, para a compreensão dos fenômenos espirituais, que devemos examinar esse problema sob todos os seus aspectos. A experiência espírita há demonstrado que a alma se acha revestida de um envoltório material, mas invisível e intangível no estado normal, e que se move num meio físico que carece de peso. Urge, pois, apresentemos todas as razões que tendem a provar o fato capital da existência de um mundo imponderável, porém tão real como o em que vivemos.

Acreditava-se, outrora, que a luz, a eletricidade, o calor, o magnetismo, etc., eram substâncias inteiramente distintas umas das outras, dotadas de natureza própria, especial, que as diferençavam completamente. As pesquisas contemporâneas demonstraram falsa semelhantes concepção.

Nas primeiras idades da ciência, não só parecia que as forças eram separadas, mas também que o número delas se multiplicava ao infinito. Considerava-se cada fenômeno como a manifestação de uma certa força. Entretanto, pouco a pouco se reconheceu que

efeitos diferentes podem derivar de uma causa única. Desde então, diminuiu consideravelmente o número das forças, cuja existência se admitia. Newton identificou a gravidade e a atração, reconhecendo na queda da maçã e na manutenção do astro em sua órbita efeitos de uma mesma causam: a gravitação universal. Ampare demonstrou que o magnetismo é apenas uma forma da eletricidade. A luz e o calor, desde longo tempo, são tidos como manifestações de uma mesma causam: um movimento vibratório extremamente rápido do éter.

Nos dias atuais, uma grandiosa concepção veio mudar de novo a face à ciência: a de que todas as forças da Natureza se reduzem a uma só. A energia ou a força (são sinônimos os dois termos) pode assumir todas as aparências, sendo, alternativamente, calor, trabalho mecânico, eletricidade, luz e dar origem às combinações e decomposições químicas. As vezes, a força como que se acha oculta ou destruída. Simples aparência. Pode-se sempre encontrá-la novamente e fazê-la passar de novo pelo ciclo de suas transformações.

Inseparável da matéria, a força é indestrutível, fazendo-se mister que à energia se aplique este principio: em a Natureza, nada se perde, nem se cria.

E tão verdade isto, que, quando um movimento sofre brusca interrupção, imediatamente uma coisa nova aparece: é o calor. Assim, um pedaço de chumbo, colocado na bigorna, se aquecerá violentamente sob os golpes do martelo do ferreiro; uma bala de artilharia, batendo num alvo de ferro, poderá chegar à temperatura do rubro; as rodas de um trem em marcha despedem centelhas, quando se apertam subitamente os freios. Se o movimento da Terra em torno do Sol cessasse instantaneamente, diz Helmholtz que a quantidade de calor gerado por esse fato seria tal, que faria passar ao estado de vapor toda a massa terrestre.

Temos, portanto, que calor e movimento são duas formas equivalentes da energia, formas que mutuamente se substituem, tomando-se visível uma, quando a outra desaparece. Determinou-se exatamente a que quantidade de calor corresponde uma certa

quantidade de movimento, medida a que se dá o nome de equivalente mecânico do calor.

Torna-se então fácil de compreender-se que aquecer um corpo é aumentar-lhe o movimento interno, isto é, o de suas moléculas. Sabemos que, desde o átomo invisível até o corpo celeste perdido no espaço, tudo se acha sujeito a movimento. Tudo gravita numa órbita imensa ou infinitamente pequena. Mantidas a uma distância definidas umas das outras, em virtude do próprio movimento que as anima, as moléculas guardam entre si relações constantes, que só se alteram pela adição ou subtração de certa quantidade de movimento. Em geral, a aceleração do movimento das moléculas lhes aumenta as órbitas e as afasta umas das outras, ou, por outras palavras, aumenta o volume dos corpos. É justamente por isso que o calor se apresenta como fonte de movimento.

Sob sua influência, as moléculas, afastando-se cada vez mais, fazem que os corpos passem do estado sólido ao de líquido, em seguida ao de gás. Os gases, a seu turno, se dilatam indefinidamente, pela adição de novas quantidades de calor, isto é - de movimento - e, se criar embaraço a essa expansão, ele exercerá considerável pressão sobre as paredes do vaso que o contenha. E assim que as moléculas dos gases ou dos vapores, em cativeiro nos cilindros das locomotivas, transmitem ao êmbolo a força que se emprega para produzir a tração dos trens, isto é, trabalho mecânico.

Quando, pois, os movimentos moleculares de um corpo se mostrem grupados de maneira a apresentar, uns com relações aos outros, centros fixos de orientação, diremos que esse corpo é sólido;

Quando os movimentos moleculares de um corpo estejam grupados de maneira que os centros desses grupos sejam móveis, uns com relação aos outros, o corpo é líquido;

Quando as moléculas de um corpo se movem em todos os sentidos e colidem umas com as outras milhões de vezes por segundo, o corpo é chamado gás. (187)

Convém notar que, à proporção que a matéria passa do estado sólido ao estado líquido, o volume aumenta; depois, do estado líquido ao gasoso, a dilatação do mesmo peso de matéria se torna

ainda maior, de sorte que a matéria se rarefaz, ao mesmo tempo em que o movimento molecular se pronuncia. Um litro dágua, por exemplo, dá 1.700 litros de vapor, isto é, ocupa um volume 1.700 vezes superior ao que tinha no estado líquido; nessas condições, as atrações mútuas entre as moléculas diminuem e o movimento oscilatório das mesmas moléculas se torna mais rápido.

Com efeito, segundo cálculos de probabilidades (188), os sábios chegaram a admitir que se pode considerar constante a velocidade média das moléculas para um mesmo gás, qualquer que seja a direção do caminho percorrido. O valor dessa velocidade média, por segundo, à temperatura do gelo em fusão, isto é, a 0 graus, e à pressão barométrica de 760mm, é de:

461 metros para as moléculas do oxigênio;
485 para as do ar;
492 para as do azoto;
1.848 para as do hidrogênio.

Tais velocidades são comparáveis à de um projétil à saída de uma arma de grande alcance. A velocidade das moléculas é tanto maior, quanto mais leve é o gás, isto é, quanto menos matéria contém na unidade de volume. Logo, se num tubo fechado se fizer o vácuo tão perfeito quanto possível e se obrigarem as moléculas restantes a mover-se em linha reta, por meio da eletricidade, obter-se-á o estado radiante que Crookes descobriu.

Como muito se fala desse estado especial, expliquemos claramente em que consiste ele.

Sabemos que os gases se compõem de um número indefinido de particulazinhas em incessante movimento e animadas, conforme suas naturezas, de velocidades de todas as grandezas.

Sabemos igualmente que, em conseqüência do número imenso delas, essas partículas não podem mover-se em nenhuma direção, sem se chocarem, quase imediatamente, com outras partículas.

Que se dará se, de um vaso fechado, se retirar grande parte do gás ali encerrado? É claro que, quanto mais diminuir o número das moléculas do gás, tanto menos oportunidade terão as que restarem de chocar-se umas com as outras. Pode-se, pois, induzir que, num

vaso fechado, onde se faça cada vez maior vazio, crescerá a distância que qualquer molécula poderá percorrer, sem se chocar com outras. Teoricamente, o comprimento do percurso livre, isto é, o comprimento da distância que uma molécula qualquer poderá percorrer, sem colidir com outra, estará na razão inversa das moléculas restantes, ou, o que vem a dar no mesmo, na razão direta do vácuo produzido.

Como, no estado gasoso ordinário, as moléculas se acham em colisão contínua umas com as outras; como essa colisão contínua é precisamente o que determina as propriedades físicas do gás, segue-se que, se as moléculas percorrem espaços maiores sem se chocarem, dessa diferença na maneira de se comportarem hão de decorrer propriedades físicas diferentes e, por conseguinte, um estado novo para a matéria. O quarto estado será tão distante do estado gasoso, quanto este o é do estado líquido. Foi o que Crookes experimentalmente demonstrou.

Aqui se acusa nitidamente a lei que assinalamos, segundo a qual quanto mais rarefeita é a matéria, tanto mais rápido é o movimento molecular. É tal a velocidade destas últimas partículas da matéria, que os metais mais refratários, submetidos ao bombardeio das moléculas, não tardam a tornar-se rubros e mesmo a fundir-se, se a ação for suficientemente prolongada. Nesse estado, a matéria, se bem que excessivamente rara, ainda tem um peso apreciável, não por meio da balança, mas por meio do raciocínio. O vácuo produzido é tal, que, se supusermos as pressões barométricas ordinária, representadas por uma coluna de mercúrio da altura de 4.800 metros, a pressão da matéria radiante não poderá equilibrar mais de um quarto de milímetro de mercúrio! Ela ainda tem peso, o que explica que conserva suas propriedades químicas, porquanto não há dissociação.

Mas, se acompanharmos a ciência em suas induções, ser-nos-á possível conceber um estado em que a matéria se ache tão rarefeita que o seu movimento molecular a liberte da atração terrestre. É o éter dos físicos que primeiro realiza essa concepção. Para serem compreensíveis os diversos aspectos da energia, imaginou-se o

Universo cheio de uma substância imponderável, perfeitamente elástica, a qual, graças à sua sutileza, penetraria todos os corpos. Conforme vibre mais ou menos rapidamente, essa matéria dá lugar aos fenômenos que para nós se traduzem em sensações de calor, sendo as mais lentas as vibrações; de eletricidade, se forem as mais rápidas; de raios obscuros, se for atividade química; finalmente, às vibrações excessivamente rápidas da luz visível e invisível.

Será aí, porém, o limite extremo que não se possa ultrapassar nas pesquisas? Não, pois sabemos, pelas experiências espíritas, que os Espíritos têm uns corpos fluídicos, que nenhuma das formas da energia pode influenciar. Nem os frios intensos dos espaços interplanetários, que chegam a 273 graus abaixo de zero, nem a temperatura de muitos milhares de graus dos sóis qualquer influência exercem sobre a matéria perispiritica. É que esse invólucro da alma procede do fluido cósmico universal, isto é, da substância em sua forma primitiva. Nenhuma mudança poderá atingi-la; ela, em sua essência, é imutável. Não se acha sujeita às decomposições, por não poder simplificar-se, uma vez que se encontra no estado inicial, último tempo a que hão de fatalmente ir ter todas as mutações. Mesclam mais ou menos o perispírito os fluidos do planeta a que o Espírito se acha ligado. O trabalho da alma consiste justamente em desembaraçar o seu corpo fluídico de todas as escórias que se lhe agregaram, desde a origem da sua evolução.

Entre esse estado perfeito - em que o mínimo de matéria é animado do máximo de força viva - e o estado sólido a 273° - em que o máximo de matéria contém o mínimo de movimentos vibratórios - há uma infinidade de graus que formam a escala de todas as modalidades possíveis da matéria. Estamos, pois, cientificamente autorizados a dizer que os fluidos não são simples criações da imaginação; que eles correspondem, no mundo físico, a realidades positivas, a estados ainda não descobertos - mas que a matéria radiante, os raios X, o fluido que impressiona as chapas fotográficas e o éter - nos animam a conceber como existentes de fato. Não é de duvidar-se que pesquisas ulteriores farão se

descubram mais tarde essas modificações tão variadas dos estados da substância primitiva, à medida que se aperfeiçoem os nossos meios de investigação e que a ciência voltar suas vistas para o invisível e para o imaterial, em vez de se acantonar por sistema no domínio grosseiramente tangível e cujo território é tão limitado.

Aliás, a força da evolução obriga fatalmente os retardatários a abrir o intelecto às novas concepções. A fotografia do invisível, quer opere nas insondáveis profundezas da extensão, quer penetre no interior das substâncias opacas, patenteia ao espírito possibilidades que, há alguns anos apenas, seriam tachadas de utopias supersticiosas. Faz-se mister que a humanidade se liberte das enervantes afirmações dos materialistas. Soou a hora em que tem, de cair o véu que tolhia a visão clara da Natureza.

Apesar das mais extravagantes teorias, forjadas para explicarem os fenômenos espíritas sem a intervenção dos Espíritos, a verdade se evidencia de maneira esplêndida. Sim, temos uma alma imortal. Sim, as vidas sucessivas na Terra e no espaço são simples trechos do interminável caminho do progresso e todos nos achamos em marcha para altos destinos. O sentimento da imortalidade, que sempre se manifestou em todas as idades do gênero humano, que se atestou, de modo tangível, em todas as épocas, por manifestações semelhantes às que hoje observamos, está preste, enfim, a receber sua explicação científica. Esplenderá então a moral sublime da solidariedade, da fraternidade e do amor, forçosa conseqüência das vidas sucessivas e da identidade de origem e de destino. Por termos o sentimento vivo de que soou a hora em que a ciência há de unir-se à revelação, é que todos os esforços empregam por trazer a nossa pedra ao edifício. Para todos espíritos independentes, que se não ache cegado por idéias preconcebidas, são fora de dúvida que as descobertas contemporâneas acarretam firmes apoios ao espiritualismo.

As especulações precedentes sobre a matéria no estado sólido, líquido ou gasoso se justificam plenamente, como é fácil de ver-se. Dado que, verdadeiramente, os gases são formados de átomos a moverem-se em todos os sentidos com prodigiosa rapidez, é claro que, resfriando-se esses gases, isto é, reduzindo-se-lhes o

movimento, suas moléculas se aproximarão. Se, ao demais, ajudarmos essa concentração por meio de pressões enérgicas, o gás há de passar ao estado líquido e de, afinal, solidificar-se, quando as suas moléculas possam exercer as mútuas atrações. É precisamente o que se dá.

Só ultimamente se chegou a comprovar esses resultados que a teoria fazia prever. Assim é que o Senhor Cailletet mostrou que o oxigênio se liquefaz a 29 graus abaixo de zero, sob uma pressão de 300 atmosferas, ou, então, conforme o Sr. Wroblewski o determinou, sob a pressão de uma atmosfera, mas fazendo-se descer a temperatura a 184 graus abaixo de zero. O ar que respiramos se torna líquido, quando a temperatura é de 192 graus abaixo de zero. A dois graus de menos, também o azoto se torna liquido. De sorte que, se o Sol se extinguisse, isto é, se deixasse de nos dar o calor que mantém todos os corpos terrestres no estado atual, a Terra seria inabitável, porquanto o ar provavelmente se solidificaria, bem como o hidrogênio e todos os gases; não mais haveria atmosfera e um frio mortal substituiria a animação e a vida.

Incontestavelmente, reina continuidade em todas as manifestações da matéria e da energia. Todos os estados, tão diversos, das substâncias se ligam entre si por estreitos laços; não há barreira intransponível a separar os gases impalpáveis das matérias mais duras ou mais refratárias. Em realidade, uma continuidade existe perfeita nos estados físicos, que podem passar de um a outro por gradações tão suaves, que racionalmente podem ser considerados formas amplamente espaçadas de um mesmo estado material. Tanto mais exato é isto, quanto nenhum estado material possui qualquer propriedade essencial de que os outros não partilhem.

Os sólidos, sob fortes pressões, se escoam como os líquidos, e os gases podem comportar-se como corpos sólidos pouco compressíveis. O Sr. Tresca, submetendo o chumbo a uma pressão de 130 quilogramas por centímetro quadrado, fez correr dele um veio líquido, qual se estivesse fundido. O Sr. Daubrée (189) Produziu erosões e arrancamentos em blocos de aço, pela força de

gases violentamente comprimidos. O efeito foi semelhante ao que teria produzido o choque de um buril de aço energicamente acionado.

Urge se compreenda que a grandeza do efeito que um corpo produz está longe de corresponder ao peso desse corpo. Assim, uma quantidade extremamente fraca de gás, diz o Sr. Daubrée, falando da dinamite, produz efeitos verdadeiramente assombrosos. O peso de um quilograma e meio de gás, atuando sobre um prisma de aço de 134 centímetros quadrados (o que corresponde ao peso de 162 miligramas por milímetro quadrado), produz nele, a par, de diferentes escavações na superfície, o seguinte:

1 - Rupturas, que somente pressões de um milhão de quilogramas seriam capazes de produzir, isto é, a pressão de um peso 600 mil vezes maior do que o do gás causador de tais despedaçamentos;

2 - Esmagamentos, que não podem corresponder a menos de 300 atmosferas.

Postas em confronto com efeitos mecânicos determinados pelo raio, mostram essas experiências que as mais altas formas da energia se acham sempre ligadas à matéria cada vez mais rarefeita.

É, pois, por indução absolutamente legitima que acreditamos na existência dos fluidos, isto é, de estados materiais em que a força viva das moléculas ou dos átomos aumenta sem cessar, até ao estado primitivo, que se caracterizará pelo máximo de força viva no mínimo de matéria. Entre a matéria sólida e o fluido universal, depara-se com uma imensa série graduada de transições insensíveis, em que o movimento molecular vai a constante crescendo.

A Ponderabilidade

Estudando o quadro precedente, é-nos licito perguntar como pode a matéria chegar a ponto de não pesar, isto é, a tornar-se imponderável. Compreendemos facilmente que a matéria, passando do estado sólido à forma gasosa, ocupe um volume maior, pois que o calor tem por efeito aumentar a amplitude das vibrações de todas as

partes infinitamente pequenas que constituem o corpo, mas é claro que, se recolher todo o gás produzido pela transformação de um corpo sólido em corpo gasoso, esse gás terá sempre o mesmo peso que quando estava concentrado sob uma forma material. Parece incompreensível que a matéria possa deixar de ter peso, mesmo que a imaginemos tão rarefeita quanto o queiramos; entretanto, é certo que a eletricidade ou o calor nenhuma influência exercem sobre a balança, qualquer que seja a quantidade que desses fluidos se acumule no prato do aparelho. Se tais manifestações da energia derivam de movimentos muito rápidos da matéria etérea, precisamos tentar compreender porque essa matéria não pesa.

Devemos prevenir o leitor de que, neste ponto, recorremos a uma hipótese e de que nos é toda pessoal a maneira por que resolvemos o problema. Se, portanto, não for concludente a nossa demonstração, a falta só nos deve ser imputada a nós e não ao Espiritismo.

Para termos a explicação do que neste caso se passa, precisamos lembrar-nos de que a ponderabilidade não é propriedade essencial dos corpos. O a que neste mundo se chama o peso de um corpo mais não é do que a soma das atrações exercidas pela Terra sobre cada uma das moléculas desse corpo. Ora, sabemos que a atração decresce com muita rapidez segundo o afastamento, pois que ela diminui na razão do quadrado da distância. Vemos, portanto, que um corpo pesará mais ou menos conforme esteja mais ou menos afastado do centro da Terra. A experiência demonstra que é assim. Pesando-se um pedaço de ferro em Paris, se seu peso for igual a dois quilogramas, quer isso dizer que a força de atração, nessa cidade, é, para aquele corpo, igual a 2 quilogramas. Se transportarmos esse ferro para o equador, ele pesará menos 5 gramas e 70 centigramas e no pólo mais 5 gramas e 70 centigramas. Que foi o que se deu?

Evidentemente, a massa do corpo considerado não mudou durante a viagem; mas, como a Terra, no equador, é mais volumosa, estando aquele pedaço de ferro mais afastado do seu centro, a atração é menos forte, sendo de 5,70g a diminuição por ela sofrida. No pólo, produziu-se a ação oposta, por isso que a Terra aí é

achatada, de sorte que a gravitação aumentou de 5 gramas e 70 centigramas.

Logo, em geral, um corpo varia de gravidade conforme seja maior ou menor a sua distância ao centro da Terra. A gravidade é uma propriedade secundária, não ligada intimamente à substância. Bem compreendido isto, mais fácil se torna conceber-se como a matéria pode vir a ser imponderável. Bastar-lhe-á desenvolver uma força suficiente a contrabalançar a atração terrestre.

Ora, notou-se, precisamente, que os corpos que giram em torno de um centro, como a Terra sobre si mesma, desenvolvem uma força a que foi dado o nome de força centrífuga. Porque essa força tem por efeito diminuir a gravidade, em mecânica se define o peso de um corpo como sendo - a resultante da atração do centro terrestre, DIMINUÍDA da ação que a força centrífuga exerce. Ela no pólo é nula e máxima no equador. Calculou-se que, se a Terra girasse 17 vezes mais depressa, isto é, se fizesse a sua rotação em 1 hora e 24 minutos, a força centrífuga se tornaria grande bastante para destruir a ação da gravidade, de modo que um corpo colocado no equador deixaria de pesar.

Apliquemos estes conhecimentos mecânicos às moléculas materiais que, como se sabe, são animadas de um movimento duplo, de oscilação e de rotação, e possível nos será imaginar, para cada uma delas, um movimento de rotação bastante rápido para que a força centrífuga desenvolvida anule a de gravitação. Nesse momento, a matéria se torna imponderável. Esta, hipótese se ajusta bem aos fatos, pois que, à medida que a matéria se rarefaz, aumentam de rapidez os seus movimentos moleculares, como temos comprovado relativamente aos gases. A grande lei de continuidade nos leva a supor que o estado gasoso não é o limite último que se possa atingir; a matéria fluídica é aquela em a qual, acentuando-se o movimento molecular gasoso, a rarefação também se acentua e, com o desenvolver a rotação das moléculas crescente força centrífuga, a matéria passa ao estado de invisível e imponderável.

Em seu discurso sobre a gênese dos elementos, Crookes foi conduzido a levantar a questão de saber se não existem elementos de

pesos atômicos menores do que zero, isto é, que não pesam. Lembra ele que, em nome da teoria, o Dr. Carnelay reclamou esse elemento, essa não-substancialidade. Cita igualmente a opinião de Helmholtz, segundo quem, a eletricidade é, provavelmente, atômica, como a matéria. Isto posto, ele pergunta se a eletricidade não será um elemento negativo e se o éter luminoso também não o será. Declara: não é impossível conceber-se uma substância de peso negativo. Antes dele, o Sr. Airy, na sua Vida de Faraday, escrevera: Posso facilmente conceber que em torno de nós abundem corpos não submetidos a essa ação intermútua e, por conseguinte, não sujeitos à lei de gravitação.

Aí chegado, podemos perguntar se a matéria primitiva é rigorosamente imponderável, isto é, absolutamente livre de toda e qualquer ação da gravitação.

Sabemos, evidentemente, que os movimentos da matéria primitiva, conhecidos sob os nomes de luz, calor, eletricidade, etc., nenhuma ação exercem sobre a mais sensível balança; não haverá, porém, apesar de tudo, uma atração que retenha essas forças da matéria em torno da Terra, de maneira a constituir para esta um envoltório permanente? Cremos que tal é a realidade e vamos dizer em que nos baseamos para emitir essa hipótese.

Examinando o nosso sistema solar, a Astronomia nos ensina que, primitivamente, o Sol e todos os planetas formavam uma imensa nebulosa de matéria difusa, tal qual outras que ainda vemos no espaço. Antes que se houvesse operado a condensação dessa matéria em focos distintos, qual poderia ser a sua densidade? Camille Flammarion responde com exatidão (190)

Suponhamos, diz o grande escritor, toda a matéria do Sol, dos planetas e de seus satélites uniformemente repartida no espaço esférico que a órbita de Netuno abrange; daí resultaria uma nebulosa gasosa, homogênea, cuja densidade é fácil de calcular-se.

Como a esfera dágua de igual raio teria um volume de mais de 300 quatrilhões de vezes o volume terrestre, a densidade procurada não seria de mais de meio trilionésimo da densidade da água. A nebulosa solar seria 400 milhões de vezes menos densa do que o

hidrogênio à pressão ordinária, o qual, como se sabe, é o mais leve de todos os gases conhecidos. (Ele pesa 14 vezes menos que o ar: dez litros de ar pesam 13 gramas; dez litros de hidrogênio pesam 1 grama.)

Vê-se, pois, que essa matéria nebulosa atinge tal grau de rarefação, que a imaginação não a pode conceber; entretanto, a matéria ainda pesa, nesse estado último. Este ponto se acha perfeitamente determinado pelo estudo dos cometas, que são amontoados nebulosos de densidade extremamente fraca e que, no entanto, obedecem às leis da atração. Isto mostra que os fluídos formativos da nossa atmosfera terrestre têm uma densidade tão fraca quanto se queira, mas suficiente para os reter em nossa esfera de atração. Decorre daí este outro ponto importante: que a alma, revestida do seu corpo fluídico, não pode abalar para o infinito, no momento em que a morte terrena a libera da prisão carnal. Somente quando se ache terminada a sua evolução terrena, isto é, quando o perispírito está suficientemente desprendido dos fluidos grosseiros que o tornam pesado, e que o espírito pode gravitar para outras regiões e abandonar, afinal, o seu berço e, como o pássaro, desferindo o vôo, fugir do ninho onde viu a luz.

Aliás, também é possível que entre a matéria pesada e os fluídos relações existam oriundas, não mais da gravitação, porém de ações indutivas, como as que existem entre as correntes elétricas e magnéticas.

Estes argumentos, que se poderiam multiplicar, mostram que a ciência especulativa não se opõe de forma alguma à existência dos fluidos e que, nesse terreno, os Espíritos nos instruíram tão bem e tão exatamente, quanto lhes era possível fazê-lo. Os nossos instrutores do espaço se revelam bons químicos e excelentes físicos. Acionam forças e leis que ainda temos de descobrir, quer com relação aos fenômenos de trazimentos, quer para produzir essas maravilhosas materializações de que resulta a formação temporária, parcial ou total, de um ser vivo!

Completo é preciso que se torne o acordo entre o mundo espiritual e a Ciência, para que se opere a transformação desta

humanidade rebelde, que cada dia mais se atola na negação de toda espiritualidade. Mas, a ação da Providência se faz sentir e as manifestações supraterrestres vêm arrancar os povos ao torpor em que caíram. Já muitas inteligências despertam e procuram saber o que se oculta por detrás dessas aparições, dessas casas assombradas, desses fenômenos espíritas que se lhes apresentavam como superstições vulgares. Vem próximo o dia em que as multidões aprenderão, com emoções religiosas, que a alma é imortal e que o reino da justiça imanente do Além se ergue sobre as bases inabaláveis da certeza científica.

CAPITULO IV
DISCUSSÃO EM TORNO DOS FENÔMENOS DE MATERIALIZAÇÃO

SUMARIO: Não se pode recorrer à fraude, como meio geral de explicação. - Fotografia simultânea do médium e das materializações. - Hipótese da alucinarão coletiva. - Sua impossibilidade. - Fotografia e modelagens. - As aparições não são desdobramentos do médium ou do seu duplo. - Não são imagens conservadas no espaço. - Não são idéias objetivadas inconscientemente pelo médium. - Discussão sobre as formas diversas que o Espírito pode tomar. - A reprodução do tipo terrestre é uma prova de identidade. - Certezas da imortalidade.

Nos capítulos precedentes, aduzimos as provas que, parece-nos, demonstram com segurança a existência e a imortalidade da alma.

Todavia, convém analisemos as objeções que se nos opuseram, quer com relação aos fatos em si mesmos, quer quanto às conseqüências que deduzimos deles.

Exame da hipótese de serem falsos os fatos relatados

Evidentemente, esta suposição é a que mais de pronto se apresenta aos que pela primeira vez lêem narrativas tão extraordinárias, quais as das materializações. E legítimo esse sentimento de dúvida, porquanto tais manifestações póstumas distam tanto do que toda a gente está habituada a considerar possível, que se compreende perfeitamente bem a incredulidade. Quando, porém, se toma conhecimento dos volumosos arquivos do Espiritismo, é-se obrigado a mudar de opinião, porquanto o que se depara a quem os examina são relatórios promanantes de homens de ciência universalmente estimados, de cuja palavra não se poderia suspeitar, tão acima de toda suspeita a honradez deles. Com efeito, ninguém pode absolutamente imaginar que os professores Hare, Mapes, o grande juiz Edmonds, Alfred Russel Wallace, Crookes, Aksakof, Zoellner ou o Dr. Gibier se hajam conluiado para mistificar seus contemporâneos. Seria tão absurda semelhante suposição que temos por inútil insistir sobre esse ponto.

Será, no entanto, mais admissível que esses homens eminentes se hajam deixado enganar por hábeis charlatães que no caso seriam os médiuns? Não o cremos tampouco, visto que alguns médiuns, como Eusápia Paladino, foram estudados por diversas comissões científicas, de que faziam parte homens do valor de Lombroso, Ch. Richet, Carl du Prel, Aksakof, Morselli, Maxwell, de Rochas; astrônomos quais Schiapparelli e Porro, etc., e todos esses investigadores, separadamente, chegaram à comprovação de fenômenos idênticos.

Fora, pois, necessária a mais insigne má-fé, para se não reconhecer o imenso alcance dessas experiências. Os adversários do Espiritismo guardam silêncio acerca desses trabalhos, et pour cause, mas os que se resolveram a consultá-los, certo se impressionarão

com o prodigioso concurso de afirmações unânimes, que dão aos fatos espíritas verdadeira consagração científica.

Quererá isso dizer que devamos aceitar todas as afirmações espíritas que nos forem feitas por quaisquer individualidades?

Evidentemente, não. Sobretudo nessas matérias, faz-se preciso nos mostremos excessivamente severos quanto ao valor dos testemunhos e proceder a uma seleção séria no acervo das observações. Entretanto, não se nos afigura licito desprezar os relatos que provenham de homens instruídos, de posição independente, que nenhum interesse tenham em mentir e cuja palavra é acatada sobre qualquer outro assunto. São extremamente numerosos e merecem inteiro crédito os depoimentos de engenheiros, padres, magistrados, advogados, doutores que hão experimentado seriamente e que referem como foram convencidos. Há cinqüenta anos esse vasto inquérito se vem processando e imensos números de documentos possuem sobre cada classe de fenômenos, de sorte que, apartados os casos duvidosos, resta elevado número de narrativas, idênticas quanto ao fundo, mostrando que esses narradores, desconhecendo-se uns aos outros, assinalaram fatos precisos.

As fraudes dos médiuns

Se, geralmente, é pouco suspeita a boa-fé dos assistentes, o mesmo não se dá com a dos médiuns, a qual pode exigir muita reserva. 1; certo que os médiuns profissionais são às vezes tentados a suprir a falta de manifestações, quando longo tempo se passa sem que elas se produzam. A simulação, porém, só pode dar-se no tocante aos fenômenos mais simples e unicamente os observadores ingênuos e inexperientes se deixam enganar, caso que não é o dos sábios cujos nomes vimos de citar, os quais operavam tomando todas as precauções necessárias. Os fenômenos de materialização, pela sua singularidade, foram sempre os que constituíram objeto de vigilância mais severa e os experimentadores, cépticos ao iniciarem suas investigações, somente adquiriram a certeza da realidade dos

mesmos fenômenos quando se lhes tornou evidente que as materializações não podiam ser efeito de disfarces do médium, ou produzidas por um comparsa que desempenhasse o papel do Espírito. Tomemos para exemplo as clássicas pesquisas de Wiliiam Crookes. Só ao cabo de três anos de investigações, feitas, pela maior parte, na sua própria casa, em seu laboratório, conseguiu ele ver e fotografar simultaneamente o Espírito e o médium (191) e certificar-se assim de que a aparição não era devida a um disfarce de Florence Cook. Aliás, esta, menina de quinze anos, passava semanas inteiras em casa do professor, onde lhe teria sido impossível preparar as maquinações indispensáveis à execução de semelhante impostura.

Em todos os relatos sérios que se hão publicado sobre as materializações, a primeira parte da narrativa é consagrada à descrição das providências tomadas para evitar o embuste, sempre suspeitável. O gabinete do médium é cuidadosamente examinado; verifica-se que não há alçapões, nem janelas dissimuladas, nem armários em que se possam esconder um ou mais comparsas. Por vezes, as portas do aposento onde a reunião se efetua são seladas com papel timbrado, de maneira a não poderem abrir-se sem ruído e sem ruptura dos papéis. O próprio médium é severamente examinado e freqüentemente despido, de forma que não possa esconder o que quer que sirva para um disfarce. Concluídos esses preliminares, trata-se de colocar o médium na impossibilidade de mudar de lugar. Não raro, como o fizeram Varley e Crookes, estabelece-se uma corrente elétrica que, depois de atravessar o corpo do sensitivo, vai ter a um galvanômetro de reflexão, que assegura a sua imobilidade, porquanto, o menor movimenta que ele fizesse ocasionaria uma diferença na resistência do circuito e se revelaria por variações na intensidade da corrente, variações que o espelho indicaria. Apesar de tão minuciosas precauções, o Espírito de Katie e o da Sr.a Fay (192) se mostraram como de ordinário, o que provou a perfeita independência da aparição.

Doutras vezes, atam-se as mãos e os braços do médium por meio de cordões em que são dados nós, aos quais se apõem selos de cera. A mesma ligadura lhe passa depois em torno do corpo,

prendendo-o à cadeira, onde outros nós são feitos e selados. Finalmente, a extremidade do cordão é presa a um anel, fora do gabinete, à vista dos assistentes. Não raro, empregam-se sacos ou redes, que se fecham e selam como precedentemente. Tem-se mesmo chegado a utilizar gaiola. Apesar de todas essas medidas de fiscalização, os fatos se hão reproduzido exatamente como quando o médium está livre. Incontestavelmente, existem copiosas provas e absolutas de que o médium não pode fraudar; é quando, nas próprias habitações dos investigadores, se fotografam simultaneamente o Espírito e o médium. Não sendo possível, então, que qualquer comparsa simule a aparição, é de toda evidência que o médium não é o autor consciente do fenômeno.

Os desta natureza foram observados por William Crookes, por Aksakof, pelo Dr. Hitchman, etc. (193). Não são menos probantes os moldes de membros corporais de formas materializadas. Não somente é impossível simulá-los, pois que não se pode fazer o molde de uma mão completa, senão compondo-o de várias peças cujas junturas ficam visíveis, ao passo que os que os Espíritos produzem não nas têm, mas ainda porque um molde que não se compusesse de diferentes partes não poderia ser retirado, visto que o pulso é notoriamente mais estreito do que a mão à altura dos dedos.

Nas experiências que citamos, o molde da mão física do médium difere inteiramente do da aparição, o que positivamente demonstra duas coisas: 1.0, a sinceridade do médium; 2.0, que a mão fluídica não é devida a um desdobramento seu. Cumpre não esquecer tampouco que, quase sempre, a parafina foi pesada pelos operadores, antes e depois das sessões, verificando eles ser o peso do molde, mais o da parafina não utilizada, igual ao peso primitivo dessa substância, donde a conclusão de que o molde foi fabricado in loco e não trazido de fora.

Supondo que os médiuns fossem dotados de astúcia até então desconhecida, esbarra-se de encontro à evidência das fotografias e dos moldes. Somos, pois, forçados a afastar a hipótese de um embuste, pelo menos em os casos que citamos.

Será a aparição um desdobramento do médium?

E de notar-se que os incrédulos, que negam a possibilidade do desdobramento como explicação dos fenômenos telepáticos, não hesitam em lançar mão desse argumento quando se trata de aparições comprovadas nas sessões espíritas. Embora se reconheça que essa possibilidade às vezes se efetiva, pode-se ter a certeza de que, em muitos casos, intervêm outros fatores. E muito simples a distinção que se deve fazer entre uma bilocação do médium e uma materialização de Espírito. Sempre que o fantasma se parecer com o médium, a aparição será devida à exteriorização do seu perispírito.

Sabemos, com efeito, que o corpo fluídico é sempre a reprodução exata e fiel do corpo físico, com todas as minúcias. Jamais se verificaram experimentalmente dessemelhanças entre um indivíduo e o seu duplo, exceto as que resultam do jogo da fisionomia ao exprimir emoções. São dois exemplares do mesmo ser, duas reproduções da mesma entidade. Tivemos ensejo de reconhecer essa identidade no caso que Cox (pág. 152) refere e eis o que diz a respeito o Sr. Brackett, excelente juiz nessas questões (194)

Vi centenas de formas materializadas, e, em muitos casos, o duplo fluídico do médium se lhe assemelhava tanto, que eu juraria ser o próprio médium, se não visse esse duplo se desmaterializar na minha presença e não verificasse, logo após, que o médium estava adormecido.

Lembremos também que o molde de um pé fluídico de Eglinton é reprodução exatíssima do seu pé em carne e osso. Para nós, portanto, é mais que provável que um médium exteriorizado não pode, moto próprio, transformar-se. Exteriorizado, ele aparece idêntico ao seu corpo físico e é em virtude dessa semelhança que se tem podido freqüentemente comprovar os inúmeros fatos ditos telepáticos.

Mas, perguntar-se-á, será impossível ao Espírito modificar o seu aspecto? Já se têm observado por vezes fenômenos que parecem

contradizer as conclusões enunciadas acima: os que foram denominados de transfiguração. Consistem no seguinte:

Há médiuns que revelam a singular propriedade de experimentar mudanças na forma do corpo, de maneira a tomarem temporariamente certas aparências, a ressuscitarem, por assim dizer, pessoas falecidas de há muito. Allan Kardec (195) cita o caso de uma moça cujas transfigurações eram tão perfeitas que causavam a ilusão de estar presente o defunto. Os traços fisionômicos, a corpulência, o som da voz, tudo contribuía para tornar completa a mudança. Muitas vezes, ela tomava a aparência de um irmão seu que morrera havia anos. Não é único esse fato. Nas coletâneas espíritas, encontram-se relatos de alguns outros, mas em número reduzido. Desde que, fisicamente, o corpo parece transformado, não poderia essa operação produzir-se, com relação ao perispírito, nas sessões de materialização? Sabemos que o fenômeno é possível, mas, então, deve-se procurar a causa efetiva da modificação, uma vez que ela nunca se produz naturalmente.

Julgamos que provém, precisamente, da ação do Espírito de quem o duplo reproduz os traços, uma vez que o médium desconhece o desencarnado que se manifesta dessa maneira.

Erro objetam os críticos. Adormecido, o médium possui uma personalidade segunda, onipotente para agir sobre o seu envoltório, que ela pode modelar como se operasse com cera mole. A forma que o perispírito assume reproduz fielmente a imagem que o médium imagina, de sorte que o ser que é visto a conversar, a deslocar-se, a atuar sobre a matéria e que os assistentes tomam por um habitante do Além não passa, afinal de contas, do duplo do médium, que assim se caracterizou para aquela circunstância.

Notemos, antes de tudo, quão estranho seria que por toda parte os médiuns se dessem inconscientemente a semelhante mascarada e que invariavelmente afirmassem ter vivido na Terra. E, acrescentam os Espíritos, aonde irá o médium buscar o modelo para o seu disfarce, uma vez que já não existe o ser que ele macaquearia?

Duas explicações oferecem os opositores.

PRIMEIRA - O desenho da forma do ser se encontra no inconsciente dos espectadores. Quando mesmo estes já se não lembrem de todos os trespassados que eles conheceram, existe neles uma imagem exata e indelével desses trespassados e é por esse desenho inconsciente que o duplo se modela. O próprio fato de ser reconhecida a aparição, dizem os nossos adversários, basta para mostrar que ela subsistia, ignorada, no inconsciente de um dos assistentes. É maravilhosa a clarividência do paciente em transe e lhe permite ler o que se passa nos outros, como em livro aberto. Por possuir ele essa faculdade, como o mostram os exemplos do sonambulismo, é que tendes a ilusão de estar em presença de uma personagem de outro mundo.

SEGUNDA - Quando ninguém conhece a aparição, é que a sua imagem foi tomada ao astral. Chama-se assim à ambiência fluídicas que cerca a Terra, e que teria a propriedade de conservar uns como clichês inalteráveis de tudo o que existe.

A primeira hipótese - leitura no inconsciente - seria admissível, se faltassem experiências a que ela não se pode aplicar. É bem certo que guardamos impressões imperecíveis de tudo o que nos afetou os sentidos. Mesmo quando a lembrança já se tenha enfraquecido, a ponto de não ser capaz de reproduzir um período da nossa vida passada, ainda possível é conseguir-se renasçam as sensações então experimentadas, com uma frescura e um brilho tão vivo quanto no momento em que as tivemos. (196)

Não somos nós próprios, porém, que temos essa faculdade; preciso se torna um hipnotizador que a revele e ele mesmo só o alcança em certos pacientes especiais. Nunca ficou demonstrado que um médium a possuísse, tanto mais que, como o afirmam todos os que hão estudado a mediunidade, é absolutamente passivo o concurso do médium.

Se, realmente, a faculdade deste fosse tão potente, conforme o querem tais teorias, possível lhe fora atender sempre a todos os pedidos e fazer que à visão dos assistentes aparecessem todos os seus mortos queridos. h o que pondera Aksakof (197)

Se as materializações não passam de alucinações produzidas pelo médium e se este dispõe da faculdade de ver todas as imagens armazenadas nas profundezas da latente consciência sonambúlica dos assistentes e de ler todas as idéias e todas as impressões - que se encontram em estado de latência na lembrança deles - bem fácil lhe seria contentar a todos os que assistem à sessão, fazendo sempre que se lhes apresentassem ante os olhos as imagens das pessoas defuntas que lhes são caras. Que triunfo, que glória, que fonte de riqueza para um médium que chegasse a semelhante resultado! Mas, com grande pesar deles, as coisas não ocorrem assim. Para a maioria, são estranhas as figuras que se lhes apresentam, figuras que ninguém reconhece e extremamente raros são os casos em que fica bem comprovada a semelhança com o defunto, não só quanto ao aspecto, mas também quanto à personalidade moral. Os primeiros constituem a regra, os outros a exceção.

Este raciocínio relativo à alucinação se pode aplicar inteiramente a uma transfiguração do corpo fluídico do médium. O fenômeno seria até mais probante ainda, pois que se poderia fotografar o ser aparente, chamado das profundezas do túmulo, ou obter dele um molde qualquer. Semelhante explicação, por muito engenhosa que seja, não consegue abranger todos os casos. Evidentemente, se é o duplo do médium que tenta fazer que o tomem por um defunto, impossível lhe será falar na língua de que em vida usava o morto, desde que não conheça essa língua. Examinemos alguns fatos que põem de manifesto essa verdade.

O Sr. James M. N. Sherman, de Rumford, Rhode Island, descreveu em The Light de 1885, página 235, muitas sessões a que assistiu em casa da Sr.a Allens, residente em Providence, Rhode island. Eis o que se passou na de 15 de setembro de 1883:

Fui chamado com minha mulher às proximidades do gabinete e, colocados diante dele, vi aparecer no assoalho uma mancha branca que insensivelmente se transformou numa forma materializada, em a qual reconheci minha irmã e que me enviou beijos. Apresentou-se em seguida a forma da minha primeira mulher, depois do que as duas metades da cortina se afastaram, deixando ver de pé, pela

abertura, uma forma feminina, vestida à moda dos insulares do Pacifico, tal como era quarenta e cinco anos antes e da qual eu me lembrava muito bem. Falou-me na sua língua materna. (198)

E positivo, nesse caso, que a Sr.a Allens não conhecia os dialetos polinésios. Poderíamos juntar a este outros testemunhos; melhor, porém, nos parece lembremos imediatamente o relato das pesquisas do Sr. Livermore, que viu o fantasma de sua mulher e que conservou cartas escritas na sua presença pela aparição, em francês, língua ignorada de Kate Fox, o médium, que absolutamente se conservava no estado normal enquanto durava o fenômeno. (Veja-se pág. 196.) Tanto a forma materializada de Estela era um ser independente do médium, que pôde manifestar-se por meio da fotografia, três anos depois de ter deixado de aparecer e na ausência do médium Kate Fox. Possuímos, a respeito, o depoimento do Sr. Livermore perante o tribunal, quando do processo instaurado contra o fotógrafo espírita Mumler (Spiritual Magazine, 1869). Ele fez duas experiências com Mumler:

Na primeira, apareceu no negativo uma figura ao lado do Sr. Livermore, figura que logo o Dr. Gray reconheceu como sendo um dos seus parentes; na segunda, houve cinco exposições seguidas e para cada uma o Sr. Livermore tomara uma atitude diferente. Nas duas primeiras chapas, apenas havia nevoeiro sobre o fundo; nas três últimas, apareceu Estela, cada vez mais reconhecível e em três atitudes diferentes.

A precaução, que o Sr. Livermore tomou, de mudar de posição para ser fotografado, exclui a hipótese de que as chapas tenham sido preparadas de antemão. Ao demais, diz ele:

Ela foi muito bem reconhecida, não só por mim, como por todos os meus amigos.

A uma pergunta do juiz, declarou ele que possuía muitos retratos da esposa, porém nenhum sob aquela forma.

Isto, pois, nos dá a certeza de que Estela vive no espaço e que aí conservou a sua forma terrena, visto que deu provas disso por meio da materialização e da fotografia. As comunicações que transmitiu

demonstram que a sua capacidade intelectual nenhuma diminuição sofreu, o que atestam as cartas que escreveu em francês puro. Os fatos, portanto, confirmam o ensino espírita, com exclusão de qualquer outra teoria.

Precisamos não esquecer nunca que uma hipótese é necessariamente falsa ou incompleta, desde que não explica todos os fatos. É o caso dessas explicações que pretendem nada mais haver nas materializações do que um desdobramento do médium, ou uma transfiguração do seu duplo.

A segunda hipótese - leitura no astral - não é mais plausível do que a precedente. Os fatos que por último citamos bastam para afastar a suposição de que a consciência sonambúlica do médium extraía do astral a figura materializada, porquanto, admitido existam no espaço semelhantes impressões, evidentemente elas seriam apenas imagens inertes, uma espécie de clichês fluídicos, que não poderiam denunciar qualquer atividade intelectual, do mesmo modo que as personagens de um quadro ou de uma fotografia não podem animar-se ou discutir entre si. Notemos também que fora mister viessem esses clichês ao encontro do médium, dado que há deles bilhões em torno de nós. Como escolheria ele o que corresponda ao Espírito evocado? Se admitirmos que essas aparências são capazes de escrever e de dar provas de uma existência física, estaremos com a teoria espírita, pois então já não haveria como distingui-Ias de verdadeiros Espíritos.

Mas, não se pode, sequer, admitir a explicação do desdobramento transfigurado, porquanto há casos em que não se mostra apenas um único Espírito materializado, em que, ao contrário, se apresentam muitos ao mesmo tempo, às vezes de sexos diferentes, provando cada um que é um ser real, com um volumoso organismo anatômico, que lhe permite mover-se de um lugar para outro, conversar, numa palavra: afirmar-se vivo. Aqui vão alguns exemplos desses fatos notáveis.

Materializações múltiplas e simultâneas

Os Srs. Oxley e Reimers são hábeis experimentadores, de posição independente e muito familiarizados com as materializações. Em sua casa, o Sr. Reimers obteve o molde da mão direita de uma aparição que ele viu por um instante ao lado do médium. Para saber se o molde não fora feito pelo médium, pediu a este que mergulhasse a mão no balde que continha parafina, a fim de modelá-la. A mão do Espírito difere completamente, pela forma, pela delicadeza e pelas dimensões, da do médium, a Sr.a Firman, que pertencia à classe operária e já era idosa. No fim do volume Animismo e Espiritismo, de Aksakof, encontram-se fotótipos que reproduzem essas moldagens e permitem a comparação. Noutra sessão, a que assistiu o Sr. Oxley, alguém manifestou o desejo de obter a mão esquerda do mesmo Espírito e obteve, fazendo o par esse segundo molde com o da mão direita obtido antes. Chamava-se Bertie a aparição. Nada, até então, fora do comum. O fenômeno, porém, se tornou depois interessante. Eis como:

Numa sessão ulterior e por um médium do sexo masculino, o Dr. Monck obtiveram-se moldes das duas mãos de Bertie e o de um pé, revelando os três, exatamente, as linhas e traços característicos das mãos e pés de Bertie, tais quais tinham sido notados quando feitos os moldes nas sessões em que o médium fora a Sr.a Firman. (Psychische Studien, 1877, pág. 540.) É muito importante a substituição de uma mulher por um homem, como médium, porquanto, de modo algum se pode explicar, mediante o desdobramento, a produção de imagens Idênticas, sendo diferentes os médiuns, ao passo que se concebe muito bem que um Espírito tome indiferentemente a um organismo feminino ou masculino os elementos necessários à sua materialização, pois que esses elementos são os mesmos nos dois sexos. Mas, quando em vez de uma aparição, muitas se mostram simultaneamente, impossível se torna atribuí-las, seja a um desdobramento, seja a uma transfiguração do médium. Citemos, segundo Aksakof, a narrativa de um desses casos notáveis (sessão de 11 de abril de 1876). (199)

A imagem que aqui se vê (200) reproduz exatamente o molde em gesso da mão do Espírito materializado, que se intitulava Lily

(201), muito diverso de Bertie, do qual difere fisicamente. A reprodução em gesso foi feita com o molde que aquele Espírito deixara na sessão de 11 de abril de 1876, e isso em condições que tornavam impossível qualquer embuste. Como médium, tínhamos o Dr. Monck. Depois de revistado minuciosamente, foi ele metido num gabinete improvisado com o auxílio de uma cortina posta no vão de uma janela, conservando-se a sala iluminada a gás durante toda a sessão. Pusemos uma mesa redonda bem junto da cortina e sentamo-nos à volta. Éramos sete.

Logo duas figuras de mulher, que conhecíamos pelos nomes de Bertie e Lily, se mostraram no ponto em que se reuniam as duas metades da cortina e, quando o Dr. Monck passou a cabeça pela abertura da mesma cortina, aquelas duas figuras apareceram acima desta, ao mesmo tempo em que duas figuras de homem (Milke e Richard) a afastaram dos dois lados e também se mostraram. Vimos, pois, simultaneamente, o médium e quatro figuras materializadas, cada uma das quais com traços particulares que a distinguiam das outras, como se dá com as pessoas vivas.

Ocioso dizer que todas as medidas de precaução tinham sido tomadas para impedir qualquer embuste e para que percebêssemos a menor tentativa de fraude.

Nenhuma dúvida tem cabimento aqui, pois que o médium e eis formas materializadas são vistos simultaneamente. Se é possível o desdobramento do médium - e disso absolutamente não duvidamos - , absurda é a sua divisão em quatro partes, duas das quais de um sexo e duas de outro. Somos então forçados a admitir, como única explicação lógica, a existência dos Espíritos, sem embargo de todas as prevenções e de todos os preconceitos.

E não se julgue seja único o caso citado pelos Srs. Reimers e Oxley. É, ao contrário, muito freqüente. Eglinton serviu muitas vezes de médium para a materialização de aparições coletivas. Afirma a Srt Glyn que, em sua casa, se materializaram sua mãe e seu irmão e que, vendo aquelas duas formas ao mesmo tempo em que via o médium, que se lhe achava próximo e com as mãos seguras por outras pessoas, a convicção se lhe impôs da realidade do fenômeno.

O pintor Tissot viu simultaneamente, tão bem e por tão longo tempo que pôde com elas fazer belíssimo quadro, duas formas, feminina uma, a outra masculina, a primeira das quais ele reconheceu perfeitamente, e, também, o desdobramento de Eglinton, cujo corpo físico repousava numa poltrona, a seu lado. (202)

Afigura-se-nos inútil insistir mais demoradamente nestes fatos, que o leitor encontrará mencionados em grande número nas obras citadas.

Resumo

Conquanto tenha havido fraudes operadas por charlatães que queriam passar por médiuns, é incontestável que, quando as experiências foram feitas por sábios, as precauções adotadas bastaram para, em absoluto, afastar essa causa de erro. Os relatos, de origens tão diversas e conformativos uns dos outros, constituem provas de que os fatos foram bem observados e que tais relatos são verídicos.

Há-se de banir, absolutamente, a hipótese de que, adormecido, o médium se torne poderoso magnetizador, que pela sugestão imponha seus pensamentos aos experimentadores que, então, se achariam mergulhados num sonambulismo inconsciente - hipnotismo vígil -, porquanto jamais se observou semelhante poder. Ainda nenhuma experiência firmou que quaisquer indivíduos, reunidos numa sala - nunca tendo sido antes hipnotizados ou magnetizados -, hajam podido alucinar-se de maneira a ver e tocar um objeto ou uma pessoa imaginários. Numerosas são as provas de que os assistentes se conservam no estado normal, conversando uns com os outros, tomando notas, discutindo os fenômenos, manifestando dúvidas, coisas todas essas que atestam estarem eles perfeitamente despertos. Não esqueçamos tampouco que as fotografias, os moldes, os objetos, que se conservam, deixados pela aparição, as escritas que permanecem depois que o ser há desaparecido, constituem provas absolutas de que não há ilusão, nem alucinação.

Eis, pois, aqui todos os casos que se podem apresentar. Antes de tudo, é possível que se verifique uma transfiguração do próprio médium; mas, fatos dessa natureza, extremamente raros, são sempre um pouco suspeitos, a menos que se produzam espontaneamente e em plena luz. É mais freqüente a transfiguração do duplo do médium, se bem seja ainda excepcional o fenômeno. Vimos - através de fatos positivos - que a hipótese de modificações plásticas do perispírito do médium absolutamente não explica que a materialização empregue uma língua estrangeira que o mesmo médium desconhece; nem os casos de se fazerem visíveis simultaneamente vários fantasmas. Vimos igualmente que ela não pode aplicar-se às formações de fantasmas idênticos, sem embargo de se substituírem os médiuns. Se juntarmos a essas observações as dos casos em que o sensitivo conversa com a aparição, como faziam Katie King e a senhorita Cook; ou as daqueles em que se comprova a presença simultânea do duplo do médium e de Espíritos materializados, forçoso se tornará reconhecer que a teoria do desdobramento não é geral e não pode aplicar-se à maioria desses fenômenos.

A hipótese de que as aparições sejam apenas imagens tomadas ao astral e projetadas fisicamente pela consciência sonambúlica do médium é inaceitável, porque, primeiro, seria preciso explicar como essas imagens se tornariam seres vivos e manifestariam uma vida psíquica cujos elementos não existem no médium, coisa que jamais foi tentada.

A única teoria que explica todos os fatos, sem exceção de um só, é a do Espiritismo. Inseparável do seu envoltório perispírítico, a alma pode materializar-se temporariamente, quer transformando o duplo do médium, ou, mais exatamente, mascarando-o com a sua própria aparência, quer tomando matéria e energia ao médium, para as acumular na sua forma fluídica, que então aparece qual era outrora na Terra. Vamos insistir nos caracteres anatômicos das materializações, para bem estabelecermos a individualidade dos seres que se manifestam nas maravilhosas sessões em que aquele

fenômeno se produz. Antes, porém, não será demais apreciemos o grau de certeza que comporta a prova da identidade dos Espíritos.

Estudo sobre a identidade dos Espíritos

Na sábia e conscienciosa obra que o Sr. Aksakof consagrou à refutação das teorias do filósofo Hartmann, depara-se-nos a conclusão seguinte:

Tendo adquirido por laboriosa senda a convicção de que o principio individual sobrevive à dissolução do corpo e pode, sob certas condições, manifestar-se de novo por intermédio de um corpo humano, acessível a influências desse gênero, a prova absoluta da identidade do indivíduo resulta impossível.

Votamos sincera admiração e profundo respeito ao sábio russo que revelou, na sua obra, espírito tão sagaz, quanto penetrante. Seu livro é uma das mais preciosas coletâneas de fenômenos bem estudados, onde os espíritas encontram armas decisivas para sustentar luta contra seus adversários. Mas, não podemos adotar todas as suas idéias, por se nos afigurar que o seu propósito, de manter-se estritamente nos limites que lhe impunha a sua discussão com Hartmann, o fez restringir demasiadamente o caráter de certeza que ressalta das experiências espíritas. Não haverá contradição entre a primeira e a segunda parte da citação acima? Como se há de adquirir a convicção de que o princípio individual sobrevive, se não se pode estabelecer a identidade dos seres que se manifestam? Porque, desde que, coletivamente, todos os humanos sobrevivem, impossível será ter-se particular certeza, com relação a um deles? Examinemos os argumentos em que se baseou o Sr. Aksakof para chegar àquela desoladora conclusão.

Segundo o autor (203). a presença de uma forma materializada, comprovada pela fotografia, ou nas sessões de materialização, não bastaria para lhe atestar a identidade, como, aliás, também não bastaria o conteúdo intelectual das comunicações. Eis porquê:

Não me resta mais do que formular o último desideratum, relativamente à prova de identidade fornecida pela materialização, e

é que essa prova - do mesmo modo que o exigimos no tocante às comunicações intelectuais e à fotografia transcendental - seja dada na ausência de qualquer pessoa que possa reconhecer a figura materializada. Creio que se poderiam encontrar muitos exemplos desse gênero nos anais das materializações. Mas, a questão é esta dado o fato, poderia ele servir de prova absoluta? Evidentemente, não, porque, admitido que um Espírito se pode manifestar dessa maneira, possível lhe é, eo ipso, prevalecer-se dos atributos de personalidade doutro Espírito e personificá-lo na ausência de quem quer que seja capaz de reconhecê-lo. Tal mascarada seria completamente insípida, visto que absolutamente nenhuma razão de ser teria. Do ponto de vista, porém, da crítica, não poderia ser ilógica a sua possibilidade.

Parece que o Sr. Aksakof admite como demonstrado que um Espírito pode mostrar-se sob qualquer forma, sob a que lhe apraza tomar, a fim de representar uma personagem que é ele. Ora, isso justamente é que seria necessário firmar, por meio de fatos numerosos e precisos. Se consultarmos os milhões de casos em que o Espírito de um vivo se faz visível, verificaremos que o duplo é sempre a reprodução rigorosamente fiel do corpo, atingindo essa identidade todas as partes do organismo, como o prova irrefutavelmente a modelagem do pé fluídico de Eglinton, do qual falamos às págs. 144/5 (cap. I, Segunda Parte).

Quando o duplo inteiro de Eglinton se materializa, assemelha-se a tal ponto ao seu corpo físico, que há mister se veja o médium adormecido na sua cadeira, para se ficar persuadido de que ele não está no lugar onde se encontra a aparição. Quando a Sr.a Fay se mostra entre as duas metades da cortina, com suas vestes e o seu rosto, perfeitamente semelhante ao seu corpo físico, com os mesmos traços fisionômicos, cor dos olhos, do cabelo, da pele, faz-se preciso que a corrente elétrica lhe atravesse o organismo carnal, para se ter a certeza de não ser este o que se está vendo.

Vi, diz o Sr. Brackett (204) - experimentador muito céptico e muito prudente -, centenas de formas materializadas e, em muitos casos, o duplo fluídico do médium assemelhando-se-lhe tanto, que

eu teria jurado ser o próprio médium, se não visse o mesmo duplo desmaterializar-se diante de mim e não houvesse, logo após, comprovado que o médium se conservava adormecido.

Não acreditamos possa alguém citar um único exemplo de haver um duplo de vivo mudado o seu tipo, exclusivamente por vontade própria. Ao contrário, da observação das aparições espontâneas, tanto quanto das obtidas pela experiência, resulta que, se nenhuma influência exterior for exercida, o Espírito se mostra sempre sob a forma corpórea que lhe caracteriza a personalidade. Dar-se-á tenha ele, depois da morte, um poder que lhe faltava em vida? Poderia o Espírito dar ao seu corpo espiritual forma idêntica à de outro Espírito, de maneira a ser o sósia deste? É o que vamos examinar.

A primeira vista, parece que o fenômeno da transfiguração confirma a opinião de que o Espírito pode mudar de forma. Mas, será mesmo assim? Em realidade, o paciente é inteiramente passivo. Não é, pois, consciente ou voluntariamente que modifica o seu próprio aspecto. Ele sofre uma influência estranha, que substitui pela sua aparência a do médium, pois que, geralmente, este não conhece o Espírito que sobre ele atua. Não se pode, portanto, pretender que o Espírito de um médium seja capaz - eo ipso - de se transformar. Em nenhum caso foi isso ainda demonstrado e a substituição de forma bem se pode atribuir a outro Espírito, visto que, quando o desdobramento se produz de modo espontâneo, a forma do Espírito é sempre a do corpo.

Estudemos agora os casos em que a aparição é manifestamente diferente do médium e do seu duplo.

Porventura já se comprovou que um Espírito, tendo-se mostrado sob uma forma bem definida, haja mudado de aspecto diante dos espectadores, assumindo outra inteiramente diversa da primeira? Jamais semelhante fenômeno se produziu. A única observação, do nosso conhecimento, que tem alguma relação com esse assunto, é a que relata o Sr. Donald Mac Nab, que conseguiu fotografar e tocar, com seis amigos seus, a materialização de uma moça que reproduziu absolutamente um velho desenho datando de vários séculos, desenho que muito impressionara o médium. Nada, porém, prova, nesse

exemplo, que essa aparição não seja a da moça representada no desenho, tendo bastado perfeitamente, para atraí-la, o pensamento simpático do médium. Não está, pois, de modo algum estabelecido que seja essa uma transformação do duplo do médium, nem tampouco uma criação fluídica objetivada pelo seu cérebro. O que algumas vezes se há verificado são modificações no talhe, na coloração do semblante, na expressão da fisionomia da aparição. Pode variar muito o grau da sua materialidade e, sendo esta fraca, não acentuar bastante os detalhes da semelhança; mas, o tipo geral não muda. As modificações são as de um mesmo modelo e não chegam para representar outro ser.

Tomemos o exemplo de Katie King. Indubitavelmente, ela não era um desdobramento de Florence Cook, porquanto esta, vígil, conversa durante alguns minutos com Katie e o Sr. Crookes, que as vê a ambas. A independência intelectual do Espírito materializado se revela ai com toda a clareza, nada tendo de duvidoso com relação ao corpo físico, visto que o Sr. Crookes assinalou as diferenças de talhe, de tez, de cabeleira e, o que é mais importante, dos caracteres fisiológicos entre as duas.

Uma noite, contei as pulsações de Katie. Seu pulso batia regularmente 75, ao passo que o da Srta. Cook, poucos instantes depois, chegava a 90, algarismo habitual. Colando o ouvido ao peito de Katie, ouvi-lhe o coração a bater dentro e os seus batimentos ainda mais regulares eram do que os do coração da Srta. Cook, quando, após a sessão, ela me permitiu a mesma experiência. Auscultados, os pulmões de Katie se revelaram mais sãos do que os do seu médium que, na ocasião em que fiz a minha experiência, estava em tratamento médico para um forte resfriado.

Evidentemente, segundo o que se acaba de ler, Katíe não era a figura nem do corpo, nem do duplo do médium. Tinha uma individualidade distinta, se bem nem sempre aparecesse por inteiro. Numa sessão com Varley, engenheiro-chefe das linhas telegráficas da Inglaterra, estando a médium fiscalizada eletricamente, Katie só se mostrou materializada a meio, até à cintura apenas, faltando ou conservando-se invisível o resto do corpo.

Apertei a mão àquele ser estranho, diz o célebre engenheiro, e, ao terminar a sessão, mandou Katie que eu fosse despertar a médium. Achei a Srta. Cook em transe, isto é, adormecida, como eu a deixara, e intactos todos os fios de platina. Despertei-a.

Segundo Epes Sargent, nos primeiros tempos, apenas se via o rosto; não havia cabelos, nem coisa alguma acima da fronte. Parecia uma máscara animada. Após cinco ou seis meses de sessões, apareceu a forma completa. Esses seres então se condensam mais facilmente e mudam de cabelos, de vestuário, de cor da tez, à vontade. Mas, note-se bem que é sempre o mesmo tipo, nunca uma outra forma.

Neste ponto, faz-se necessário precisemos bastante o que entendemos pelo termo tipo. Quando se comparam fotografias de um indivíduo, tiradas em diversas épocas de sua vida, reconhecem-se grandes diferenças entre as que ele tirou na idade de 15 anos e as que o representam aos 30 anos. Tudo se modificou profundamente. Os cabelos embranqueceram ou rarearam, os traços se acentuaram ou ampliaram; notam-se rugas onde antes só se via plena juvenilidade. Entretanto, com um pouco de atenção, chega-se a perceber que essas divergências não são fundamentais, que se encerram dentro de limites definidos, dentro do que constitui, durante a vida toda, a característica da individualidade: o tipo. Podemos perfeitamente conceber que o perispirito seja capaz de reproduzir uma dessas formas, pois que evolveu através delas neste mundo. Essa faculdade de fazer que uma imagem reviva de si mesma assemelha-se a um avivamento de lembranças, o qual evoca uma época passada e a torna presente para a memória. Desde que nada se perde no envoltório fluídico, as formas do ser se fixam nele e podem reaparecer sob o influxo da vontade. Isso se demonstra por meio de alguns exemplos.

Voltemos ao testemunho do Sr. Brackett, citado pelo Sr. Erny.

Numa sessão de materialização, vi um mancebo de grande estatura dizer-se irmão da senhora que me acompanhava e que lhe replicou: Como poderia eu reconhecé-lo, se não o vejo desde criança? Para logo, a figura diminuiu de talhe pouco a pouco, até

chegar à do menino que a senhora conhecera. Observei outros casos do mesmo gênero, acrescenta Brackett.

Aqui está outro testemunho seu:

Uma das formas que aparecem em casa da Sra F... disse ser Berta, minha sobrinha por afinidade. Como eu me mostrasse duvidoso, a forma desapareceu e voltou com a voz e o talhe de uma criança de quatro anos, idade em que morrera. Não era um desdobramento, porquanto o médium tem sotaque alemão e Berta não. Quanto ao ser uma figurante paga pela Sra F..., desafio seja quem for que se desmaterialize diante de mim, como Berta se desmaterializou.

Façamos aqui uma observação importante. Os dois Espíritos que se reportam à sua meninice têm uma estatura e uma aparência diversas das que se lhes conheceram neste mundo. Pode-se admitir sejam estatura e aparência de uma vida anterior à precedente, o que nos conduz à lei geral, ensinada por Allan Kardec, de que um Espírito suficientemente adiantado pode assumir, à sua vontade, qualquer dos tipos pelos quais tenha evolvido no curso de suas existências sucessivas. Com essa questão, porém, não temos que nos ocupar, do ponto de vista da identidade, porquanto apenas nos interessa a última forma, a que conhecemos.

Não se deverá concluir do que fica dito que um Espírito farsista não possa disfarçar-se, de maneira a simular uma personagem histórica, mais ou menos fielmente. Claro que a um farsante será possível sempre criar o redingote cinzento e o chapéu de Napoleão, bem como uma auréola e um par de asas, a fim de que o tomem por um anjo. Se, porventura, ele tiver uma vaga parecença com Bonaparte ou com as tradicionais imagens de São José, poderá enganar os inexperientes, os ingênuos, os desprovidos de senso crítico. Esse gênero de embuste pode mesmo ser empregado por Espíritos pouco escrupulosos no tocante à escolha dos meios para sustentar certas crenças: mas, grande distância vai dessas caricaturas às experiências cientificamente realizadas, quais as que temos citado neste livro.

Outra observação também muito importante decorre do estudo das materializações e mostra claramente que não é o Espírito quem cria a forma sob a qual é ele visto: o fato é que os moldes são verdadeiros modelos anatômicos.

Os Espíritos que assim se manifestam confessam muito facilmente que ainda se acham pouco avançados na hierarquia espiritual. Na maioria dos casos, são limitados os seus conhecimentos e não há suposição injustificada no dizer-se que são muito ignorantes em matéria de ciências naturais. Nessas condições, parece-nos evidente que não poderiam, de modo algum, construir uma forma perfeita bastante para revelar o grau de realidade que os moldes nos dão a conhecer. As peças modeladas não são simples esboços mais ou menos bem acabados de um membro qualquer; é da própria Natureza o que se observa, até nos mínimos detalhes. Temos, pois, a prova de que é um verdadeiro organismo que se imprime em substâncias plásticas e não apenas uma imagem, que seria rudimentar, se fosse produzida pelo Espírito. Que organismo então é esse? É o que j á existe durante a vida, o que dá moldagens idênticas no curso dos desdobramentos; é, numa palavra, o perispirito, que a morte não destruiu e que persiste com todas as suas virtualidades, pronto a manifestá-las, desde que seja favorável a ocasião.

Ainda mesmo imaginando-se que a forma do nosso corpo está impressa, como imagem, na nossa memória latente, o que é possível, não menos verdade é que todos os detalhes anatômicos, saliências das veias, dos músculos, desenhos da epiderme, etc., não podem existir nessa imagem mental, pelo menos quanto às partes do corpo que geralmente se conservam cobertas pelas roupas.

Entretanto, nos desdobramentos materializados de médiuns, sempre que foi possível tomarem-se impressões ou moldes, se há reconhecido que o corpo fluídico assim exteriorizado é reprodução idêntica do organismo material do médium, do seu pé, por exemplo, como foi notado com Eglinton pelo Dr. Carter Blake, ou de sua mão, conforme se deu muitas vezes com Eusápia. h c critério que nos permitirá distinguir da materialização de um Espírito um

desdobramento. Se a aparição é o sósia do médium, segue-se que sua alma é que se manifesta fora do seu organismo carnal. No caso contrário, se a aparição difere anatomicamente do médium, quem está presente é outra individualidade.

Esta observação, que fomos o primeiro a fazer, permite se distinga facilmente se o fantasma é a aparição de um ser desencarnado, ou uma bilocação do médium.

Não será talvez supérfluo insistir fortemente nas numerosas provas que apóiam a nossa maneira de ver.

O astrônomo alemão Zoellner afirma que durante uma de suas experiências com Slade (205), produziu-se à impressão de uma mão fluídica, num vaso cheio de farinha finíssima, com todas as sinuosidades da epiderme distintamente visíveis, não tendo o observador perdido de vista as mãos do médium, que se conservaram todo o tempo sobre a mesa. Aquela mão era maior do que a de Slade. Doutra feita, produziu-se uma impressão durável numa folha de papel enfumaçado na chama de uma lâmpada de petróleo. Slade se descalçou imediatamente e mostrou que nenhum vestígio havia dos resíduos da fumaça em seus pés. A impressão tinha quatro centímetros mais do que o pé do médium e parecia a de um pé comprimido por uma botina, porquanto um dos dedos cobria completamente outro, tornando-o invisível.

O Dr. Wolf (206), com a médium Sr.a Hollis, viu uma mão a fazer evoluções rápidas, pousar sobre um prato cheio de farinha e retirar-se depois de sacudir as partículas que lhe ficaram aderentes. A impressão representava a mão de um homem adulto, com todos os detalhes anatômicos. Os dedos marcados na farinha eram mais longos de uma polegada do que os da Sr.a Hollis.

O professor Denton (207), inventor do processo de moldagem em parafina, obteve, na primeira sessão com a Sr.a Hardy, de quinze a vinte moldes de dedos de todos os tamanhos. Na maioria dessas formas, notadamente nas maiores ou nas que mais se aproximavam, pelas suas dimensões, dos dedos do médium, ressaltavam nítidos todas as linhas, sulcos e relevos que se notam nos dedos humanos. Uma comissão de sete membros assinou uma ata onde se acha

consignado o seguinte: dentro de uma caixa fechada, produziu-se, pela ação inteligente de uma força desconhecida, o molde exato de uma mão humana de tamanho natural. O escultor O'Brien, perito em moldagens, examinou sete dos modelos em gesso e os achou de maravilhosa execução, reproduzindo todas as particularidades anatômicas, assim como as desigualdades da pele, com tão grande finura, como a que se obtém na modelagem de um membro, mas com molde constituído de diferentes pedaços, ao passo que os modelos submetidos ao seu exame não apresentavam qualquer vestígio de soldadura, parecendo-lhe resultar de moldes sem samblagens.

Este relatório assinala que uma dessas moldagens de mãos se assemelha singularmente, como forma e como tamanho a uma modelagem da mão de um Sr. Henri Wilson, examinada por O'Brien, pouco tempo depois do trespasse desse senhor, de cujo rosto ele fora fazer a moldação em gesso. Aí a conservação da forma fluídica se revela materialmente, constituindo uma boa prova da imortalidade.

Numa sessão em casa do Dr. Nichols, com Eglinton, por um molde de mão de criança foi esta reconhecida, graças a uma ligeira deformidade característica, reproduzida no molde.

O Dr. Nichols reconheceu sem hesitar a mão de sua filha, obtida pelo mesmo processo.

Esta mão, diz ele, nada tem da forma convencional que os estatuários criam. E uma mão absolutamente natural, anatomicamente correta, mostrando todos os ossos, todas as veias, todas as menores sinuosidades da pele. E exatamente a mão que eu conhecia, que eu tão bem conheci durante a sua existência corporal, que eu tantas vezes palpei, quando se apresentava materializada.

Nas experiências dos Srs. Reimers e Oxley, a materialização chamada Bertie deu duas mãos direitas e três esquerdas - todas em posições diferentes, o que não impediu que as linhas e os pregueados fossem idênticos em todos os exemplares. As mãos pertencem indubitavelmente à mesma pessoa. As moldagens das mãos do médium diferem totalmente, quer como forma, quer como

dimensões, das de Bertie. Com o médium Monck, a mesma Bertie também deu os moldes de suas duas mãos, os quais são idênticos aos obtidos com o primeiro médium, Sra Firman, o que estabelece, de modo perfeito, a identidade do Espírito. O Espírito Lily variava de tamanho; ora a sua estatura não ultrapassava a de uma criança bem conformada, ora apresentava as dimensões da de uma moça.

Creio, diz o Sr. Oxley, que ela não apareceu duas vezes sob formas absolutamente idênticas; eu, porém, a reconhecia sempre e nunca a confundi com as outras aparições.

Poderíamos multiplicar estes depoimentos segundo os quais o Espírito tem um organismo, que ele não forma de ocasião e para os fins da experiência; vamos, porém, ver outras provas. Sabemos que a aparição de Katie King se assemelha inteiramente a uma pessoa natural. Temos sobre esse ponto o testemunho formal de William Crookes. Nas materializações completas é o que sempre se dá. Alfred Russel Wallace, numa carta ao Sr. Erny escreve:

Algumas vezes, a forma materializada parece uma simples máscara, incapaz de falar e de se tornar tangível a um ser humano. Noutras circunstâncias, a forma tem todos os característicos de um corpo vivo e real, podendo mover-se, falar, mesmo escrever e revelando calor ao tato. Tem, sobretudo, individualidade e qualidades físicas e mentais totalmente diversas das do médium.

Numa sessão em Liverpool, com um médium não profissional, o Sr. Burns viu aproximar-se de si um Espírito que com ele estivera em relações durante longo tempo.

Apertou-me a mão, diz Burns, com tanta força que ouvi o estalido de uma das articulações de seus dedos, como sói acontecer quando se aperta fortemente uma mão. Esse fato anatômico foi corroborado pela sensação que eu experimentava de estar segurando uma mão perfeitamente natural.

Fazia parte desse círculo de experimentadores o Dr. Hítchman, autor de várias obras de medicina, o qual, numa carta dirigida ao Sr. Aksakof, disse (208)

Pelo fato, creio ter adquirido a mais científica certeza, que seja possível obter-se, de que cada uma dessas formas que apareceram

era uma individualidade distinta do envoltório material do médium, porquanto, tendo-as examinado com o auxílio de diversos instrumentos, comprovei nelas a existência da respiração e da circulação; medi-lhes o talhe, a circunferência do corpo, tomei-lhes o peso, etc.

Pensa o autor que esses seres têm uma realidade objetiva, mas que a aparência corpórea deles é de natureza diferente da forma material que caracteriza a nossa forma terrestre. Depois dessa época, os numerosíssimos fenômenos da telepatia projetaram luz sobre essas aparições cujos caracteres pareciam verdadeiramente sobrenaturais, porém que, melhor conhecidos, podem ser, se não explicados completamente, pelo menos logicamente concebidos.

Reflita-se por um instante em que o duplo de um vivo, desde que há saído de seu corpo, é um Espírito, como o será depois da morte; que as suas manifestações físicas e intelectuais são idênticas às que um Espírito desencarnado pode produzir, e ver-se-á que as moldagens constituem prova absoluta da imortalidade.

Logo, no estado atual dos nossos conhecimentos, cremos que a identidade de um Espírito se acha perfeitamente estabelecida quando ele se mostra a atuar, materializado numa forma idêntica à que teve outrora o seu corpo físico.

E o caso de Estela Livermore e de muitos outros Espíritos que foram identificados de modo a não deixar subsistisse qualquer dúvida.

Examinando minuciosamente, nas obras originais, os fatos mencionados acima e sem formular hipótese, parece-nos que as seguintes conclusões se impõem logicamente:

1 - Que os Espíritos têm um organismo fluídico;

2 - Que, quando esse corpo fluídico se materializa, reproduz fielmente um corpo físico que o Espírito revestiu durante certo período da sua vida terrestre;

3 - Que nenhuma experiência ainda demonstrou que o grau de variação dessa forma possa ir a ponto de reproduzir outra forma inteiramente distinta daquela sob a qual ela se mostra

espontaneamente. Se alguma variação se opera, não passa de uma diferença para mais ou para menos do mesmo tipo;

4 - Que, estabelecido, como se acha, experimentalmente, pela fotografia, pelas moldagens, pelas mais variadas ações físicas, que aquele organismo existe nos vivos, pode-se, por efeito de rigorosa dedução, afirmar a sua existência depois da morte, uma vez que ela se nos impõe pelos mesmos fatos que a têm positivado com relação aos vivos;

5 - Logo, até prova em contrário, a aparição de um Espírito que fala e se desloca no espaço, que se pode reconhecer como sendo uma pessoa que viveu na Terra é prova excelente de sua identidade.

Pode demonstrar-se a identidade por meio de provas intelectuais?

Fiel ao seu método, o Sr. Aksakof não acredita que se possa estar certo da identidade de um Espírito, ainda quando ele revela fatos referentes à sua existência terrestre, na ausência de pessoas que conheçam esses fatos, porquanto outro Espírito também poderia conhecê-los. É esta a sua argumentação:

E evidente que essa possibilidade de imitação ou de personificação (de substituição da personalidade) se deve igualmente admitir para os fenômenos de ordem intelectual.

O conteúdo intelectual da existência terrestre de um Espírito, a que chamaremos A, deve ser muito mais acessível a outro Espírito, que designaremos por B, do que os atributos exteriores dessa existência. Tomemos mesmo o caso em que o Espírito se exprime numa língua que o médium desconhece, mas que era a do defunto. E inteiramente possível que o Espírito mistificação também conheça precisamente essa língua. Então, só restaria a prova de identidade pela escrita, que não poderia ser imitada. Mas, seria necessário que essa prova fosse dada com uma abundancia e uma perfeição excepcionais, como no caso do Sr. Livermore, porquanto é sabido que também a grafia e, sobretudo, as assinaturas estão sujeitas a falsificações e imitações. Assim, depois de uma substituição da

personalidade sobre o plano terreno - pela atividade inconsciente do médium - temos que nos avir com uma substituição da personalidade num plano supraterrestre, por efeito de uma atividade inteligente exterior ao médium. Logicamente falando, tal substituição careceria de limites. O qüiproquó seria sempre possível e imaginável. O que aqui a lógica nos leva a admitir, em princípio, a prática espírita o prova. O elemento mistificação, no Espiritismo, é fato incontestável, como se reconheceu, desde o seu advento. E claro que, além de certos limites, já não se pode lançar esse fato à conta do inconsciente, tornando-se ele um argumento a favor do fator extramediúnico, supraterrestre.

Toda a argumentação do sábio russo assenta nessa presunção de que o conteúdo intelectual da existência terrena de um Espírito A é perfeitamente acessível a um Espírito B. Temos para nós que essa proposição reclama estudo mais acurado. Sabemos que os Espíritos, para se exprimirem, não precisam da linguagem articulada. Eles se compreendem sem o recurso da palavra, pela só transmissão do pensamento, linguagem essa universal que todos apreendem. Resulta, porém, daí que todos os Espíritos vêem todos os pensamentos, uns dos outros? Não, conforme a experiência o demonstra.

Do mesmo modo que o paciente magnético mais ricamente dotado não penetra os pensamentos de todos os circunstantes, também, no espaço, muitos desencarnados são absolutamente incapazes de apreender os pensamentos dos demais Espíritos, tanto que estes não entram em comunicação com eles. A faculdade da clarividência está em relação com a elevação moral e intelectual do Espírito. Isso ressalta bastante das comunicações que se recebem, porquanto, se o conteúdo intelectual do Espírito de um Newton, de um Vergílio, ou de um Demóstenes estivesse ao alcance de qualquer um, muito menos banalidades se assimilariam em grande número das mensagens que nos chegam do Além. A verdade é que a morte não confere à alma conhecimentos que ela não adquiriu pelo seu trabalho. Lá, no espaço, o Espírito vai encontrar-se tal qual se fez pelo seu labor pessoal e se, uma ou outra vez, um Espírito se revela,

depois da morte, superior ao que parecia ser neste mundo, é que manifesta aquisições anteriores, obnubiladas temporariamente na sua última existência corpórea.

Admitamos, contudo, por um instante, que um Espírito A conheça os acontecimentos da vida terrestre de um Espírito B. Bastará isso para lhe dar o caráter de B e a maneira por que este se exprime? Evidentemente, não. E, se o Espírito A se encontrar em presença de um observador sagaz que haja conhecido suficientemente B, não custará ser desmascarado. Diz-se: o estilo é o homem. É quase impossível que alguém simule o modo por que se exprime um indivíduo, mesmo que conheça episódios de sua passada existência. Reflitamos igualmente em que, se um Espírito A pudesse imprimir ao seu envoltório físico os caracteres exteriores do Espírito B, podendo ao mesmo tempo dispor do conteúdo intelectual da existência terrena deste último, os dois seriam idênticos e indistinguíveis, o que é impossível, porquanto se A possuísse esse poder, B, C, D... X Espíritos também o teriam. Existiriam, pois, inumeráveis exemplares do mesmo tipo, sobretudo do de um homem que se houvesse distinguido num ramo qualquer da Ciência, da Arte, ou da Literatura, o que não acontece.

Se acontecesse, haveria na erraticidade indescritível confusão que as comunicações recebidas desde há cinqüenta anos nunca nos deram a conhecer.

Há, decerto, Espíritos vaidosos que, nas suas relações conosco, gostam de pavonear-se com grandes nomes; geralmente, porém, o estilo de que usam faculta sejam para logo classificados no lugar que lhes compete. Entretanto, também se podem imitar mais ou menos habilmente os grandes escritores, de sorte que se torna difícil estabelecer a identidade das personagens históricas. Mas, o mesmo já não sucede, quando se trata de um parente ou de um amigo a quem conhecemos bem, cujo estilo, agudeza de espírito, modos de ver sobre diferentes assuntos nos são muito familiares. Tem-se aí uma mina rica a explorar. Quando o Espírito responde corretamente a todas as questões que se lhe propõem, reconhecem-se-lhe as expressões favoritas e, então, parece-nos indubitável que a sua

identidade resulta tão perfeitamente formada, quanto se poderia desejar.

Pretendeu-se que a consciência sonambúlica do médium pode ler no inconsciente do evocador, de modo a fornecer todas as particularidades que parecem provar a identidade e que, assim, há sempre possibilidade de ilusão. Mas, semelhante fato nunca foi demonstrado rigorosamente e bem longe estão de ser probantes as pesquisas dos Srs. Binet e Janet sobre a personalidade sonambúlica que coexistiria com a personalidade normal (209). Nas experiências feitas por esses sábios, aquela dupla consciência não se mostra senão quando a ação hipnótica ainda se está exercendo. O Sr. Pierre Janet quis imitar por sugestão as comunicações automáticas dos médiuns, mas muito vaga é a analogia das suas experiências com o processo dos médiuns escreventes (210) ; nunca o seu paciente lhe revela alguma coisa ignorada cuja exatidão ele verifique a propósito de uma pessoa falecida, do mesmo modo que espontaneamente não dará comunicações verificáveis.

Os trabalhos dos hipnotizadores modernos absolutamente não demonstram - na nossa opinião - que haja no homem duas individualidades que se ignoram mutuamente. O inconsciente não é mais do que o resíduo do Espírito, isto é, vestígios físicos das sensações, dos pensamentos, das volições fixadas sob a forma de movimentos no invólucro perispírítico e cuja intensidade vibratória não basta para fazê-los aparecer no campo da consciência. Se, entretanto, pela ação da vontade se intensifica o movimento vibratório desses resíduos, o eu torna a percebê-los sob a forma de lembranças. O sonambulismo, desprendendo a alma e dando ao perispírito um novo tônus vibratório, cria condições diferentes para o registro dos pensamentos e das sensações, de sorte que, volvendo ao estado normal, o Espírito já não tem consciência do que se passou durante aquele período.

Demais, esse desprendimento facilita o exercício das faculdades superiores do Espírito: telepatia, clarividência, etc., que habitualmente se não exercem durante o estado de vigília.

Há, se quiserem, duas personalidades que se sucedem, mas como dois aspectos da mesma individualidade e as personalidades - diferentes até certo ponto, pela acuidade das suas sensações e pela extensão de suas faculdades - jamais coexistem: uma tem sempre que desaparecer, quando a outra se manifesta (211). Cremos, pois, errôneo, quando um médium, bem desperto, em seu estado normal, dá provas da presença de um Espírito, atribuir-se essas noções a uma leitura inconsciente que a personalidade sonambúlica faça na memória do consulente.

Com mais forte razão, parecem-nos concludentes todas as provas que o Sr. Aksakof acumulou em seu livro, sob a rubrica: Espiritismo.

Para resumir, diremos que uma materialização que apresenta, com uma pessoa anteriormente morta, semelhança completa de forma corpórea e identidade de inteligência, CONSTITUI PROVA ABSOLUTA DA IMORTALIDADE.

Mecanismo da materialização

É-nos rigorosamente impossível imaginar que a alma, após a morte, se ache desprovida de um organismo qualquer, porque, então, não poderia pensar, na acepção que damos a essa palavra. Ela não poderia estar isenta das condições de tempo e de espaço, sem deixar de ser o que é; se tal se desse, ela se tornaria alguma coisa de absolutamente incompreensível para a nossa razão.

Mostra-nos o estudo que há leis a que todos os seres pensantes se acham submetidos. I; em virtude dessas leis que não podemos estar em diversos lugares ao mesmo tempo, ou percorrer mais do que um determinado espaço em certo tempo, ou pensar além de certo número de pensamentos, ou experimentar mais que certo número de sensações, em dado tempo. Daí se segue que, se muito facilmente podemos imaginar que uma inteligência superior à nossa, se bem que finita, esteja submetida a condições muito diferentes, não podemos, entretanto, conceber uma inteligência finita

absolutamente livre de todas as condições, isto é, de qualquer corpo. (212)

Evidente, por exemplo, que a existência mesma de uma vida psíquica necessita de um laço de continuidade entre os pensamentos, certa aptidão a conservar uma espécie de domínio sobre o passado: é claro que o que já não existe, isto é, o pensamento de há pouco, tem que ser conservado nalguma coisa, para que possa ser revivificado. Essa propriedade da lembrança implica a existência de um órgão em relação com o meio em que vive a alma. Na Terra, mundo ponderável, o cérebro é a condição orgânica; no espaço, meio imponderável, o perispírito desempenha a mesma função. A bem dizer, como o perispírito já existe neste mundo, ele é o conservador da vida integral, que compreende as duas fases: de encarnação e de vida supraterrena. Uma segunda condição de vida intelectual se impõe: a de uma possibilidade de ação no meio em que ela se desenvolve. Um ser vivo precisa ter em si mesmo a faculdade de diversos movimentos, pois que a vida se caracteriza pelas reações contra o meio exterior. E, aliás, o parecer do Sr. Hartmann, citado por Aksakof, o que diz:

Se pudesse demonstrar que o Espírito individual subsiste após a morte, eu daí concluiria que, malgrado à desagregação do corpo, a substância do organismo persistiria sob uma forma imperceptível aos sentidos, porque somente nessa condição posso imaginar a persistência do espírito individual.

Nós, espíritas kardecistas, vemos no perispírito essa forma imperceptível e provamos, com as materializações, que ela sobrevive à morte.

Como se produz esse esplêndido fenômeno? Por que processo pode um Espírito fazer-se visível e mesmo tangível? Este o ponto em que começam as dificuldades. Sabemos bem que a substância da aparição é tomada ao médium e aos assistentes. Disso, dentro em pouco, vamos ter as provas. Mas, como se hão de compreender esse transporte, essa desagregação e essa reconstituição de matéria orgânica, sem que ela se haja decomposto? Tais manifestações transcendentes põem em ação leis que desconhecemos e os sábios

fariam muito melhor, ajudando-nos a descobri-Ias, do que negando sistematicamente fatos mil vezes observados com inexcedível rigor. Esperando que se dê, vamos, nada obstante, expor o que conhecemos.

Fato bem observado é a ligação constante em que se mantêm o médium e o Espírito materializado. Este último haure daquele a energia de que se utiliza, de sorte que, sobretudo nas suas primeiras manifestações, mal pode sair do gabinete onde o médium se encontra em letargia. Mais tarde, aumenta-se-lhe o poder de ação, conservando-se sempre, porém, limitado. Num esboço feito pelo Dr. Hitchman, nota-se que, entre a cavidade do peito da forma materializada e a do médium, há um como feixe luminoso religando os dois corpos e projetando um clarão sobre o rosto do médium. Esse fenômeno foi observado muitas vezes durante as materializações. Compararam-no ao cordão umbilical. O Sr. Dassier o equipara a uma rede vascular fluídica, pela qual passa a matéria física, em particular estado de eterização. Verifica-se a presença desse liame, durante os desdobramentos naturais, pela repercussão das alterações do corpo perispírítico sobre o corpo material (213), como se dava nas experiências do Sr. de Rochas. Aqui, é entre o Espírito e o médium que existe aquele laço, e é natural, porquanto é neste último que a materialização haure a matéria e a energia, que emprega para se manifestar.

A propósito das moldagens de materializações, o Sr. Aksakof faz uma ponderação das mais significativas, no tocante à proveniência da matéria física de que é formada a aparição.

Do ponto de vista das provas orgânicas, eu não poderia guardar silêncio, diz ele, sobre uma observação que fiz: Examinando atentamente o gesso da modelação da mão de Bertie e comparando-o ao gesso da do médium, notei com surpresa que a mão de Bertie, embora roliça como a de uma moça, apresentava, pelo aspecto do dorso, sinais indicativos da idade. Ora, o médium era uma mulher idosa, que morreu pouco tempo depois da experiência. Eis ai um detalhe que nenhuma fotografia pode registrar e que prova de modo evidente que a materialização se efetua a expensas do médium e que

o fenômeno é devido a uma combinação de formas orgânicas existentes, como elementos formais introduzidos por uma força organizadora, estranha, força que é a que produz a materialização. Por isso mesmo, vivo prazer experimentei ao saber que o Sr. Oxley fizera as mesmas observações, conforme se depreende de uma carta sua, de 20 de fevereiro de 1876, relativa a uns moldes que obtivera e me enviava.

Coisa curiosa, escreveu ele: sempre se reconhecem nas modelações os sinais distintivos da mocidade e da velhice. Prova isso que os membros materializados, embora conservem a forma juvenil, apresentam particularidades que traem a idade do médium. Se examinardes as veias da mão, encontrareis indícios característicos que indiscutivelmente se relacionam com o organismo do médium.

Se é exata essa teoria, isto é, se uma parte da matéria do corpo materializado é tomada do médium, deve este necessariamente experimentar uma diminuição de peso. É precisamente o que sucede, como se há muitas vezes comprovado.

Diz a Sr.a Florence Marryat:

Vi a Srta. Florence Cook colocada sobre a máquina de uma balança de pesar, construída para esse fim pelo Sr. Crookes, e verifiquei que a médium pesava 112 libras. Logo, porém, que o Espírito se materializava completamente, o peso do corpo da médium ficava reduzido à metade, a 56 libras. (214)

Agora, uma observação do Sr. Armstrong, em carta dirigida ao Sr. Kenivers:

Assisti a três sessões organizadas com a Srta. Wood, nas quais foi empregada a balança do Sr. Blackburn. Pesaram o médium e conduziram-no em seguida ao gabinete. Três figuras apareceram, uma após outra e subiram à balança. Na segunda sessão, o peso variou entre 34 e 176 libras, representando este último algarismo o peso normal do médium. Na terceira sessão, um só fantasma se apresentou, oscilando o seu peso entre 83 e 84 libras. São muito concludentes estas experiências de pesagens, a menos que as forças ocultas zombem de nós.

Contudo, seria interessante saber o que restará do médium no gabinete, quando o fantasma tem o mesmo peso que ele. Comparados aos de outras experiências do mesmo gênero, ainda mais interessantes se tornam estes resultados.

Numa sessão de controle com a Srta. Fairlamb, esta foi, por assim dizer, cosida numa maca, cujos suportes eram providos de um registrador que marcava todas as oscilações do seu peso, passando-se tudo sob as vistas dos assistentes. Após breve expectativa, comprovou-se uma diminuição gradual do peso, até que, por fim, uma figura apareceu e passou por diante dos assistentes. Enquanto isso, o registrador indicava uma perda de 60 libras no peso da médium, ou seja, de metade do seu peso normal. Quando o fantasma começou a desmaterializar-se, entrou o peso da médium a aumentar e, ao termo da sessão, como resultado final, ela perdera de três a quatro libras. Não é uma prova de que, para as materializações, uma parte da matéria é fornecida pelo organismo do médium? (215)

Isto nos parece certo, mas, há casos em que uma parte é também tomada aos que assistem à experiência. Num livro intitulado: Um caso de desmaterialização parcial do corpo de um médium (pág. 15), o Sr. Aksakof relata que a Sr.a d'Espérance adoecia depois da sessão, se algum dos assistentes houvesse fumado ou ingerido bebida alcoólica. Nesse livro, responde-se à pergunta relativa ao que resta do médium, quando tão grande quanto o seu é o peso das aparições. Resta apenas o perispírito, que é, por sua natureza, invisível, de sorte que, se alguém penetrar no gabinete, o encontrará vazio. É, pelo menos, o que afirma o Sr. Olcott, em virtude das suas experiências com a Sr.a Compton (216). Com a Sr.a d'Espérance, a desmaterialização observada numa sessão em Helsingfors, no ano de 1893, não foi tão completa; mas, como resultado das investigações rigorosas a que procedeu ao sábio russo, ficou provado que a metade inferior do corpo da médium desaparecera. O engenheiro Seiling diz:

É extraordinário: vejo a Sr` d'Espérance e ouço-a falar; apalpando, porém, a cadeira que ela ocupa, encontro-a vazia; ela ai não está; estão, apenas, as suas roupas.

A mesma comprovação chegaram o general Toppélius e cinco dos assistentes. Os que se achavam mais próximos da Sr.a d'Espérance, distantes dela poucos centímetros, lhe viram o vestido, que pendia à frente da cadeira, como de um cabide, ao passo que seu busto se mantinha visível tal qual era, entufar-se insensivelmente, até retomar o volume normal, ao mesmo tempo em que seus pés se tornaram visíveis.

Nem sempre é tão completa a desmaterialização do médium, pois há casos em que a aparição e o médium são simultaneamente tangíveis, por todo o tempo de duração do fenômeno.

Resulta do que temos exposto que reveste a alma um envoltório físico invisível e imponderável, mas que possui a força organizadora da matéria, pois que esta, tirada do médium, se modela segundo o desenho corpóreo do Espírito. No estado atual da ciência, não nos é, de modo algum, fácil explicar estes fenômenos. Todavia, se é certo que ainda não os podemos compreender, não menos certo é que eles nada têm de sobrenaturais e talvez seja possível que, examinando-se com atenção as ciências em sua filosofia, se formulem pareceres, cujo valor, maior ou menor, o futuro patenteará. Seja, porém, como for, pelo que toca à explicação, não há contestar que os fatos são verdadeiros e se acham bem comprovados. Ora, isto é o essencial.

A imortalidade da alma

Nada se pode acrescentar à Natureza, diz Tyndall, e nada se lhe pode subtrair. É constante a soma das suas energias e tudo o que o homem pode fazer, na pesquisa da verdade, ou na aplicação das ciências físicas, é mudar de lugar as partes constituintes de um todo que nunca varia e com uma delas formar outra.

A lei de conservação exclui rigorosamente a criação e a nulificação; o número pode substituir a grandeza e a grandeza o número; asteróides podem aglomerar-se em sóis; podem sóis resolver-se em floras e faunas; faunas e flores podem dissipar-se em gases; a potência em circulação é perpetuamente a mesma. Rola em ondas de harmonia através das idades e todas as energias da Terra,

todas as manifestações da vida, tanto quanto o desdobramento dos fenômenos não são mais do que modulações ou variações de uma melodia celeste.

Vemos, pois, que temos de considerar tudo o que existe atualmente, matéria e força, como rigorosamente eterno; o que muda é a forma. As palavras criação e destruição perderam o sentido primitivo; significam unicamente passagem de uma forma a outra. Quando um ser nasce ou um corpo se produz, diz-se que há criação; chama-se destruição ao desaparecimento desse ser ou desse corpo, mas, a matéria e a força que o formavam nenhuma alteração experimentaram e prosseguem o curso de suas metamorfoses infinitas. A alma inteligente conserva a substância de sua forma etérea, que é imperecível, do mesmo modo que a matéria. Um ser vivo, quando nasce, apodera-se, em proveito seu, de certas combinações químicas que constituem o seu alimento. É um empréstimo que toma ao grande capital disponível da Natureza. Desenvolve-se, assimilando uma quantidade cada vez maior de matéria, até completar o seu desenvolvimento. Depois, mantém-se estável durante a idade viril e, em chegando a velhice, com o tornar-se maior a desassimilação do que a regeneração pela nutrição, ele restitui à terra o que lhe tomara. Pela morte, restitui integralmente o que recebera.

Em suma, que é o que desaparece? Não é a matéria, é a forma que individualizava essa matéria. E essa forma é destruída? Não, responde o Espiritismo, e o prova, demonstrando que ela sobrevive à destruição do envoltório carnal e, o que ainda mais é, demonstrando ser absolutamente impossível o seu aniquilamento. Eis como:

Se o corpo físico se decompõe por ocasião da morte, isso se dá por ser ele heterogêneo, isto é, formado pela reunião de muitas partes diversas. Quanto mais elementos um corpo contém, tanto mais instável é ele quimicamente. Os compostos quaternários do reino animal são essencialmente proteiformes, porque neles o movimento molecular - muito complicado, pois resulta dos de seus componentes - pode mudar sob a influência de fracas forças exteriores. Nos corpos vivos, os tecidos são comparáveis a esses

pós-explosivos que a menor centelha basta para inflamar. Estão constantemente a decompor-se por efeito das ações vitais e a reconstituir-se por meio do sangue (217). O organismo humano é um perpétuo laboratório, onde as mais complicadas ações químicas se executam incessantemente, sob as mais fracas excitações exteriores.

No mundo mineral já não é assim. Muito mais estáveis são as combinações, sendo às vezes necessário o emprego de meios enérgicos para separar dois corpos que muito facilmente se unem um ao outro. Assim, sem dificuldade alguma, um pedaço de carvão se combina com o oxigênio, para formar o ácido carbônico. Pois bem: faz-se mister uma temperatura de 1.200 graus para, em seguida, separar do carbono o oxigênio. Vê-se, pois, que quanto menos fatores entram numa combinação, tanto mais estável é ela.

No que concerne aos corpos simples, tem-se verificado que nenhuma temperatura, neste mundo, é capaz de os decompor. Unicamente o enorme calor do Sol o consegue com relação a alguns deles. Fácil então se nos torna compreender que a matéria primitiva, donde eles provieram, é absolutamente irredutível e, como não pode aniquilar-se, é rigorosamente indestrutível. Essa matéria primordial, em que a alma se acha individualizada, constitui a base do universo físico, gozando do mesmo estado de perenidade o perispírito, que é dela formado.

Por outro lado, a alma é uma unidade indivisível.

Vimos, na primeira parte deste volume, que as almas de Pascal e de Vergílio se mostraram a médiuns sob uma aparência física que reproduzia a que ambos tiveram neste mundo. Não está aí uma prova positiva de que nada se perde do envoltório fluídico e que, assim como aqui na Terra uma lembrança não pode desaparecer, também no espaço nenhuma forma pode aniquilar-se? Todas as que a alma revestiu se conservam em estado virtual e são imperecíveis.

A alma se encontra unida à substância perispírítico, que coisa nenhuma pode destruir, visto que, pelo seu estado físico, ela é o último termo das transformações possíveis: ela é a matéria em si. Nem os milhões de graus de calor dos sóis ardentes, nem os frios do

espaço infinito têm ação sobre esse corpo incorruptível e espiritual. Somente a vontade o pode modificar, não, porém, mudando-lhe a substância, mas expurgando-a dos fluidos grosseiros de que se satura no começo de sua evolução. É a grande lei do progresso, que tem por fim depurar essa massa, despojar esse diamante, a alma, da ganga impura que a contém. As vidas múltiplas são o cadinho purificador. A cada passagem por ele, o Espírito sai do invólucro corpóreo mais purificado e, quando há vencido as contingências da matéria, acha-se liberto das atrações terrenas e desfere o vôo para outras regiões menos primitivas.

Nesse mundo do espaço, nesse meio imponderável, onde vibra toda a gama dos fluidos, um único poder existe soberano: o da vontade. Sob a sua ação potente, a matéria fluídica se lhe curva a todas as fantasias. A alma que se haja tornado bastante sábia para os manipular realiza tudo o que lhe possa aflorar à imaginação, não passando as formas terrestres de pálidos reflexos de tudo isso. Veremos em breve que essa vontade pode mesmo atuar sobre a matéria tangível, em certas condições que vamos determinar.

QUARTA PARTE
ENSAIO SOBRE AS CRIAÇOES FUIDICAS DA VONTADE

CAPITULO ÚNICO

ENSAIO SOBRE AS CRIAÇOES FLUIDICAS PELA VONTADE

SUMARIO: À vontade. - Ação da vontade sobre o corpo. - Ação da vontade a distancia. - Ação da vontade sobre os fluidos. - Conclusão.

Um fenômeno absolutamente geral, comprovado em todas as aparições, é que estas se mostram sempre com os trajes que o paciente costuma usar, quando elas resultam de um desdobramento, ao passo que se apresentam envoltas em largos panos, quando é a alma de um morto que se manifesta. Para explicarmos a produção dessas aparências, necessário se faz digamos o que entendemos por - vontade - e mostremos que não só a vontade existe realmente, como faculdade da alma, mas também que exerce seu poder, durante a vida, fora do corpo terrestre e, a fortiori, além do perispírito no espaço.

A vontade

A palavra vontade dá lugar às vezes a mal-entendidos, decorrentes, sem dúvida, de não se ter bastante cuidado em distinguir a intenção ou o desejo de fazer uma coisa do poder de a executar. Quando um indivíduo paralítico das pernas quer caminhar, é-lhe impossível mover os músculos da locomoção. Ele realmente quer, mas, em virtude de uma ação mórbida, sua vontade não se executa. Por outro lado, na linguagem médica, diz-se, a propósito de uma paralisia histérica, que a vontade está paralisada, para significar que não há, em realidade, da parte do doente, intenção ou desejo de mover os membros do corpo.

As dificuldades, porém, não se limitam ao emprego dessa palavra em dois sentidos opostos; as opiniões igualmente divergem, quando se lhe quer conhecer a natureza. Os materialistas, que fazem da sensação a base do espírito humano e que não admitem para a alma uma existência independente; que consideram as faculdades da alma simples produtos da atividade do cérebro, apenas vêem na vontade o termo final da luta de dois ou muitos estados opostos de consciência. Para essa escola, a vontade é uma resultante de atos físicos mais ou menos complexos. Carece de existência própria.

Nós, que sabemos ser a alma uma realidade com o poder de manifestar-se independente de toda matéria organizada, sustentamos que a vontade é uma faculdade do espírito; que ela existe

positivamente como potência; que sua ação se revela claramente na esfera do corpo e que pode mesmo projetar a distância sua energia, como os fatos o vão demonstrar.

Ação da vontade sobre o corpo

É manifesta, para toda gente, a influência da vontade sobre os músculos (218) : queremos levantar um braço, ele executa o movimento, constituindo esse ato um exemplo trivial da ação da alma sobre o corpo. Há, porém, casos notáveis em que o seu poder se exerce sobre partes do organismo que pareciam excluídas da sua dominação.

Não é impossível que a vontade atue por ação direta sobre o coração e os músculos lisos da vida orgânica. Aqui está um exemplo. (219)

Um distinto membro da Sociedade Real de Londres, o Sr. Fox conseguia, por voluntário esforço, aumentar de dez a vinte por minuto os batimentos do seu pulso. Também o Sr. Hack Tuke fez a mesma experiência: pelo espaço de dois minutos mais ou menos, as pulsações, que a princípio eram regulares, se elevaram de 63 a 82.

Pelo exercício, desenvolve-se o poder da vontade. Sabe-se, por narrativas autênticas, que os faquires podem, voluntariamente, pôr-se em estado cataléptico, fazer-se enterrar num subterrâneo e voltar à vida ao cabo de alguns meses de sepultamento. Este fato não é desconhecido na Europa. Poderíamos citar muitos casos de letargia voluntária, devidas ao coronel Townsend. O que se segue foi testemunhado por três doutores, os Srs. Chayne, Baynard e Skrine.

O pulso, diz o Dr. Chayne era bem acentuado, conquanto fraco e filiforme; o coração batia normalmente. O coronel deitou-se de costas e permaneceu calmo por alguns instantes. Notei que seu pulso enfraquecia gradativamente, até que, por fim, malgrado à mais minuciosa atenção, deixei de percebê-lo. O doutor Baynard, por seu lado, não conseguia perceber o menor movimento do peito e o Sr. Skrine não logrou notar a mais ligeira mancha produzida sobre o espelho reluzente por ele mantido diante da boca do coronel. Cada

um de nós, a seu turno, lhe examinou o pulso, o coração e a respiração. Porém, apesar das mais severas e rigorosas pesquisas, não nos foi possível descobrir o mais ligeiro sinal de vida.

Iam os três retirar-se, convencidos de que o paciente morrera, quando um ligeiro movimento do corpo os tranqüilizou. Pouco a pouco o coronel voltou à vida. Durara meia hora a letargia.

Esse poder da alma sobre o corpo pode chegar até a vencer a enfermidade. Multas vezes, uma vontade enérgica consegue restabelecer a saúde, com exclusão dos efeitos da imaginação ou da atenção. Damos aqui o relato da cura de uma enfermidade grave, a raiva:

O Sr. Cross foi gravemente mordido por um gato, que, no mesmo dia, morreu hidrófobo. A princípio, ele pouca atenção deu a essa circunstância, que, sem dúvida, em nada lhe perturbou a imaginação ou o sistema nervoso. Três meses, no entanto, depois do acidente, sentiu, certa manhã, forte dor no braço, ao mesmo tempo em que grande sede. Pediu um copo dágua.

No momento, porém, diz ele, em que eu ia levar o copo aos lábios, senti na garganta violento espasmo. Logo se me apoderou do espírito a terrível convicção de que me achava atacado de hidrofobia, em conseqüência da mordedura do gato. E indescritível a angústia que experimentei durante uma hora. Era-me quase intolerável a idéia de tão terrível morte. Senti uma dor que começou na mão e ganhou o cotovelo, depois a espádua, ameaçando estender-se mais. Percebi que seria inútil qualquer assistência humana e acreditei que só me restava morrer.

Afinal, pus-me a refletir sobre a minha situação. Pensei comigo mesmo que tanto eu podia morrer, como não morrer; que, se houvesse de morrer, teria a sorte que outros tinham tido e outros ainda terão e que me cumpria afrontar a morte como homem; que se, por outro lado, me restasse alguma possibilidade de conservar a vida, um único era, para mim, o meio de o conseguir: firmar as minhas resoluções, enfrentar o mal e exercer esforços enérgicos sobre o meu espírito. Conseguintemente, compreendendo que precisava de exercício ao mesmo tempo intelectual e físico, tomei do

meu fuzil e sal a caçar, sem embargo da dor que continuava a sentir no braço.

Em resumo, não encontrei caça, mas caminhei durante toda a tarde, fazendo, a cada passo que dava, um rigoroso esforço de espírito contra a moléstia. Retornando a casa, achava-me realmente melhor. Ao jantar, pude comer e beber água, como de ordinário. No dia seguinte de manhã, a dor recuara para o cotovelo; no dia imediato, retrocedera para o pulso e no terceiro dia desaparecera. Falei do caso ao Dr. Kinglake. Disse-me que, na sua opinião, eu sofrera, indubitavelmente, um ataque de hidrofobia, que me poderia ter sido fatal, se eu não houvera reagido energicamente contra ele, por vigoroso esforço do espírito. (220)

O espírito precisa, às vezes, de um suplemento de força, para agir eficazmente sobre o corpo. No hipnotismo, podem considerar-se as injunções imperativas do operador como o estimulante necessário. Lembraremos, de memória, as experiências do Sr. Focachon (221) e dos Srs. Bourru e Burot.

O farmacêutico de Charmes aplica na espádua de seu paciente alguns selos do correio e passa-lhes por cima, a fim de segurá-los, umas tiras de diaquilão e uma compressa, sugerindo-lhe, ao mesmo tempo, que lhe aplicara um vesicatório. O paciente fica sob vigilância. Depois de vinte horas, retiraram o penso, que se conservara intacto. No lugar, a pele, espessada e macerada, apresentava uma cor azul-amarelado, estando a região cercada de uma zona de intensa vermelhidão, com intumescimento. Esse estado verificaram-no os Srs. Liégeols, Bernheim, Liébault, Beaunis. Pouco mais tarde sobreveio a supuração.

Tão grave perturbação orgânica fora causada pela vontade, atuando como elemento material sobre os tecidos do corpo. Na Salpétrière, o Sr. Charcot e seus alunos ocasionaram queimaduras por sugestão. Finalmente, os Srs. Bourru e Burot (222) conseguiram produzir, à vontade, estigmas no corpo de um paciente. A hora que os operadores determinavam, o corpo do paciente sangrava nos lugares que eram tocados por um estilete sem ponta. Letras traçadas

na carne se desenhavam em relevo, de um vermelho vivo, sobre o fundo pálido da pele. (223)

Prova isto à evidência que a vontade de um operador pode mudar a matéria do corpo de um paciente, em sentido favorável ou nefasto ao indivíduo, conforme a direção que se lhe imprima.

Poderíamos também citar o caso do célebre Edward Irwing que se curou, pela ação da vontade, de um ataque de cólera, durante a epidemia de 1832. (224)

O poder da vontade se exerce igualmente sobre as sensações. Jacinto Langlois, distinto artista, intimo de Talma, narrou ao Dr. Brierre de Boismont que esse grande ator lhe referira que, quando estava em cena, tinha o poder, pela força da sua vontade, de fazer desaparecessem as vestes do seu numeroso e brilhante auditório e de substituir essas personagens vivas por outros tantos esqueletos. Logo que a sua imaginação enchera assim a sala daqueles singulares espectadores, a emoção que em conseqüência experimentava lhe imprimia tal força ao jogo cênico, que muitas vezes os mais empolgantes efeitos se produziam. (225)

Não é único este fato: Goethe também conseguia ter visões voluntárias e sabe-se que Newton podia obter para si, à vontade, a imagem do Sol. O Dr. Wigan faz menção de uma família, cada um de cujos membros possuía a faculdade de ver mentalmente, sempre que o queria, a imagem de um objeto e de fazer deste, de memória, um desenho mais ou menos exato.

Esse poder da vontade, que se exerce sobre o corpo com tanto império, quando a pessoa sabe servir-se dele, também tem ação determinada sobre outros organismos. Vamos mostrá-lo experimentalmente.

Ação da vontade a distância

A influência da vontade de um hipnotizador sobre o seu paciente é fato que hoje dispensa qualquer demonstração. A sugestão, cujas formas são tão variadas, tornou incontestável a ação que, sobre o espírito de um paciente sensível, exerce uma ordem

formulada de modo imperativo. Essa ordem se grava no espírito do paciente e pode fazê-lo executar todos os movimentos, dar-lhe todas as alucinações dos sentidos, como lhe pode perturbar as faculdades intelectuais e, até, aniquilá-las completamente, por certo tempo. Os tratados sobre hipnotismo estão cheios de exemplos desse gênero de ações voluntárias. O que queremos mostrar aqui é o que foi com muita freqüência contestado: a ação da vontade, a distância. Os antigos magnetizadores lhe haviam revelado a existência e os modernos experimentadores, sem embargo da repugnância que manifestam, terão que se resignar a confessá-la. É, aliás, o que fazem os mais sinceros.

Aqui estão dois fatos, buscados em fontes de confiança, que mostram, sem contestação possível, a influência da vontade a exercer-se fora dos limites do organismo.

No seu célebre relatório à Academia, refere assim o Dr. Husson o primeiro deles:

A Comissão se reuniu no gabinete de Bourdais, a 6 de outubro, ao meio-dia, hora em que chegou o Sr. Cazot (o paciente). O Sr. Foissac, o magnetizador, fora convidado a comparecer às 12h30m. Ele se conservou no salão, sem que Cazot o soubesse e sem nenhuma comunicação conosco. Foi-lhe dito, no entanto, por uma porta oculta, que Cazot se achava sentado num canapé, distante dez pés de uma porta fechada, e que a Comissão desejava que ele, magnetizador, adormecesse o paciente e o despertasse àquela distância, permanecendo no salão e Cazot no gabinete.

As 12h37m, estando Cazot atento à conversação que entabuláramos, ou a examinar os quadros que adornam o gabinete, o Sr. Foissac, colocado no compartimento ao lado, começa a magnetizá-lo. Notamos que ao cabo de quatro minutos Cazot pisca ligeiramente os olhos, inquieto, e que, afinal, decorridos nove minutos adormece ...

O resultado é positivo, com exclusão de toda suspeita, dado que se produziu diante de investigadores pouco crédulos e de toda a competência exigida para se pronunciarem com conhecimento de

causa. Cedamos agora a palavra ao Sr. Pierre Janet, cujos trabalhos sobre o hipnotismo têm autoridade no mundo sábio. (226)

Pode-se adormecer o paciente sem o tocar, por uma ordem não expressa, mas apenas pensada diante dele. Numa nova série de experiências, cuja narrativa ainda não está publicada, após longa educação do paciente, cheguei eu próprio a repetir à vontade esse curioso fenômeno. Oito vezes de seguida, tentei adormecer a Sra. B. . ., de minha casa, tomando todas as precauções possíveis para que ninguém fosse prevenido da minha intenção e variando de cada vez a hora da experiência. De todas às vezes, a Sra. B... adormeceu de sono hipnótico, alguns minutos depois de haver eu começado a pensar nisso. A verificação do fato havia naturalmente de provocar nova suposição. Pois que a sugestão mental podia adormecer a Sra. B. achando-se ela em estado de vigília, a mesma sugestão deveria fazê-la passar de uma fase do sono a outra.

Era fácil verificá-lo, desde que a Sra. B. . . Estivesse em sonambulismo letárgico. Enquanto eu lhe fazia sempre as sugestões mentais, sem a tocar, sem lhe soprar nos olhos, sem exercer sobre ela qualquer ação física, pus-me apenas a pensar: Quero que durma. Ao cabo de alguns instantes, entrava ela em letargia sonambúlica. Repito a mesma ordem mental, ela suspira e ei-la em letargia cataléptica. De cada vez que formulo esse pensamento, transpõe ela um novo estado. O pensamento do magnetizador pode, pois, por uma influência inexplicável, mas que é aqui imediatamente verificável, fazer que o paciente percorra as diferentes fases, num sentido ou noutro.

Sabe-se com quanto cuidado os Srs. Ochorowicz, Myers, Richet, De Dusart, Dr. Moutin, Boirac, Paul Joire, etc., realizaram essas experiências. E portanto certo que a sugestão pode ser exercida a distância. (227)

O Sr. Janet reconhece aqui a ação da vontade sem contacto material com o paciente; entretanto, para se escusar de tão grande audácia aos olhos dos seus doutos correligionários, apressa-se a dizer que o fato é inexplicável. Mas, porque, se faz favor? Sabemos que o ser humano possui uma força nervosa que pode exteriorizar-se

e nem as experiências de Crookes sobre as forças psíquicas, nem as do Sr. de Rochas foram, que nos conste, demonstradas falsas. Por outro lado, não é certo também que a telegrafia sem fio deixou de ser um mito e constitui um fato experimentalmente demonstrado? Assim, entre o Sr. Janet e o paciente que recebeu uma educação bastante prolongada, um laço fluídico se criou, que transmite ao segundo a vontade do primeiro, sem dúvida do mesmo modo por que os raios luminosos do fotofono de Graham Bell transportavam as ondas magnéticas que, provavelmente, são mais materiais do que as do pensamento.

E, em verdade, curioso observar como os experimentadores filiados a uma certa escola se exasperam diante dos fatos. Quando são suficientemente honestos para reconhecê-los reais e têm a coragem de proclamá-los tais, como o Sr. P. Janet, imediatamente se tomam de escrúpulos e procuram desculpar-se da grande ousadia que tiveram de pôr um pé no terreno vedado. Nós, muito felizmente, não padecemos da mesma timidez; podemos interpretar livremente os fenômenos e dar-lhes todo o valor que comportam. E que, malgrado a todas as negações, estamos absolutamente certos de que a alma tem existência independente, apoiando-se a nossa crença em vinte anos de investigações severas, cujos resultados hão merecido a sanção dos mais incontestados mestres em todos os ramos da ciência. Podemos, pois, proclamar desassombradamente a verdade de tais resultados, sem temor de que o futuro nos desminta.

Que é feito dos anátemas, zombeteiros ou solenes, lançados, vai para cinqüenta anos, pelos cépticos e pelos pseudo-sábios? Foram juntar-se, no país do esquecimento, a todas as hipóteses mal nascidas, às teorias cambaleantes, cujo passageiro êxito elas a deveram unicamente aos nomes de seus inventores e que se acham hoje completamente olvidadas.

O Espiritismo, qual vigorosa árvore, precisou desse húmus para se desenvolver e, segundo uma palavra célebre, ele se eleva alto e forte sobre as ruínas do materialismo agonizante.

IX A ação da vontade sobre os fluidos

Eis agora armados de todos os conhecimentos necessários a explicar como os Espíritos se apresentam revestidos de túnicas, de amplas roupagens, ou, mesmo, de suas roupas costumeiras. Precisávamos demonstrar o poder da vontade fora do corpo. Fizemo-lo. Sabemos que os fluidos são formas rarefeitas da matéria, temos pois, ao nosso alcance, todos os documentos necessários. Aqui está, agora, a teoria espírita relativa a esse gênero de fenômenos.

O Espírito haure, da matéria cósmica ou fluido universal, os elementos de que necessita para formar, à sua vontade, objetos que tenham a aparência dos diversos corpos existentes na Terra. Pode igualmente, pela ação da sua vontade, operar na matéria elementar uma transformação intima, que lhe dá certas propriedades. Essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce, quando necessário, como um ato instintivo, sem dele se aperceber. Os objetos que o Espírito forma têm existência temporária, subordinada à sua vontade ou a uma necessidade. Pode fazê-los e desfazê-los a seu bel-prazer. Em certos casos, tais objetos assumem, aos olhos de pessoas vivas, todas as aparências da realidade, isto é, tornam-se momentaneamente visíveis e, mesmo, tangíveis. Há formação, porém, não criação, porquanto do nada o Espírito nada pode tirar.

Nos exemplos que aduzimos, a criação das vestes é atribuível a uma ação inconsciente, mas real, do Espírito, que materializou suficientemente aqueles objetos, para os tornar visíveis. A ação é a mesma que nos casos de materialização. É de notar-se, nas experiências de Crookes, que Katie King se mostra envolta em panos que podem ser tocados, mas que desaparecem com ela., Finda a manifestação.

Poder-se-á admitir que o Espírito crie inconscientemente imagens fluídicas, ou, por outra, que seu pensamento, atuando sobre os fluidos, possa, a seu mau grado, dar-lhes existência real? Sabemos, de fonte pura, que, voluntariamente, um objeto ou uma criatura podem ser representados mentalmente, de modo bastante real, para que um médium vidente chegue a descrever essa idéia.

Fomos testemunha várias vezes desse fenômeno e daqui a pouco veremos que experiências feitas com pacientes hipnóticos estabelecem a objetividade dessas formações mentais. E involuntariamente, será possível? Os estados do sonho como que indicam de que maneira a ação se executa.. Quando temos um sonho lúcido, habitualmente nos achamos nele vestidos de um modo qualquer, o que provém da circunstância de estar a idéia de vestes associada sempre, de forma inteira, à imagem da nossa pessoa.

Se pensamos numa reunião de gala ou numa festa à noite, vemo-nos em trajes de cerimônia, como nos vemos em trajes caseiros se pensamos no nosso domicílio. Essa imagem, se exteriorizasse bastante, pareceria vestida. Podemos, pois, imaginar que nos casos de desdobramentos, que são objetivações inconscientes, a imagem das vestes acompanha sempre o Espírito e experimenta, como ele, um começo de materialização.

O mesmo se dá com os objetos usuais de que costumamos servir-nos: logo que neles pensamos, temos as suas representações mentais, que se pode projetar fluidicamente no espaço. É o que se passa no sonho, com a diferença de que tais produtos da Imaginação, em geral, pouco duram. Há caso, no entanto, em que essas representações mentais persistem por certo tempo e se objetivam. Um exemplo (228)

Um de meus amigos, diz Bodi, viu, certa manhã, ao despertar, de pé junto à sua cama, uma personagem vestida à moda persa Ele a via tão nitidamente, tão distintamente, como as cadeiras ou as mesas do quarto. Esteve, por isso, quase a levantar-se, para verificar de perto o que era aquele objeto, ou aquela personagem. Olhando, porém, com mais atenção, verificou que, ao mesmo tempo em que via a personagem tão bem quanto possível, igualmente via, com a maior nitidez, por trás dela, a porta do quarto. Ao descobrir isso, a visão sumiu-se. Lembrou-se então o meu amigo de que tivera um sonho no qual o principal papel coubera à imagem de um persa. Tudo assim se explicava de maneira satisfatória: tornava-se evidente que o sonho fora o ponto de partida da visão e que aquele, de certa forma, continuara depois do despertar. Houvera, portanto,

simultaneamente, percepção de um objeto imaginário e percepção de um objeto real.

Essa criação fluídica, essa espécie de fotografia mental mais ou menos persistente no espaço, também se revela nos casos seguintes:

O fisiologista Gruithuisen teve um sonho em que viu principalmente uma chama violácea que, durante certo tempo após haver ele despertado, lhe deixou a impressão de uma mancha amarela complementar.

O Sr. Galton publicou uma memória sobre a faculdade de ver números, de figurá-los imaginativamente, como se tivesse existência real. Cita notadamente o Sr. Bilder, que fez extraordinários prodígios no tocante a esse cálculo mental e que, de certa forma, consegue ver, pelos seus centros sensórios, números claramente traçados e colocados em bem determinada ordem. (229)

Eis agora uma série de experiências que parecem deixar firmado que a criação fluídica é uma realidade. Essas experiências foram feitas pelos Srs. Binet e Ferré (230), que, entretanto, é ocioso dizê-lo, explicam os fatos por meio da alucinação. Teremos ocasião de julgar se há cabimento para semelhante hipótese.

Examinemos em primeiro lugar um fenômeno que pode produzir-se em estado normal, ou por uma operação mental, ou, ainda, por sugestão, e nos será fácil demonstrar que, para a mesma experiência, produzida pela mesma causa, a explicação daqueles senhores passa a ser diferente, desde que nelas toma parte o hipnotizado.

1 - O estado normal. Sabe-se que, posto um objeto colorido diante de um fundo preto, se o olharmos fixamente durante certo tempo, em breve a nossa vista estará cansada e a intensidade da cor se enfraquece. Se dirigirmos então o olhar para um cartão branco, ou para o forro da casa, perceberemos uma imagem do objeto, mas de cor complementar, isto é, que formaria o branco, se achasse reunida à do objeto. Sendo vermelho o objeto, a imagem é verde e vice-versa.

2 - O estado mental. Se, com os olhos fechados, conservarmos a imagem de cor muito viva fixada por muito tempo diante do

espírito e se, depois, abrindo bruscamente os olhos, os dirigirmos para uma superfície branca, veremos aí, por um instante, a imagem contemplada em imaginação, porém, na cor complementar. O experimentador chega, pois, a figurar para si a idéia do vermelho, de modo muito intenso, para ver, ao cabo de alguns minutos, uma mancha verde sobre uma folha de papel. (231)

Para que esta experiência tenha sentido, preciso se faz que o Espírito veja realmente as cores vermelhas, sem o que a cor complementar não aparecerá, pois que o operador não está hipnotizado. É indispensável que o olho seja impressionado, como o é normalmente, para dar a cor complementar. Se não for o olho, será um ponto correspondente dos centros nervosos. O esforço para criar o vermelho acaba certamente numa ação positiva, porquanto se traduz objetivamente pela mancha verde sobre o papel.

3 - Sugestão. Pede-se ao doente em estado sonambúlico que olhe com atenção para um quadrado de papel branco, em cujo centro há um ponto preto, a fim de lhe imobilizar o olhar.

Sugere-se-lhe, ao mesmo tempo, que aquele pedaço de papel é de cor vermelha ou verde, etc. Ao fim de alguns instantes, apresenta-se-lhe um segundo quadrado de papel, tendo também, ao centro, um ponto preto. Bastará, então, atrair a atenção do doente sobre esse ponto, para que ele espontaneamente exclame que o ponto está no meio de um quadrado colorido e a cor que indica é a complementar da que se lhe mostrou por sugestão.

Ainda neste caso dizemos que há produção real da cor, ou diante dos olhos do hipnotizado, ou nos centros cervicais que lhes correspondem, porquanto ele ignora absolutamente a teoria das cores complementares. Se essa teoria se acha assim verificada, como de fato acontece, é que a cor sugerida existe na realidade, quer exteriormente ao paciente, quer interiormente, se o preferirem. Uma idéia abstrata não pode afetar os centros visuais e dar-lhes a impressão da realidade. Houve, pois, criação fluídica de uma cor vermelha e esta, se bem que produzida pela vontade, atua como se fosse visível para toda gente.

Pode-se chamar alucinação a essa sensação; mas, será preciso então acrescentar que é uma alucinação verídica, como a das aparições, visto que determinada por uma cor que tem existência própria, embora seja invisível para seres cujo sistema nervoso não se ache em estado de percebê-la.

Examinemos agora as outras experiências. Dizem textualmente os Srs. Binet e Ferré:

O objeto imaginário que figura na alucinação é percebido nas mesmas condições em que o seria, se ele fosse real.

Exemplo: Se por sugestão se faz aparecer um retrato sobre um cartão, cujas duas faces sejam de aparências inteiramente idênticas, a Imagem será sempre vista sobre a mesma face do cartão e, qualquer que seja o sentido em que se lhe apresente, a hipnotizada saberá sempre colocar as faces e os bordos na posição que ocupavam no momento da sugestão, de tal modo que a imagem não fique invertida, nem inclinada. Se Inverterem as faces do cartão, o retrato deixará de ser visto. Se inverterem apenas os bordos, o retrato será visto de cabeça para baixo. Nunca a hipnótica é apanhada em falta. Quer se lhe cubram os olhos, quer se mudem as posições do objeto, operando por detrás dela, as respostas são sempre perfeitamente conformes à localização primitiva.

Se, depois de misturar com vários outros o papelão sobre que figura um retrato imaginário, o paciente for despertado e se lhe pedir que examine a coleção assim formada, ele o faz o sem saber porquê. Em seguida, ao dar com o papelão sobre o qual se operou a sugestão, aponta a imagem que se quis que ele visse.

Quando se olham objetos exteriores, colocando diante de um dos olhos um prisma, os objetos parecem duplos e uma das imagens sofre um desvio cujo sentido e grandeza se podem calcular. Ora, eis o que se obtém durante o sono hipnótico. Se Inculca à doente a idéia de que, sobre a mesa de cor escura que lhe está na frente, há um retrato de perfil, ela, despertada, vê distintamente o mesmo retrato. Se, então, sem a prevenir, se lhe coloca um prisma diante de um dos olhos, a paciente logo se admira de ver dois perfis, sendo a imagem falsa colocada sempre de acordo com as leis da Física. Dois

dos nossos pacientes podem responder conformemente no estado de catalepsia, sem terem, no entanto, qualquer noção das propriedades do prisma. Aliás, pode-se dissimular para eles a posição precisa em que se coloca o prisma, escondendo-se-lhe os bordos. Se a base do prisma está para cima, as duas imagens ficam colocadas uma sobre a outra; se a base é lateral, as duas imagens ficam lateralmente colocadas. Enfim, pode-se aproximar suficientemente a mesa para que não seja duplicado, o que serviria de indício.

Quando se substitui o prisma por um binóculo, a imagem aumenta ou diminui, conforme o paciente olha pela ocular ou pela objetiva. Houve a precaução de dissimular a extremidade do binóculo que se lhe apresentou numa caixa quadrada, com dois furos nas faces opostas, em correspondência com os vidros. Evitou-se assim que o paciente percebesse, no campo do binóculo, objetos cujas mudanças de dimensões poderiam servir de indício. Teve-se também que pôr em foco o binóculo, para a vista do alucinado.

Continuando-se a aplicar as leis da refração, pôde-se, por meio de uma lente, aumentar o retrato sugerido. Colocado este a uma distância dupla da distância focal da lente pequena, foi ele visto invertido. Verificou-se, certa vez, com o microscópio, que se tornara enorme uma pata alucinatória de aranha.

Coloquemos agora o retrato imaginário diante de um espelho. Se houver sugerido que o perfil está voltado para a direita, no espelho ele aparecerá virado para a esquerda. Logo, a imagem refletida é simétrica da imagem alucinatória. Inverta-se pelos bordos o quadrado de papel, operando por detrás da doente: no espelho, o retrato aparece de cabeça para baixo e, circunstância digna de nota, com o perfil voltado para a direita, o que também está de acordo com as leis da óptica.

Recapitulemos: o retrato imaginário está voltado para a direita, o espelho o faz parecer voltado para a esquerda e, se inverter o papel, ele parece voltado para a direita. Aí já temos combinações que absolutamente não se inventam. Vamos, porém, complicar ainda mais a experiência. Substituamos o retrato por uma inscrição qualquer em muitas linhas. No espelho, a inscrição imaginária é lida

às avessas, isto é, invertida da direita para a esquerda. Se invertemos as bordas do papel, a inscrição é lida com inversão de cima para baixo, tornando-se última à primeira linha e cessando, ao mesmo tempo, a inversão da direita para a esquerda. Esta experiência nem sempre é bem sucedida, mas muitas vezes o é ao cabo de uma série que exclui toda suspeita de fraude. Haverá muita gente que, sabendo que a escrita é vista invertida da direita para a esquerda no espelho, se aperceba de que, invertendo-se a folha escrita, a inscrição fica invertida de cima para baixo, mas deixa de o estar da direita para a esquerda? O hipnótico zomba de todas essas dificuldades, que para ele não existem, porquanto ele vê, sem precisar de qualquer raciocínio. (232)

Como se hão de interpretar esses fenômenos? Se admitirmos que à vontade do operador cria momentaneamente, atuando sobre os fluidos, uma imagem invisível para os assistentes, mas perceptível para os olhos da histérica hipnotizada, tudo se compreende, por comportar-se o objeto invisível exatamente como o faria um objeto real. Mas, uma vez que os experimentadores não conhecem ou não crêem na nossa teoria, deixemos-lhes o encargo da explicação. Dizem eles:

Tem-se de escolher entre as três suposições:

1 - Fez-se a sugestão; o paciente soube que se lhe colocava diante dos olhos um prisma com a propriedade de desdobrar os objetos, um binóculo que lhes aumenta o tamanho, etc. Esta primeira hipótese, porém, tem de ser afastada, porquanto, é de toda evidência que a doente ignora as propriedades complexas da lupa, do prisma simples, do prisma bi-refringente e do prisma de reflexão total. Quanto aos outros instrumentos que a doente poderia conhecer, como o binóculo, houve o cuidado de dissimulá-los em estojos. Logo, a menos se suponha que o operador tenha cometido a imprudência de anunciar de antemão o resultado, deve-se considerar certo que a sugestão, assim compreendida, nenhum papel desempenhou.

2 - Os instrumentos de óptica empregados modificaram os objetos reais que se achavam no campo visual do paciente e essas

modificações lhe serviram de indícios para supô-los semelhantes no objeto imaginário. Esta segunda explicação, embora melhor do que a precedente, nos parece insuficiente. Tem contra si numerosos fatos já citados: a localização precisa da alucinação sobre um ponto que o operador não determina senão por meio de múltiplas mensurações; o reconhecimento do retrato imaginário sobre o cartão branco, misturado com seis outros cartões, para nós, inteiramente semelhantes; a inversão do retrato imaginário, pela inversão do cartão, à revelia da doente, etc. Adotaremos uma terceira hipótese já indicada

3 - A imagem alucinatória sugerida se associa a um ponto de referência exterior e material, e são as modificações que os instrumentos de óptica imprimem a esse ponto material que, de ricochete, modificam a alucinação.

A hipótese do ponto de referência, diremos nós, nada tem de compreensível, dadas as precauções, que os operadores tomam, de empregar ora uma mesa de cor escura, ora quadros ou cartões inteiramente semelhantes. Mas, suponhamos que, com efeito, haja um ponto de referência, que os instrumentos o desviem segundo as leis da óptica e que esse desvio se reproduza no espírito do paciente. Nem por isso deixa de ser verdade que as relações que liguem a alucinação a esse ponto de referência sofrem todos os desvios, todas as refrações que lhes imprimem os instrumentos, ou, por outra: a imagem ideal se reflete, se deforma, se desdobra, como uma imagem real. Ela tem, pois, uma existência objetiva.

Seja, se o quiserem, subjetivo o fenômeno e não possam outros comprová-lo; ele é, nada obstante, inegável e a sua natureza positiva se revela pelos mesmos resultados que daria quaisquer objetos materiais, submetidos às mesmas experiências.

Repetiremos, portanto, que, se a esse fenômeno se pode dar o nome de alucinação, esta é verídica, no sentido de que, conforme o dizem os Srs. Binet e Ferré, o paciente vê e o que ele vê não é um pensamento fugitivo, sem consciência, qualquer coisa de não substancial: é uma imagem, semelhante, em todos os pontos, à que seus olhos lhe retraçam todos os dias, imagem essa que, associada

em seu espírito a um elemento exterior sobre o qual podem atuar os instrumentos, se comporta como na realidade. Ela, conseguintemente, é bem alguma coisa de positivo, que deve sua existência à vontade do operador.

Se for exata a hipótese do ponto de referência, o fenômeno será subjetivo; se, ao contrário, não houver necessidade do ponto de referência, ele é objetivo, a visão se opera pelo olho, num estado especial, determinado pela hipnose. Qualquer que seja o lado por que se encare a questão, é-se conduzido, cremos, a reconhecer que a criação fluídica é um fato inegável e que, uma vez mais, o ensino dos Espíritos se confirma por fenômenos que se desconheciam, quando estas verdades nos foram reveladas.

Os magnetizadores antigos adiantaram-se aos modernos hipnotizadores na maior parte das experiências em torno das quais se faz hoje tanto ruído, mas que só são novas para os que querem ignorar as de antanho.

Eis aqui um caso de criação fluídica pela ação da vontade, em o qual não há sugestão feita ao paciente, nem, portanto, ponto de referência.

Em seu livro: O magnetismo animal, o Dr. Teste relata a seguinte experiência por ele realizada em público:

Sentado no centro do meu salão, imagino, tão nitidamente quanto me é possível, um tabique de madeira pintada, elevando-se à minha frente, até à altura de um metro. Quando essa imagem se acha bem fixada no meu cérebro, eu a realizo mentalmente por meio de alguns gestos. A Srta. Henriqueta H.....Jovem sonâmbula tão impressionável que a faço adormecer em poucos segundos, está então desperta, no compartimento ao lado. Peço-lhe me traga um livro que deve estar ao seu alcance. Ela vem, com efeito, trazendo na mão o livro; mas, em chegando ao local onde eu levantara o meu tabique imaginário, pára de súbito. Pergunto-lhe por que não se aproxima um pouco mais.

- O senhor não vê, responde ela, que está cercado por um tabique?

- Que loucura! Aproxime-se.

- Não posso, afirmo-lhe.

- Como vê esse tabique?

- Tal qual é aparentemente... de madeira vermelha... Toco-o. Que singular idéia a sua de colocar isto aqui no salão!

Tento persuadi-Ia de que está sendo vítima de uma ilusão e, para a convencer, tomo-lhe as mãos e puxo para mim; seus pés, porém, se acham colados ao assoalho; somente a parte superior do seu corpo se inclina para frente. Por fim, exclama que lhe estou comprimindo o estômago de encontro ao obstáculo.

Aqui, não há sugestão verbal; entretanto, o tabique realmente existe para a paciente.

Cremos mesmo que, em todas as alucinações naturais ou provadas, há sempre formação de uma imagem fluídica, que, no caso de enfermidade, pode decorrer do estado mórbido do paciente, ou da vontade do operador, em caso de sugestão. Quando se estuda atentamente grande número de observações, quais as que Brierre de Boismont (233) relatou, não há como não ficar impressionado pelo caráter de realidade que as perturbações dos sentidos têm para os pacientes. Estes descrevem minuciosamente suas visões, chega o vê-Ias com uma intensidade que claramente denota não se tratar apenas de uma idéia a que emprestem uma representação, que há alguma coisa mais, que ela existe, porquanto o que mais exaspera é a negação dessa realidade.

Todo um estudo está por fazer-se acerca da distinção que se deve estabelecer entre uma alucinação propriamente dita, isto é, umas criações fluídicas anormal, consecutivas a perturbações cerebrais, e o a que os espíritas chamam as obsessões.

Depois que este artigo foi escrito (Julho de 1895), logramos obter provas objetivas da realidade da criação fluídica pela ação da vontade.

Possuímos provas fotográficas de formas mentais, radiografadas sobre uma chapa sensível, pela ação voluntária e consciente do pensamento do operador. O comandante Darget conseguiu, em duas ocasiões, exteriorizar o seu pensamento fixado numa garrafa, de modo a reproduzir essa imagem sobre uma chapa fotográfica, sem

máquina, apenas tocando com a mão a chapa, do lado do vidro (234). Temos, pois, uma prova física certa, inatacável, do poder criador da vontade, poder que estudamos nas manifestações precedentes.

Um americano, Sr. Ingles Roggers, afirma que, tendo, depois de olhar durante longo tempo uma moeda, fixado, com toda a atenção que lhe era possível, uma chapa fotográfica, obteve um clichê em que se acha reproduzida a forma da moeda. (235)

Édison filho, por seu lado, declara (236) haver construído um aparelho por meio do qual a fotografia do pensamento se torna uma realidade positiva.

Ainda não posso pretender, diz a esse propósito o jovem Édison, fazer que toda gente acredite que aquela sombra é a fotografia de um pensamento: por demais indistinta, falta-lhe o caráter indispensável para ser uma prova convincente. Mas, estou persuadido de que, dentro de certos limites, fotografei o pensamento.

Notemos mais que as imagens criadas pelos Srs. Binet e Ferré poderiam, provavelmente, ter sido radiografadas, pois que possuíam bastante objetividade para serem vistas pelos pacientes e obedecerem a todas as leis da óptica, consideração esta última que grande valor adquire para todo espírito imparcial.

Conclusão

O problema da imortalidade da alma, que outrora pertencia à alçada da Filosofia, pôde, nos dias atuais, ser atacado pelo método positivo. Já observamos umas orientações novas, criadas pela pesquisa experimental. O hipnotismo prestou serviço imenso à Psicologia, com o facultar que se dissecasse, por assim dizer, a alma humana e fecunda foi o emprego que dele se fez, para obter-se o conhecimento do princípio pensante em suas modalidades conscientes e subconscientes. A isso, entretanto, não se reduziu o seu papel; ele deu ensejo a que se pusessem em foco fenômenos mal conhecidos, quais os da sugestão mental à distância, da

exteriorização da sensibilidade e da motricidade, que levam diretamente à telepatia e ao Espiritismo.

Essa evolução lógica mostra que a Natureza procede por transições insensíveis. Há certos fenômenos em que a ação extracorpórea da alma humana se pode explicar por uma simples irradiação dinâmica, produzindo os fenômenos telepáticos propriamente ditos, ao passo que outros absolutamente necessitam, para serem compreendidos, da exteriorização da inteligência, da sensibilidade e da vontade, isto é, da própria alma.

Assinalamos, de passagem, essa sucessão das manifestações anímicas e, embora fôssemos constrangidos a resumir extremamente os fatos, temos para nós, contudo, que a atenção do leitor foi atingida por essa continuidade, que de modo ainda mais empolgante ressalta quando se chega às manifestações extraterrestres. São preciosas as observações dos sábios da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, no sentido de que fazem se apreenda bem a notável semelhança que existe entre as aparições dos mortos e as dos vivos. Melhor então se compreendem as narrativas de que são copiosos os anais de todos os povos. Chegamos a persuadir-nos de que, se a vida de além-túmulo foi negada com tanta fúria por muitos espíritos bons, é que ela era Incompreensível, quer fizessem da alma uma resultante do organismo, quer a supusessem formada de uma essência puramente espiritual.

Pudemos, com efeito, convencer-nos de que a alma humana não é, conforme o julgam os materialistas, uma função do sistema nervoso; que ela é um ser dotado de existência independente do organismo e que se revela precisamente com todas as suas faculdades: sensitivas, inteligentes e voluntárias, quando o corpo físico se tornou inerte, insensível, completamente aniquilado. A alma humana não é, tampouco, qual o afirmam os espiritualistas, uma entidade imaterial, um ser intangível. Ela possui um substratum material, porém formado de matéria especial, Infinitamente sutil, cujo grau de rarefação ultrapassa de muito todos os gases até hoje conhecidos.

Se bem, desde o instante do nascimento, alma e corpo se achem intimamente unidos, de maneira a formarem um todo harmonioso, não é tão profunda essa união, nem tão indissolúvel quanto se pensava. Sabemos, por fatos de observação e de experiência, que o princípio pensante se evade por vezes da sua prisão carnal e percebe a natureza, com exclusão do ministério dos sentidos. Os casos de Varley, do Dr. Britten, do jovem gravador citado pelo Dr. Gibier são, a esse respeito, inteiramente probantes. O desprendimento anímico pode ser provocado, como vimos nas pesquisas do Sr. de Rochas, nas quais apanhamos ao vivo o processo de desintegração que, quando se completa, dá lugar à formação de um fantasma que reproduz com exatidão o corpo físico. Aliás, as experiências dos magnetizadores conduzem ao mesmo resultado. Os casos do negro Lewis e da Sr.a Morgan estabelecem, com caráter de certeza, que é possível à alma separar-se voluntariamente do corpo.

Foi sempre experimentalmente que se observou ter esse corpo da alma uma realidade física, pois que ele pode ser visto (caso de Lewis e do Dr. Britten) e não raro fotografado, conforme o demonstramos várias vezes (casos do capitão Volpi, do Sr. Stead, do Dr. Hasdeu, etc.) . Finalmente, a realidade física do desdobramento está inteiramente provada com a Sr.a Fay e o médium Eglinton, de cujo duplo a materialização se tornou Irrecusável por um molde em parafina.

Esse duplo, sósia do ser vivo, não é, pois, uma miragem, uma imagem virtual, ou uma alucinação E a própria alma que se revela, não só pela sua aparição, mas também Intelectualmente, por mensagens que lhe atestam a individualidade. O que reproduzimos de forma experimental se deu naturalmente e foi observado grande número de vezes, porquanto os sábios da Sociedade de Pesquisas Psíquicas reuniram considerável acervo de documentos acerca desse assunto, tão eminentemente instrutivo e interessante. O cepticismo, em verdade, não pode sentir-se à vontade diante desses dois mil casos perfeitamente comprovados. E fora de dúvida que a incredulidade sistemática surge aqui com tara cerebral, como um caso patológico, ao qual não há porque dar atenção.

A identidade física e intelectual das manifestações fantasmáticas provindas de indivíduos vivos, ou mortos há mais ou menos tempo, patenteia a sobrevivência da atividade anímica após a morte corporal. Os fenômenos extremamente numerosos e variados do Espiritismo confirmam os fatos de observação. Possuímos provas de todos os gêneros, atestando que o ser pensante resiste à desagregação física e persiste na posse integral de suas faculdades intelectuais e morais. Ainda a esse respeito são abundantes e precisos os documentos.

A fotografia permite se afirme com segurança absoluta que os impropriamente chamados mortos são, ao contrário, perfeitamente vivos. Os testemunhos de Wallace, do Dr. Thomson, de Bromson Murray, de Beattie não consentem dúvidas. Embora remonte por vezes a uma época distante o momento da sua desencarnação, o ser que vem dar o seu retrato nenhum traço revela de decrepitude. Em geral, mostra-se mesmo rejuvenescido, isto é, gosta de ser representado na fase da sua existência em que dispunha do máximo de atividade física. Também nas descrições dos médiuns videntes temos excelentes meios de convicção e bastará lembremos o caso de Violeta, citado pelo Sr. Robert Dália Owen, para pormos em evidência todos os recursos encontráveis nesse gênero de investigações.

Vimos igualmente que o grau de objetividade do Espírito pode chegar até a uma verdadeira materialização.

Opera-se então o magnífico fenômeno mediante o qual ressuscita, por assim dizer, um ser desaparecido de há muito do mundo dos vivos. Sabemos de quantas precauções se cercam os experimentadores, para não serem iludidos pelos médiuns ou pelos seus próprios sentidos. Apesar do número considerável das narrativas, a despeito da autoridade dos sábios, que controlaram os fenômenos, indispensáveis se tornaram testemunhos materiais da realidade deles, para que se desse crédito à tão singulares relatos. Só depois das fotografias de Katie King se formou a convicção de que os espectadores não tinham sido vítimas de sugestões mais convicção que ainda mais se robusteceu quando, pelas moldagens,

como as que obtiveram os Srs. Reimers e Oxley, se fizeram certo que havia ali uma realidade esplêndida, uma grandiosa evidência.

Surgiram então todas as teorias imaginadas para combater essa demonstração que embaraçava os incrédulos. Já não podendo negar os fatos, tentaram eles desacreditá-los, atribuindo-os ao desdobramento do médium; a criações de seu cérebro objetivadas diante dos espectadores; a intervenções de elementais ou elementares, etc. Sabe-se, porém, quantos são inadmissíveis todas essas hipóteses, e, assim, a convicção se impõem de que a morte não é o fim do ser humano, mas um degrau da sua vida imperecível.

A conservação do perispírito após a morte faculta se compreenda que a integridade da vida psíquica não se destrói, apesar do desaparecimento do cérebro material que parecia indispensável à sua manifestação. Durante a vida, o perispírito existe, sabemo-lo sem sombra de dúvida, e desempenha papel notável na vida fisiológica e psíquica do ser, pois, desde que ele sobrevive ao organismo, é que era absolutamente diferente deste. O ser humano então nos aparece qual realmente é: uma forma, pela qual passa a matéria. Quando se acha gasta a energia que fazia funcionar essa máquina; quando, numa palavra, a força vital se transformou completamente, a matéria fica sem poder mais incorporar-se, o corpo físico se desagrega, seus elementos voltam à terra e a alma, revestida sempre de sua forma espiritual, continua no espaço a sua evolução sem-fim.

As materializações, suficientemente objetivadas para deixarem traços materiais da sua realidade por meio de impressões e moldes, mostraram que o perispirito é a forma ideal sobre que se constrói o corpo físico. Ele contém todas as leis organogênicas do ser humano e, se essas leis se encontram em estado latente no espaço, subsistem, no entanto, prontas sempre a exercer a ação que lhes é própria, desde que para isso se lhes forneça matéria e essa forma da energia a que se dá o nome de força nervosa ou vital.

A existência desse corpo espiritual é conhecida de toda a Antigüidade; mas, apenas vagas e incompletas noções se possuíam sobre a sua verdadeira natureza. Não temos a pretensão de afirmar

que já se fez luz completa sobre esse assunto; já principiamos, todavia, a estabelecer melhor os termos do problema. As modernas descobertas da ciência permitem mesmo se acredite que a sua solução está porventura mais próxima do que geralmente se imagina.

Procuramos mostrar que a existência de uma substancialidade etérea não é incompatível com os nossos conhecimentos atuais sobre a matéria e a energia. Cremos que essa tentativa não parecerá demasiado temerária, pois que a ciência positiva se encaminha para esse domínio do imponderável, que inúmeras surpresas lhe reserva. Diremos, pois, com o Sr. Leôncio Ribert, que temos hoje nas mãos todos os elementos para a solução do grande problema dos nossos destinos.

Depois dos luminosos trabalhos de Helmholtz, de Sir William Thomson (que se tornou Lorde Kelvin), de Crookes, de Cornu, sobre a constituição da matéria ponderável e do imponderável éter; depois dos de Kirkof e de Bunsen, de Lockyer, de Huggins, de Deslandes, sobre as revelações do espectroscópio; dos de Faye, de Wolff e de Croll, sobre a constituição, a marcha e o encontro dos gigantes celestes; aos de Claude Bernard, de Berthelot, de Lewes, de Preyer, em Química orgânica e em Fisiologia; dos de Pasteur sobre os infinitamente pequenos da vida; dos de Darwin e Wallace, sobre a origem das espécies; dos de seus discípulos e continuadores, quais Huxley, na Inglaterra, Hoeckel, na Alemanha, Ed. Perrier, na França; dos de Broca e Ferrier, sobre as localizações cerebrais; dos de Herbert Spencer, de Bain, de Ribot, em Psicologia; dos de Taine, sobre a inteligência; dos de toda uma plêiade de sábios sobre a pré-história; enfim, depois das grandes descobertas de Mayer, de Joule, de Hirn, sobre a Conservação da energia podemos inteirar mais exatamente do que outrora, dos novos fatos que as pesquisas contemporâneas revelam.

Quem não vê as relações que existem entre a sugestão mental à distância e a telegrafia sem fio? Como não compreender que a vista sem o concurso dos olhos já não é incompreensível, após a descoberta dos raios X e quem não percebe as intimas analogias que o corpo perispiritico apresenta com a matéria ultra-radiante? Sem

dúvida, ainda são meras aproximações, mas a estrada está toda traçada e a ciência de amanhã por ela necessariamente enveredará, acompanhando os Crookes, os Wallace, os Lodge, os Barrett, e os de Rochas, que levantaram o véu da grande Isis.

Revelar-se-á então, em toda a sua grandeza, a lei evolutiva que nos arrasta para destinos cada vez mais altos. Do mesmo modo que o planeta se elevou lentamente da matéria bruta à vida organizada, para chegar à inteligência humana, também compreenderemos que a nossa passagem por este mundo mais não é do que um degrau da eterna ascensão. Saberemos que somos chamados a desenvolver-nos sempre e que o nosso planeta apenas representa uma etapa da senda infinita. O infinito e a eternidade são domínios nossos. Assim como certo é que não se pode destruir a energia, também de certo uma alma não pode aniquilar-se. Semeemos profusamente em todas as inteligências estas consoladoras verdades que nos rasgam maravilhosos horizontes do futuro, mostrem que existe para todos os seres uma igualdade absoluta de origem e de destino e veremos efetuar-se a evolução espiritual e moral que há de acarretar o advento da era augusta da regeneração humana, pela prática da verdadeira fraternidade.

FIM

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Gabriel Delanne - A Evolução Anímica.

(2) Prevenimos o leitor de que consideramos expressões equivalentes às palavras alma e espírito.

(3) Ferdinando Denis - Universo pitoresco. - Consultar, para o estudo dessas crenças, os trabalhos publicados sobre as tribos da

Oceania, da América, da África, t. I, 64-65. - Consultar também Taylor Civilizações primitivas, t. I, pág. 485; - Taplin - Folclore Manners of Australlan aborígines.

(4) Fogo aéreo. O fogo era representado sob três modalidades: Agni, fogo terrestre. Surya ou Indra, o sol; Vayú, fogo aéreo. (Rigveda, 513)

(5) - (Vedas)

(6) Os cânticos védicos exprimem, na sua origem, uma confiança ingênua, um otimismo natural, um sentimento de verdade que pouco a pouco se alteram, sob a influência sacerdotal:' (Rigveda, t. I, pág. 24.)

(7) Xaspéro - Arqueologia Egípcia, pág. 108, e História antiga Aos povos do Oriente, pág. 40.

(8) (1. Pauthier - A China, VI, pág. 13.

(9) Leon a arre - O antigo Oriente, pág. 386.

(10) G. Pauthier - Ob. cit., VII, pag. 369.

(11) G. de Lafond - O Mazdeismo e o Avest, págs. 137 e 159.

(12) Marius Fontanes - Os Iranianos, págs. 163 e 164.

(13) Eugène Burnouf - A ciência das religiões, pág. 270. Ver também, para esclarecimentos, Anquetil-Duperron - Zend-Avestá, t. II, pág. 83.

(14) A. Maury - A Terra e o Homem, pág. 595: Os hebreus, não criam nem na alma pessoal, nem na sua imortalidade; Levitico, XVII; E. Beuss - A História, pág. 263.

(15) Maury - A Magia e a Astrologia, pág. 263. (16) Diog. 7Laertius - libro I, no 27.

(17) Dicionário universal, histórico, crítico e biográfico, t. XVII. Ver: Thales.

(18) Fénelon - Vida dos filósofos da Antigüidade. (19) Fédon, Timeu, Fedro.

(20) E. Bonnemère - A alma e suas manifestações através da história, págs. 109 e seguintes. Ver também: Rossi e Gustianini - O demônio de Sócrates.

(21) Lamartine - A morte de Sócrates, poema. Advertência.

(22) Epistola aos Corintios, cap. XV, v. 44.

(23) Pezzani - A Verdade (jornal, de 5 de abril de 1863). (24) Santo Agostinho - Manual, cap. XXVI.

(25) Bourdeau - O problema da morte, págs. 36 e seguintes e 62 e seguintes.

(26) Tertuliano - De carne Cristi, cap. VI.

(27) Santo Agostinho

(28) Santo Agostinho

(29) Sup. Quantie - Homilia X.

(30) Abraham - t. II, cap. XIII, no 58.

(31) Plotino - Enéade primeira, livro I: Ver: Enéades, 3 volumes, 89, 1857-1860.

(32) Plotino - Enéade segunda.

(33) A Divina Comédia, Purgatório, XXV. (Tradução de Florentino.)

(34) Leibnitz - Novos ensaios, Prefácio.

(35) Charles Bonnet - Ensaio analítico, págs. 528 e seguintes. Ver também: Palingenesia.

(36) A teoria da evolução faz-se compreenda muito bem como a função criou o órgão. Veja-se: G. Delanne, A Evolução Anímica, cap. III: Como o perispírito pôde adquirir propriedades funcionais, ed. FEB.

(37) O perispírito já contém em si todos os sentidos. O corpo apenas possui os instrumentos que servem ao exercício das faculdades. Quem não é o olho, é a alma; o ouvido não escuta, é mero instrumento da audição, porquanto, se interromper a comunicação entre o cérebro e o olho ou o ouvido, embora permaneça intacto o aparelho, a percepção não se dá. Aliás, a visão e a audição podem verificar-se, sem participação do olho ou do ouvido, como nos casos de lucidez sonambúlica.

(38) A matéria radiante, os ratos X e o espectroscópico justificam plenamente estas intuições de gênio.

(39) Os estudos e as fotografias dos Canais de Marte já permitem se creia que esse mundo é habitado. Isso confirma plenamente as judiciosas lnducões de Charles Bonnet e nos incita a

acreditar que todos os mundos são ou serão povoados por seres inteligentes.

(40) Pezzaai - A pluralidade das existências da alma. Consultem-se os numerosos escritores modernos que afirmam sua crença no perispírito: Dupont de Nemours, Pierre Leroux, Ballanche, Fourler, Jean Reynaud, Esquiros, Flammarion, etc.

(41) Toda gente conhece as aparições públicas de Castor e Pólux, o fantasma de Brutus, a vigília de Farsália, a casa mal-assombrada de Alexandre, de que fala Plínio, etc.

(42) Stekl - O Espiritismo na Bíblia.

(43) Vela-se a tradução francesa, feita pelo Dr. Dusart, da obra do Dr. Kerner.

(44) Correspondência sobre o magnetismo vital etc., por G. Ollot, doutor em medicina, Paris, 1839.

(45) Blllot - Correspondência, t. I, pág. 37.

(46) Correspondência, t. I, pág. 93.

(47) Correspondência, t. I, nota 2, pág. 305.

(48) Correspondência, t. II, pág. 18 e pág. 137.

(49) O Dr. Billot residia em Mont-Luberon, perto de Apt.

(50) Chardel - Fisiologia do Magnetismo, págs. 85, 87 e 328.

(51) Não se diga, a este propósito, que a sonâmbula estava sugestionada pelo seu magnetizador, pois este ignorava a existência dos eflúvios. Consulte-se de Rochas, Exteriorização da sensibilidade. Vejam-se as experiências em que ele determinou a objetividade desse fenômeno, com um paciente cuja visão era controlada pelo estudo espectroscópico da refração e da polarização dos eflúvios que se desprendiam dos dedos do magnetizador. Os comprimentos de onda Indicados pelo vidente que correspondiam ao vermelho e ao violeta, cores vistas como a emanarem do magnetizador.

(52) Dr. Bertrand - Tratado de Sonambulismo, caps. III e V.

(53) Da Potet - Jornal do Magnetismo, 1862.

(54) Da Potet - A Magia desvendada.

(55) General Nolzet - Memórias, pág. 128. Citado por Ochorowicz, pág. 279.

(56) Cahagnet - Os Arcanos da vida futura desvendados, t. III, Págs. 80-81.

(57) Antes da sua conversão

(58) Cahagnet - Arcanos, t. II, pág. 94 e seguintes

(59) A sonâmbula emprega a palavra céu para designar a erraticidade, isto é, o espaço que cerca a Terra.

(60) Cabagnet - Arcanos, V, págs. 98-99.

(61) Mais tarde, este senhor me disse que reconhecera Inteiramente exatos todos os detalhes da aparição de seu Irmão; outros, porém, lhe tinham lançado dúvidas no espírito, dizendo que essas aparições eram simples transmissão de pensamento. Para se convencer do contrário é que pedira fosse chamada uma pessoa que lhe era desconhecida. (Nota de Cabagnet.)

(62) Caixagnet - Arcanos, t. III, págs. 75 e seguintes.

(63) Consultem-se, a este respeito: o relatório do Dr. Ilusson, de 28 de junho de 1831, à Academia das Ciências. - Deleuze, Memória sobre a clarividência dos sonâmbulos. - Rostan, artigo Magnetismo, no Dicionário das ciências médicas. - Lafontaine, A arte de magnetizar. - Charpignon, Fisiologia, Medicina e Metafísica do Magnetismo. - Os casos citados nos Proceedings da Sociedade Inglesa de Pesquisas Psíquicas. - Gabriel Delanne, O Espiritismo perante a ciência, cap. III. - Vejam-se igualmente: As aparições materializadas dos vivos e dos mortos

(64) Allan Kardec - Revue Spirite, outubro de 1864, outubro de 1865, junho de 1867. Veja também, em A Gênese, o cap. Dos fluidos. (65) O termo fluido não designa uma matéria particular. Significa um movimento ondulatório do éter, análogo aos que dão origem ã eletricidade, à luz, ao calor, aos raios X, etc.

(66) Allan Kardec - Revue Spirite, junho de 1867, págs. 173-174.

(67) Revue Spirite, ano de 1861, págs. 148 e seguintes

(69) Annall dello Spiritismo In Italia.

(70) desgraçado sempre crê facilmente no que deseja.

(71) Bossi Pagnoni e Dr. Momni - Alguns ensaios de mediunidade hipnótica, tradução francesa da Srs Francisca Vigné. Vejam-se: Págs. 10 e seguintes e pág. 102.

(72) Mediunidade hipnótica, pág. 113. E este o relato:

No mês de novembro último, um estrangeiro ilustre assistiu a algumas sessões do nosso círculo e, depois de uma série de experiências mediúnicas, desejou observar outras de clarividência terrestre. Esse desejo me desagradava, porque tais experiências não entravam no quadro dos nossos estudos. Havia em mim o temor natural de que, a esse respeito, o nosso médium fosse inferior a muitos, se bem eu o considere superior a mil outros, em matéria de mediunidade.

Entretanto, vendo que o Dr. Moroni aquiescia de boamente calei-me e me pus de lado, sem tomar parte na experiência, de cujos bons resultados duvidava.

O estrangeiro apresentou uma caixinha na qual metera um papel com algumas palavras escritas e pediu que a sonâmbula tentasse lê-Ias. Perdemos uma hora nessa tentativa, sem o mínimo resultado.

Em seguida, tentou ele uma prova de transmissão de pensamento. Escreveu, à parte, num pedaço de papel, a palavra Trapani e, depois de o haver mostrado ao hipnotizador, pediu que este, por sugestão mental, a transmitisse ao médium. Esta experiência durou quase uma hora. Vendo que, desse modo, se perdia um tempo que muito mais utilmente se poderia empregar em proveito do hóspede que dentro em pouco partiria, propus se abandonasse à experiência. A sonâmbula, entretanto, persistia, mas não conseguiu adivinhar a palavra e foi obrigada, pela fadiga, a parar.

(73) Revue Scientifique et Morale du Spiritisme, primeiro ano, no 6, pág. 365.

(74) Delanne - Revue Scientifique et Morale du Spirítisme, 11, maio de 1897, págs. 678 e seguintes.

(75) Este nome é um pseudônimo

(76) Revista Espiritualista, 1862, pág. 180.

(77) O Espiritismo perante a Ciência.

(78) Soclety for Psychical Research, fundada em 1882.

(79) Depois que o presente estudo foi publicado, grande progresso se realizou na Franca, em conseqüência, principalmente, da criação do Instituto Metapsiquico Internacional (fundação Jean Meyer), sob a direção do Dr. Geley e de uma Comissão de sábios entre os quais se contam o prol. Charles Richet, Sir Oliver Lodge, etc. Esse Instituto, com sede na Avenida Niel, 89, em Paris, foi reconhecido de utilidade pública. (Nota da sétima edição.)

Ao ser publicada esta primeira edição brasileira, o Dr. Gustave Geley, que desencarnou em desastre de avião, quando regressava de um Congresso de Psiquismo em Varsóvia, fora substituído pelo Dr. Eugène Osty, que a seu turno desencarnou em julho de 1938. (Nota do tradutor.)

(80) Vejam-se o primeiro volume dos Fantasma, págs. 39-48; e vol. II págs. 644-653. Vejam-se também: Proceedingo o the Society for Psychica Research, t. I (1882-1883), págs. 83-97 e 175-215; t. II (1883-1884), pág. 208-215. Parte XI, maio de 1887, pág. 237; Parte XII, junho de 1888, págs. 169-215 e 56-116 (experiências do senhor Charles Richet). - Consulte-se também o livro bastante documentado do Dr. OchOrowicz: A sugestão mental.

(81) Dá-se esse nome à pessoa cujo duplo aparece.

(82) Alfred Russel Wallace - Os milagres do moderno Espiritualismo.

(83) As Alucinações Telepáticas, pág. 50.

(84) O grifo é nosso.

(85) As Alucinações Telepáticas, pág. 237.

(86) Psychische Studien, março de 1897

(87) veja-se: W. H. F. Myem, Proceedings, A consciência , 1897. - Consultem-se também: P. Janet, O automatismo psicológicos, pág. 314; e Blnet, As alterações da personalidade, págs. 6 e seguintes.

(88) Report on Spiritualism, pág. 157, traduzido na Revue Scientifique et Morale du Spiritisme, fevereiro de 1898.

(89) Há, pois, aqui, simultaneamente, auto-sugestão e clarividência.

(90) As Alucinações Telepáticas, pág. 278.

(91) Dr. Gibier - Análise das Coisas, págs. 142 e seguintes

(92) Não é comparável esta visão à dos sonâmbulos? Não nos assiste razão para atribuía à alma? Confrontando a narrativa acima com a de Cromwel Varley, notamos claramente que, desprendida do corpo, a alma goza das vantagens da vida espiritual. Aqui não há teorias; há, pura e simplesmente, a comprovação de fatos.

(93) As Alucinações Telepáticas, pág. 310.

(94) As Alucinações Telepáticas, pág. 315.

(95) As Alucinações Telepáticas, pág. 317.

(96) Veja-se: A Evolução Anímica, cap. IV, A memória e as personalidades múltiplas, ed. FEB.

(97) Leuret - Fragmentos psicológicos sobre a loucura, pág. 95.

(98) Gratiolet - Anatomia comparada do sistema nervoso, t. II, Pg. 548.

(99) Cahagnet - A luz dos mortos, pág. 28.

(100) Gabriel Delanne - O Espiritismo perante a Ciência, pagina 154 e seguintes.

(101)Dassier - A humanidade póstuma. Vejam-se os numerosos casos em que o espectro do vivo fala, come, bebe e manifesta sua forca física, em muitas circunstanciais.

(102) ler - A humanidade póstuma, pág. 59.

(103) Veja-se também: História Universal da Igreja Católica, pelo padre Rohrbacher, t. II, pág. 30; Vida do bem-aventurado Afonso Maria de Liguorl, pelo padre Jancart, missionário provincial, pág. 370; Elemente della storia de Sommi PontificV, por Giuseppe de Novaes.

(104)Extraída da obra alemã: Os fenômenos místicos da vida humana, por Maximilien Perty, professor da Universidade de Berna. Heidelberg, 1861.

(105) Incursões nas fronteiras de outro mundo, pág. 326.

(106) Os milagres e o moderno espiritualismo, pág. 112.

(107) As Alucinações Telepáticas, pág. 112.

(108) Veja-se pág. 91.

(109) Veja-se pág. 95.

(110) As Alucinações Telepáticas, pág. 185.
(111) As Alucinações Telepáticas, pág. 372.
(112) As Alucinações Telepáticas, pág. 376.
(113) Loc. cit., Pág. 359.
(114) As Alucinações Telepáticas, pág. 38
(115) Light, 1883, pág. 458, citado por Aksakof.
(116) The Spiritualist, 1875, 1, pág. 97. Citado por Aksakof.
(117) Harrison - Spirits before our eyes (Espíritos diante dos nossos olhos), pág. 146.
(118) Veja-se: Aksakof - Animismo e Espiritismo, págs. 470 e seguintes.
(119) Aksakof - Animismo e Espiritismo, pág. 78
(120) Dr. H. Baraduc - A alma humana, seus movimentos, suas luzes
(121) Veja-se: Revue Scientifique et Morale du Spiritisme, número de outubro de 1897, onde se acha reproduzida essa fotografia.
(122) Aksakof - Animismo e Espiritismo, págs. 164 e 165.
(123) Revue Spirite, 1860, págs. 81 e seguintes. No mesmo ano, evocação da Srta. Indermulhe, pág. 88.
(124) Confrontemos esta afirmação com a observação do jovem gravador, de que fala o Dr. Gibier, e comprovaremos a veracidade da nossa doutrina, pela completa analogia existente, a 40 anos de intervalo, entre os ensinos dos Espíritos e o que atesta a observação direta
(125) Allan Kardec - O Céu e o Inferno e Revue Spirite, 1860, Pág. 173.
(126) Alexandre Aksakof - Animismo e Espiritismo, págs. 470 e seguintes.
(127) Allan Kardec - O Livro dos Espíritos. Veja-se, para explicação desses casos, o artigo: Visitas espíritas entre pessoas vivas
(128) Veja-se: Revue Scientifique et Morale du Spiritisme; Comunicação dada pelo Espírito de um vivo enquanto dormia. Número de outubro de 1898, pág. 245.

(129) 'Manner of Light, números de 6 de novembro e 11 de dezembro de 1875.

(130) Human nature, 1875, pág. 555.

(131) Veja-se, a esse respeito: Os irmãos Davenport, de Randolf, págs. 154-470; e Fatos supraterrestres na vida do reverendo Fergusson-, pág. 109.

(132) The Spiritualist, 1875, no 4, pág. 15.

(133) Pág. 132

(134) De Rochas - Exteriorização da sensibilidade.

(135) Veja-se a Revista Científica de 25 de dezembro de 1897. - O Sr. Russel comunicou à Sociedade Real de Londres que certos metais impressionam na obscuridade a chapa fotográfica, mesmo através de uma camada de verniz copal, ou de uma folha de celulóide.

(136) Esse arrastamento de partículas evidentemente se produz nos líquidos e se chama evaporação. Os Srs. Fusíéri, Bízio e Zantédeschí demonstraram a realidade do mesmo fato, com relação aos corpos sólidos, e deram ao fenômeno o nome de sublimação lenta. Dr. Fugalron - Ensaio sobre os fenômenos elétricos dos seres vivos, pág. 17.

(137) O Sr. Luys comprovou, por meio do oftalmoscópio: que o fundo do olho do paciente hipnotizado apresenta um fenômeno vascular extrafisiológico e que os vasos sangüíneos chegam a ter um volume quase triplo do normal.

(138) Para compreender-se o fenômeno, preciso é se faça idéia exata do a que se chama onda luminosa Quando uma pedra caiu na água, observa-se que produz uma espécie de buraco; que, em seguida, se lhe forma em torno e Imediatamente contígua a ele uma série de círculos concêntricos, que se vão continuamente alargando. Esses círculos são formados por pequenos intumescimentos do líquido e o espaço entre dois de tais círculos se caracteriza por uma pequena depressão. Observando-se atentamente a superfície liquida, vê, com efeito, que ela se eleva e abaixa regularmente. Chamam-se ondas condensadas os rolos líquidos e ondas dilatadas as cavidades. O conjunto constitui uma onda completa.

Nota-se também que é constante a velocidade de propagação das ondas e que elas são periódicas.

Se, em vez de uma pedra, deixarmos cair duas, a pequena distância uma da outra, veremos cruzarem-se os círculos, recebendo cada ponto de cruzamento, simultaneamente, duas espécies de movimentos: um determinado pelo primeiro sistema de onda, o outro pelo segundo. Se forem do mesmo sentido, os dois movimentos se adicionam; se forem de sentidos contrários, destroem-se e formam uma faixa de repouso. Diz-se, nos dois casos, que há Interferência.

São as mesmas as leis, assim para o som, como para a luz, salvo o fato de serem transversais às ondulações e se desenvolverem em esferas.

Resulta destes fatos a seguinte curiosa conclusão: o som adicionado ao som produz silêncio e a luz adicionada à luz produz obscuridade, da mesma maneira que duas forças iguais e de sentidos contrários se equilibram.

(139) Vejam-se os detalhes destas experiências no nosso livro O Fenômeno Espírita, Parte Segunda, cap. I, A força psíquica, ed. FEB.

(140) Veja-se. Revue Spirite, novembro de 1894. Fotografia que o Sr. de Rochas e o Dr. Barlémont tiraram do corpo de um médium e do seu duplo, momentaneamente separados

(141) Dr. Dupouy - Ciências ocultas e fisiologia psíquica, página 85.

(142) Anais das Ciências Psíquicas. Dr. Paul Joire: Da exteriorização da sensibilidade (número de novembro-dezembro de 1897, pág. 341).

(143) Cahagnet - Os Arcanos da vida futura desvendados, t. II, págs. 54 e seguintes.

(144) Aksakof - Animismo e Espiritismo, pág. 125.

(145) Papus - Tratado elementar de magia prática, págs. 184 e seguintes.

(146) Dassier - A humanidade póstuma, págs. 64 e seguintes.

(147) Bourru e Burot - A sugestão mental e a ação a distância das substâncias tóxicas e medicamentosas, Paris, 1887.

(148) Elle Méric - O maravilhoso e a ciência,

(149) Dr. Luys - Fenômenos produzidos pela ação de medicamentos a distância.

(150) Alfred Bassel Os milagres e o moderno Espiritualismo, págs. 255 e seguintes.

(151)Bussel Wallace - Os milagres e o moderno Espiritualismo, págs. 268 e seguintes.

(152) Muito conhecido espiritualista de Nova York, não pertencente à categoria dos que crêem cegamente em tudo o que se qualifique de fenômeno mediúnico. Fez parte de várias comissões que desmascararam a impostura de pseudomédíuns. (Nota do 6r. Aksakof.

(153) Vejam-se, no fim do livro de Aksakof, os retratos fluídicos dessa senhora, em diferentes posições, e o seu retrato em vida

(154) O Fenômeno Espírita, edição da FEB. Veja-se, com relação a essas experiências e às de que aqui tratamos nos dois parágrafos seguintes, o capitulo intitulado: Espiritismo transcendental.

(155) Slade era o médium e foi quem, mais tarde, auxiliou o Dr. Gibier em seus trabalhos. Veja-se: O Espiritismo ou Faquirismo ocidental, edição da FEB, onde esses trabalhos foram relatados.

(156) Revue Spirite, 1887, pág. 427. Vejam-se também as experiências do Dr. Vizani Scozzi, com Eusápia Paladino - Revue Scientifique et Morale du Spiritisme, setembro e outubro de 1898.

(157) Veja-se a sua obra Animismo e Espiritismo, onde se encontram registradas, em grande número, rigorosas observações.

(158) A Iniciação, número de fevereiro de 1883. Veja-se também a sua obra: Traços de luz.

(159) Revue Spirite: História de Katie King, pela Sr* de Laversay, de março a outubro de 1897.

(160) Sra d'Espérance - No Pais das Sombras, edição da FEB

(161) Florente Marryat - There 1s no death (',Não há morte).

(162) Veja-se: Pesquisas sobre o moderno Espiritualismo.

(163) The Spirituallst, 29 de maio de 1874

(164) William Crookes - Pesquisas sobre o Espiritismo, fim.

(165) Animismo e Espiritismo, págs. 610 e seguintes.

(166) O Espiritismo na América, pág. 34

(167) Veja-se a tese do Dr. Dupin: O neurônio e as hipóteses histológicas sobre o seu modo de funcionamento. Teoria histológica do sono.. (Citado pelo Dr. Geley em seu livro: O Ser Subconsciente.)

(168) Veja-se: Um caso de desmaterialização parcial do corpo de um médium, por Aksakof. Quem ler esse caso poderá convencer-se de que a matéria de que temporariamente se forma o corpo do Espírito é tirada do corpo material do médium

(169) Aksakof - Animismo e Espiritismo, 3B parte. Vejam-se as provas, de todos os gêneros, existentes acerca das manifestações. Consultem-se também as nossas obras: O Fenômeno Espírita e As pesquisas sobre a mediunidade.

(170) Aksakof fotografou um Espírito em completa obscuridade. Veja-se O Fenômeno Espírita, edição da FEB, cap. IV, Parte Segunda. O Dr. Baraduc, em seu livro: A alma humana, seus movimentos, suas luzes, pôs fora de dúvida esse fato, fazendo o gráfico dos fluidos que emanam do organismo humano. Vejam-se também, na Revue Scientifique et Morale du Spiritisme, as experiências do comandante Darget, ano de 1897, e as nossas, julho de 1898.

(171) Allan Kardec - O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Céu e o Inferno, A Gênese, O Evangelho segundo o Espiritismo. Esta obra contém todos os estudos relativos à alma e ao seu futuro.

(172) A descoberta da radioatividade dos corpos parece demonstrar que a matéria se destrói e retorna à energia que a engendrara. Entretanto, não há contradição, porquanto, sendo eterna a energia, se a matéria é um modo dessa energia, nada mais faz do que mudar de forma, sem se aniquilar.

(173) Veja-se. Allan Kardec - A Génese, cap. VI, Uranografia geral, ed. FEB. Citamos, sintetizando-os, os ensinos principais dos nossos Instrutores espirituais, relativos ao espaço, ao tempo, à matéria e à força. Essas noções nos parecem absolutamente indispensáveis para se conhecer a matéria de que é formado o perispirito.

(174) Tyndall - O Calor, pág. 423.

(175) Sabe-se que o diâmetro do Sol era, primitivamente, o da própria nebulosa. Para se fazer uma idéia do calor gerado pelo fenômeno colossal da condensação, basta lembrar que se calculou que, se o diâmetro do Sol se encurtasse da décima milésima parte do seu valor, o calor gerado por essa condensação chegaria para manter durante 21 séculos a irradiação atual, que é igual, por ano, ao calor que resultaria da combustão de uma camada de hulha de 27 quilômetros de espessura, cobrindo completamente o Sol. Se a diminuição de 1/10000 do disco solar corresponde a 21 séculos de irradiação, vê-se que números formidáveis, gigantescos, de séculos empregou a nebulosa solar para se reduzir ao volume atual do nosso astro central.

(176) Berthelot - Ensaio de mecânica química, t. II, pág. 757

(177) Moutier - Termodinâmica.

(178) Ainda não está definitivamente determinado o número dos corpos simples. Todos os dias, com efeito, se descobrem novos, principalmente no estado gasoso: o amônio, o metamónio, o criptônio, o neônio, etc.

(179) Unidade das forças físicas, pág. 604.

(180) Allan Kardec - A Geneses, cap. VI, Uranografia geral, nos 8, 10, 11, ed. FEB

(181) Balfour Stewart - A Conservação da Energia.

(182) Lembramos que os fenômenos da radioatividade parecem demonstrar que a matéria se transforma em energia e que, portanto, não se aniquila substancialmente; apenas muda de estado e perde suas qualidades materiais.

(183) Allan Kardec - A Geneses, cap. XIX, Os fluidos, nos 2 e 3, ed. FEB.

(184) E podemos hoje acrescentar: pelos raios X e pelas emanações radioativas. Quem ousaria duvidar da clarividência dos nossos guias espirituais, desde que eles há longo tempo ensinam o que só agora a ciência descobre?

(185) Veja-se a Revue Scientifique et Morale du Spiritisme, 20 ano, número de julho de 1897, e números de maio, junho e julho de 1898.

(186) Revue Scientifique, de 25 de dezembro de 1897. - Influência dos metais sobre a chapa fotográfica, a distancia e na obscuridade.

(187) dauffret - Na Introdução à teoria da Energia, à pág. 67,diz:

Calculou-se que, a uma pressão barométrica de 760 milímetros, o número médio dos choques, entre as moléculas gasosas, seria:

1 - Para o oxigênio, por segundo, 2.065 milhões.

2 - Para o ar, por segundo, 4.760 milhões.

3 - Para o azoto, por segundo, 4.760 milhões.

4 - Para o hidrogênio, por segundo, 9.480 milhões.

Se a pressão barométrica fosse cem vezes menor, isto é, igual a Om,0076, vácuo que apenas as melhores máquinas pneumáticas produzem, a média de percurso livre se tornaria cem mil vezes maior, isto é, igual a cerca de um centímetro; o número dos choques não seria mais do que 4.700 por segundo.

(188) Deleceau - A Matéria, pág. 77. - Briot - Teoria mecânica do calor, pág. 143.

(189) Resenhas, 9 de junho de 1883.

(190) Camille Flammarion - O mundo antes da criarão do homem: a Gênese dos Mundos, pág. 40. E esta uma obra que nunca recomendaríamos bastante aos nossos leitores, pela sua ciência e pela sua clareza de exposição. As mais difíceis questões relativas às nossas origens se acham aí explicadas, naquela nobre linguagem que é a glória do autor, de modo que os mais ignorantes as compreendem.

(191) William Crookes - Pesquisas sobre o Espiritualismo. - Veja-se, no fim do volume: Mediunidade da Srta. Florence Cook.

(192) Veja-se a pág. 178.

(193) Animismo e Espiritismo, págs. 160 e 254.

(194) Erny - O psiquismo experimental, cap. V, Formas materializadas, ed. FEB.

(195) Allan Kardec - O Livro dos Médiuns.

(196) G. Delanne - A Evolução Anímica, págs. 255 e seguintes.

(197) Aksakof - Animismo e Espiritismo, pág. 350.

(198) Aksakof - Animismo e Espiritismo, pág. 619.

(199) Aksakof - Animismo e Espiritismo, edição da FEB.

(200) Veja-se a reprodução desse molde no fim da obra do sábio russo, figura IX.

(201) O Espírito Lily deu também a máscara da sua figura. Veja-se na Revue Spirite, 1880, pág. 21, a gravura que lhe reproduz a bela cabeça

(202) Erny - O psiquismo experimental, cap. V, Formas materializadas, ed. FEB.

(203) Animismo e Espiritismo, págs. 622 e seguintes.

(204) Erny - O psiquismo experimental, cap. V, Formas materializadas, ed. FEB

(205) Z(elIner - Wissenschaltliche Abhandlungen, volume II.

(206) Dr. Wolf - Starlings facts, pág. 481.

(207) The Spiritualist, 1876, t. I, pág. 146.

(208) Animismo e Espiritismo, pág. 228.

(209) A. Binet - As alterações da personalidade.

(210) P. Janet - O automatismo psicológico. Veja-se, para o que concerne à refutação, as nossas obras: O Fenômeno Espírita e Pesquisas sobre a mediunidade.

(211) Gabriel Delanne - A Evolução Anímica.

(212) Balfour-Stewart et Talt - O Universo Invisível, pág. 91.

(213) Releiam-se os casos da lúcida de Cahagnet, de Joana Brooks, da experiência de Aksakof com a Srta. Fox, etc., a págs. 163 e seguintes.

(214) Florence Morryat - There Is no death (Não há morte).

(215) Aksakof - Animismo e Espiritismo, pág. 242.

(216) Coronel Oloott - Peoples from the other world (Gente do outro mundo).

(217) Balfour Stewart - A conservação da energia, págs. 161 e seguintes.

(218) Estritamente falando, deve dizer-se que a vontade age sobre os gânglios incítadores, donde nascem os nervos motores dos músculos.

(219) Hack Tuke - O Corpo e o Espírito.

(220) Andrew Cross - Memórias

(221) Beaunis - O sonambulismo provocado, pág, 45.

(222) Bourru e Burot - A sugestão mental e a ação a distância das substâncias tóxicas e medicamentosas.

(223) Bourru e Burot - A sugestão mental e as variações da personalidade, pág. 120.

(224) The Life of Edward Irwing, cit. por Hack Tuke.

(225) Brierre de Boismont - As Alucinações Telepáticas.

(226) Veja-se, do Sr. Pierre Janet: -'O automatismo psicológico. O exemplo que citamos é tirado de um artigo: As fases intermédias do hipnotismo. Vejam-se também as experiências do barão du Potet, no Hospital.

(227) Ochorowicz - A sugestão mental, págs. 119 e seguintes; cap. IV: As experiências do Havre.

(228) Hack Tuke - O Corpo e o Espírito.

(229) A Memória do Sr. Galton se encontra em a Natureza, de 15 de janeiro de 1880.

(230) Binet e Ferré - O magnetismo animal.

(231) Binet e Ferré - O magnetismo animal, pág. 139.

(232) Magnetismo animal, pág. 174.

(233) Brierre de Boismont - As Alucinações Telepáticas.

(234) Veja-se: Revue Scientifique et Morale du Spiritisme, número de janeiro de 1897.

(235) G. Vitoux - Os raios X, págs. 184 e 185.

(236) Revista das Revistas, de 15 de fevereiro de 1898, pág. 438.